

BESTSELLING AUTHOR OF
THE RED TENT

ANITA
DIAMANT
GOOD
HARBOR





A Praia de Good Harbor

Anita Diamant

-- Digitalização e tratamento do texto:
Lurdes e Tomé Coelho --

A Praia de Good Harbor

Tradução de Rute Rosa da Silva
DIFEL

Difusão Editorial, S. A.

Título original: Good Harbor 2001, Anita Diamant
Todos os direitos de publicação desta obra em Portugal, reservados por:

Publicado de acordo com o editor original Scribner, uma subsidiária de Simon & Schuster, Iric.

- DIFEL 82-Difusão Editorial, S. A. -Avenida das Túlipas, n.º
40-C Miraflores

1495 -159 Algés - Portugal Telefone 21412 35 10 Fax: 21 412 35
19 E-mail: difeigdifel.pt

- f 300 000,00 (trezentos mil euros) -501378 537

- Conservatória do Registo Comercial de Oeiras
Capa: Cristina Garrido sobre foto e AEI Revisão Tipográfica: Frederico Sequeira
Pré-impressão: Produções Gráficas, Lda.
Impressão e acabamento: Tipografia Guerra - Viseu
Depósito Legal n.º 183 532/02

ISbN 972-29- 0621-6 /Setembro 2002

Proibida a reprodução total ou parcial sem a prévia autorização do Editor.

Para o Jim

KATHLEEN apoiou-se na marquesa e olhou para as janelas envidraçadas lá no alto. As caixilharias eram feitas de carvalho tosco e os vidros eram irregulares e grossos, como o fundo de uma garrafa. Mantidas abertas com a ajuda de paus de madeira nova, pareciam as janelas de um castelo encantado.

Sendo bibliotecária de crianças há vinte e cinco anos, Kathleen considerava-se a si própria uma espécie de perita em castelos encantados.

Sorriu e fechou os olhos. A massagem era um presente de aniversário dos colegas da Escola Primária Edison. Tinham-lhe oferecido o cheque que dava direito a uma massagem na festa surpresa que lhe tinham organizado no dia do seu quinquagésimo nono aniversário, havia quase cinco meses. Quando Madge Feeney, a secretária da escola, descobrira que Kathleen ainda não o usara, exasperara-se e marcara-lhe ela própria uma consulta.

Kathleen virou o pescoço para um lado e para o outro.

- Confortável? - perguntou Marla, que estava aos pés da marquesa a massajar-lhe o peito do pé esquerdo. A voz de Marla Fletcher, que tinha mais de um metro e oitenta, parecia muito, muito distante. Era como se fosse a mulher do gigante da história do Joãozinho e os Feijões Mágicos, pensou Kathleen e sorriu novamente.

Suspirou, libertando-se da tensão que lhe provocara a condução da escola até àquele local estranho e fora de mão. Kathleen pensara conhecer cada ruela de Cape Ann, mas as instruções de Marla tinham-na levado a percorrer estradas desconhecidas até que che-

12 ANITA DIAMANT

gara a uma estrada em mau estado, de uma só faixa, que tortuosamente escalava os montes sobranceiros a Mill Pond.

Quase voltara para trás, convencida de que se perdera. Mas depois avistara o ponto de referência que lhe tinham dado: um portão de pedra, meio oculto por

arbustos de lilases que só floririam daí a muitas semanas.

Devia ter sido uma propriedade espantosa nos seus tempos áureos. Por muito que detestasse chegar atrasada, Kathleen reduzira a velocidade para ver melhor. Os grandes relvados tinham sido concebidos para realçar o lago que, à luz do Sol primaveril, tinha o brilho da platina. Por trás dele, o rio Mill brilhava à distância, prata sobre malva.

Virara o carro na direcção da enorme mansão esculpida em granito. As janelas pareciam lamentavelmente pequenas perante um cenário tão magnífico, pensou. E os quatro anexos construídos com as mesmas pedras majestosas, e torreões em lousa semelhantes aos do edifício principal, pareciam estranhamente grandiosos para aposentos dos criados.

Kathleen passara por dois casais de jovens com roupas brancas de ténis que estavam junto à rede de um corte de terra batida em perfeitas condições. Tinham-se virado para a olhar quando estacionara o carro junto à torre redonda de pedra onde Marla esperava junto à porta. Rapunzel, pensara Kathleen, quando vira o cabelo dourado que lhe dava pela cintura.

Deitada em cima da marquesa, Kathleen pensou se conseguiria enquadrar aquele local numa história que começasse com «era uma vez». Tentara escrever livros infantis, chegara mesmo a frequentar aulas. Mas não tinha esse dom. Kathleen era boa a encontrar os livros certos para as crianças.

Conseguia encontrar a história certa para captar a imaginação de qualquer criança - mesmo dos rapazes mais endiabrados, que eram os seus preferidos e o seu sucesso especial. Não era um dom tão espectacular como o da escrita, mas era um dom. E, à sua maneira reservada, Kathleen tinha orgulho nele.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 13

No entanto, ali estava ela, num castelo situado nos bosques das colinas, a ser massajada e amassada por uma senhora simpática como se fosse um feliz pedaço de massa; parecia-lhe quase um convite cinzelado. Teria sido uma cena como aquela que inspirara Charles Dodgson a transformar-se em Lewis Carrol? Seria aquele o tipo de mundo que Maurice Sendak visitava sempre que se preparava para escrever um novo livro?

- Tem de se virar - disse Marla, dobrando o lençol por forma a que Kathleen continuasse coberta.
óleo morno escorria pelos ombros redondos de Kathleen, gotas aveludadas que acalmavam e faziam cócegas.

- Que bom - disse, cheia de gratidão por aquela simpática desconhecida que a fazia sentir-se tão bem tratada, tão... aninhada. Palavra curiosa, pensou Kathleen. Curiosa e mais do que curiosa.
Fechou os olhos.

Quando deu por isso tinha duas mãos quentes a amparar-lhe o rosto.

- Leve o tempo que precisar para se vestir - murmurou Marla.
- Vou buscar-lhe um copo de água.

Mas Kathleen não era do tipo molengão. Viu no relógio que estava ao seu lado que tinham passado duas horas desde que se deitara. Passou as pernas por cima da borda da marquesa e pegou no soutien, apertando os colchetes no peito, de baixo para cima, tal como a irmã lhe ensinara quando tinha 12 anos e nem sequer precisava de usar soutien.

Não se apercebeu de que estava a chorar, até Marla voltar a correr pela escada de pedra em caracol acima com um copo vazio na mão.

Kathleen tentou controlar a respiração.

- Tenho cancro na mama - disse olhando para o peito.

- Oh, meu Deus - disse Marla baixinho. Sentou-se e pegou na mão de Kathleen. - Quem me dera que me tivesse dito. Teria trazido o meu cristal de ametista. Poderia ter queimado mirra em vez de salva.

Kathleen fungou e reprimiu uma gargalhada.

14 1 ANITA DIAMANT

- Não faz mal. Foi uma massagem maravilhosa.

- Quer marcar outra? Era capaz de ser boa ideia.

Kathleen limpou o nariz no braço escorregadio e virou o soutien, acomodando os seios - primeiro o bom e depois o traidor.

- Telefone-lhe quando souber... Depois de... - a garganta apertou-se-lhe. Marla pôs-lhe um braço pelos ombros.

O único som que se ouvia era o do barulho das bolas no corte de ténis lá em baixo. O som suculento da bola a bater na raquete, no corte, na raquete, soou repetidamente até alguém falhar uma pancada. O riso dos jogadores entrou pelas janelas como se fosse o eco de um qualquer outro dia, de uma outra história.

15

SOU A RAINHA do compromisso, pensou Joyce enquanto andava pela casa vazia.

- Baixas Expectativas Somos Nós' - murmurou.

O som dos seus saltos - não sabia porquê, mas parecera-lhe necessário usar sapatos bons para o fecho do negócio - ecoaram nas superfícies nuas. Andou de quarto em quarto, lembrando a si própria que o telhado e a caldeira eram novos e não havia um único pedaço de alcatifa careca em sítio nenhum. A casa ficava a uma esquina e a maior parte do quintal dava para sul, o que significava que Frank poderia ter o jardim dos seus sonhos.

Dizia às pessoas que era uma casinha encantadora mas, à luz do dia, não passava de uma casa com seis divisões acanhadas, com tela de alumínio na empena e janelas pequenas que guinchavam ao abrir e fechar. A cozinha fora implacavelmente modernizada nos anos 60, com mobílias e aparelhos verde-abacate, pela família Loquasto, que comprara a casa por estrear em 1957 e criara ali os seus cinco filhos, Não tinha vista para o mar, nem lareira, nem sequer um alpendre. A sua casa de sonho em Gloucester era uma casa ao estilo Cape, na rua residencial que ficava a três ruas de distância das docas oleosas de Smith's Cove

e a caminho de Rocky Neck.

- Não és amoroso? - disse Joyce ao frigorífico verde.

Lowered Expectations "R" Us, no original. A parte final, igual à de uma conhecida cadeia multinacional de lojas, dá-lhe uma conotação comercial. (N. do E.)

16 1 ANITA DIAMANT

Talvez um dia escrevesse um best-seller e ela e Frank pudessem comprar um frigorífico branco com máquina de gelo na porta.

Mandariam paredes a baixo e contratariam um arquitecto para desenhar um sótão e alpendres e um passadiço do qual se pudesse ver a água.

Não. Se tivesse esse dinheiro todo poderiam comprar o condomínio de um milhão de dólares em Marten Road que fora ver «só Para se divertir». Duas lareiras e vista para o mar, das janelas panorâmicas, em todas as divisões.

- Controla-te! - disse Joyce que vislumbrara a sua expressão amuada no espelho da casa de banho. Pôs o cabelo escuro e encaracolado para trás das orelhas e suspirou. Tinha bom aspecto para uma mulher com 42 anos, com dois quilos e meio a mais no traseiro e os dentes ligeiramente salientes. - Que razões tens para te queixar? - ralhou, abrindo muito os belos olhos cinzentos.

Acabaste de comprar uma casa de férias, por amor de Deus. Nove décimos da população mundial mataria para poder viver na tua garagem!

E que tinha não ser uma grande e chique casa de sonho? Era em Cape Ann e podia cheirar o oceano. À noite ouviria as sirenes de nevoeiro e o barulho das adriças e estava a uma curta distância de bicicleta da praia de Good Harbor.

Talvez ela e Frank comesçassem a andar de bicicleta. Tinham feito passeios de bicicleta por toda a Nova Inglaterra quando se tinham conhecido, fazendo amor em pequenos hotéis baratos, comendo sanduíches de manteiga de amendoim todos os dias ao almoço. às vezes as pessoas pensavam que eram irmãos, pois ambos tinham cabelo escuro e olhos cinzentos. Talvez pudessem fazer um pequeno passeio este ano, enquanto a Nina estivesse na colónia de férias de

Verão, Ou talvez pudesse ter aulas de pintura com aguarelas e Nina quisesse ir com ela.

Fosse como fosse, prometeu Joyce a si própria, aquela casa seria a sua colónia de escritores privativa. Levantar-se-ia muito

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 17

cedo todas as manhãs e escreveria cinco páginas. E não seria uma sequela do Coração de Magnolia. Este livro teria na capa o seu nome verdadeiro.

Joyce Tabaclinik não era nome para uma autora de romances cor-de-rosa. Por isso não levantara objecções quando o agente lhe sugerira um pseudónimo; afinal de contas, o livro era um meio para atingir um fim. Ela e os seus amigos jornalistas tinham-se queixado durante anos do estado das suas finanças e tinham jurado que, um dia, escreveriam um policial ou um livro de suspense que pagaria a faculdade dos filhos e que lhes permitiria a reforma antecipada no Sul de França. O sonho de Joyce era uma casa em Cape Ann - o seu local favorito na Terra, a menos de uma hora de carro de Boston, para norte, mas ainda assim fora dos roteiros turísticos.

No seu quadragésimo aniversário, Joyce ficara deprimida.

- Sou um estereótipo - gemera para a almofada. Queria uma mudança dramática na sua vida, mas o quê? Não conseguia suportar a ideia de visitar o inferno de alta tecnologia da medicina de fertilidade para ter um segundo filho. E, tal como dissera ao seu grupo de leitura, anos de liberdade como profissional liberal tinham-na arruinado relativamente à prática das políticas institucionais que são inerentes a um «verdadeiro» emprego. Decidiu que uma casa junto ao mar curaria o mal que a afligia, por isso, entre trabalhos para a Parent Life («Como Saber se o Seu Filho É Uma Peste») e AnnaLise («Quem Finge Orgasmos e Porquê»), devotou as terças e quintas-feiras a escrever um romance.

Os romances cor-de-rosa eram um prazer secreto que adquirira durante o último trimestre da gravidez de Nina, quando o perigo de uma hemorragia a condenara ao repouso numa cama hospitalar. Numa noite de insónia, uma enfermeira emprestara-lhe uns livros de bolso antigos da Silhouette e ficou imediatamente viciada nos enredos rápidos, na certeza do triunfo do bem sobre o mal e no sexo

que era um pouco tosco mas sempre satisfatório.

18 1 ANITA DIAMANT

Durante anos, tivera um ritual no feriado do 30 de Maio, que consistia em ir comprar um fato de banho para a filha, uma embalagem nova de protector solar e uma pilha de livros de bolso muito usados numa loja malcheirosa na baixa de Waltham.

Lia-os todos, compulsivamente, enquanto Nina brincava na praia. Mas quando Nina fez 9 anos e começou a ir para as colónias balneares, Joyce pôs de lado os arrancadores de corpetes e juntou-se a um grupo de leitura dedicado à literatura séria.

Ainda assim, nunca deixara de procurar a história certa para escrever o seu romance cor-de-rosa. O trabalho que Nina teve de fazer no quarto ano, durante o mês dedicado à História dos Negros, providenciou o cenário. Joyce leu todas as narrativas de escravas que conseguiu encontrar, inventou umas férias familiares em Charleston, na Carolina do Sul, e estudou a culinária do Velho Sul, bem como todas as camadas de lingerie do século XIX: faixas, corpetes, saias de barbas de baleia, saiotas, espartilhos, camisas.

A sua heroína era Magnolia Dukes. A filha muito negra de um príncipe africano, Magnolia sobreviveu às variadas crueldades do amor, aprendeu a ler e triunfou no amor com Jordan LeMieux, o segundo filho de um vadio branco proprietário de terras. A história de Magnolia era tumultuosa e arrojada de uma forma que Joyce não planeara. Frank confessara ter ficado chocado com a violência (sobretudo a decapitação), com os preliminares vertiginosos e com os orgasmos bombásticos.

Joyce achou que o desconforto de Frank era um bom sinal, confirmado pelo telefonema entusiasmado do primeiro agente literário a quem enviara o livro. Mario Romano 111, um homem da terra, novo no negócio, levou mesmo uma certidão de nascimento para o almoço em que se conheceram, só para provar que o seu nome não era produto de uma imaginação febril e influenciada por aquele género literário. A Joyce, sugeriu-lhe um nome de romance 2 no primeiro encontro.

Memorial Day - feriado nos Estados Unidos da América em memória dos

soldados caídos em combate. (N. da T)
Em francês, no original. (N. do E.)
A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 19

- Tem alguma ideia? - perguntara-lhe enquanto comiam uma salada em Harvard Square. Ela encolhera os ombros.

Mario, baixo, moreno e muito bem-parecido, sugeriu-lhe o método que ao que parecia era usado pelos travestis para arranjam nomes de palco: a combinação do nome do primeiro animal de estimação com a rua onde tinham vivido em crianças.

- Isso tornar-me-ia em Cleo Lehigh - disse Joyce.

- Muito bonito - disse Mario. - E Cleo era um gato ou um cão?
- Um periquito.

Mario assentiu.

- Prazer em conhecê-la, Cleo. - Ergueu o copo.

Dentro de poucos meses tinham uma oferta modesta mas respeitável, com opção para mais três histórias de Magnolia. E quando a Lifetime TV comprou os direitos para produzir uma mini-série, a fantasia sobre Cape Ann de Joyce transformou-se de sonho em Plano A.

Frank, sempre cauteloso relativamente às finanças, queria empregar todo o dinheiro em fundos de investimento e obrigações. Após meses de argumentação, acabou por concordar que uma propriedade junto ao mar também seria um investimento sólido. Não houve desacordo relativamente ao local, deveriam procurar casa em Cape Ann; ambos preferiam Gloucester a Rockport, que lhes parecia demasiado pretencioso para uma família de Tabachnicks. Uma parte de Gloucester ainda pescava para viver e a cidade cheirava a pesca.

E foi assim que Joyce acabou numa sala de três por quatro metros, forrada a

papel com flores azuis, a olhar para o quintal impecavelmente varrido.

- Oh, merda! - disse, sentindo o seu estado de espírito afundar-se.

O que tinha feito? Ela e Frank não andavam de bicicleta há dez anos. Nina nunca concordaria em frequentar aulas de pintura com a mãe; a filha era uma atleta, não era uma artista. E passar dias sozinha ali, só provaria a Joyce que não era capaz de escrever ficção «séria».

20 ANITA DIAMANT

Era mesmo um estereótipo, uma filha do pós-guerra, entediada e entediante. Com uma estátua da Virgem Maria no jardim.

A estátua de cimento, com um metro e meio de altura, quase fizera com que Joyce não olhasse para a casa. Frank dissera-lhe para não ser pateta, mas ela não estava a ser pateta. Estava só a sentir-se desencorajada.

Joyce não era religiosa. Quando lhe perguntavam qual a sua religião, citava a frase da avó. «Somos judeus por tradição.» Ela e Frank acendiam um menorah por ocasião do Hannoucca' e comiam de mais nos séder' da Páscoa organizados pelos amigos e era essa a dimensão do judaísmo da sua família. Ainda assim, a estátua provocava-lhe arrepios. Da janela, Joyce tinha uma visão perfeita do seu traseiro modestamente coberto.

- O rabiosque da Santa Mãe - murmurou Joyce para si própria.

Uma brisa amena entrou pelas janelas que refulgiam, imaculadas, à luz brilhante do Sol. Joyce inspirou o ar do mar. Ouviu-se subitamente a sirene forte de um grande navio no porto.

Relembrada da sua extraordinária sorte, Joyce olhou para o tecto e disse:

- Muito bem, Deus, já percebi.

Candelabro de oito braços para a celebração do Hannoucca. (N. da T)

Festa que celebra a vitória dos Macabeus sobre os Selêucidas da Síria e o reinício do culto no Templo em 164 a. C. (N. da T)

Refeição Pascal. (N. da T)

21

DE REGRESSO AO SEU VELHO Taurus verde, Kathleen olhou para o cinto de segurança entre os seios. Por que razão teria mantido aquela marcação?

Todo o treino da escola católica era difícil de desaparecer, pensou. Mas começar a chorar e a confidenciar os seus problemas a uma estranha daquela maneira? Conseguia imaginar a reacção da sua avó: - As questões de família ficam em família.

- Os ecos sonoros da desaprovação da Avozinha surpreenderam Kathleen. Mas, afinal de contas, não estava em si.

Há uma semana que não estava em si, desde que o radiologista usara a palavra cancro. Cinco anos antes, depois da primeira biópsia com uma agulha, estivera pronta para aquela sentença.

Na verdade, estivera tão certa do diagnóstico de cancro, que tinha relido o testamento antes da consulta.

Tinha procurado no arquivo os títulos dos talhões funerários - o seu e o de Buddy.

Mas depois o caroço revelara-se benigno e ela fizera as mamografias de rotina sem temor. O que era estúpido, percebia agora.

O que a levaria a pensar que se safaria? O cancro da mama matara-lhe a irmã; estava destinado a apanhá-la, mais tarde ou mais cedo.

Quando lhe dera a má notícia, o Dr. Barlow tentara animá-la.

- Tudo o que conseguimos ver é um temor pré-cancerígeno dissera. - Se tudo correr bem, o cirurgião não encontrará mais nada.

De regresso do consultório médico, nessa tarde, telefonara aos filhos em Nova Iorque e na Califórnia. Deixara uma mensagem à

22 1 ANITA DIAMANT

amiga Jeannette, na Florida. Mas esperou que Buddy chegasse a casa para lhe contar. Sentaram-se à mesa da cozinha e Kathleen viu as rugas no rosto do marido tornarem-se mais profundas.

Deitada na cama naquela primeira noite, Kathleen apercebeu-se de que já abandonara o mundo das conversas sem importância e da jardinagem e dos acontecimentos quotidianos. Estava no local claustrofóbico e intemporal que conhecia dos longos meses assassinos do cancro da mama de Pat. Também visitara aquele local com Danny, embora com o seu rapazinho tivesse sido tudo muito mais rápido. Fora apenas aquela semana terrível no hospital. Nem chegara a uma semana.

De manhã, Buddy ficara sentado ao seu lado enquanto ligava à cirurgiã, a Dr. Cooperman. E

quando chegara a casa, vinda da escola, nessa tarde, Jack estava na cozinha com uma panela de sopa e uma frigideira com cebolas em cima do fogão.

- Mamã - disse Jack, envolvendo-a num abraço. - Não juntei o funcho. Ainda que a sopa de galinha seja muito melhor com funcho sei que tu não gostas.

Kathleen passou um dedo pela cabeleira negra e espessa do rapaz, igual à sua quando era nova.

- Bela barba - disse, passando os nós dos dedos pelos pêlos macios. - Ficas parecido com o meu avô, naquela fotografia em que ele tinha acabado de desembarcar.

Jack era o seu filho mais novo, tinha 23 anos e era o segundo-' -chef num restaurante de três estrelas em Manhattan. O diploma emoldurado da Johnson &

Wales estava pendurado por cima da mesa da cozinha.

- Como está a Lois? - perguntou Kathleen tentando não deixar transparecer a curiosidade.

Nunca conhecera a namorada do rapaz, que vivia com ele; só falara com ela ao telefone.

Jack mexeu as cebolas.

- Está ótima. Manda cumprimentos. A exposição dela começa na semana que vem, embora suponha que não irás vê-la...

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 23

agora. - A palavra ficou a pairar no ar e ele ficou com um ar atrapalhado.

Jack precisaria do seu conforto tal como Buddy. Teria de conseguir manter os seus homens animados até à cirurgia e «tratamento subsequente», fosse lá isso o que fosse. O Dr.

Barlow dissera-lhe que o cirurgião lhe explicaria.

O relógio da cozinha ficou a reinar sobre o silêncio até o telefone tocar.

- Mamã? Recebeste as minhas mensagens? - perguntou Hal sem quaisquer preâmbulos, como era costume.

- Não, querido, acabei de chegar a casa. O Jack está aqui.

- Diz-lhe olá. Ontem à noite andei a navegar na Net durante um bocado e tenho uns seis portais para visitares e mandei-te por correio electrónico uma lista de livros e revistas que devias ler.

Aconteça o que acontecer, deves ter sempre uma segunda opinião. - Hal frequentara cursos preparatórios de Medicina durante três anos e, apesar de ter mudado para a licenciatura em Inglês e trabalhar como escritor técnico para companhias de software, continuava a imaginar-se médico. Tal como a mãe.

- Estou a planear fazê-lo - disse Kathleen. - Gostava muito de ir a Boston falar com Jane Truman, aquela que escreveu o livro, sabes quem é?

- Sim - disse ele, impressionado. - Isso seria ótimo! O nome dela aparece em todos os fóruns de discussão e salas de chat.

Kathleen prometeu ligar-se à Net e ler as mensagens de Hall mais tarde, nessa noite.

- O Dr. Barlow acha que se trata de ductal carcinoma in situ.

- Sim, já li sobre isso. Algumas pessoas consideram que esse tumor nem sequer é cancro, mas uma espécie de pré-cancro.

Kathleen franziu o sobrolho. Seria aquilo para a animar?

- Lamento estar tão longe - disse ele.

- Esta ainda é uma zona livre de culpa - disse Kathleen lendo o quadro de ponto de cruz que pendurara por cima do lava-loiça, vinte anos antes. Reparou que a moldura precisava do pó limpo.

24 1 ANITA DIAMANT

A voz de Buddy interrompeu o seu transe momentâneo.

- Onde está o meu filho, o lavador de pratos? - chamou da porta.

Kathleen despediu-se de Hal enquanto Buddy Levine entrava de supetão pela cozinha e se abraçava a Jack. Buddy tinha um metro e oitenta, era um par de centímetros mais alto do que o filho e, à parte uma ligeira barriguinha, estava em muito boa forma. Continuava a ter uma bela cabeleira e o sorriso cheio de dentes que continuava a ser o maior capital da Levine Electric: Uma tradição de Cape Ann desde 1930.

- Sabias que ele vinha e não me disseste nada? - perguntou Kathleen,

empurrando ligeiramente o marido. - Seu dissimulado.
- Para quê estragar-lhe a surpresa? - disse Buddy e abraçou-a.

Anos de pesca tinham curtido a pele do rosto de Buddy até parecer couro, mas continuava a ser um homem bem-parecido.
Ambos tinham tido sorte com os seus aspectos, Kathleen sabia-o. Os olhos dela tinham ficado mais azuis agora que o seu cabelo - num corte redondo que lhe dava pelo queixo e que se mantinha inalterado através de anos de fotos de família - ficara branco.

Permaneceram muito tempo sentados à mesa do jantar nessa noite. Kathleen e Buddy elogiaram a refeição que Jack confeccionara, comida reconfortante elegantemente apresentada: sopa de galinha, rolo de carne e puré de batata, tarte de maçã. Garfada após garfada, soltavam exclamações de apreço e riam-se, como sempre faziam, da forma como ele ultrapassara a infeliz combinação da cozinha irlandesa com a cozinha judaica.

Kathleen apercebeu-se de como tudo ficava facilitado por estarem só os três. Quando ambos os filhos estavam à mesa, um ficava amuado se o outro se tomava o centro das atenções. Ficou a olhar para o copo de vinho, pensando se alguma vez eles ultrapassariam aquilo. Reparou nos olhares ansiosos que Jack e Buddy lhe lançavam e pôs-se de pé para levantar a mesa.

- Não estava sequer a pensar nisso - disse, surpreendendo-se com o tom acerbo da sua voz.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 25

- Desculpem - disse, deixando-se cair na cadeira. - Acho que estou um bocado cansada.

Jack puxou a cadeira para perto da dela e pegou-lhe na mão.
- Não faz mal, mamã. - Suspiraram todos em uníssono e depois riram-se por serem tão parecidos uns com os outros.

Jack regressou a Nova Iorque cedo, na manhã seguinte, e Buddy decidiu não ir

para a loja, embora o sábado fosse um dia de muito movimento. Ele e Kathleen levaram as canecas de café para o alpendre e leram os jornais, bem agasalhados com camisolas de lã. Durante o dia inteiro procuraram-se um ao outro - uma mão num ombro a caminho da casa de banho, um beijo na face junto ao lava-loiças.

No domingo, Buddy sugeriu um passeio por Good Harbor. Quando atravessaram a ponte pedonal de madeira, na extremidade sul da praia, Kathleen lembrou a si própria que deveria olhar.

O local era-lhe tão familiar que muitas vezes já ia a meio da ponte quando se lembrava de erguer os olhos para contemplar o espectáculo de nuvens e ondas que o dia oferecia.

Não chegando a medir dois quilómetros de uma ponta à outra, na maré baixa, a bacia graciosa de Good Harbor era o seu elixir, a sua poção secreta. Quando sonhava com Good Harbor, acordava bem fresca. Naquele dia a água estava calma como a de um lago, até ao horizonte, mas Kathleen já vira muitas vezes o mar furioso com vagas de dois metros ali, naquele local.

Ela e Pat tinham caminhado ao longo de Good Harbor milhares de vezes, para trás e para a frente, falando sem parar. Buddy chamava àquilo «o mastigar da carne».

- Conseguem extrair-lhe todo o sabor? - perguntava-lhes quando finalmente se sentavam para um piquenique com ele e com os rapazes.

As duas irmãs tinham-se mantido muito próximas, mesmo depois de Pat ter entrado para um convento e Kathleen ter casado e

26 ANITA DIAMANT

iniciado a sua família. Uma família judia. Telefonavam-se todas as semanas e, quando Pat vinha de visita, nunca paravam de falar. Buddy pegou-lhe na mão quando se encaminharam para a borda-d'água. Kathleen nunca mais falara assim com ninguém desde que Pat morrera. Tinha-se tornado bastante íntima de Jeanette antes de esta se ter mudado para Boca Raton - finalmente convencida por um Inverno mau, uma anca fracturada e uma filha insistente. Mas apesar de

ter tido umas boas conversas com Jeanette em Good Harbor, não se assemelhavam em nada às conversas de Kathleen com Pat.

Kathleen sentia tanto a falta de Pat.

Buddy apertou-lhe a mão. Ele é uma boa companhia, pensou Kathleen correspondendo ao gesto afectuoso. Um ouvinte maravilhoso, mas, de alguma forma, o marido não conseguia manter viva a conversa, nem fazê-la avançar ou fosse lá o que fosse que, com Pat, funcionara tão bem. Era algo que parecia acontecer sem esforço entre todas as mulheres à sua volta que caminhavam, conversando, pela praia. Como era habitual, os pares de mulheres ultrapassavam o número de pares constituídos por um homem e uma mulher.

Não é a mesma coisa com os homens. Porque será? pensou.

- Estás bem? - perguntou Buddy.

- Óptima.

Um Labrador preto passou por eles a correr e deu um grande salto no ar para agarrar um disco.

- O próximo cão que tivermos, quero que seja um Pastor Alemão - disse ela com firmeza.

- E aposto que já escolheste o nome.

- Maurice.

- Verdade? - perguntou Buddy. - Depois de Kirchel, pensei que seria Wolfie. Ou Amadeus.

- Foi o Maurice Sendak quem primeiro me apresentou Mozart. Parece-me muito adequado.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 27

- Não lhe podíamos chamar Max? - perguntou Buddy. - Tenho a certeza de que me vou sentir ridículo a gritar «Mau-rii-iice».

- Habituas-te.

Na manhã de segunda-feira Buddy não foi à pesca apesar de o tempo estar ótimo. Ficou a ler o jornal até Kathleen sair para o trabalho. Acompanhou-a até ao carro, abriu-lhe a porta e ficou a acenar enquanto ela se afastava.

Kathleen observou-o pelo espelho retrovisor.

- Obrigada - murmurou e depois abanou a cabeça, apercebendo-se de que proferira a palavra em oração. - Não há ateus nas trincheiras - resmungou ligando o rádio para ouvir a Morning Edition, com esperança de que naquele dia transmitissem um dos comentários da Drª Truman. Por mais qualificada que a Drª Coopers permanesse ser, Jane Truman adquirira a reputação de ser a melhor cirurgiã da mama em Boston... talvez mesmo no país todo. Era também uma celebridade local devido às suas crónicas radiofónicas de dois minutos que fazia, ocasionalmente, sobre as suas doentes, os colegas e a sua filha pequena.

Quando chegou à escola, Kathleen sentou-se no pequeno gabinete adjacente à sala dos professores e telefonou para o consultório da Drª Truman. Disseram-lhe de forma muito educada e até mesmo bondosa, que a Drª Truman tinha a agenda completamente cheia até Setembro. Trancou a porta da casa de banho das professoras e chorou tentando não fazer barulho.

A professora de Ginástica, Fiona Kent, estava à espera dela quando finalmente saiu de lá de dentro e, em poucas horas, a escola inteira sabia da história toda, incluindo os pormenores do telefonema para o consultório da Drª Truman. Depois do toque para o terceiro tempo, Madge Feeney entrou na biblioteca onde Kathleen estava a olhar pela janela.

- Não te preocupes, querida - disse Madge que crescera no Sul de Boston e ainda conduzia até lá todos os domingos para ir

à missa. - A minha sobrinha, a Ellen, trabalha no consultório dessa Dr.' Truman. - Madge abanou a cabeça com tristeza, suspirou e disse: - Sabes, a minha mãe também teve o mesmo.

À medida que o dia foi passando, Kathleen ouviu repetidamente o mesmo refrão. Tal como uma parada de gatos com ratos mortos na boca, cinco professoras, duas auxiliares e uma funcionária do refeitório vieram à biblioteca depositar-lhe aos pés a história do cancro da mama da mãe, da irmã, da prima ou da melhor amiga. Como se ela própria não tivesse também a história de Pat, a sua própria irmã. Ainda bem que não tenho uma filha, pensou.

Ao meio-dia a sobrinha de Madge deixou-lhe uma mensagem: Kathleen deveria levar a mamografia e os resultados dos exames ao consultório da Dr.' Truman na manhã da segunda-feira seguinte.

- Oh, Kath, que bom - disse Buddy quando ela telefonou para lhe dar a notícia. Pigarreou e o som do outro lado do telefone ficou abafado. Kathleen nunca sabia o que dizer quando Buddy ficava engasgado.

Depois da escola, Kathleen parou na biblioteca municipal. Mas quando chegou à secção que queria, metade dos livros sobre o cancro da mama tinham sido requisitados. Parece que houve mais gente a receber más notícias esta semana, pensou, e pensou também em todas as outras mulheres que tinham estado naquele mesmo local, com os corações a bater desenfreados e as mãos a tremer.

Ainda assim, continuava a ter muito por onde escolher.

Requisitou três livros, preocupando-se, ao tirá-los da prateleira, com a forma como os poderia esconder.

Não queria que Buddy desse de caras com o o Que Fazer se o Médico lhe Disser Que Tem Cancro, o Guia do Cancro da Mama e Sobreviventes: Dez Relatos na Primeira Pessoa de Mulheres Que Tiveram Cancro da Mama. Mas Kathleen descobriu que não conseguia olhar para os livros sem começar a transpirar e devolveu-os poucos dias depois sem os ter aberto.

Ela e Buddy decidiram manter a consulta com a Dr^a Cooperman que lhes pareceu tão competente e tranquilizadora quanto o podia ser uma cirurgiã de 30 anos. Mas todas as noites naquela semana Kathleen sonhou que sentia o cancro a empurrar-lhe o seio por dentro, ameaçando rebentar-lhe a pele. Começou a acrescentar uma dose de brandy à tisana da noite. De manhã, quando Buddy lhe perguntava se tinha dormido, Kathleen dizia:

- Como um bebé. - o que pensava mas não dizia era: - Como se estivesse morta.

30

OS HÁBITOS DE JOYCE tinham-se transformado numa rotina secreta. Deixava Nina na escola, passava pelo drive-through do Dunkin's Donuts para beber café e revia mentalmente a lista das coisas que tinha para fazer: os armários da cozinha precisavam de ser lavados e de levar forras novas e tinha de medir as janelas para pôr estores e todas as paredes precisavam de ser pintadas. Todas as manhãs prometia a si própria que, assim que chegasse a Gloucester, deitaria mãos à obra.

Mas na maior parte dos dias, depois de fazer a viagem de uma hora até à casa, deixava-se cair em cima da cadeira cor de laranja que tirara do lixo de um vizinho e lia revistas até serem horas de ir buscar Nina à escola. Numa manhã de segunda-feira arrancou o papel que forrava as prateleiras imaginando Mary Loquasto a escolher o padrão com chávenas de chá verdes para condizerem com os electrodomésticos. Noutro dia, aspirou a arrecadação no sótão. Mas essas foram excepções.

Prometia a si própria, uma e outra vez, pôr-se em acção. Devia estar a acabar de escrever os artigos que tinha para entregar.

Devia fazer um esforço e conversar com Frank que andava preocupado com os problemas da Meekon, a mais recente empresa de software do seu longo currículo de tecnologia de ponta.

Andavam novamente no ar rumores de uma aquisição japonesa e ele não conseguia falar de mais nada. O que tornava difícil prestar-lhe atenção.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 31

Todos os dias levantava-se da cama firmemente decidida a dar um grande avanço na casa, passar algum tempo à secretária, fazer um bom jantar, manter a

calma com a filha de 12 anos, que estava cada vez mais malcriada, e ter uma conversa franca com Frank. Mas cada dia acabava por ser em tudo semelhante ao dia anterior. Quando Joyce atravessava a ponte e via a tabuleta com o pescador a dar-lhe as boas-vindas, a sua determinação tinha-se evaporado. Acabava sentada na cadeira, a olhar para o papel de parede até serem horas de ir para casa com uma sensação de culpa que durava até ir para a cama.

Joyce conseguiu finalmente obrigar-se a ir ao Centro de Decoração Ferguson para comprar raspadores, trinchas e tinta. A caminho da caixa, com duas latas de tinta de cor branca a cortarem-lhe as mãos, viu os catálogos de cores.

- Não quero branco - murmurou.

Aquele era, sabia-o, um impulso muito pouco original. Em Belmont já toda a gente tinha uma sala ou um alpendre verde.

Foi até ao mostruário Benjamin Moore que parecia um altar à deusa grega do arco-íris; Joyce tentou recordar-se do nome da deusa. Talvez ela me pudesse dizer qual destes dez mil tons de verde conseguiriam fazer com que o frigorífico verde parecesse retro e requintado. Joyce agarrou numa dúzia de tiras de papel com cores diferentes e saiu, deixando as latas de tinta branca como oferendas a íris (era esse o seu nome!), mensageira do Olimpo.

Conduzindo de regresso a Belmont, Joyce espalhou as amostras em cima do banco do passageiro e quase saiu da estrada ao estender a mão para o tom Floresta Calvin Klein. Talvez aquilo ajudasse. Ou não. Joyce franziu o sobrolho a si própria no espelho retrovisor.

- Vou telefonar à Francesca! - disse momentos mais tarde batendo triunfalmente com a mão no volante. Francesca Albano era mãe de uma das crianças da equipa de futebol que fora a anfitriã de uma reunião dos pais das crianças da equipa no Outono anterior. Ao andar pela casa enorme de Francesca, Joyce sentira-se como se tivesse sido encurralada no interior de um anúncio de um

decorador de interiores. Mas a sua boca abriu-se de pura admiração quando chegara à cozinha.

Quem teria imaginado que aquele azul-brilhante e o dourado seriam uma boa combinação sem ser para os uniformes da claqué?

À mesa do jantar o anúncio da sua decisão de telefonar a Francesca foi recebido com olhares de espanto.

- Mamã, sentes-te bem? - perguntou Nina.

- Sim, Joyce - concordou Frank. - Se calhar era melhor deitares-te um pouco, ou coisa do género.

- Porquê? - perguntou Joyce. - Acho uma ótima ideia.

- Nem sequer me deixaste pintar o quarto de amarelo-claro, lembras-te? - disse Nina, enrolando no dedo uma madeixa escura do longo rabo-de-cavalo.

- Não havia uma cláusula acerca das tintas brancas no nosso acordo pré-nupcial? - brincou Frank.

Joyce estava a ficar aborrecida.

- Estou simplesmente a admitir a minha incapacidade neste caso.

- Continuo a achar que é melhor pões o termómetro - disse Frank descontraidamente.

- Não provoques a mamã - disse Nina acorrendo subitamente em defesa da mãe.

- Está tudo bem, querida - disse Joyce.

- Não, não está - disse Nina com um toque de histeria na voz e lágrimas nos

olhos. - Ele é mau para ti.

- Nina - avisou Frank -, pára com isso.

- De verdade, Nina, o pai está só na brincadeira - disse Joyce. -Agora estão ajuntar-se contra mim.

- Isso não é verdade - disse Frank sublinhando cada palavra.

- E o teu comportamento não é aceitável, minha menina.

- Vocês odeiam-me - gritou Nina. Correu para o quarto.

- Deixa-a - disse Joyce. - Não vale a pena argumentar quando ela fica assim. Não consegue evitá-lo.

- Ela tem de aprender a controlar-se e tu não devias desautorizar-me na frente dela. - Frank levantou-se e foi para o compu-A PRAIA DE GOOD HARBOR 1
33

tador. Joyce levantou a mesa e ficou pensativa. A vida com Nina era um drama contínuo e a ira de Frank só piorava as coisas. Não havia forma de prever o comportamento da filha nem de consolar o seu marido confuso e abandonado.

Quando era pequena, Nina fora uma menina do papá e durante toda a escola primária tinham passado parte do fim-de-semana no parque, só os dois. Primeiro nos escorregas e baloiços, depois com bolas e bastões e mais tarde com o futebol. Tinham piadas privadas. Citavam um ao outro frases dos Simpsons. Pelo menos costumavam fazê-lo.

Já não. Por muito que Nina fosse dura com Joyce, era dez vezes mais irascível com Frank. Tudo o que ele fazia ou dizia, parecia pô-la doida.

O Frank está de luto, pensou Joyce, e nem sequer se dá conta disso. Começou a lavar os pratos, recordando os tempos em que aquele fora um momento doce do

seu dia. Nina sentava-se na bancada e espremia detergente para a esponja enquanto Frank lia um capítulo de um dos livros de Narnia. Poderia ter sido só no Outono passado?

Já não havia leituras em voz alta. Nem abraços espontâneos, nem sequer tempos passados em frente à TV. A vida de Nina desenvolvia-se em torno dos seus amigos e do futebol, um jogo que fazia Joyce adormecer de aborrecimento.

Parece-me que também eu estou de luto.

Enquanto enxaguava o último tacho, ouviu Frank gritar com Nina através da porta fechada:

- Estás a fazer os trabalhos de casa?

Frank ainda pensava que havia uma estratégia para evitar as tempestades do Furacão Nina, mas Joyce começava a suspeitar que não haveria forma de passar pelos próximos anos sem ficar encharcada com intervalos de poucas horas. Talvez seja por isso que passo tanto tempo em Gloucester, pensou enquanto procurava o número de telefone de Francesca e murmurava:

- Bah, como diria a minha filha.

34 1 ANITA DIAMANT

Francesca era exactamente como Joyce se lembrava, ao entrar pela casa de Gloucester mais tarde, nessa semana. Joyce seguia o seu fato de calça e casaco de linho cor-de-rosa-forte, de uma divisão para a outra, e sentia que a sua modesta casa de férias se tinha transformado num ranhoso atrelado duplo.

Na cozinha, Francesca parou e, quase num murmúrio, disse: - Bem, pelo menos não deixaram linóleo cor de laranja e bancadas amarelas. Já vi muito pior.

Joyce sentiu-se violentamente defensiva em relação ao gosto de Mrs. Loquasto e mortificada por lhe ficar associada.

- Café? - ofereceu.

- Não, obrigada - disse Francesca e abriu um enorme livro de amostras de cores em cima da bancada. Passou pelos verdes até chegar a uma página de roxos-escuros e explicou que, «em situações como aquela», o melhor era optar pelo contraste.

A expressão de Joyce traiu-a.

- O roxo é neutro - assegurou-lhe Francesca. - Além disso, uma pessoa tão interessante e artística como você, deveria ter uma casa interessante e artística - disse, tirando amostras tituladas Massa Bonita, Luz Dourada, Azulado e Creme de Limão e pondo-as lado a lado com uma outra, chamada Beringela Estival, que Joyce continuava a olhar com desconfiança.

- Compre meio litro e pinte só um pedaço. Viva com ele durante algum tempo - disse Francesca. -
Se continuar a não lhe agradar, telefone-me.

Joyce acenou enquanto Francesca fazia marcha atrás no seu Saab preto e elegante e se afastava da casa. Foi até junto da Virgem cujos braços de cimento cinzento se estendiam na direcção das flores murchas do ano anterior.

- Gosto que me digam que sou interessante e artística - disse à estátua e beliscou-lhe a face sólida. -
Tu não gostas?

Na Ferguson, um empregado aconselhou-a a não levar as trinchas baratas que tinha posto em cima do balcão.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 35

- Uma boa trincha dá um acabamento agradável, mesmo que use uma tinta de má qualidade - disse o rapaz que cheirava levemente a cerveja. - Visto que se decidiu por uma tinta de qualidade, o melhor é levar também trinchas boas. É o

que o meu tio diz. E ele é um profissional.

Era um miúdo com bom aspecto, de 20 anos, com olhos castanhos e cabelo claro que lhe dava pelos ombros. Disse a Joyce como deveria lavar e secar as trinchas para as manter em bom estado. Tinha no braço uma tatuagem, uma estrelinha azul que talvez fosse uma estrela-do-mar.

Joyce pensou curvar-se para a beijar.

Mais tarde nesse dia, esperando no carro que Nina saísse da escola, lembrou-se da tatuagem e pensou que raio se estaria a passar com ela. Nina bateu a porta com força.

- Olá, querida.

- Estou de mau humor, mamã - avisou Nina.

- Que se passa?

Ela encolheu violentamente os ombros e disse:

- A Lucy e a Ruth estavam a falar de mim nas minhas costas.

Dizem que sou convencida e gorda.

- Gorda? - As costelas de Nina eram visíveis por baixo da camisola de algodão.

Nina lançou um olhar a Joyce que a avisava de que não deveria discordar.

Joyce respirou fundo. Fosse o que fosse que dissesse, seria a coisa errada, embora não dizer nada também não resultasse.

- Mamã - perguntou Nina -, importas-te sequer com o facto de eu ter dores nas costas e de me doer a garganta?

- É claro que me importo - disse Joyce num tom tão simpático quanto possível.

- Sim, claro. - Nina carregou no botão do rádio, procurou a sua estação favorita e cruzou os braços.

Até chegar ao campo e através do silêncio da sua filha, Joyce contou cinco anúncios remédio para o acne, um programa televisivo, sapatos de corrida,

36 1 ANITA DIAMANT

um concurso para bilhetes para um concerto, um chocolate, e outro programa televisivo.

- A mãe da Jenny vem buscar-te - gritou Joyce enquanto Nina batia com a porta e corria na direcção das outras raparigas, esquecidas todas as dores.

Joyce dobrou a esquina e estacionou. Tentou pôr as coisas em perspectiva. Pensou no quanto amava a filha. Pensou no apoio que Frank dera à sua decisão de trabalhar independentemente a partir de casa. Pensou no quanto gostava da praia em Good Harbor.

Mas não resultou. Desligou a ignição, encostou-se ao apoio de cabeça e chorou até lhe apetercer.

37

KATHLEEN QUASE NÃO CONSEGUIU DORMIR na noite anterior à consulta com a Dr. Truman. Despertando, sobressaltada, de hora a hora, contou as inspirações adormecidas de Buddy para se acalmar e acabou por receber o primeiro pipilar dos pássaros como uma autorização para sair da cama. Caminhou até ao fim do quarteirão, esgueirando-se por entre as casas dos vizinhos para ver o rio ficar cinzento, e depois azul, à luz crescente. Quando regressou, Buddy já tinha a chaleira ao lume.

Saíram de casa com uma hora de avanço, temendo o trânsito de Boston, mas as estradas estavam estranhamente vazias e chegaram ao complexo médico antes de o consultório da Dr.

Truman estar sequer aberto. Buddy e Kathleen partilharam o elevador com uma rapariga que tinha um piercing dourado no nariz e que se revelou ser a sobrinha

de Madge, Ellen. Quando Kathleen começou a agradecer-lhe, Ellen ergueu a mão como se fosse um polícia a mandar para o trânsito.

- Ter alguma influência é a melhor parte deste trabalho. E não se preocupe. As nossas doentes recebem os melhores cuidados do mundo.

Kathleen apercebeu-se de que Ellen não dissera «As nossas doentes ficam boas», mas isso para ela não tinha importância. A honestidade num consultório médico é uma coisa boa, pensou.

Ficaram sentados na sala de espera em tons malva e cremes enquanto o pessoal chegava e trocava as histórias do fim-de-sema-

38 1 ANITA DIAMANT

na. Uma recepcionista, que parecia ter cerca de 40 anos, tinha saído com um desconhecido. A enfermeira com o cabelo enrolado tinha em casa um bebé com cólicas.

O telefone tocou e o cheiro a café acabado de fazer encheu a sala. Kathleen sentia-se como se tivesse caído na toca de um coelho. Mas estou em melhor forma do que a Alice, pensou: sinto-me como se conhecesse tudo e todos aqui.

Quando Ellen os avisou de que a médica estava um pouco atrasada, Buddy deixou escapar um sonoro «Hum». Kathleen esquecera-se de que ele costumava reter a respiração quando estava nervoso. Remexeu-se no cadeirão florido que era demasiado pequeno e feminino para ele e esticou a mão para um exemplar da Good Housekeeping.

Dez minutos mais tarde, a Dr.^a Truman entrou de rompante pela porta, com a bata branca a esvoaçar por cima de umas calças de caqui e um monte de pastas debaixo do braço. Ergueu o dedo na direcção do pessoal fazendo sinal de que precisava de um minuto e apressou-se pelo corredor.

Kathleen ficou a vê-la afastar-se. A médica era mais pequena do que imaginara:

com pouco mais de um metro e cinquenta, não era nenhuma magricela. Não era gorda mas sólida. Tinha o cabelo mais escuro e mais comprido do que Kathleen recordava das fotografias dos jornais.

Quando se apercebeu de que Buddy estava novamente a reter a respiração, Kathleen tocou-lhe na ponta do nariz e ele espirrou, embaraçado.

- Mrs. Levine?

Kathleen ergueu os olhos.

A Dr. Truman estava de mão estendida.

- Mr. Levine? - Buddy pôs-se de pé. - Venham. - Fez sinal a ambos para que a seguissem.

Kathleen sentiu-se grata pela janela do consultório e pelo facto de esta dar para um castanheiro.

- Sentem-se, Mrs. e Mr. Levine. Ou prefere que lhe chame Kathleen? Ou será Kathy? - A Dr. Truman fechou a porta.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 39

- Kathleen - disse ela. A parede por trás da secretária estava decorada com diplomas e fotografias: A Dr. Truman a apertar a mão de Bárbara Bush, com um braço por cima dos ombros de Bárbara Streisand, por trás de um púlpito com Bárbara Walters.

- Tem um único tema naquela parede - disse Buddy.

- Sim - disse a médica. - Gostava de conseguir uma com a Bárbara Kingsolver. É uma pena que a Bárbara Stanwyck já não esteja entre nós.

A Dr. Truman puxou uma cadeira para junto de Kathleen e fez-lhe perguntas acerca dos filhos: Dois rapazes? Onde viviam? O que faziam?

Perguntou-lhe quanto tempo levava a viagem desde Cape Ann e fez perguntas sobre o trabalho de Kathleen. Quando a médica ouviu as palavras «bibliotecária infantil», agarrou num bloco e pediu-lhe dicas sobre livros para a filha que estava prestes a começar a ler.

Kathleen mencionou quatro títulos e pensou em mais uns quantos enquanto a médica a conduzia para a sala de exames adjacente.

Tirou a blusa e o soutien e deitou-se na marquesa enquanto a médica lavava as mãos. Tinha mãos grandes, reparou Kathleen, com as unhas cortadas rentes, como as de Buddy. A médica apalpou-lhe o seio esquerdo e depois o direito sem mudar de expressão.

Depois de Kathleen se vestir, a Dr.' Truman afixou as mamografias num quadro luminoso e, usando um lápis, apontou para uma mancha de algo semelhante a grãos de areia brancos que contrastavam com a massa escura da mama.

- Estas são as calcificações - disse a médica e descreveu como um fio seria inserido naquela área para guiar a incisão.
- Mas vamos voltar para o consultório para discutir tudo isto com o seu marido para que ambos fiquem com uma ideia de tudo.

Da porta, Kathleen ficou sobressaltada ao ver como Buddy estava pálido à luz que entrava pela janela.

- Muito bem - disse a Dr.' Truman olhando de um rosto ansioso para o outro. - Não lhes vou dizer para encararem isto como se não fosse nada ou para se armarem em fortes ao pé um do outro.

40 1 ANITA DIAMANT

Mas detectámos o problema cedo e temos todas as razões para ser optimistas.

Buddy expirou.

- Mr. Levine - disse a Dr. aTruman.

- Buddy - corrigiu-a ele.

- Bem, Buddy, creio que a Kathleen ainda por cá vai andar durante muito tempo. E não estou a enganá-lo.

Buddy e Kathleen concordaram.

Rapidamente, mas não em demasia, a Dr. Truman passou em revista as opções disponíveis. Dado que a biópsia confirmara a existência de um tumor, teriam de decidir entre a excisão seguida de radioterapia ou por uma mastectomia - seguida ou não de cirurgia reconstrutiva.

- A Dr.' Cooperman não mencionou a mastectomia - disse Kathleen alarmada.

- Mencionou sim - corrigiu-a Buddy calmamente.

- Essa é uma opção mais radical - disse a Dr aTruman -, mas algumas mulheres preferem essa solução por forma a evitar a radioterapia ou, simplesmente, para ficarem descansadas.

Kathleen reagiu imediata e instintivamente: não queria uma mastectomia.

- Muito bem - disse a Dr. Truman e explicou que, se as áreas em torno da excisão não estivessem contaminadas pelo cancro, não seria necessária mais nenhuma cirurgia.

- E se as áreas em torno da excisão estiverem contaminadas?

- perguntou Kathleen.

Teria de haver mais intervenções cirúrgicas, disse a Dra Truman suavemente,

mas aconselhou a não pôr a carroça à frente dos bois.

- Neste momento quero que fique completamente esclarecida quanto ao facto de não sofrer do mesmo tipo de doença que matou a sua irmã. A sua irmã sofria de cancro da mama com infecção, o que é muito raro. Na década de 1970 era quase sempre fatal. Mas não é esse o seu diagnóstico.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 41

- Compreendo - disse Kathleen. - Mas quero que seja a senhora a fazer a excisão, a cirurgia. Está bem? Vai operar-me? - A Sue Cooperman é uma excelente cirurgiã, Mrs. Levine.

- Por favor - disse Kathleen inclinando-se para a frente na cadeira. - Sei que está sempre muito ocupada, mas seria muitíssimo importante para mim que o fizesse.

A médica começou a explicar-lhe que tinha a agenda completamente preenchida quando reparou no papel amarelo colado na ficha de Kathleen.

- Tem aqui uma bela cunha, mas a verdade é que não sou eu quem controla as minhas intervenções cirúrgicas. A Dr aCooperman provavelmente conseguiria operá-la muito mais rapidamente.

Terão de ser vocês a tomar essa decisão.

Na recepção, Ellen consultou a agenda do computador torcendo a boca para um dos lados.

-Bolas, o melhor que lhe consigo arranjar é uma data mesmo no fim de Junho. Mas chamo-a se houver alguma desistência.

Acontece. Não com muita frequência, mas de vez em quando, e vou pô-la em primeiro lugar nessa lista. Por isso esteja pronta e tenha pensamentos positivos.

Kathleen tentou sorrir e disse: - É o que vou fazer.

Mas no elevador começou a entrar em pânico. Como conseguiria viver mais dois meses com aquela coisa dentro de si? Talvez fosse melhor deixar que a Dr. Cooperman a operasse. Mas a Dr aTruman tinha-a feito sentir-se em muito

melhores mãos. Tão...
aconchegada.

Queria discutir o assunto no regresso a casa, mas o trânsito estava complicado e o Buddy estava demasiado tenso para poder prestar-lhe o tipo de atenção de que necessitava.

Quando Jack soube do seu dilema, disse:

- Vou tentar arranjar uma folga e vou a casa na semana que vem. - Hal passou uma hora ao telefone com ela, pesando os prós e os contras. Finalmente, declarou que em termos clínicos não havia provavelmente nenhum risco em esperar pela Dr. Truman,

42 ANITA DIAMANT

mas, se isso a punha louca, então deveria marcar a intervenção cirúrgica com a Dr. aCooperman.

Kathleen sentia-se como se estivesse a usar uma capa de chumbo. Não conseguia esperar nove semanas. Ainda assim precisava que fosse Jane Truman a cuidar dela. E no entanto estava convencida de que fosse qual fosse a cirurgia que a operasse, não faria qualquer diferença.

Kathleen tinha a certeza de que iriam encontrar mais células cancerígenas. Sentia-o nos ossos. Não tinha qualquer dúvida.

Tentou telefonar novamente a Jeanette mas desligou assim que ouviu o atendedor de chamadas.

Após mais uma noite de insônia, marcou a cirurgia para o dia 9 de Maio com a Dr.' Cooperman. Mas no dia seguinte Ellen telefonou e disse que tinha havido uma desistência de última hora. Para a segunda-feira seguinte. Daí a seis dias. Entretanto teria de ir a Boston para exames preliminares com o anestesista e para uma consulta com uma das enfermeiras. Teria também de arranjar um atestado do seu médico de família.

- Até breve, Mrs. Levine - disse Ellen no mesmo tom que usaria se Kathleen tivesse acabado de marcar uma sessão no cabeleireiro.

Tomou nota das consultas e desligou o telefone com mais força do que seria necessário.

- Deve ser o meu dia da sorte.

A caminho da escola sentiu-se subitamente furiosa. Enumerou todas as razões por que se sentia zangada. Porque tinha cancro, porque estava demasiado assustada para dormir, por ter de perturbar toda a sua vida. E o Verão ficaria completamente arruinado.

Tinha de acontecer agora, pensou enraivecida. Os Verões em Gloucester conseguiam fazer esquecer a tristeza dos Invernos, tal como as drogas. Como é que se chamavam? Anestésicos.

Os Verões em Cape Ann faziam desaparecer os assaltos acumulados da escuridão de Janeiro, do frio implacável de Fevereiro, da

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 43

tristeza brutal de Março e das decepções finais trazidas por Abril, quando a luminosidade regressa mas o vento ainda nos fustiga as costas.

Em Maio, há pássaros por toda a parte e, no fim de Junho, as rosas da praia florescem e o supermercado enche-se de veraneantes bronzeados pelo sol, que metem nos carrinhos batatas fritas e refrigerantes. Em Junho, todas as rochas e gaivotas ficam iluminadas por dentro e o céu é um milagre quotidiano. Mas eu não vou poder apreciar tudo isso, pensou Kathleen amargamente.

As áreas circundantes não vão estar limpas. Vão encontrar células cancerígenas dispersas. Vou ter de ser operada mais vezes e fazer cobalto e quimioterapia e sabe Deus que mais.

Vou sentir-me demasiado fraca e nauseada para me poder sentar, quanto mais ter energia para arrancar ervas daninhas e plantar flores.

Kathleen adorava a colina escarpada e rochosa por trás da sua casa. Tinha sido uma «reserva natural» - um eufemismo que usava para abandonado e negligenciado - quando os filhos estavam a crescer. Mas quando eles tinham saído de casa, ela fertilizara o solo esgotado com borras de café e estrume e agora estava coberta de flores, sobretudo lírios, em torno dos grandes pedregulhos que havia na encosta. Uns anos atrás Buddy alugara uma grua para que pudesse chegar ao cume e ela plantara uma enorme quantidade de Stella d'Oros no topo.

Floresciam durante o Verão inteiro.

Naquele Verão não plantaria nada. Nem lírios. Nem tomates. Nada.

Quando chegou ao estacionamento estava completamente furiosa.

- Raios partam! - gritou. - Que vá tudo para o inferno!

Recostou-se no assento e acalmou-se o suficiente para caminhar até ao edifício, ir buscar a agenda e dizer ao director que estaria ausente o resto da semana. Ele pôs-lhe o braço por cima dos ombros e disse:

- Tire todo o tempo de que precisar. - Depois ficou com a tal expressão estampada no rosto que Kathleen soube quais seriam as suas próximas palavras:

- A minha irmã teve cancro da mama.

44 1 ANITA DIAMANT

De regresso a casa telefonou a Buddy para lhe dar as novidades. Telefonou a Hal e a Jack. Falou com recepcionistas de consultórios médicos.

- Conseguimos encaixá-la na sexta-feira, mas é capaz de ter de esperar bastante tempo - disse a mulher do consultório do médico de clínica geral. - Traga um livro.

Kathleen esperou em sala de espera após sala de espera, sem ser capaz de ler.

Roia as unhas a pensar no que teria acontecido à mulher que desistira da cirurgia com a Dr.'

Truman. Teria ficado com gripe? Encontrado um médico melhor?

Decidira deixar-se simplesmente morrer?

A última etapa foi um laboratório para uma análise ao sangue para verificar se não estava anêmica. O grito ultrajado de uma criança interrompeu o silêncio da sala de espera do laboratório.

Os adultos que ocupavam as cadeiras em tomo de si sorriram uns aos outros e abanaram as cabeças com simpatia.

- Pobrezinho - disse a mulher que estava sentada ao lado de Kathleen.

Danny não chorara. Tinha ficado inconsciente com a pancada do carro. E depois tinham-lhe enfiado um tubo pela garganta abaixo. Pat garantira a Kathleen que o seu menino não se recordaria da dor nem das coisas horríveis que lhe tinham feito... devido às drogas. Analgésicos.

Buddy e Kathleen passaram a noite anterior à cirurgia num hotel junto do hospital em Boston. A cama era tão dura e lisa como um lago gelado, mas acabaram por conseguir adormecer, acordando de madrugada para chegar a tempo à sala de operações.

Alguns minutos depois de ter entrado no edifício, Kathleen já estava deitada em cima de uma marquesa, com uma bata vestida e a tremer. Estava tão assustada - a tremer e com os lábios azuis de frio - que o anestesista perguntou se queria um sedativo assim que a pusessem a soro.

Kathleen morria de vergonha da sua cobardia mas disse que sim.

Fora Fiona ou Madge quem lhe contara

A PRAIA DE GOOD HARBOR 45

a história de uma mulher a quem fora diagnosticado cancro da mama e que morrera devido às metástases um ano mais tarde.

Buddy ficou sentado ao lado dela enquanto esperavam, ora em silêncio, ora ofegante. Pensou em recordar-lhe que respirasse, mas não tinha energia suficiente para proferir as palavras.

Deitada entre as cortinas verdes, lembrou-se dos últimos dias que Pat passara no hospital: o cheiro horrível e metálico do hálito da irmã, o seu rosto, bilioso e amarelo, deformado e inchado. E depois Pat no caixão. «Não é a verdadeira imagem da paz?», tinham comentado as freiras idosas. Mas Kathleen sentira-se horrorizada. Quem teria escolhido aquele fato verde de poliéster? Quem teria transformado Pat numa desmazelada para que uma sala cheia de estranhos a olhasse e a decretasse «em paz»?

Fechou os olhos com mais força para evitar as recordações e as luzes fortes e o frio da antecâmara do bloco operatório.
Porque teria de estar tanto frio?

A Drª Truman entrou na sala, transformada num duende gigante pelo fato verde. Os dedos da médica eram secos e quentes no braço de Kathleen quando se debruçou sobre ela e Kathleen sentiu a sua respiração na face. Kathleen sorriu ao ouvir a voz da médica mas não prestou atenção às suas palavras. A voz era calma.

- Está bem, Dr.ª - disse Kathleen. Pelo menos pensou que o dissera.

A médica desapareceu, Buddy beijou-a e Kathleen foi levada para uma sala ainda mais iluminada e mais fria. Tremeu por baixo do lençol. Uma voz disselhe que respirasse fundo três vezes e sentiu-se cair para trás.

Acordou a vomitar para dentro de uma bacia de plástico azul noutra cubículo com cortinas de um lado e do outro. Uma enfermeira das Antilhas apoiava-lhe os ombros.

- Vá, minha querida, vai ver que fica a sentir-se melhor. -
Limpou o interior da boca de Kathleen com uma compressa mentolada e perguntou: - Está pronta para ver o seu marido?

46 1 ANITA DIAMANT

Buddy entrou com um grande sorriso estampado no rosto.

- A Dr.ª Truman disse que foste ótima. Diz que podemos ir para casa assim que

te sentires com vontade.

Ela assentiu e fechou os olhos, por um instante, para descansar do esforço de vomitar. Mas acordou muito tempo depois numa cama de hospital. O quarto estava iluminado apenas pela luz decrescente do dia que entrava pelas persianas estreitas. Mexeu-se, consciente do penso que tinha no peito e da dor surda por baixo do penso.

- Buddy? - Ele estava adormecido na cadeira ao lado da cama.
- O quê?! - disse ele dando um salto.

- Estou pronta para ir para casa.

Uma auxiliar ajudou Kathleen a sair da cama e levou-a numa cadeira de rodas até ao passeio.
Fizeram a viagem para casa sem falar e caíram ambos na cama, exaustos, com as roupas vestidas.

A Dr." Truman telefonou de manhã para saber como Kathleen se sentia. Encontrar-se-iam na segunda-feira seguinte para discutir o relatório das análises patológicas.

- Não se preocupe - disse a Dr. Truman. Era uma coisa estúpida de dizer e Kathleen tentou desculpá-la.

Kathleen não fez mais nada senão preocupar-se. Aquela semana era de férias escolares e estava a chover. O telefone tocou e ela disse aos filhos que estava ótima. Foi também o que disse à Madge e à Fiona e à Louisa, a sua vizinha do lado que lhe trouxe uma tarte.

- A espera é difícil - admitia quando lhe perguntavam como se sentia, mas não dizia nada acerca das feias nódoas negras das agulhas intravenosas, ou de como o medo batia ao mesmo ritmo da dor surda da incisão. E muito menos mencionava como acordava a transpirar, com os lençóis enrolados nos braços e nas pernas e as suas tentativas de se habituar à ideia de nunca ver os filhos

casados ou de conhecer os netos.

Buddy alugava filmes que pensava serem do agrado de Kathleen.

Jantando pipocas e frutos, viram uma sucessão de comédias

A PRAIA DE Good HARBOR 1 47

recentes que nenhum deles achou especialmente divertida.

Finalmente, depois de um fim-de-semana húmido que incluiu -

por insistência de Buddy - uma longa caminhada num centro comercial apinhado de gente e de um jantar comido quase em silêncio no White Horse Inn, foram conduzidos ao consultório da Dr. Truman para o veredicto final.

A médica estava sorridente.

- Boas notícias, Kathleen. As melhores que lhe podia dar hoje.

As áreas circundantes estão saudáveis e não existem vestígios de células doentes onde quer que seja. - Olhou para a ficha de Kathleen. - Como é evidente, dada a história da sua família, queremos ser muito cuidadosos. Depois da radioterapia, terá de ser examinada de seis em seis meses. Mas parece bastante bom.

E compreende que a cirurgia confirmou que os diagnósticos e os prognósticos no seu caso são completamente diferentes dos da sua irmã.

A médica pôs de lado a ficha e falou da série de tratamentos de radioterapia, mas Kathleen deixou de ouvir. Tinha os ouvidos a pulsar. Por instantes pensou que ia desmaiar. Não ia morrer. Pelo menos não naquele Verão. Não ia morrer.

- Não faz mal fazer a radioterapia mais perto de casa em vez de ser aqui? - ouviu Buddy perguntar.

Graças a Deus que ele estava a prestar atenção e a tomar notas no pequeno bloco que costumava usar para assentar encomendas na loja. Kathleen tentou parecer interessada na conversa. Mas estava ocupada a reclamar o Verão. A luz, o jardim, a praia, Obrigada, Deus, obrigada.

A Dr. Truman recomendou um oncologista especialista em radiações numa clínica nova em Beverly. Buddy ia escrevendo enquanto ela descrevia o tratamento provável: diariamente durante seis semanas e meia.

Não vou perder o cabelo, nem vomitar, nem ficar amarela e morrer como a Pat. Perdoa-me, Pat, orou Kathleen silenciosamente, deitada na marquesa enquanto a médica examinava a costura e a declarava uma «convalescente rápida».

48 1 ANITA DIAMANT

A caminho do carro, Buddy disse que podiam marcar o início do tratamento depois de a escola fechar para as férias de Verão.

Provavelmente Kathleen estaria completamente restabelecida da cirurgia nessa altura. Estudaria o caminho mais rápido para a clínica. Acabaria os tratamentos no princípio de Agosto e não perderia completamente o Verão. Quando viesse Setembro, estaria descansada e pronta para voltar à escola.

Kathleen não disse praticamente nada durante a viagem para casa. Como é que me safei? Pensava.

Porquê a Pat e não eu? Lamento, Pat. Não merecias morrer. Deus me perdoe, mas estou contente por estar viva. Tu também me perdoas, não perdoas, Pat?

Aproximaram-se do fim do «continente», passaram o último dos centros comerciais e a última urbanização. Depois só havia árvores, tudo verde.

Kathleen baixou o vidro e respirou fundo, perinitindo-se sentiro quanto desejava estar de regresso à escola no Outono seguinte. O pré-escolar incluía vários «alunos-netos» -

crianças filhas de pais que ela tinha ensinado. No último mês, no dia da escola aberta, conhecera a filha de SueEllen Puello, Jasmine, uma rapariguinha amorosa com grandes olhos negros. E tinha a sensação de que Alex Maceo seria muito parecido com o pai, um rapaz muito activo que ela transformara num leiton.

Depois chegaram a A. Piatt Andrew Bridge, o que queria dizer que estavam quase em casa. Hal e Jack costumavam competir para ver quem conseguia dizer aquelas palavras o maior número de vezes até chegarem a casa.

- A. Piatt Andrew? - perguntou Buddy a rir. - A. Piatt Andrew.

A. Piatt Andrew. A. Piatt Andrew, A. Piatt Andrew. A. Piatt Andrew. A. Piatt Andrew.

- Quantas vezes disse, mamã? - perguntou da mesma forma que os rapazes faziam de todas as vezes que ali passavam.

A maré estava cheia e brilhante ao sol do meio do dia.

Se calhar ainda ia conhecer os netos. Por favor, Deus. Fechou os olhos por instantes. Por favor. E obrigada.

JOYCE gemeu quando descobriu que o seu grupo de leitura escolhera Anna Karenina. Gemeu novamente quando abriu o livro e se confrontou com um bombardeamento de -evitches, -ovitches e -ovnas. Não conseguia fixar os nomes e, depois de cem páginas, pousou o livro.

- Desisto - disse.

Frank, ao seu lado na cama a ver as notícias, disse:

- Isso tem importância? Dizes sempre que a Marie domina as conversas em qualquer circunstância.

Era verdade.

- Seja como for, tudo o que tem a ver com o grupo me parece mais trabalho de casa - disse Joyce. -

Os outros grupos de leitura de mulheres parecem divertir-se mais.

Frank, aparentemente hipnotizado pelo boletim meteorológico, não disse nada.

- Olá? Frank?

Ele virou-se para ela.

- Então desiste e encontra outro grupo mais divertido.
- Que coisa detestável para se dizer.

- O quê? Se não gostas deste grupo porque não hás-de mudar?

Joyce virou as costas a Frank e apagou o candeeiro da mesa-de-cabeceira, possessa. Faltara a algumas reuniões, mas não podia desistir completamente do grupo de leitura.

52 ANITA DIAMANT

Sentia-se solitária. Depois de quatro anos a trabalhar em casa, começara a sentir-se uma eremita.

Os seus colegas da revista tinham deixado de a convidar para almoçar havia já algum tempo; recusara demasiadas vezes os seus convites.

Mas essa não era a principal razão do seu isolamento; fosse como fosse também não sentira grandes afinidades com os colegas de trabalho. As suas duas melhores amigas tinham mudado de casa: Lauren e o marido estavam em Atlanta e a comissão de serviço de Pat, em Paris, já fora renovada duas vezes.

Joyce estava a chegar aos limites e estes ameaçavam ceder.

Faltar novamente ao grupo de leitura só lhe iria aumentar a neura. Quando entrou na sala de estar de Heidi para a reunião, poucas noites depois, Marie estava, na verdade, a discursar. Estavam quatro mulheres reunidas em torno da mesa de apoio dinamarquesa, em cima da qual estavam, artisticamente dispostos, chávenas e pratos em torno de um bolo por encetar. Mas Marie não falava sobre Anna Karenina.

Por instantes Joyce pensou que ela tivera um acidente; as suas olheiras eram tão profundas que pareciam nódoas negras. Mas não, estas deviam-se apenas à exaustão provocada por cuidar de um bebé de quase três anos, nada interessado em usar a casa de banho e, simultaneamente, pelo confronto com os seus gêmeos adolescentes.

- Quarenta e sete anos é de mais para suportar isto - dizia ela. Heidi, uma pediatra de 52 anos que era casada com um psiquiatra, era a mais velha do grupo. Joyce, com 42, era o membro mais jovem.

As restantes tinham-se juntado ao grupo quando os filhos estavam na escola primária. Agora, o mais velho de Heidi estava na faculdade e as conversas que ocasionalmente mantinham sobre temas não relacionados com livros revelavam as mudanças. Uns quantos meses atrás, antes de Heidi - que era para o grupo uma espécie de professora com tiques de mãe galinha - as conseguir conter, tinham tido uma discussão hilariante sobre se haveria uma correlação entre a terapia hormonal e o aumento

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 53

exponencial de «Carochas» da Wolkswagen nos subúrbios ocidentais de Boston.

Mas naquela noite ninguém ria. Na longa pausa que se seguiu à confissão de Marie, Alice disse de supetão:

- Saí de casa.

Marie ficou de boca aberta. Ouviram uma porta fechar-se no andar de cima.

- Que aconteceu? - perguntou Heidi, com a longa saia azul afegã a adejar-lhe em tomo das pernas quando se sentou ao lado de Alice.

- Não aconteceu nada - disse Alice lentamente. - Já não tinha nada com o Tim. Era... vazio.

- Que efeito terá isso na Petra? - perguntou Marie depressa de mais. Alice estremeceu perante a precipitação típica de Marie em chegar a uma conclusão.

- Guarda conjunta.

A sala ficou novamente silenciosa.

- Não fazia ideia de que eras infeliz - disse Joyce, que sempre gostara de Tim, que parecia um tipo muito agradável; o Frank também gostava dele.

- Vocês tentaram o aconselhamento? - perguntou Heidi docemente.

- Não. O problema sou eu. Estou a fazer terapia - disse Alice.
- Na verdade estou, hmm, a tomar Zoloft.

Joyce soltou uma risadinha. Quatro pares de olhos viraram-se para ela e sentiu-se corar.

- Desculpem. Mas é de mais, não é? Tudo de repente, quero eu dizer. Será que ninguém aqui está a ter um caso escaldante?
- Nesse caso teríamos a panóplia completa de crises de meia-idade.

Marie tentou alegrar as coisas e, com um esgar fingido, apontou para Joyce.

- Ei, pensei que fosse isso que te tivesse mantido afastada.
- Eu não - disse Joyce -, talvez seja por isso que a Susan não veio - disse, tentando afastar as atenções de si própria.

54 1 ANITA DIAMANT

- Na verdade a Susan está em Cleveland a ajudar à mudança do pai para uma casa de repouso - disse Marie. - O Alzheimer dele piorou de tal forma que a mãe já não dá conta do recado.

- Oli, meu Deus - disse Joyce -, há séculos que não falo com ela. - Ela e Susan costumavam caminhar nas pistas de atletismo da escola secundária duas vezes por semana, mas tinham deixado de o fazer quando Susan voltara para a escola, no Outono anterior.

Heidi foi até à cozinha e regressou com duas garrafas de vinho.

- Não me parece que o café descafeinado seja o mais útil esta noite - anunciou.

Alice não queria falar mais dos seus problemas, por isso Marie retomou a conversa no ponto em que a deixara. Todas conheciam a história da sua última gravidez. O marido não queria outra criança e os filhos de 15 anos não estavam

minimamente interessados em cuidar do irmão mais novo.

- Acho que tive o bebe só para não ter de enfrentar tudo o resto na minha vida - disse Marie, o mais próxima das lágrimas que alguma das presentes já a vira. - Mas agora estou farta até aos cabelos de estar em casa os dias inteiros com o Ryan.

O pAI anda a trabalhar oitenta horas por semana e os rapazes vão passar o Verão todo a casa da minha irmã, em Nantucket.

Acho que cometi um erro terrível.

Diana, a terapeuta, pôs um braço em volta da Marie. Diana também tinha um filho «problemático», com 13 anos, que chumbava continuamente na escola.

- Aguenta-te, Joyce - disse Diana num aviso. - Também eu tenho uma história triste para contar.

«Não vos contei antes, mas o Dylan foi preso por roubar numa loja há um par de meses. O juiz ordenou que lhe fizessem exames e chegaram a um diagnóstico de perturbações e depressão. O

Herb insistiu para que experimentássemos Ritalin e as notas dele melhoraram.

Também passou a dar-se mais com outros miúdos. - Diana fez uma pausa. - Está mais feliz. Ele mesmo o disse. - Estendeu o copo para que lho enchessem. -

Durante todos estes anos não quis que fosse examinado porque pensava que os professores e os

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 55

psicólogos só queriam drogar o meu rapaz criativo e de espírito livre. Que Deus me perdoe.

O telefone tocou e Heidi içou-se do sofá para ir atender.

Joyce costumava achar que Heidi transportava elegantemente o seu peso a mais, com as suas saias compridas e joalharia Navaj o, mas naquela noite parecia antiquada e cansada.

Fez-se silêncio enquanto esperavam que Heidi regressasse.

Depois, Alice virou-se para Joyce e perguntou:

- Então, que se passa realmente contigo, Tabachnik?

- Eu, hum, escrevi um romance. - O anúncio tímido de Joyce foi recebido por um coro de parabéns e de perguntas. Tinha um agente? Uma editora? Quem? Quando?

Joyce sorriu timidamente.

- Já está assinado, selado e disponível num supermercado próximo de vós.

Os rostos à sua volta ficaram inexpressivos. Respirando fundo, disse:

- É uma novela cor-de-rosa.

Aquilo calou-as. Joyce calculava que aquelas mulheres eram capazes de ler, ocasionalmente, um policial inglês, mas era mais provável assinarem a Soldier of Fortune do que lerem uma novela cor-de-rosa.

Senti u que começava a transpirar.

- Vocês sabem que nenhum dos meus projectos não ficcionais teve sucesso. Três agentes diferentes tentaram colocar o último, mas ninguém queria comprar um livro sobre o Programa para Crianças com Sida. Era demasiado deprimente. Há demasiados livros sobre sida.

Joyce estava envergonhada por exhibir as suas credenciais de «seriedade», mas mesmo assim continuou.

- Decidi tornar-me comercial.

Divertiu-as com a descrição do ateliê sobre como escrever um romance que frequentara, citando frases exemplificativas do material distribuído: «O corpo dele vibrava na sua presença.»

«Ele tinha a vaga sensação de que não era o momento certo.»

56 1 ANITA DIAMANT

Contou-lhes o almoço que tivera com Mario Romano, mas não chegou a revelar-lhes o pseudónimo.

Joyce acabou de beber o que tinha no copo e pediu licença.
O efeito do vinho estava a transformar-se numa dor de cabeça.
É bem feito, pensou, enquanto se dirigia à casa de banho. Sou uma grande hipócrita.

Concordaram em adiar a discussão sobre Tolstoi para depois do Verão. Marie ofereceu a casa para a reunião de Setembro e as mulheres desejaram boa-noite umas às outras.

Joyce e Alice saíram juntas.

- Isso do teu livro é uma excelente notícia - disse Alice. -
Mas pareces estar um bocado tensa.
Estás bem?

- Estou ótima. E tu? E como está Petra a reagir a tudo isto?
- A Petra vai ficar bem - disse Alice enquanto abria o carro.
- Os miúdos são resistentes. Fiquei com o Tim durante muito mais tempo do que devia por causa da Petra. Mas já não aguento mais.
O meu casamento é vazio e sei que isto parece estúpido, mas quero mesmo apaixonar-me outra vez.
Quero sentir-me novamente viva dessa forma. Além disso, o eu sentir-me horrivelmente não pode ser bom para ela.

-Alice, desejo-te tudo de bom - disse Joyce. - É preciso muita coragem para fazer o que estás a fazer.

- Sim. Ou uma doença mental.

O couro cabeludo de Joyce arrepiou-se. Alice não dissera que estava a tomar antidepressivos?

- Telefonas-me? - perguntou Joyce.

No carro, Joyce desligou o rádio. Sentia-se horrível relativamente à forma como fizera pouco do seu próprio livro. Não era um mau livro, pensou. Na verdade era até bastante bom.

-A Magnolia cuspir-me-ia na cara - murmurou Joyce, olhando de relance para o seu reflexo no espelho retrovisor. - E teria razão.

Alice era uma mulher maravilhosa, uma pessoa doce, mas não era uma beleza. Tinha a pele curtida por todos os anos passados a
A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 57

trabalhar na empresa de arranjos exteriores do pai. Quais seriam as probabilidades de encontrar um novo amor?

dezoito anos, quem não reconheceria? O seu casamento estava atolado na própria lama. Todas as conversas que, hoje em dia, mantinha com Frank, transformavam-se em escaramuças sobre Nina. Não iam ao cinema há séculos. Podia contar pelos dedos de uma mão as vezes que tinham tido relações sexuais no último ano.

Sexo com alguém diferente. Uma conversa com um homem cujos olhos ficassem presos aos seus.

Comprar lençóis novos de mãos dadas. Já vira mulheres da sua idade apaixonadas, brilhantes como lanternas. Seria das endorfinas ou seria da gratidão? Meu Deus, como seria bom sentir-se assim novamente.

Mas isso daria cabo de Nina. Pondo de parte toda a conversa sobre a «resistência dos miúdos», Joyce conseguia imaginar a cena à mesa do jantar: «Eu e o teu pai decidimos ... » A filha desfar-se-ia.

E Frank também não o merecia. Era um bom marido. Não era hostil, como o marido de Marie.

Ou arrogante, como o de Heidi. Quando ao Tim de Alice, Joyce tinha de admitir, era enfadonho, quase estúpido.

O grande problema com Frank era a forma como ele se refugiava em coisas - no trabalho, na jardinagem, no livro que estivesse a ler ou até mesmo num programa de televisão. Quando se tinham conhecido, Joyce apaixonara-se pela sua auto-suficiência, especialmente depois de ter tido dois namorados que exigiam muita atenção. Mas agora a independência dele parecia-lhe distância. Durante a maior parte do tempo parecia estar a milhares de quilómetros dali. A única coisa que pareciam continuar a partilhar era Nina. E a hipoteca. E um bilião de recordações.

De regresso ao seu próprio quintal, Joyce ficou sentada no carro a olhar para as janelas às escuras. Para ser honesta, ela própria também não batia à porta de Frank. Ele provavelmente corresponderia se lhe dissesse qualquer coisa, mas não conseguia arranjar energia.

58 1 ANITA DIAMANT

Já tinham tido anteriormente aqueles períodos de seca e, de todas as vezes, fora Joyce quem insistira para que encontrassem o caminho de regresso à água. Uma vez, arrastara Frank: deixara Nina com uma ama, fora buscá-lo ao emprego, conduziu até Nova Iorque para jantar, ir ao teatro e dormir num hotel. Outra vez insistira em que consultassem um terapeuta.

Mas aquele período de seca começava a parecer-se com o deserto do Sará. Joyce estava esgotada e farta de ser ela a ter de fazer sempre um esforço, a ter de começar as conversas, a tomar a iniciativa. Ainda não teria chegado a vez de Frank?

Ora bem. Pelo menos não estava tão mal como as mulheres do seu grupo de leitura. A Nina era uma chata, mas o futebol faria com que a filha passasse os anos da fase «Ofélia». O Frank não era nem estúpido nem hostil. Raios, comprara uma casa em Gloucester.

É tudo relativo, certo?, pensou Joyce. E as coisas estavam relativamente bem.

Depois lembrou-se da expressão vazia, quase assustada, nos rostos das amigas quando pronunciara as palavras «novela cor-de-rosa». Nenhuma delas perguntara qual o título do livro. Nem mesmo a Alice.

Joyce lavou os dentes, tomou uma aspirina e agarrou novamente no Anna Karenina. «As famílias felizes são todas parecidas; uma família infeliz é infeliz à sua maneira.» Joyce não se conseguia lembrar se aquela frase lhe parecera sensata quando a lera na faculdade.

Deixou o livro no sofá e arrastou-se para a cama, tendo o cuidado de não acordar Frank.

Aconchegou-se com uma das pontas do edredão no lado mais distante da cama e pensou no grupo de leitura. Comparada com as delas, a sua família parecia sólida como uma rocha. Mas Joyce não estava segura de poder ser descrita como «feliz».

KATHLEEN NÃO SE CONSEGUIA lembrar da última vez que usara as velas dos Sabat. Os pais de Buddy tinham trabalhado na loja sete dias por semana, por isso o marido não tinha nenhuma ligação de infância aos rituais de sexta-feira, com vinho, pão e velas. Mas Kathleen adorava a celebração semanal que estudara nas aulas de preparação para a conversão, gostava especialmente das velas. Quando era pequena cuidava das velas que a avó punha aos santos, que estavam acesas em todas as divisões, enviando orações à Mãe Santíssima, a S. Judas, a St.ª Teresa, a Florzinha. No Natal, havia velas verdes e vermelhas em todo o lado, até mesmo na casa de banho.

Deu as boas-vindas à tradição judaica e fez dela sua. Todas as semanas, quando Hal e Jack eram pequenos, polia os candelabros, aquecia o pão challah no forno e limpava o aparador com óleo de limão. Os filhos diziam que ainda associavam esses odores às sextas-feiras.

Aquecendo os fundos das velas com um fósforo, para que ficassem fixas,

Kathleen pensou se o facto de acender velas teria a ver com os objectivos judaicos ou com a nostalgia do catolicismo, mas decidiu que não tinha importância.

- A Luz é um símbolo do Divino - disse, citando uma frase de um Sabat que fizera, muito tempo atrás, com outras mulheres.

Kathleen fizera o jantar favorito de Buddy e que fossem para o diabo as gorduras: galinha corada, batatas fritas na frigideira,

60 1 ANITA DIAMANT

feijão-verde e musse de chocolate. Quando ele viu a taça com o doce em cima da bancada disse:

- Estás a tentar ver-te livre de mim, é?

- Bem, agora que vou viver até aos noventa, pensei em encontrar um tipo mais novo - disse do interior do abraço demorado de Buddy. - No entanto tenho um favor a pedir-te.

- É aquele casaco de marta para que tens andado a olhar?

- Não vou precisar disso até Novembro - disse ela retribuindo a provocação. - Mas gostava de ir esta noite ao templo.

Kathleen convertera-se ao judaísmo na semana anterior ao casamento de ambos, trinta e três anos antes. A Buddy não fazia qualquer diferença que Kathleen Mary Elizabeth McCormack não fosse judia. Fora um dos poucos judeus a crescer em Gloucester.

Os rapazes das classes trabalhadoras, italianos e portugueses que havia na escola, nunca o tinham incomodado por ser diferente, talvez por ele ser um bom bocado mais alto que todos eles. Para Buddy, o judaísmo era o que se comia nos feriados e honrar as tradições dos pais. Mas Mae e Irv Levine choraram ambos quando Kathleen lhes disse que se ia converter.

Na altura, Kathleen não encarara aquela decisão como muito importante. O catolicismo deixara de fazer sentido para ela aos 14 anos e ninguém da sua família levantara objecções ao facto de se converter ao judaísmo. A avó, que

certamente se teria oposto, e veementemente, argumentando com os riscos que a alma imortal da neta correria, já tinha morrido quando ela se casara. Kathleen não se lembrava do pai que saíra de casa quando ela tinha 3 anos. Não se lembrava de a mãe ter tocado no assunto mas, em qualquer caso, a sua pobre mãe parecia ter uma incapacidade congénita de objectar ao que quer que fosse, por mais horrível que pudesse ser, que a vida lhe pusesse no colo. Em adolescente, Kathleen rezara em segredo:

- Por favor, Deus, faz-me diferente da minha mãe.

Pat descobrira a sua vocação quando andava na faculdade e, quando Kathleen conheceu Buddy, já se transformara em Irmã Pat.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 61

A irmã escreveu-lhe uma longa carta desejando-lhe «shalom no seu novo lar espiritual» e, no dia da conversão de Kathleen, enviou-lhe uma dúzia de rosas de longos caules o que, na altura, era uma enorme extravagância.

O rabi Flacks, o homem perpetuamente cansado que lhe tentara ensinar o alfabeto hebraico levou-a, sem grande convicção, para dar o mergulho ritual numa pequena piscina na cave de uma sinagoga em mau estado, de Boston. Depois, no parque de estacionamento, ainda com o cabelo molhado, recebeu de Buddy uma Estrela de David muito simples num fio de ouro. Tinha-a usado no casamento, na circuncisão dos rapazes e nos bar mitsvas', nos feriados judaicos e sempre que ia ao templo - ainda que fosse apenas para um encontro comunitário. Usara-a também quando fora à única entrevista para um emprego da sua vida.

Tinham começado a frequentar o Templo Beth Israel em Gloucester quando os rapazes tinham entrado para o jardim-infantil. Kathleen levava-os, sem falha, à escola religiosa e trabalhava até para a recolha de fundos, mas o Buddy não gostava de assistir a serviços religiosos. Dizia que achava a praia mais espiritual e não estava interessado na vida social da congregação. Teria há muito deixado de pertencer à congregação se Kathleen não continuasse a cumprir com as suas obrigações.

Sentia-se ligada àquele local. Os pais de Buddy tinham estado ali presentes para os bar mitsvas, impantes de orgulho com as boas actuações dos netos. O órgão tocara a mesma melodia quando cada um dos seus filhos transportara o pergaminho da 'Tora' ao longo da coxia central do Templo.

Conduzindo o cortejo festivo, tinham-se agarrado às forras de veludo azul com tanta força, que os nós dos dedos ficaram brancos. Eram muito diferentes, os seus rapazes: Hal era sério, Jack bem-disposto. Mas nos seus bar mitsvas, Bar mitsva - cerimónia de iniciação religiosa judaica que marca a entrada do adolescente de 13 anos na comunidade dos adultos. (N. da T)

«Ensinamento» na acepção estrita do termo, o Pentatêuco - os cinco primeiros livros da Bíblia. (N. da T)

62 1 ANITA DIAMANT

tinham estado igualmente orgulhosos e nervosos nos seus fatos novos em folha, igualmente embaraçados e temerosos das vozes inseguras e inconstantes.

Patty também estivera presente de ambas as vezes. Ela, Mae e Irv tinham-se assoado depois do discurso de Hal e o som das suas fungadelas, em coro, tinham feito com que toda a gente se risse. Sempre que Kathleen entrava no santuário comprido e austero de Beth Israel, lembrava-se dos três a rirem e a chorarem sentados no banco da frente.

Os funerais de Irv e de Mae também tinham saído daquele templo. E o Danny. Tinha usado a estrela no funeral do Danny? Não se recordava.

Buddy não fez comentários ao reaparecimento do chafiah e das velas. Manteve-se perto dela, de braço dado, enquanto ela curvava a cabeça. Fechou os olhos e lembrou-se da forma como Hal e Jack costumavam brigar sobre quem apagava o fósforo.

- Parem com isso, seus monstros - dizia ela todas as sextas-feiras. - É altura de dar um beijo e fazer as pazes.

Virou-se para o marido.

- É altura de dar um beijo e fazer as pazes, ei, Bud? - Ele abraçou-a até o relógio da cozinha começar a tocar.

A caminho do templo, Kathleen brincou com o fio, fazendo a estrela correr para cima e para baixo na corrente, descontraidamente. Havia mais de um ano que não iam ao serviço religioso; tinham estado de visita ao Hal, na Califórnia, durante as Festas Religiosas que era a única altura em que, actualmente, iam ao templo e ainda não conheciam a nova rabi.

Segundo o artigo publicado no jornal local, saíra há poucos anos da escola rabínica. Kathleen tivera a intenção de ir a um dos lanches de apresentação quando ela fora contratada mas, por qualquer razão, tinha-se esquecido das datas bem como do nome da rabi.

A PRAIA DE Good HARBOR 1 63

«Rabi Michelle Hertz». Estava afixado no cartaz no exterior do edifício.

- Veremos se é melhor que o Avis - disse Buddy quando iam a entrar. Kathleen nem sequer se deu ao trabalho de revirar os olhos. Havia pelo menos quarenta pessoas no interior do santuário.

- Está bastante gente - murmurou Buddy. A congregação aumentava em Julho e Agosto, quando apareciam os veraneantes, mas em Maio eram apenas os locais que estavam presentes.

Kathleen e Buddy instalaram-se no banco que sempre fora usado por Irv nas Festas Religiosas, o quarto a contar da frente à esquerda, e aguardaram que o serviço começasse. Kathleen juntou as mãos, baixou a cabeça, fechou os olhos e rezou:

- Obrigada.

Buddy pegou-lhe na mão e manteve os olhos fixos nos dedos entrelaçados, por isso nenhum deles deu por isso quando a rabi se dirigiu ao púlpito. Ergueram os olhos quando ela começou a cantar. A voz, sem acompanhamento, entoava uma

melodia que lhes era familiar dos anos passados pelos rapazes na escola dominical. Shalom Aleichem, cantava ela.

Após uma estrofe, a rabi fez sinal para que a congregação a acompanhasse. Após mais um verso cantado a solo calou-se e apontou-lhes um dedo.

- Estou a avisá-los, não começo o serviço até toda a gente estar a cantar e não me importo de cantar a noite toda. Há uma transliteração na página setenta e nove e até podem cantar sem dizer as palavras. - Sorria, mas estava a falar a sério.

A rabiMichelle Hertz tinha vinte e muitos anos, pensou Kathleen. Tinha bom aspecto, com o rosto em forma de coração e grandes olhos castanhos. Não parecia usar maquilhagem. O seu yarmulk - e era um barrete quadrado e multicolor do terceiro mundo, preso aos caracóis escuros penteados num rabo-de-cavalo.

O xaile das orações, no entanto, era semelhante aos usados pelos velhos nas sinagogas ortodoxas, preto e branco e enorme.

Mas que Espécie de solidéu usado pelos judeus. (N. da T)

64 1 ANITA DIAMANT

tradicionalista, pensou Kathleen, especialmente quando comparada com o último rabi que usara a cabeça descoberta, uma toga negra e um pequeníssimo e finíssimo xaile de orações que sempre lhe fizera recordar a estola de um padre.

Após mais quatro estrofes que incluíam uma série de «Yí-dee-di», toda a gente estava a cantar. Até mesmo Ida Rubelsky que usava chapéu e luvas nos serviços religiosos, apesar de a maior parte da congregação vestir camisolas e calças de ganga.

Sorrindo aprovadoramente, a rabi Hertz abrandou o ritmo, terminou a canção e pediu à congregação que abrisse os livros de oração e lesse com ela.

O velho Livro de Orações da União desaparecera e fora substituído por um livro de capa macia em que Deus se transformara de Ele em Tu. Como se Deus estivesse sentado do outro lado da mesa, suficientemente próximo para lhe

pedirmos para passar o sal. Parecia haver mais palavras em hebraico naquele livro, uma linguagem que, para Kathleen, seria sempre um mistério inacessível. A única negativa que tivera na escola fora a espanhol, uma vergonha eterna. Mas as traduções para inglês eram elegantes e as canções mais do que compensavam a inacessibilidade do hebraico.

Kathleen sorriu perante a actuação da rabi. Ou talvez essa não fosse a expressão adequada.

Ocorreu-lhe que Michelle Hertz talvez fosse uma boa escolha para Hal se Hal se interessasse por mulheres. Ela suspeitava que essa era capaz de ser a razão pela qual ele vivia na Califórnia. Ao pensar no filho, Kathleen suspirou. Buddy lançou-lhe um olhar preocupado; ela tranquilizou-o com uma pancadinha no braço e concentrou-se nas leituras.

O serviço foi tão pouco habitual que até mesmo Buddy continuava a prestar atenção quando chegaram ao sermão, se e que se lhe podia chamar assim.

A rabi Hertz ajeitou o xaile nos ombros e desceu do púlpito.

- Esta é uma parte da Tora de que toda a gente gosta - disse, caminhando pelas coxias e distribuindo cópias da leitura semanal da Bíblia, sorrindo e olhando as pessoas nos olhos.

A PrAIA DE GoOD HARBOR 1 65

- Esta é a parte em que Deus faz Miriam ficar leprosa por ter gritado com o irmão mais novo, que por acaso era Moisés, que era - gostemos ou não - o eterno preferido de Deus entre os humanos. A rabi regressou ao púlpito e disse:

- Esta passagem sempre me incomodou. Quero dizer, Aarão faz exactamente o mesmo que a irmã, mas safa-se sem sofrer sequer uma picada de mosquito! Então, quem quer ler o primeiro versículo?

Ida Rubelisky pôs-se de pé, ajeitou o chapéu e, num pungente sotaque das praias do Norte, fez rimar Hazeroth com Reheboth e entoou o nome de «Deus». Continuou a ler ignorando os frequentes «Obrigadas» da rabi.

Buddy murmurou:

- Não me divertia tanto no templo desde os meus sete anos quando a minha avó adormeceu e caiu da cadeira.

A rabi conseguiu finalmente que Ida se calasse e regressou ao início da página solicitando comentários sobre a relação de Moisés com Deus, as atribulações de Miriam e a razão por que levava sete dias a ficar curada. Após ter conseguido arrancar alguns comentários hesitantes, a rabi Hertz lançou-se na sua própria interpretação da história.

- Partamos do princípio de que Aarão não era má pessoa disse.
- Ele não começa a felicitar-se pela sua boa sorte enquanto a pele de Miriam fica pálida e ela parte para o isolamento durante uma semana. Imaginemos que Aarão fica horrorizado com o que aconteceu à irmã e que sofre por causa dela.

«Que pensará Aarão, nesse momento específico, do Deus que têm procurado pelo deserto? Um Deus capaz de fazer algo de tão terrível à sua irmã mais nova, a única na família que sabe cantar e que compõe lindas canções em louvor de Adonai?

«'Que espécie de divindade sirvo eu?', pensa ele. 'Que espécie de Deus castiga Miriam e não me castiga a mim?'

«Talvez Aarão pense se poderia ter protegido a irmã. Talvez pense: 'Porque não terei confrontado Deus e perguntado porque

66 1 ANITA DIAMANT

é que ela foi castigada e eu não?' Talvez Aarão sofra com aquilo que lhe parece ter sido cobardia da sua parte.» A rabi Hertz respirou fundo e observou a congregação antes de continuar.

- Ora, no que respeita a personagens bíblicas, Aarão não tem grande carisma. Não sabemos muito acerca dele e, além disso, temos a tendência de não confiar

nos altos-sacerdotes. Mas eu imagino Aarão sentado ao lado da cama de hospital da irmã, com a cabeça dela nas mãos. Vejo-o um judeu como os outros, como todos nós. Culpado. Com medo. Reflectindo no significado da dor. Debatendo-se com a sua fé e procurando conforto. Mas também ligado pelo sangue e pela história e pelo amor ao seu irmão, Moisés, à sua irmã, Miriam, e ao infundável projecto do povo judeu de discernir e encontrar significado num universo aparentemente aleatório e por vezes cruel.

As faces de Kathleen estavam a esquentar. Sentia-se como se a rabi estivesse a dirigir-se a ela directamente e quase olhou em volta para se certificar de que ninguém a estava a olhar.

Mas toda a gente parecia concentrada na história da rabi. Até mesmo Ida, célebre por retocar o bâton durante os sermões, estava atenta.

Kathleen debatia-se com as palavras da rabi. Porque não terei discutido com Deus por causa do meu cancro? Tinha estado assustada e preocupada, mas carregara a sua cruz (ah!) sem se queixar, como uma mártir.

Mas sabia porque não discutira. Acreditara que o cancro fora um castigo. A médica fizera um buraco no seu seio como punição. Sobrevivera à morte de Danny. Que espécie de mãe lê histórias aos filhos das outras pessoas depois de ter lançado terra sobre o caixão do próprio filho?

O som deveria ter sido mais forte, mas o féretro fora tão pequeno... Quisera descer para a pequena cova, aberta na terra quente. O mundo cheirara tão bem naquele dia. A terra húmida, a relva aparada. Quisera morrer.

Tivera um cancro porque era a sua vez de sofrer, tal como Pat sofrera. Embora Pat não o merecesse.

A PRAIA DE Good HARBOR 67

Kathleen apercebeu-se de que toda a gente se levantara e ela apressou-se a pôr-se de pé. A rabi Hertz pediu a todos aqueles que tivessem vindo assinalar o aniversário da morte de um ente querido que proferissem o nome da pessoa. Soaram vozes em partes diferentes do santuário, algumas quase inaudíveis.

- O meu pai, Moshe, que morreu fez vinte e cinco anos esta semana.

- Lena Swartz, a minha irmã.

Uma mulher, na parte de trás da sala disse:

- O meu pai, Charlie, o ateu, que ficaria espantado por me ver aqui.

A rabi não teve de se esforçar muito para convencer a congregação a cantar uma última canção e a melodia ecoou na abóboda de nove metros de altura, duplicando o volume.

- Ora, aí está um som realmente alegre - disse a rabi Hertz a sorrir. - Por favor, fiquem para o nosso café Oneg Sabbath que é fornecido pelas nossas maravilhosas irmãs. A única condição é que digam olá a pelo menos duas pessoas que nunca tenham visto... e isso inclui-me a mim.

Kathleen foi a primeira a saudar a rabi.

- Gostei muito do serviço - disse Kathleen vendo a rabi dobrar o xaile de orações e guardá-lo num saco de veludo vermelho.

- Era exactamente aquilo de que eu precisava esta noite.

- E de que é que precisava? - perguntou a rabi agarrando a mão de Kathleen e não a largando.

- Um local onde me sentir grata, talvez. Esta semana recebi boas notícias.

A rabi, continuando a agarrar-lhe na mão, ergueu as sobrancelhas interrogativamente.

- Parece que não vou morrer de cancro da mama.

- Fico muito feliz. A minha mãe também teve cancro da mama.

Kathleen soltou uma gargalhada e, horrorizada, pôs uma mão na boca.

- Oli não. Desculpe, eu, oh... é só porque parece que de cada vez que digo a alguém, as pessoas falam-me da mãe ou de uma

68 1 ANITA DIAMANT

amiga. Desculpe. Devo estar a atingir os meus limites. -

Kathleen baixou a voz. - Há quanto tempo morreu?

A rabi riu-se.

- A minha mãe está viva e de boa saúde. Na verdade está na Índia, num hotel para idosos.

Kathleen não soube como reagir.

- Deve estar a passar um mau bocado - disse a rabi. - Não se importa se eu disser um Mí Sheberach por si, amanhã de manhã?

Kathleen, envergonhada, admitiu que não sabia o que isso era.

- É uma oração tradicional pela cura física e espiritual dos membros de uma congregação ou da sua família.

- Isso soa tão, hum, católico - disse Kathleen. - Quero dizer, quando eu era criança, rezávamos a todos os tipos de santos para obter curas.

- Resultava?

Kathleen não soube o que dizer. Como conseguiria a rabi ser tão cavalheiresca numa questão de fé?

- Não me parece que isso funcione assim - acabou por dizer.

- Nem a mim - disse a rabi Hertz pondo uma mão no ombro de Kathleen. - Mas sei que as orações colectivas podem funcionar como um abraço para as pessoas que sofrem, e os abraços nunca são de mais quando se está em sofrimento.

Kathleen, quase a gaguejar, disse que não estaria presente no dia seguinte.

- Não faz mal. Estará presente nos nossos pensamentos.

Obrigada por me ter vindo dizer olá, Kathleen. Temos de nos encontrar em breve

- acrescentou a rabi e virou-se para cumprimentar um casal de jovens que aguardava por trás dela.

Kathleen encaminhou-se na direcção da máquina de café que estava do outro lado do santuário.

- Esses biscoitos também são os meus preferidos - disse a uma mulher de cabelo escuro que acabara de tirar o último. Joyce sorriu, partiu o biscoito em duas metades iguais, estendeu um dos pedaços a Kathleen e disse: - Sabe melhor se partilharmos.

Ou

A PRAIA DE Good HARBOR 69

pelo menos era isso o que eu costumava dizer à minha filha, quando ela era pequena.

Kathleen aceitou a metade do biscoito.

- Costuma vir aqui? - perguntou. - Eu já cá não vinha há séculos. Da última vez que assisti ao serviço religioso o rabi era um cavalheiro idoso parecido com o chabod Crane.

- Esta é a primeira vez que aqui venho. - Quando Joyce falou, Kathleen apercebeu-se de que estava a falar com a mulher que descrevera o pai como ateu.

- Faz amanhã quinze anos que o meu pai morreu. Nunca vou ao Templo para rezar kaddish, mas não encontrei no supermercado nenhuma daquelas velas que se acendem em memória dos mortos. E queria fazer qualquer coisa palpável, algo de físico, em memória dele.

- As velas estão ao pé da graxa para os sapatos no Star Market - disse Kathleen a

sorrir.

De qualquer maneira estou satisfeita por ter vindo. - Joyce retribuiu-lhe o sorriso. - Sempre me perguntei como seria a sinagoga de Gloucester. É uma espécie de oxímoro conceptual: uma sinagoga ianque. Mas o serviço foi bastante interessante, muito melhor do que o último a que assisti, que foi simplesmente horrendo. Deve ter sido há cinco ou seis anos, por ocasião de um bar mitsva.

- Está cá a passar o fim-de-semana? - perguntou Kathleen, admirando o fato de Joyce, uma camisola desportiva, mas sofisticada, de lã creme por cima de calças de seda preta. Os brincos de prata reflectiam a luz enquanto conversavam.

- Na verdade eu e o meu marido comprámos recentemente uma casinha aqui... perto da praça East Gloucester, conhece? Perto do teatro? Vamos ser habitantes estivais, suponho, embora provavelmente tenhamos de alugar a casa durante a maior parte do Verão para ajudar a pagar a hipoteca.

Oração judaica pelos mortos. (X da T)

70 1 ANITA DIAMANT

«Esperamos também poder vir passar fins-de-semana durante o ano lectivo. A minha filha hoje está a dormir em casa de uma amiga. Tem doze anos e isso acontece com frequência.

- Os meus filhos há muito que saíram de casa - disse Kathleen.

- Sou só eu e o meu marido que está por aí, algures.

- O Frank também cá está. - Joyce olhou em torno da sala, - Na verdade até estou um bocado confusa por aqui estarmos, Normalmente, a esta hora, eu estaria na cama a ler.

- Oli? E o que está a ler?

- Estou a começar a ler o novo livro de Arny Tan. E você?

- perguntou Joyce, agradada com a postura elegante de Kathleen, o seu cabelo branco e espesso e os mais escuros olhos azuis que alguma vez vira.

- Estou mesmo a acabar o mais recente dos livros do Harry Potter... com algum atraso. Para além de prazer é também trabalho; sou bibliotecária infantil.

- Ah, uma bibliotecária. - Joyce pôs a mão sobre o coração e curvou a cabeça. - Poderei beijar a bainha do seu manto? -

Sorriu.

- Não sei dizer-lhe a quantidade de vezes que os bibliotecários me salvaram, fazendo com que cumprisse os prazos, - É escritora?

- Escrevo sobretudo para revistas femininas.

Estavam a levantar os tabuleiros quando as duas se dirigiram para a porta onde Buddy estava à espera com um homem de cabelo escuro que estendeu um casaco ao mais recente conhecimento de Kathleen.

As mulheres viraram-se uma para a outra e riram-se.

- Este é o meu marido, Buddy Levine. Eu sou a Kathleen.
- Joyce Tabachnik. Este é o Frank.

- Quer dizer que não sabiam o nome uma da outra? Têm estado a conversar como se fossem primas há muito separadas. Saíram os quatro da sinagoga e detiveram-se nas escadas íngremes que conduziam à rua. O edifício servira a comunidade judaica no último século, mas teria sempre o aspecto quadrado de

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 71

igreja de Nova Inglaterra para o qual fora concebido. Abaixo deles as luzes das docas e dos grandes barcos de pesca reflectiam-se nas águas escuras.

Joyce respirou fundo e disse:

- Meu Deus, cheira bem aqui. - Kathleen estremeceu e Buddy apressou-se a ajudá-la a vestir a camisola. Despediram-se.

- Uma gente simpática - disse Buddy quando ele e Kathleen entraram no carro.

- Uma gente simpática - disse Frank quando ele e Joyce iam a sair do parque de estacionamento.

72

UNS QUANTOS DIAS DEPOIS, Kathleen pensou ter visto Joyce um pouco à sua frente na secção de verduras no Star Market, mas depois viu que a mulher trazia vestida uma camisola com as palavras Universitária Adepta de Golfe Nudista. A mulher com quem conversara no templo não vestiria tal coisa na casa de banho, quanto mais em público.

Kathleen pensou se Joyce trocava uma excursão guiada a Gloucester por uma ida ao centro comercial. O casaco de bombazina que levava à sinagoga naquela noite devia ter aí uns quinze anos.

Joyce passara pelas mesmas bananas mais cedo, naquele dia, mantendo-se atenta e tentando ver Kathleen.

- Quando crescer quero ter aquele aspecto - dissera a Frank quando regressavam a casa do serviço religioso. Joyce pensou telefonar a Kathleen, mas temeu que ela não quisesse tomar café com a autora de um romance cor-de-rosa - embora, como era evidente, não tivesse mencionado o Coração de Magnolia na conversa que tinham tido.

Na semana seguinte, Joyce ouviu o seu nome quando entrava na Tornaso's.

- Estava com esperança de a encontrar. Vejo que já conhece uma das jóias da coroa de Gloucester - disse Kathleen abrindo os braços em adoração da loja apinhada de gente na rua principal.

As prateleiras de metal desirmanadas continham tomates, massas, azeite e atum de marcas italianas desconhecidas que quase expul-

A PRAIA DE GOOD
HARBOR 1 73

savam as marcas americanas. A voz de Dean Martin ouvia-se nos altifalantes invisíveis.

Enquanto as empregadas por trás do balcão aceitavam os pedidos, Kathleen explicava as virtudes das sanduíches especiais com nomes de bairros e santos.

- As calzone esgotam sempre cedo no Verão.

Joyce abanou a cabeça e inspirou para sentir o odor pesado da mistura de fermento, serradura e salame.

Uma mulher mal-encarada, com bâton cor de laranja e uma camisola verde, perguntou-lhes o que queriam.

- Olá, Ginny - disse Kathleen. - Como vão os netos?

O ar carrancudo de Ginny dissolveu-se enquanto apontava para uma fotografia colada ao balcão.

- Do melhor.

Kathleen apresentou Joyce e mencionou a casa em Forest Street.

- A casa da Mary Loquasto - disse Ginny acenando com a cabeça.
- É a escritora?

Joyce corou e assentiu.

- É uma bela casa - acrescentou Ginny, como que desafiando Joyce a discordar.

- Temos muita sorte - respondeu Joyce.

- Nas cidades pequenas não há segredos, sabe - murmurou Kathleen. Comprou um pão scali e Joyce pediu três dúzias de biscoitos para a equipa de futebol de Nina. A voz de Dean Martin seguiu-as até à rua. - às vezes põem ópera - disse Kathleen apontando para os altifalantes por baixo do toldo. Pararam por uns momentos para ouvir o fim de Return to Me.

- Está com pressa? - perguntou Kathleen. - A pastelaria ali em baixo tem um ótimo cappuccino.

Quando entraram no café do outro lado da rua, a mulher que estava ao balcão disse:

- Oli, Mrs. Levine.

74 ANITA DIAMANT

- Olá Philomena - disse Kathleen. - A Serena já está boa da constipação?

- Na próxima semana já vai à escola - disse Philomena que baixou a voz e acrescentou: - E ouvi dizer que vai ficar bem, é verdade?

Kathleen ignorou a pergunta de Philomena e o olhar interrogativo de Joyce.

- Estou ótima. Podemos beber o melhor capuccino do mundo?

Enquanto aquecia o leite, Philomena começou a fazer perguntas acerca de outras pessoas.

- Então, a tal Mrs. Fry que dá aulas à segunda classe está grávida ou não? - Serviu dois biscoitos com os cafés. - Oferta da casa. Philomena estava prestes a puxar uma cadeira para se sentar ao pé delas quando o telefone tocou. Kathleen e Joyce trocaram olhares de alívio. Ambas mexeram o café com muito cuidado, pensando por onde começar.

Talvez seja demasiado velha, pensou Kathleen. Tentou lembrar-se de como ela e Jeanette tinham começado a ser amigas. Tinha levado dois anos até que falassem de algo mais importante do que o tempo. E agora Jeanette saía da sua vida. Kathleen sabia a razão por que ela não telefonara: tinham sido demasiados os amigos e familiares a quem fora diagnosticado cancro nos últimos anos e Jeanette estava aterrorizada. Ainda assim, Kathleen nunca seria capaz de lhe perdoar. Por instantes, considerou a hipótese de só falar do tempo. Mas depois Joyce sorriu, revelando duas covinhas perfeitamente simétricas em que Kathleen não reparara na outra noite no templo.

- O que foi que a trouxe a Gloucester? - perguntou Kathleen.

- Na verdade foi Nina quem a descobriu - disse Joyce. - Ela tinha muitas cólicas quando era bebé...

foram três meses horríveis. Só dormia no carro e, mesmo assim, tinha de ser a andar depressa. Eu e o Frank andávamos para cima e para baixo na Estrada 128, dormindo à vez. Uma noite, tarde, talvez às três da manhã, o Frank estacionou junto à praia de Good Harbor. Não havia luar e as es-A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 75

trelas eram simplesmente fenomenais. Consegui ver a Via Láctea como se fosse uma estrada, sabe? Como se fosse um verdadeiro caminho aberto no céu. Por fim adormecemos todos e, quando acordámos, o Sol fechou o negócio.

«Depois disso, viemos para aqui de férias. Arrendámos vivendas por toda a região: Annisquam, Lanesville, Rocky Neck. Ficámos num apartamento perto de Bass Rocks durante três anos até aquilo se ter transformado num condomínio. Por essa altura, eu jurara que, se alguma vez tivéssemos dinheiro suficiente, comprávamos uma casa aqui.

Kathleen acenou a cabeça, com os olhos fixos no rosto expressivo de Joyce.

Deve ter 40 anos, pensou Kathleen.

Consigo ver as rugazinhas em torno dos olhos. Olhos cinzentos, muito atraentes, em contraste com o cabelo preto.

- Claro que não tínhamos dinheiro para a casa que queríamos - continuou Joyce -, que era uma casa com vista para o mar. A nossa fica três quarteirões acima da Smith's Cove, perto do teatro. Ora, é claro - disse, lembrando-se do comentário de Ginny.

- Suponho que toda a gente sabe disso.

- Não é mau, ser conhecido dos vizinhos.

- Vou ter de me habituar a isso. Em comparação, Belmont é completamente anónimo.

Kathleen acenou com a cabeça, encorajando Joyce a continuar a sua história.

- Eu adoro isto aqui. Mas quando tento explicar o que me levou a escolher Gloucester, pareço um postal HaUmark. Como é que se pode descrever o céu e a luz deste lugar sem se ser meloso?

- É difícil descrever o amor que se tem por um local - disse Kathleen. - Eu não consigo, e já vivo aqui há quase trinta e cinco anos. Lembro-me de ter lido um poema que dizia que o porto, aqui, era suficientemente grande para conter o céu. Qualquer coisa assim. Era do Charles Olsen. Ele vivia em Gloucester, sabia? E também tinha um verso em que dizia que Gloucester continuava a ser um local de onde se partia para pescar. Devia encontrar esse poema outra vez.

76 1 ANITA DIAMANT

- Adoraria lê-lo - disse Joyce. - Conheceu Olsen?

- Oh, não. Uma vez ouvi-o falar numa reunião municipal. Um tipo estranho. Uma pena ter morrido tão novo.

Fez-se uma pausa e depois foi a vez de Joyce fazer uma pergunta.

- Os seus filhos vivem aqui perto?

Kathleen falou-lhe de Hal, o mais velho, que tinha 29 anos e vivia em São Francisco e era programador informático. E de Jack, de 23 anos, chef num restaurante em Nova Iorque e que namorava uma atriz da Broadway.

Kathleen fez-lhe perguntas sobre Nina.

- Está totalmente absorta no futebol - disse Joyce. - E, a maior parte do tempo, deseja que eu desaparecesse da face da Terra.

- Oh, não. Isso parece uma situação horrível.

- E é - disse Joyce, chocada por descobrir que estava à beira das lágrimas. - Em casa, o quarto dela fica mesmo ao pé da cozinha e, desde que era bebé, Nina sempre nos obrigou a manter a porta aberta. Gostava de nos ouvir andar de um lado para o outro. Gostava de saber que a podíamos ouvir. Dissemos uma vez.

«Mas em Janeiro... meu Deus, foi há muito poucos meses... fechou a porta. Lembro-me de que era domingo. E pronto. Num dia éramos amigas, a fazer cócegas uma à outra e a ir ao cinema juntas. No dia seguinte transformei-me num enorme embaraço, incapaz de perceber o que quer que fosse, mortalmente maçadora.

«Pergunto-me se esta questão da adolescência vai ser mais difícil para mim por

Nina ser filha única ou por ter sido um bebé milagre. Abortei três vezes e fiz duas operações antes de a termos tido.

Costumava injectar-me com hormonas nas casas de banho dos restaurantes, como se fosse uma drogada. - Joyce fez uma pausa. - Não pensava nessa parte da minha vida há séculos.

Esforçámo-nos tanto para a ter. Agora, que ela é uma tremenda chata, devia provavelmente lembrar-me do quanto desejei um bebé. Mas essa não é a minha reacção imediata quando ela grita comigo por eu lhe perguntar se precisa de dinheiro para o almoço.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 77

-Acho que os rapazes são mais fáceis - disse Kathleen. Mas é inegável a sensação de perda quando eles chegam a essa idade.

E nunca é tão doce como quando são pequenos e se sentam ao nosso colo.

Ficaram caladas por instantes, cada uma saboreando recordações de sapatinhos, beijos espontâneos e banhos.

Sorriram uma à outra. Isto é bom, pensou Joyce.

A conversa virou-se para o trabalho e Kathleen falou das intermináveis batalhas orçamentais para arranjar fundos para a biblioteca. Joyce contou a Kathleen como o seu primeiro artigo para uma revista de expansão nacional fora totalmente «editado» de forma a dizer o contrário daquilo que fora a sua intenção.

Concordaram em tomar mais um cappuccino e falaram de autores favoritos.

- Jane Austen, Margaret Atwood, Toni Morrison - disse Joyce.

- Beverly Cleary, E. B. White, Maurice Sendak - disse Kathleen.

- Oh, Sendak é um génio. Kathleen sorriu. Absolutamente.

- Já alguma vez tentou escrever um livro infantil?

- Noutros tempos. Foi horrível. Sou boa a ajudar as crianças a encontrar livros que adoram.

A porta abriu-se e entraram dois homens que saudaram Philomena aos gritos, em italiano. Pouco depois, quatro turistas japoneses entraram. Kathleen olhou para as máquinas fotográficas que traziam e murmurou:

- Este ano chegaram cedo.

Já no passeio, Joyce sugeriu que Kathleen e Buddy fossem jantar a casa dela na semana seguinte; ter esse prazo ajudá-la-ia a pintar a casa.

Kathleen hesitou e o convite ficou a pairar no ar durante demasiado tempo.

- Não se sinta obrigada a aceitar - disse Joyce.

78 1 ANITA DIAMANT

Mas Kathleen apercebeu-se da ansiedade na voz de Joyce.

- Não é que não queira. É só que... eu, hum, estou a fazer radioterapia e não sinto que seja muito boa companhia.

- Oli, meu Deus, lamento. E porquê? Quero dizer, porque está a fazer radioterapia?

- Cancro da mama.

- Oli, merda. - Joyce estremeceu, temendo que Kathleen a achasse grosseira.

- Não é que eu não tenha vontade de voltar a estar consigo. É só... já não quero falar mais nisto e não quero que me tratem como uma doente - disse Kathleen um pouco mais alto do que fora sua intenção. - São todos uns amores comigo... a minha família, os vizinhos, as pessoas na escola... mas desde o diagnóstico, só sabem falar disso.

Qualquer sala onde eu esteja fica cheia de cancro. O meu cancro. O cancro das suas melhores amigas.

O cancro do cão! Juro que é verdade! Uma mulher encurralou-me e contou-me tudo acerca do tratamento ao cancro do fígado do cão que tinha doze anos, como se eu fosse perita na matéria.

Meu Deus, parece que estou furiosa, não é?

- Ora e porque raio não haveria de estar furiosa? - disse Joyce suavemente.

Sorriram uma à outra. Iam ficar bem.

No dia seguinte, Joyce telefonou a dizer que encontrara o poema de Olsen sobre Gloucester e falaram do tempo por uns minutos. Depois Kathleen disse:

- Vão tirar-me medidas para as radiações dentro de uns dias.

Vão fazer uma espécie de molde de plástico para eu me deitar lá dentro para que os raios batam nos sítios certos. E depois vão - respirou fundo e tentou parecer descontraída - fazer-me tatuagens. Deve ser para dirigirem os raios para os sítios certos, suponho. Ou talvez seja para não mandarem as radiações para a mama errada, por engano.

- Isso parece horrível!

- Também acho - concordou Kathleen. - Dizem que não me vai doer e, habitualmente, sou bastante boa a pôr este género de

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 79

coisas em perspectiva, mas estou tão horrorizada com esta história das tatuagens que quase não consigo aguentar. Acha que é parvoíce?

- Quando uma pessoa se sente pessimamente nunca é parvoíce.

Não é como se fosse para uma clínica de beleza, por amor de Deus. Isso é tudo uma porra.

Kathleen deu uma risadinha.

- Desculpe a minha linguagem - disse Joyce. - Mas até o mais pequeno pormenor disso tudo é uma porra. E não deixe que ninguém a queira convencer do contrário.

Kathleen sentia-se melhor depois de ter desligado o telefone. Não dissera a mais ninguém o quanto a perturbava aquela história das tatuagens. Graças a Deus, Joyce não a tentara animar, Joyce percebeu que dissera as palavras certas... ou que, pelo menos, não dissera as erradas. Depois do seu primeiro aborto, toda a gente lhe tinha dito as coisas erradas. Um ex-namorado fizera-lhe festinhas na mão e dissera-lhe que devia estar satisfeita por «a Mãe Natureza ter emendado o seu erro».

O médico que a tratara dissera:

- Não se preocupe, querida. Vamos fazê-la recuperar disto e daqui a um ano terá um bebé saudável e esquecerá que isto alguma vez aconteceu. - Depois de ele sair, a enfermeira fungara de desdém. - Que monte de esterco - dissera cruzando os braços enormes. - Perder um bebé é um desgosto que ninguém esquece. - A enfermeira Phyllis Burkey era uma mulher de quem Joyce se lembrava com uma enorme afeição. - É uma porra - dissera Phyllis Burkey -, e não deixe que ninguém a tente convencer do contrário.

Junho

âh-ISTO É RIDÍCULO - disse Kathleen quando Buddy insistiu para que saíssem de casa duas horas antes da primeira consulta.

- Não quero esperar mais tempo do que o estritamente necessário. - Mas quando ele cruzou os braços e curvou a cabeça, ela percebeu que não o conseguiria demover.

Bateu com a porta do carro com demasiada força e atravessaram o nevoeiro matinal e a ponte sem trocar palavra. Assim que passaram a saída de Ipswich, apanharam o trânsito e a rádio anunciou um acidente que envolvia quatro carros dois quilómetros mais à frente.

Buddy lançou-lhe um olhar, mas Kathleen recusou-se a olhar para ele e a admitir que estivera certo.

Olhou pela janela e tentou não pensar no acidente como num mau presságio.

Buddy limpou as mãos às calças.

Quando passaram o engarrafamento, quebrou-se o silêncio entre ambos.

- As árvores estão lindas - disse ela baixinho olhando para os bosques cerrados e cobertos pelo verde estival.

- Foi por causa de ter chovido tanto - disse ele olhando para o espelho retrovisor.

A Dr. Truman recomendara aquele médico, mas o edifício não inspirou confiança nem a Kathleen nem a Buddy, que se lembrava de que este fora, anteriormente, o St. Judas Hospital para incuráveis. O Centro Médico Metro-North era um edifício baixo, em tijolo amarelo e tremendamente feio.

- Parece uma fábrica de pneus - resmungou Buddy.

84 ANITA DIAMANT

No interior, os crucifixos tinham desaparecido e o recanto do átrio, onde em tempos reinara S. Judas, fora transformado num hirsuto jardim interior repleto de flores. O lago de plástico azul estava cheio de moedas. Seguiram as indicações até aos elevadores e desceram para a cave, onde as alcatifas cinzentas libertavam um odor ligeiramente tóxico a obras. As revistas eram actuais e os arranjos de flores artificiais não tinham vestígios de pó. Alguém tentara suavizar a iluminação da sala de espera desparafusando algumas das lâmpadas fluorescentes e acrescentando alguns candeeiros de mesa, mas estes limitavam-se a lançar sombras estranhas no tecto abobadado e revestido a azulejo.

Kathleen pensou que nunca vira um lugar mais desolador.

Parecia a sala de espera reservada aos mais bem-comportados do inferno, pensou, e achou que Joyce acharia aquela ideia engraçada. Talvez Joyce escrevesse um romance e lho dedicasse, numa homenagem póstuma.

Kathleen ficou surpreendida pela morbidez dos seus pensamentos. Afinal de contas, o seu prognóstico oficial era «excelente». Cinco pares de olhos

ergueram-se quando entraram na sala de espera. Duas mulheres na casa dos 60 anos - uma com um lenço a cobrir-lhe o crânio calvo - interromperam a conversa murmurada e olharam primeiro para Kathleen e depois para Buddy, tentando descobrir qual deles era o doente. Um homem idoso, com uma camisa engomada e de gravata inclinou-se, apoiado na bengala, e dirigiu-lhes um fatigado sorriso de boas-vindas. Um rapaz negro - um adolescente - olhou-os inexpressivamente. Ao lado dele, a mãe olhava-o, protectora.

Buddy pôs o braço pelos ombros de Kathleen e encaminhou-a para uma secretária onde a recepcionista os saudou como se Kathleen fosse uma amiga que não via há muito tempo.

- Oh, olá, Mrs. Levine. A Marcy já vem buscá-la.

- Marcy? - perguntou Buddy.

- É a sua enfermeira. Vai prepará-la antes de o Dr. Singli a ver. Eu sou a Carla. - Carla estendeu-lhes uma ficha. -

Entretanto pode começar a preencher isto, está bem?

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 85

Sentada ao lado de Buddy, Kathleen viu que a ficha solicitava as mesmas informações que já fornecera uma dúzia de vezes nas últimas semanas: o número da apólice de seguro, a história familiar, o número da segurança social, o nome do médico de clínica geral. Não se conseguia concentrar e passou a caneta a Buddy.

Kathleen manteve os olhos fixos no chão. O rapaz tinha calçados uns sapatos de ténis brancos e brilhantes, uns Nike; por sua vez a mãe calçava uns sapatos rasos de cabedal preto e gasto. As outras duas mulheres tinham sapatos de ténis idênticos com soquetes brancos. Os sapatos com uma borla do homem mais velho tinham um aspecto dispendioso.

As botas castanhas de trabalho de Buddy eram iguais às que ele costumava comprar na Sears quando o conheceu. Cada par durava entre três e quatro anos. Kathleen calculou que aquele devia ser o oitavo ou nono par que ele possuía desde que se tinham casado.

Os seus mocassins azuis, bordados com contas, que tinham sido comprados há anos num armazém no Maine, pareceram-lhe subitamente ridículos. O Hal provocara-a por causa deles quando os comprara.

Kathleen desejou que Hal não vivesse tão longe. Tinha as mãos geladas e sentia o coração aos saltos. Não sabia como gerir aquele medo. Devia sentir-se afortunada. O seu tumor não se espalhara e as áreas circundantes estavam limpas. O ICIS quase nem é cancro. Fora na mama direita, por isso o coração ficaria livre das radiações. E ela era canhota. Tudo boas notícias.

Depois lembrou-se de como Joyce dissera, «É uma porra» e sorriu sombriamente.

- Mrs. Levine?

A voz apanhou-a de surpresa e pôs-se de pé de um salto. Uma bonita mulher asiática, com um vestido vermelho, apresentou-se como Marcy Myers e estendeu-lhe a mão, mantendo a de Kathleen apertada até o significado do gesto ser perfeitamente claro.

Oh, por

86 1 ANITA DIAMANT

amor de Deus, repreendeu-se Kathleen silenciosamente. Ela está apenas a ser simpática.

No consultório, Kathleen obrigou-se a prestar atenção enquanto Marcy explicava o que aconteceria de seguida. Depois de o Dr.

Singli vir ter com eles, dariam uma volta pelo centro para ver a máquina das radiações e o simulador que era usado para tirar as medidas. As medidas levariam a maior parte da manhã. Marcy recitou a litania das radiações que Kathleen já sabia de cor: não podia usar desodorizante antes dos tratamentos, não podia usar pó de talco, nem perfumes, nem loções, sem ser aquelas que lhe seriam fornecidas.

«Porque estaria Buddy a escrever tudo novamente?»

Depois Marcy começou a falar da «aplicação de marcas permanentes».

- Refere-se às tatuagens, certo? - perguntou Kathleen sem conseguir controlar a voz.

- Tem algumas objecções religiosas em relação às tatuagens?

- perguntou Marcy - Não percebo.

- É judia?

- Sou - disse Kathleen imediatamente na defensiva. Kathleen Levine nunca era um nome fácil de explicar.

-Alguns dos nossos pacientes judeus recusam as marcas permanentes por motivos religiosos.

- Nunca ouvi falar disso.

- Bem, de acordo com a lei ortodoxa, as tatuagens são proibidas.

- Nós não somos ortodoxos - disse Kathleen.

- Muito bem, então - disse Marcy suavemente. - Os nossos pacientes dizem que as tatuagens não doem. São quase invisíveis e os oncologistas preferem as marcas permanentes.

Kathleen disse:

- Eu sei. Fazem-no para o caso de, se for necessário tratar a outra mama, saberem qual é qual.

Pensava que já tinha assinado um papel a concordar com isso.

A PRAIA DE Good HaR-BOR 1 87

Buddy estremeceu quando ela disse «a outra mama».

Marcy olhou para o fim da lista que tinha na mão, pousou o lápis e baixou a voz intencionalmente.

- Mrs. Levine - disse e depois, enfaticamente -, Kathleen.

Gostaria de sublinhar a importância do apoio para as mulheres que estão a receber tratamento para o cancro da mama. - Era a primeira vez que Marcy usava as palavras cancro da mama. Citou estatísticas sobre os benefícios dos mentores e grupos de apoio.

Kathleen já lera panfletos sobre grupos de apoio, mas não se conseguia imaginar a queixar-se dos seus sintomas irrisórios a mulheres que vomitavam e perdiam o cabelo. Além disso, não queria devotar mais tempo do que o estritamente necessário àquilo. Queria preservar o Verão. Queria plantar lilases, visitar o Jack em Nova Iorque, passar mais tempo com Joyce.

Ou talvez fosse morrer e, nesse caso, de que serviria um grupo de apoio?

Kathleen conseguia aperceber-se da preocupação de Buddy, mas já nem sequer estava a olhar para Marcy. Os seus olhos vaguearam pela parede atrás da secretária, fixando-se numa representação vagamente cubista da famosa cabina pesqueira de Rockport, no diploma universitário passado em nome de Marey Yamaguchi, no diploma de enfermagem em nome de Marcy Y. Myers e numa fotografia emoldurada.

A fotografia fora tirada numa paisagem rochosa junto ao mar.

Marcy e um homem barbudo e robusto, de blusa azul e yarmulke, sorriam para a câmara com os braços em volta de duas meninas.

A mais velha parecia ter cerca de 10 anos; a mais nova sofria da síndrome de Down.

Kathleen concentrou-se em Marcy com renovado interesse, mas nesse momento entrou o Dr. Singh e calaram-se todos.

Ele era o homem mais incrivelmente bonito que Kathleen já vira. Apertou a mão de Buddy e retomou a conversa que ambos tinham tido no hospital.

88 1 ANITA DIAMANT

Vira-a depois da cirurgia, disse, e Kathleen apercebeu-se de que devia ter estado completamente inconsciente. Nunca teria esquecido os olhos negros e o arco daqueles lábios vermelhos.

Era tão bonito que Kathleen corou.

- Não se importa que fiquemos aqui, Mrs. Myers? - perguntou a Marcy movendo os dedos longos. O seu sotaque era britânico e formal.

- Já encontrou casa? - perguntou Buddy retomando a conversa que era novidade para Kathleen.

- Em Marblehead - disse o médico. - Mudámo-nos na semana passada. Eu e a minha mulher achamo-nos afortunados por viver num sítio tão belo. Mas se não encontrarmos o controlo remoto da televisão muito em breve, somos capazes de acabar no tribunal de família para o divórcio.

Kathleen sentiu-se corar novamente, agora de ira. Aquilo não era uma festa. Era o seu funeral, se faz favor, e o cadáver gostaria de se manter no centro das atenções. Tapou a mão com a boca e tossiu.

O médico pareceu perceber a dica e começou a descrever o tratamento pela, segundo lhe parecia, sexta vez. Descreveu os possíveis efeitos secundários: fadiga, dores, inchaço ou contracção da mama, uma espécie de «queimadura solar» causada pelas radiações. Buddy escrevinhava furiosamente enquanto Kathleen mergulhava o olhar no do médico e pensava se a mulher dele seria da Índia.

Bom Deus, ele era uma obra-prima.

O médico pôs-se de pé e tomou a mão direita de Kathleen entre as suas.

- Preparar as máquinas convenientemente levará cerca de uma semana - disselhe -, encontrar-nos-emos então para o primeiro tratamento. Vou vê-la todas as semanas e a Mrs. Myers também tomará conta de si. Pode telefonar-nos sempre que quiser para nos fazer perguntas.

«Mrs. Levine - disse ele aproximando-se ligeiramente e baixando a voz -, tente descontrair-se.

Vamos tomar muito bem conta

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 89

de si aqui e o seu marido cuidará muito bem de si em casa, tenho a certeza. No que lhe toca, tem de comer bem, descansar e manter-se bem-disposta.

«Também recomendo longos passeios junto ao mar - disse largando-lhe a mão e erguendo os dois indicadores como um maestro de orquestra. - Estou a falar muito a sério. O exercício por si só já é benéfico, como é evidente. Mas as oferendas do mar são preciosas. Certamente que sabe ao que me refiro.»

- Oh, sim - disse ela abalada pela atenção que lhe dedicava e pelo seu toque. - Adoro caminhar na praia - disse quase a gaguejar.

- É claro que adora.

Quando o Dr. Singh saiu, os olhos de Marcy e de Kathleen encontraram-se. Marcy pôs a mão sobre o coração e agitou os dedos. Kathleen deu uma gargalhada. Buddy olhou para elas sem perceber nada.

- Vou mostrar-lhe primeiro a sala de tratamentos - disse Marcy, conduzindo-os por um corredor.

Abriu a porta de uma sala enorme, do tamanho da biblioteca de Kathleen na escola. A máquina das radiações agigantava-se no centro da sala, como se fosse um adereço descomunal de um filme de ficção científica da década de 50.

Marcy apresentou Terry e Rachel, que seriam as suas técnicas de radioterapia. Terry mostrou-lhes como a marquesa se movia de encontro à «cabeça» móvel que libertava o raio. Rachel apontou para o móvel pendurado no tecto: quatro anjos feitos de molas da roupa e brilhos.

- Foi a filha de uma doente que o fez - disse.

Quando Terry apagou a luz por instantes e um raio vermelho dividiu a sala, Kathleen suspendeu a respiração.

- O laser serve só para o alinhamento - apressou-se Terry a explicar. - Acho que lhe deviam mudar a cor para azul ou verde, não acha? O vermelho é tão, não sei... vermelho.

- Assustador - disse Kathleen.

90 1 ANITA DIAMANT

- Assustador, sim - disse Terry, uma loira bonita de malaras salientes e quatro argolas de ouro em cada orelha.

Na sala do simulador, noutra corredor, Kathleen vestiu uma camisa do hospital. A sala era fria e escura e ela ficou horrorizada por os seus mamilos ficarem erectos e duros e assim se manterem durante a infundável sessão de medidas tiradas por John Marino, um jovem que costumava trabalhar na construção civil e conhecia Buddy da loja. John era musculado e rápido, correndo para dentro e para fora das cabinas de controlo e passando de um computador para outro.

- Desculpe isto estar a levar tanto tempo, Mrs. Levine - disse ele. - Mas tem de ficar perfeito. -

Kathleen admirou a forma profissional como ele lhe mexeu no braço e mediu o contorno da mama sem parecer sequer que lhe tocava.

Depois viu o seu reflexo no espelho da porta.

- Oh, meu Deus - murmurou. Olhando para a velha assustada e macilenta, pensou, e de que outra forma me poderia ele tocar?
O seu seio parecia mutilado, a costura ainda vermelha e inflamada.

A doença da velhice. Onde teria lido aquilo? Sou uma velha senhora com cancro. Fechou os olhos com força. Marcy entrou nesse instante e disse:

- Mantenha-se firme, Kathleen. Estamos quase a acabar. Mas não estavam. Rachel, uma morena baixa e gorducha, com o cabelo entrançado, trouxe um tabuleiro com um frasquinho de tinta-da-china e uma caixa de agulhas embaladas individualmente. Reparou nos olhos muito abertos de Kathleen e apontou para dois pontinhos azuis que tinha no polegar.

- O aspecto com que ficam é este. Fi-las a mim própria para saber como era. Só pica um bocadinho.
Nem chega a doer como a picada de uma abelha.

Rachel e John foram muito cuidadosos ao escolher o local exacto para as tatuagens, mas Kathleen sentia-se cada vez mais agitada.

- Vamos a isto - disse Rachel passando o anti-séptico fio sobre o seio de Kathleen. A agulha pareceu-lhe quente. - Só faltam três.

A PRAIA DE Good HARBOR 1 91

- Está bem - disse Kathleen numa voz tensa e aguda. Marcy agarrou-lhe na mão esquerda. Tinham razão. Não doía grande coisa, mas mesmo assim as lágrimas vieram, correndo-lhe pelas faces e entrando-lhe nas orelhas. Manteve-se muito quieta.

A caminho de casa, Buddy tentou perguntar-lhe como se sentia. Kathleen abanou a cabeça e fechou os olhos.

- Cansada, hem?

Ela assentiu e encostou-se ao apoio de cabeça. Uma velha palavra flutuou-lhe no cérebro: Stigmata.

Quando se aproximavam de casa, Kathleen disse a Buddy que a deixasse e fosse para a loja, mas ele saiu do carro, fez-lhe uma chávena de chá e meteu-a na cama para uma sesta.

Kathleen meteu-se na cama para lhe fazer a vontade mas, assim que ele saiu, vestiu-se e foi para o quintal. Arrancando umas quantas ervas daninhas inspirou profundamente e saboreou o cheiro do solo quente misturado com o ar do mar. Joyce dissera qualquer coisa a respeito da Tornaso's cheirar ao paraíso, mas aquilo é que era mesmo divino.

Entrou em casa e agarrou no telefone.

- Nenhum de nós, os TabacImiks, lhe pode responder de momento - disse a máquina. - Por favor, espere pelo sinal e deixe uma mensagem.

- Olá, Joyce. É a Kathleen. Quero convidá-la para um passeio em Good Harbor. Telefone.

92

JOYCE OUVIU a mensagem de Kathleen uns dias depois, enquanto Frank levava a geleira para a cozinha e Nina se punha em frente do frigorífico aberto.

- Não há nada para comer nesta casa - disse. - Quem é a Kathleen?

- Fecha essa porta, está bem? - disse Frank. - Vou já às compras. Eu e a mãe conhecemo-la no templo.

- Onde estava eu?

- A dormir em casa da Sylvie - respondeu ele. Joyce agarrou no telefone.

- Vais usar o telefone agora? - disse Nina parecendo incrédula. - Tenho que fazer um telefonema.

- Vais ter de esperar - disse Joyce levando o telefone para a sala de estar. Nina enfiou a cabeça pela porta e demonstrou, sem palavras, a sua impaciência, mas Joyce fingiu que não percebia.

- Desculpe, não pude telefonar antes - disse Joyce. - Quando quer ir dar o passeio? Posso estar aí dentro de quinze minutos. Joyce agarrou as chaves do carro e anunciou:

- Vou passar um bocado com a Kathleen.

- Não podes ir agora - reagiu Frank.

- Deixas-me a caminho da loja - ripostou Joyce. - A Kathleen traz-me a casa e a Nina fica bem sozinha durante meia hora. No carro, Frank perguntou:

- A Kathleen está bem?

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 93

- Que raio de pergunta é essa? Ela tem cancro da mama, por amor de Deus.

- Bem, sim, eu sei - disse ele e caiu num silêncio envergonhado até chegarem à base da ponte pedestre que saía da marginal, passava por cima do rio e levava à praia de Good Harbor. Joyce abriu a porta ainda antes de o carro parar.

Ainda não se via sinal de Kathleen e Joyce debruçou-se por cima do varandim de madeira batido pelo tempo. O rio lá em baixo quase não corria, tornando difícil adivinhar se a maré estava a subir ou a descer. Devia ter dito adeus ao Frank, pensou. Devia ser mais simpática com o Frank-E o Frank devia ser mais simpático comigo. Esperava que as muitas horas que ele dedicava à empresa fossem muito bem compensadas.

Joyce esticou os braços por cima da cabeça para se espreguiçar, satisfeita por Nina não estar ali para a mandar deixar de se comportar como uma louca em

público. Não que houvesse muita gente por ali naquele fim de tarde. A maior parte das pessoas estava a ir-se embora, carregando cadeiras e geleiras para ir para casa.

Passaram quatro nadadores-salvadores, que pareciam um anúncio das Marés Vivas, apesar dos feios calções de banho cor de laranja a que os obrigava o regulamento. Um belo rapaz negro, com um estômago que mais parecia uma tábua de lavar, trazia postos uns brincos de prata iguaizinhos aos de Joyce. Eu vejo-os, pensou, mas para eles é como se eu fosse mais uma gaivota. Os pássaros estavam ocupados a limpar um monte de fritos de milho, gritando e batendo as asas uns aos outros.

- Ora, vê se tens juízo - disse Joyce baixinho.

Ergueu os olhos para o horizonte e respirou fundo. Adorava aquele pedaço de costa, que ia de Salt Island até à fortaleza de granito de Bass Rocks. Algo na forma como a praia abraçava o céu soltava-a. Inspirava-a a pensar na direcção da sua vida e levava-a a pensar se acreditava em Deus... ou em Algo. Pensava muitas vezes no pai quando estava em Good Harbor... ele amara o oceano, especialmente quando fazia vento forte e as vagas rebentavam sonoramente.

94 1 ANITA DIAMANT

Uma adoradora do sol retardatária, de biquíni e sandálias de cunha alta, passou por ela a achinelar sobre as placas de madeira gasta da ponte. Joyce olhou-a por cima do ombro.

Sorriu para si própria e da forma como facilmente se distraía das suas ruminções cósmicas. Aquela senhora teria uns 65 anos, nem menos um dia, mas pelo menos ficava bem num fato-de-banho reduzido.

O mesmo não poderia ser dito das mulheres verdadeiramente elefantinas que Joyce vira por ali exibindo-se, andando de um lado para o outro, quase nuas. Seriam elas indiferentes ao seu aspecto ou intencionalmente provocadoras? Não sabia se havia de desviar o olhar ou se devia aplaudir.

Olhar para as pessoas na praia era um dos maiores prazeres de Joyce. Ocorria-

lhe um número infindável de questões e de histórias. Como conseguiriam os casais de 60 e tal anos, de mãos dadas e muito juntos, manter viva a chama? Ou seriam recém-casados que se tinham descoberto depois de enterrar os esposos de uma vida inteira e que tinham acabado por detestar?

Os casais de lésbicas que usavam calções de caqui a condizer seriam raparigas locais ou turistas do Midwest? O homem de meias pretas seria um imigrante recente de um país sem mar ou um espião desajeitado?

Joyce também se considerava uma especialista em camisolas de algodão. Tal como uma observadora de pássaros, mantinha uma lista de extravagâncias preferidas: «Quando as coisas ficam duras, os duros arranjam fita isoladora.» «Para onde estás a olhar?» «Aquela que deve ser obedecida.»

E as tatuagens. Em tempos reservadas unicamente aos veteranos de guerra, tinham sido apropriadas por machões e raparigas bonitas e por uma imprevisível miscelânea de homens e mulheres de meia-idade. Mas a partir de agora fá-la-iam pensar nas tatuagens de Kathleen. A marca de Uma-Em-Cada-Oito.

Joyce abraçou-se a si própria até sentir as articulações estalarem agradavelmente. Era livre. No dia anterior enviara o último dos artigos para as revistas. Mario deixara-lhe uma mensagem

95 a praia de Good Harbor

pedindo notícias da sequência de Magnolia, mas ela não respondera ao telefonema. Queria tentar um romance a sério.

Queria dedicar-lhe, pelo menos, o Verão.

O Frank por esta altura estaria no supermercado, comprando comida para o fim-de-semana e mantimentos para o resto do Verão. Era a primeira vez que ficavam na casa, os três, o primeiro fim-de-semana da Primavera sem um torneio de futebol.

Quando vinham a caminho, Frank pigarreara e anunciara, numa voz corajosa, que iria ser treinador-assistente da equipa de Nina na época seguinte.

- Não te preocupes, querida - dissera por cima do ombro a Nina tentando adiar o

inevitável comentário mordaz -, não te vou dar ordens. Acho que a minha tarefa vai ser organizar os calendários. O Tom diz que é tão complicado que precisam de uma folha de cálculo. É aí que eu entro.

Nina ficou carrancuda, ligou o Walkman, e começou a cantar ao mesmo tempo da cantora, que eles não ouviam, um lamento de uma mulher apaixonada. No Verão anterior, tinha cantado a canção pateta que a família costumava entoar no carro. «Fomos todos ao barbeiro, para ficar com bom aspecto em Good Harbor. Não viramos a estibordo até chegarmos a Good Harboun» Repetira a canção até Joyce, cansada, lhe dizer:

- Já chega!

Naquele ano tinham tido de subornar Nina com a promessa de CD novos para a convencer a vir.

- No que está a pensar? - perguntou Kathleen, que apareceu subitamente ao lado de Joyce.

- Estava a pensar em Nina. Fiquei muito contente por ter ligado.

- E eu fico satisfeita por ter podido vir hoje. Quer caminhar?
São ordens do médico.

- Um médico esperto.

- Não quero falar sobre o meu tratamento - disse Kathleen tentando fazer com que as palavras saíssem descontraidamente e sem aspereza. - Seja como for, ainda nem sequer começou. Fui lá só para me tirarem as medidas e me fazerem as marcas.

96 1 ANITA DIAMANT

- As tatuagens, não é? Foi horrendo?

- Sim. Mas também não quero falar sobre isso. Fale-me de si.

Deixaram os sapatos ao pé dos latões verdes para o lixo no fim da ponte e dirigiram-se ao areal junto à rebentação. A última maré esculpira a praia num padrão ondulante de pequenas dunas que pareciam ameias; cada uma retinha uma pequena poça de água quente que reflectia um Pedaco do céu.

Um par de gaivotas passou por cima das suas cabeças e rasou a linha da rebentação até encontrar um local do seu agrado onde começou a andar, como sempre, em busca de comida.

- A maré está a subir ou a baixar? - perguntou Joyce.

- A baixar - disse Kathleen.

- Neste ponto não se nota nada a diferença, a pessoa tem de estar muito ligada a estas coisas para perceber.

Kathleen riu-se e disselhe que a única razão por que sabia era por Buddy lho ter dito. Virou-se para falar com Joyce.

Havia novidades? Como ia a casa? Estava a escrever? O que ia fazer para o jantar?

- Não faço ideia do que iremos comer - respondeu Joyce.

- Vou pintar a cozinha com uma cor muito estranha. Não estou a escrever absolutamente nada. Mas têm acontecido coisas muito estranhas com a minha Virgem Maria.

- Com a sua quê?

- Ainda não lhe falei dela?

Joyce descreveu a estátua: a sua altura surpreendente, as pregas pormenorizadas; do véu, a forma como as suas mãos estendidas pareciam incentivar as flores para que crescessem. Frank andara demasiado ocupado para vir até lá e se livrarem dela. Esta era a primeira vez que vinha a Gloucester desde o fim-de-semana em que se tinham encontrado no templo.

Durante esse período, a Virgem tecera o seu mistério.

- Umas semanas atrás brotou-lhe uma coroa de flores na cabeça.
Depois houve alguém que deixou um vaso com malmequeres aos seus pés. Por isso achei que era melhor eu própria tentar tirá-la dali.
Escavei um pouco em torno da estátua, mas o cimento
A PRAIA DE GoOd HARBOR 1 97

está bastante enterrado no chão, muito mais fundo do que seria possível alcançar com uma pá.

Vamos ter de contratar alguém para a tirar dali.

«Hoje encontrei um ramo de lilases aos seus pés. Já estou a pensar se temos entre mãos um santuário local.»

Joyce não se sentia à vontade para perguntar aos vizinhos o que deveria fazer com a estátua. Não conseguiu sequer arranjar coragem para perguntar às pessoas que viviam na casa ao lado, apesar de lhe sorrirem sempre e dizerem olá quando iam passear o golden retriever.

- Por isso, como é que me hei-de ver livre da Mãe de Deus sem chatear o quarteirão inteiro ou provocar um pogrom?

Kathleen riu-se. O som deu imenso prazer a Joyce.

- Acho que o melhor é chamar um padre - disse Kathleen.

- Não preciso de um exorcismo, pois não? - disse Joyce com horror fingido. - A cabeça dela não roda sobre os ombros nem nada do género.

Oh, não. Acho é que é capaz de precisar de ajuda para tirar dali a AVM com todo o respeito.

- A AVM?

- Abençoada Virgem Maria - disse Kathleen. - Tente o padre de Santa Rita.

- Sempre me interroguei acerca da Santa Rita. É a santa patrona das criadas de

mesa, das acompanhantes, ou quê?
Kathleen riu-se outra vez.

- Há um milhão de santos de quem nem sequer ouvi falar, mas tenho quase a certeza de que a Santa Rita é a patrona dos problemas matrimoniais.

- Está a brincar.

- Não, acho mesmo que é. Quem quer que ela tenha sido, a Igreja de Santa Rita fica perto da sua casa, por isso, essa é a melhor paróquia para contactar o padre.

«Devastação», em russo. A expressão aparece pela primeira vez em 1871 num motim antijudaico em Odessa. (N. da T)

98 1 ANITA DIAMANT

- Muito bem. Vou telefonar-lhe.

Kathleen parou e olhou para o mar. Protegeu os olhos com a mão direita e depois apontou para o horizonte.

- Aquele está fora até tarde.

- Aquele?

- O barco à vela.

Joyce procurou o barco. A vela do tamanho da unha de um polegar parecia estar presa ao céu, como se fosse um pedaço de papel num placar azul-claro.

- Que dia - disse Kathleen olhando para o longe.

No silêncio que se fez, Joyce pensou se Kathleen estaria a pensar no cancro. Queria muito ser uma amiga verdadeira, uma confidente.

- Padre Sherry! - disse Kathleen de repente.
O quê?

É o nome do padre de Santa Rita. Conheci-o no ano passado numa coisa qualquer da escola. Lembro-me de ter pensado que ele tinha um nome engraçado. Padre Sherry. Fez-me pensar no padre do Going My Way que estava sempre a tomar uma bebida com fins medicinais.
Não que este homem tenha alguma coisa a ver com o Barry Fitzgerald.

«O padre Sherry tem quarenta e muitos anos e é um homem grande. E pertence a um clube de mergulho. Vi-o uma vez em Foily Cove com um fato de mergulho. Pensei que era muito engraçado... um padre mergulhador.»

- E tinha o colarinho clerical ou não? - perguntou Joyce.
- Telefone ao padre Sherry. Ele saberá o que fazer.

Tinham chegado ao fim da praia onde o banco de areia, na direcção de Salt Island, estava completamente a descoberto.

- Sabe, em todos os anos que aqui venho, nunca fui lá acima - disse Joyce apontando para o topo da ilha.

- Não há lá nada a não ser a paisagem. É uma sensação de realização - disse Kathleen. -
Costumava ir lá com os rapazes.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 99

Eles detestavam porque eu obrigava-os a calçar sapatos e meias e a vestir calças. Mas nunca se picaram nas urtigas quando foram comigo. Um dia destes levo-a lá.

- Isso seria óptimo.
- Quer ir lá agora?

- Tenho de ir para casa - Joyce suspirou. - O Frank está a cozinhar.

Viraram-se para regressar.

- Fico sempre espantada ao ver como esta praia é grande - disse Joyce. - Da ponte, a distância não parece grande, mas quando se chega aqui, parece que a distância duplica. É como se fossem dois locais totalmente diferentes.

- A Rachel Carson tem uns versos muito belos acerca da natureza dúplice da costa - disse Kathleen.

- Silent Spring?

- Não. Era num livro sobre o oceano. Ela diz que a costa é, vamos lá ver se me recordo, um local de inquietação, de naturezas dúplices. É seca e molhada. Velha como a Terra, mas nunca exactamente a mesma de uma maré para a outra. Como as pessoas - disse Joyce.

Acha que as pessoas não são as mesmas de um dia para o outro?

- Bem, biologicamente não são. Não somos. Quer dizer, somos feitos de água e essa flui continuamente. Não acha que era isso o que ela queria dizer?

- Acho que sim - disse Kathleen. - Acha que as pessoas têm uma natureza dupla?

- Quer dizer boa e má? Não sou assim tão filosófica - disse Joyce fazendo uma pausa. - Mas todos vivemos e morremos simultaneamente. As células dividem-se, produzindo mais células, livrando-se das velhas. - Calou-se, com medo de ter sido inconveniente.

Ficaram em silêncio e apressaram um pouco o passo. Um corredor aproximou-se e passou por elas, acenando.

100 1 ANITA DIAMANT

- Acho que hoje vamos comer peixe - disse Kathleen. -

O Buddy pescou finalmente qualquer coisa suficientemente grande para comer.

- Quem é que arranja o peixe?

- Ele. E cozinha-o, também.

- O Frank também gosta de cozinhar.

- Fale-me do Frank - disse Kathleen. - E que raio de nome é esse, Frank, para um bom rapaz judeu?

- Na certidão de nascimento vem Franklin, em honra de FDR'.

O Partido Democrático era a verdadeira religião da família dele.

- E como é que se conheceram?

- Numa festa. Gostei da forma como ele dançava. E depois gostei da forma como dançávamos juntos.

- Parece muito romântico - disse Kathleen. - Eu também conheci o Buddy num baile. Mas ele não dançava e eu também não. Demos um com o outro ali, encravados.

- Isso também é bastante romântico. E já que falou nisso, então e o seu nome, Kaffileen Levine?

- O nome completo é Kathleen Mary Elizabeth McCormack Levine. Converti-me antes de casar com o Buddy.

- A sua família não se importou?

- Não - disse Kathleen lembrando-se das rosas que Pat lhe enviara. - Aceitaram bem, mesmo a minha irmã, a Irmã. Não lhe contei que a minha irmã era freira?

- Não. Vocês dão-se bem?

- A Pat morreu de cancro da mama.

- Oh, meu Deus.

- O meu cancro é de outra espécie, como os meus médicos não param de me recordar. - Kathleen descreveu resumidamente o diagnóstico e o tratamento.

Franklin Delano Roosevelt - presidente americano. (N. da T)
A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 101

- Parece que vai ficar boa.

- Não é uma sentença de morte. Nem sequer vou ficar sem cabelo.

- O seu cabelo é lindo - disse Joyce.

- Obrigada. Ainda tenho muita vaidade nele. E queria agradecer-lhe o que me disse no outro dia.

- O que é que eu disse?

- Sobre não permitir que ninguém tentasse convencer-me de que isto não era uma provação.

- Oli. Refere-se a ser uma porra.

- Tem muito jeito para as palavras. Deve ser por isso que é escritora profissional - disse Kathleen. - O médico radiologista aconselhou-me a fazer caminhadas ao pé do mar durante os tratamentos. Foi a única parte decente daquele dia horrível.

- Não consigo sequer imaginar aquilo por que está a passar disse Joyce.

- Considere-se abençoada por isso.

Na ponte, detiveram-se para se debruçar no parapeito com os cotovelos quase a tocarem-se, a olhar para o leito do rio, a areia molhada aguardando o regresso da maré.

- às vezes parece-me que consigo ouvir a diferença - disse Joyce. - Quando a maré está a descer, os seixos são arrastados. Por isso o som é ligeiramente mais ténue quando a maré sobe.

Kathleen pôs a cabeça de lado para escutar e concordou. Joyce pediu a Kathleen que lhe desse boleia para casa e, quando ia a entrar no carro, Kathleen disse:

- Da próxima vez, vai ter que me contar tudo sobre a sua investigação para o Coração de Magnolia.

- Oh, meu Deus. Como é que descobriu?

- Nunca subestime os poderes de uma bibliotecária na era da Internet.

- Andou a investigar-me?

102 1 ANITA DIAMANT

- Comprei ontem o livro.

Joyce cobriu o rosto com as mãos.

- Por favor arranque a capa, está bem?

- As calças que ele tem vestidas são qualquer coisa.

- Reparou?

- Eles tiraram-me um bocado da mama. Os meus olhos estão óptimos. Para a próxima capa, podiam tirar uma fotografia do meu radiologista.

- Conte.

Kathleen tentou fazer justiça à extraordinária beleza do Dr. Singh durante a curta viagem até à casa dos Tabachniks. Quando chegaram, Joyce apontou para a estátua e disse:

- Deixe-me apresentá-la.

Ficaram uma de cada lado de Maria, em silêncio. Kathleen curvou-se para apanhar a coroa de flores de plástico que caíra no chão.

- A minha irmã não gostava deste género de coisas: as coroas, as procissões de Maio, isso tudo.

Dizia que transformavam Maria numa espécie de vencedora de concursos de beleza. Pat achava que ela era muito dura, uma alma destemida. Mas eu acho que Pat é que era destemida.

Projectava-se na Mãe Abençoada.

Joyce não soube o que dizer.

- Os judeus sabem muito pouco acerca de Maria. Ou até mesmo de Jesus. Como é que o conseguimos, vivendo nesta cultura?

- Não sei - disse Kathleen. - Medo? Defesa?

Joyce tentou olhar para a estátua sem se sentir defensiva.

O meio sorriso no rosto da Virgem era pensativo. As costas erectas, cabeça inclinada para a direita, parecia estar à escuta. Tinha as mãos estendidas num ângulo intencional, como uma bailarina, com os dedos estendidos, convidando-nos a aproximarmo-nos. Era um gesto de boas-vindas que parecia simultaneamente formal e genuíno. Bela linguagem corporal. Suave e imóvel. Atenta. A mãe que todos desejamos.

- Ela aparece sempre jovem, não é? - disse Joyce.

- O quê? - Kathleen estava a pensar na forma como Pat rezara sobre o corpo de Danny quando o ventilador tinha sido desligado. -As estátuas de Maria são sempre da juventude, não é? Queixo firme, sem rugas, nem arrependimentos.

- Sem arrependimentos - repetiu Kathleen. - Nunca tinha pensado nisso. Talvez seja por isso que já não sou católica. Joyce não fazia ideia do que Kathleen queria dizer, mas não lhe pediu que explicasse. Parecia uma pergunta demasiado pessoal... como se lhe pedisse para ver as tatuagens no seu peito.

Separaram-se com a promessa de novas caminhadas.

Pelo espelho retrovisor, Kathleen viu Joyce dizer-lhe adeus.
Parece triste, pensou Kathleen.
Telefone-lhe amanhã.

104

KATHLEEN SENTOU-SE no alpendre e contou sete vasos com plantas.
Suponho que esta é uma das vantagens de envelhecer, pensou. Toda a gente sabe qual é a nossa planta favorita.

Buddy trouxera duas plantas enormes do supermercado, Hal enviara uma, Madge Feeney recolhera dinheiro e mandara outra em nome dos colegas, o director mandara outra por sua iniciativa. Louisa, a vizinha do lado, deixara-lhe a sua ao pé da porta com um envelope que continha três charros de erva e um recado que dizia, «Está provado que estimula o apetite.» Jeanette enviara-lhe as flores da Florida com um postal que dizia apenas, «Põe-te boa depressa.»

Kathleen decidiu que plantaria todas as plantas num só talhão junto ao pedregulho de granito no jardim da frente. Fariam uma bela mancha magenta viva no único local onde não plantara lilases.
Mas não o faria já.

Recostou-se na cadeira, pôs os pés para cima e fechou os olhos, sentindo o calor

na testa, no nariz e nos braços. Kathleen nunca gostara muito de banhos de sol, mas sabia que assim que começasse a radioterapia evitaria o sol, se bem que ninguém na clínica lhe tivesse dito para tomar precauções extraordinárias.

- Estou a pensar em jardinar ao luar e em ir às compras à meia-noite - dissera a Hal e a Jack que tinham começado a telefonar todas as noites.

A PRAIA DE Good HARBOR 105

Deixou-se estar por uns minutos a aproveitar a manhã dourada e a saborear o cheiro do adubo fresco.

O livro escorregou-lhe do colo e caiu com estrondo. Kathleen sentia-se nervosa com a perspectiva de iniciar o Coração de Magnolia e lamentou ter dito a Joyce que sabia quem era Cleo Lehigh. E se fosse muito mau? Conseguiria mentir convincentemente se fosse necessário?

Conseguiria ser amiga da escritora de um mau livro? E se não fosse, que tipo de pessoa era?

Quando estendeu a mão para apanhar o livro, o telefone tocou. Salva, pensou, levantando-se de um salto.

Uma voz familiar apresentou-se como sendo Michelle Hertz e Kathleen tentou visualizar um rosto.

- Descobri que vivemos praticamente no mesmo bairro e pensei se lhe apeteceria ter companhia.

Kathleen lembrou-se subitamente da jovem rabi.

- Oh, se não der jeito agora... - disse a rabi.

- Não, claro que não. Por favor - insistiu Kathleen. - Venha beber um chá gelado comigo.

A rabi Hertz disse que estaria lá em poucos minutos.

- E não se rale. Não me demoro e prometo que não vou rezar nem nada do género.

Kathleen lavou os pratos do pequeno-almoço. Limpou as bancadas, tirou dois copos altos, fatiou uma laranja e tirou duas folhas de hortelã de um vaso que estava em cima do parapeito da janela.

Seria aquilo uma visita pastoral? A única outra vez em que um rabi a visitara em casa fora depois da morte de Danny.

Olhando para ver se a sala estava arrumada, reparou no Coração de Magnolia em cima de uma cadeira. Perdoa-me, Joyce, pensou enquanto o escondia por baixo de uma pilha de revistas.

Suponho que sou incorrigivelmente convencional, mas não quero que a rabi me veja como uma velha senhora fogosa.

A campainha tocou pouco depois.

- Vê? Estou mesmo aqui no bairro - disse Michelle agarrando em ambas as mãos de Kathleen.

Trazia vestido uma elegante

106 1 ANITA DIAMANT

camisa de caqui e sandálias pretas que deixavam ver as unhas pintadas de carmim. - Não me apercebera que o incrível jardim de pedras era seu.

Kathleen levou-a para dentro de casa - uma casa com trinta anos, em dois níveis, mobilada com grandes cadeiras confortáveis e antiguidades locais. A rabi abrandou para olhar para as fotografias de família que cobriam as paredes do átrio, mas Kathleen continuou a andar, desejosa de exhibir a parte mais bela da sua casa. As portas de correr da cozinha davam para um alpendre relativamente recente de madeira vermelha que dava para um quintal escarpado. As flores desabrochavam em redor dos pedregulhos de granito, formando ângulos estranhos na colina.

- Isto é espectacular - disse Michelle. - E as rochas parecem esculturas, não é? Que flor é aquela, azul-forte?

- Lobélias.

- E as amarelas?

- Alíssonos. Mas tem de cá vir quando os lilases estiverem em flor. Tudo isto parece ganhar vida.

- Não tem vegetais?

- Uns quantos tomateiros, um pouco de manjerição e salsa.

Kathleen levou a rabi para dentro, na direcção da mesa, que estava posta com chá gelado e biscoitos.

- Não queria dar-lhe trabalho.

- E não deu. - Kathleen sentiu que o seu cancro ocupava uma das cadeiras vazias. Detestava a forma como o seu espírito funcionava hoje em dia.

- Ah - disse a rabi depois de beber um grande golo. - Está perfeito. O que é que pôs? Hortelã?

Kathleen assentiu.

- Sou eu que a planto. Embora, na verdade, ela cresça sozinha.

- É bom. - Depois de tomar mais um golo, Michelle pousou o copo, respirou fundo e inclinou-se para a frente. - Mas devo confessar que a minha visita tem outras razões.

A PRAIA DE GoOD HARBOR 107

- O que é, rabi? - disse Kathleen sorrindo da leveza com que o título assentava

naquela mulher com idade para ser sua filha.

- É por causa da biblioteca do templo.

Kathleen franziu o sobrolho.

- Mas o templo não tem uma biblioteca.

- Exactamente. É uma pena, não acha?

- Bem, sim. Tentámos montar uma, mas, oli, isso foi há séculos.

- Eu sei. Estive a ler as actas antigas da direcção; a senhora estava nessa comissão.

- Andou a ler as actas do princípio dos anos 70? Deve ser muito aborrecido.

- Ficaria espantada com a quantidade de história que se consegue descobrir a partir das actas e dos boletins antigos.

Sou nova na cidade. Tenho muito que aprender.

Kathleen pensou se esta seria a forma de a rabi lhe dizer que sabia do Danny. Era muito estranho encontrar pessoas, conhecê-las durante anos sem que elas fizessem ideia da morte do seu segundo filho. Nunca falava dele. Nem mesmo a Buddy...

especialmente não com Buddy que não conseguia ouvir o nome de Danny.

Pensava em Danny todos os dias. No jardim. Na praia. Na escola, quando uma das crianças do jardim-infantil se ria como ele costumava rir. Pensaria Buddy nele da mesma maneira ou isso seria coisa de mãe?

Michelle Hertz deixou que o silêncio se prolongasse uns instantes olhando para as flores envasadas no alpendre.

- A propósito, disse a oração em sua intenção. Só usei o seu nome hebraico; também consta dos registos. O rabi Flacks conservou tudo. Se mo permitir,

continuarei a fazer a oração durante o Verão.

Kathleen olhou para o copo.

- Sei que sou nova - disse Michelle suavemente -, mas conheço bem a doença. Diga-me se a posso ajudar ou se há alguma

108 ANITA DIAMANT

coisa que a congregação possa fazer. E refiro-me a tudo, desde vir cá trazer comida até levá-la a consultas ou simplesmente vir dizer olá. Está bem?

- É simpático da sua parte. Mas pelo que me disseram, a radioterapia não é muito debilitante. E isso é tudo o que tenho que fazer por agora.

- Bem, se precisar de alguma coisa, estamos cá para a ajudar.

- Michelle pegou numa bolacha, partiu-a ao meio e pousou-a novamente. - E se se sentir capaz disso, queria pedir-lhe que me ajudasse a fazer uma biblioteca para o templo.

Kathleen ficou sobressaltada. Abanou a cabeça, prestes a desculpar-se, mas a rabi falou primeiro.

-Acabo de receber um donativo de cinco mil dólares especificamente para a biblioteca. É imenso dinheiro para uma colecção que, hoje, inclui cerca de cem livros quase todos eles ultrapassados, com lombadas quebradas e páginas rasgadas. Gostava de fazer um anúncio em grande, chamar os jornais, o esquema completo, Mas não quero fazê-lo até ter uma comissão nomeada. Visto que é a única bibliotecária profissional da congregação, é uma escolha natural.

Kathleen apertou os lábios e tentou não deixar transparecer a irritação.

- Seria a presidente oficial mas não haveria reuniões, prometo, nem teria de carregar pesos, prometo também. Tenho um grupo de jovens mães que se ofereceram para carregar as prateleiras e compor os livros e coisas do género. Há um par de empreiteiros no templo que concordaram em construir as estantes

novas. Preciso de ajuda para a secção infantil. Posso sugerir uma série de títulos para a secção dos adultos, mas não sei quase nada de livros infantis. Espero um dia vir a saber - Michelle encolheu os ombros mas ainda não sei.

«Sei que há montes de livros judaicos novos para crianças e gostava de me certificar de que teríamos os melhores. O doador, na verdade, estipulou que um quarto do donativo fosse para a secção infantil. Que me diz?

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 109

Kathleen estava aborrecida. Pensava que ia receber uma simpática visita pastoral da rabi e na verdade estava a ser recrutada para um trabalho bastante exigente. No entanto não sabia nada de livros judaicos para crianças embora, como era evidente, pudesse aprender e soubesse reconhecer a qualidade.

Kathleen apercebeu-se também de que se sentia lísonjeada.
- Foi simpático ter-se lembrado de mim. Só não tenho a certeza de conseguir fazê-lo.

A rabi pôs a mão no braço de Kathleen e disse baixinho:
- Passei por isto com a minha mãe. E embora não parta do princípio de como vai ser para si, o meu palpite é de que vai conseguir ler alguma coisa. Tudo o que lhe estou a pedir é que veja aquilo que temos e que nos ajude com a lista dos títulos a adquirir. Arranjo-lhe uns catálogos e podia procurar na Net, talvez ir a uma livraria ou a uma das bibliotecas de um templo dos grandes. Posso até arranjar alguém que a conduza, se quiser.

«Preciso mesmo que isto aconteça. Estou a tentar fazer renascer a escola religiosa e andamos a falar em começar um pré-escolar. Mas não temos um único livro infantil que tenha sido publicado depois de 1975.

- Isso é tremendo - disse Kathleen sentindo-se profissionalmente ofendida. - Ninguém comprou nada desde essa data?

- Se compraram, os livros há muito que desapareceram -

Michelle olhou para o relógio da cozinha. -

Mas tenho de ir andando. Não quero chegar atrasada ao meu primeiro encontro Inter-Religiões de Cape Ann. O Jim Sherry disse-me que ia ser bastante concorrido. Parece que toda a gente quer conhecer a primeira mulher rabi da Costa Norte.

Fixe, hem?

Kathleen acompanhou-a até à porta e agradeceu-lhe a visita.

- Não vou deixá-la escapar-se - disse a rabi. - Preciso mesmo da sua ajuda. E, o que é mais importante, o templo precisa da sua ajuda. Diga por favor que vai pensar nisso.

- Vou pensar nisso - disse Kathleen sorrindo com a veemência dela.

110 1 ANITA DIAMANT

- Adeus - disse a rabi.

- Até à próxima - disse Kathleen.

- Se Deus quiser.

- Se Deus quiser? - repetiu Kathleen baixinho fechando a porta. Que coisa horrível para se dizer.

Faz-me sentir condenada, pensou, regressando à cozinha. As cores das plantas no alpendre chamaram-lhe a atenção.

Condenada ou abençoada. Em qualquer dos casos, a rabi tinha razão. Não estava nas suas mãos.

JOYCE SENTIA-SE como se tivesse desperdiçado a primeira metade de Junho no carro, a ir e vir de treinos de futebol, jogos de futebol e jantares de futebol.

A equipa de Nina estivera à frente do campeonato durante o ano inteiro e estava agora nas provas eliminatórias, e Nina era uma parte importante desse sucesso. Era muito boa a dominar a bola, uma companheira de equipa generosa e uma jogadora aparentemente intrépida que inspirava as outras raparigas. Joyce estava

espantada com as capacidades atléticas da filha; aqueles genes tinham de vir do Frank, tal como tinham sido herdadas dele as unhas longas e as orelhas pequenas como conchas.

Joyce ia aos jogos porque Nina queria que ela fosse, especialmente agora que cada um dos jogos se revestia de tão grande importância. E Joyce sentia-se satisfeita por lá estar, especialmente durante as pausas e interrupções do jogo em que Nina procurava os seus olhos. Aqueles momentos faziam-na recordar os tempos em que a filha gritara: «Olha para mim, mamã», na piscina, ou a andar de bicicleta ou quando se pendurava de cabeça para baixo nos brinquedos dos jardins. «Mamã, olha para mim.»

Por esta altura, Joyce já compreendera a linguagem e a estratégia básica do jogo mas, mesmo assim, o futebol entediava-a de morte. Tentava distrair-se a observar o público, mas os outros pais eram demasiado previsíveis: peles brancas, calças de caqui e nem sequer uma camisola divertida no meio da multidão. E, ao contrário

112 1 ANITA DIAMANT

dela própria, pareciam genuinamente interessados no que se passava em campo.

- Por fora, posso parecer uma mãe de futebolista - confessou pelo telefone a Kathleen certa noite depois de um jogo. - Mas por dentro, o que eu quero realmente é que a minha filha pegue num livro e o leia de livre vontade. Não me interprete mal, tenho muito orgulho na Nina. Mas tenho mesmo inveja dos pais cujos filhos adoram o xadrez ou a dança ou o teatro. Preferia ver dezasseis sessões da Annie do que dezasseis jogos de futebol. Embora tenha a certeza que isso também aborreça.

Kathleen ficava ansiosa pelos telefonemas e histórias de Joyce. Os seus dias arrastavam-se, hora após hora.

- Toda esta espera está a dar cabo de mim - dizia. - Primeiro, tive de esperar pelos resultados das análises, depois, que a cicatriz sarasse e que a escola acabasse e que o tratamento começasse. Mal consigo ficar sentada o tempo suficiente para ler o jornal.

O meu jardim, contudo, está a ajudar-me a conservar o juízo.
Se não tivesse que arrancar ervas daninhas e regar, já me tinha atirado da Ponte
A. Piatt Andrew.

- Oli, não pode fazer isso - ralhou Joyce. - Prometeu que me levava à Salt Island.
- Adorava sentir a voz de Kathleen a ficar mais descontraída ao longo das suas
conversas.

Quando Kathleen começou a radioterapia, Joyce enviou-lhe pelo correio um
lançador de raios metálico, de brincar, que comprara num bazar. Kathleen
respondeu com um postal da Three Mile Island. Sempre que falavam uma com a
outra, Joyce arranjava uma nova aplicação para a palavra fulminar e Kathleen
ria-se sempre.

O último dia de escola de Nina foi seguido pelo jogo decisivo do ano. Belmont
defrontava Newton que ganhara os últimos três campeonatos. Joyce e Frank
estavam lado a lado, a aplaudir, quando Nina entrou em campo.
Cumprimentaram-se e assobiaram quando ela fez a assistência para o primeiro
golo.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 113

Aquele acabou por ser o único tento de Belmont.

- Vamos a isso, Nina - gritava Frank pondo as mãos em concha.
- Força, Belmont - gritou até ficar rouco, mas Newton marcava golos uns atrás
dos outros. Joyce sentia o pescoço e os ombros a ficarem cada vez mais tensos.
Finalmente, misericordiosamente, o jogo acabou.

No regresso a casa, Nina pediu a Joyce que se sentasse com ela no banco de trás
e soluçou no seu ombro. Joyce aflagava silenciosamente o cabelo da filha,
recordando os dias em que não conseguia lidar com que Xudo ficasse bem», Mas que
podia dizer agora que não fosse completamente estúpido? Fizeste uma boa
época? Vais ganhar para o próximo ano?

Em casa, Nina afastou a mãe, fechou a porta e chorou com as colegas de equipa ao telefone. Joyce e Frank sentaram-se à mesa da cozinha, angustiados com a perda, desfeitos pelo desapontamento de Nina.

- Era muito mais fácil quando ela era pequenina - disse Frank agarrando na mão de Joyce.

Ocorreu a Joyce, mais uma vez, que toda a relação de ambos girava em torno do facto de serem pais. Menos de um ano depois de se terem casado, tinham começado a tentar ter um bebé. Após outro ano, tinham começado as avaliações e tratamentos de infertilidade, os abortos, a cirurgia e, finalmente, a gravidez de alto risco.

As enfermeiras soltavam exclamações perante a forma como Frank tratou de Joyce durante os meses que passou em repouso no hospital. E fora um herói na sala de partos, inspirando e expirando, chorando e sorrindo.

- Conserve este homem, querida - aconselhara-a a anestesista. Olhou para os dedos de Frank, entrelaçados nos dela. Eram bons pais. A Nina conseguia ser muitíssimo chata em casa, mas os professores adoravam-na e tinha amigos leais. E era assim que as coisas deviam ser, Joyce sabia-o. Nina era honesta e esperta. Cresceria e seria uma boa pessoa.

114 ANITA DIAMANT

Mas não havia dúvida que já ultrapassara o patamar que a conduziria para fora das suas vidas. O fim está próximo, e riu-se baixinho da frase melodramática.

- O que é? - perguntou Frank, sorrindo e querendo saber qual era a piada.

- Já estamos a acabar.

- O quê?

- A Nina está quase a sair pela porta.

- Ela só tem doze anos.

- Doze a caminho dos vinte. Passa tudo tão depressa. - Joyce pensou no que as mulheres do seu grupo de leitura tinham dito sobre a velocidade a que passavam os anos de escola secundária dos filhos.

- Que é que vamos fazer? Ela é o centro das nossas vidas - disse Joyce e depois, mais hesitantemente: - Que vamos fazer connosco.

Frank franziu o sobrolho.

- Joyce, por amor de Deus, ainda faltam cinco anos até ela ir para a faculdade.

- Mas não consegues ver já o fim? Ela está a mudar tão depressa.

- Estás a apressá-la. - Tirou a mão. - Ainda é uma criança e acho que a estás a deixar safar-se sempre com o argumento de que vai ser adolescente.

- Frank, ela sempre foi precoce. Começou a falar cedo. Começou a andar cedo. Ora. Não é só a atitude, é também o corpo. O peito já lhe está a crescer, ou ainda não reparaste?

Frank levantou-se.

- Acho que vou encomendar piza para o jantar.

- Estás a brincar? - gemeu Joyce.

- Preferes comida chinesa?

Joyce ficou a olhar enquanto ele foi perguntar a Nina o que queria comer. O Frank estava pior do que ela pensara, mas não tinha energia - ou talvez fosse vontade - para fazer o que quer que fosse a esse respeito.

A PrAIA DE GOOD HARBOR 1 115

Na manhã seguinte a família de Sylvie foi buscar Nina para a levar uma semana para Cape Cod.

Nina tirou o pacote de biscoitos da mão de Joyce, deu-lhe um abraço rápido e de esguelha, entrou na carrinha e não olhou para trás.

Joyce sentiu a sua disposição afundar-se. Agora já não tinha nenhuma razão para se levantar às sete, manter o frigorífico abastecido de leite e sumos, nem sequer para fazer jantar. Sem Nina em casa, o Frank trabalharia provavelmente de seguida até às nove ou dez da noite.

Tinha que fazer qualquer coisa. Imediatamente. Desligou o computador e meteu-o no carro.

Enquanto embalava umas quantas camisolas e roupa interior, telefonou a Frank.

- Vou para Gloucester.

- A Nina já foi? - perguntou Frank compreensivamente.

- Sim. Vou levar o computador.

- O portátil não está já lá?

- Detesto o teclado.

- Nunca disseste nada - disse Frank.

- Pois, bem, detesto.

- Telefonas-me depois?

- Está bem. - Joyce bateu com o telefone e entrou no carro.

Joyce estava furiosa com Frank por causa da forma como ele interrompera a conversa de ambos na noite anterior. Os problemas que sentia em relação ao desenvolvimento sexual de Nina eram, provavelmente, um caso típico de manual, mas se já não conseguiam falar de Nina, sobre o que é que falariam? Costumavam falar de música. Quando se tinham conhecido, iam a clubes de jazz. Há muito, muito tempo que não o faziam.

Chegou à casa em trinta e cinco minutos. Um recorde estúpido, pensou, um tanto assustada com o que fizera.

A casa estava abafada e com um ar triste, a sala ainda vazia com exceção da cadeira. Joyce abriu as janelas enquanto telefonava a Kathleen que atendeu ao primeiro toque, - Estou?

116 ANITA DIAMANT

- Kathleen, é a Joyce. Vim cá passar a semana. Quer ir fazer uma caminhada?

- Quanto tempo leva a chegar lá?

Estava maré cheia, o que significava que Good Harbor estava reduzido a uma faixa de areia húmida e escura junto às dunas.

Do seu posto a meio da ponte para peões, Joyce viu o nevoeiro matinal a evaporar-se em farrapos por cima do areal alagado.

Uma quantidade de mulheres passou por ela transportando chapéus-de-sol, cadeiras, geleiras, toalhas, baldes de plástico, sacos de pano, sacos de papel, sacos de plástico. As crianças corriam na frente, indiferentes às vozes das mães que se erguiam, semelhantes a gritos de pássaros:

- Tem cuidado! Espera por mim!

Uma rapariga, que não parecia ter mais de 16 anos, gritou: - Joey, vem cá - enquanto um rapazinho de 4 anos, magricela e com uma orelha furada, passava a correr. Ela pousou os sacos e a cadeira de praia para acender um cigarro. Olhou para Joyce, revirou os olhos e berrou: - Joey, vou matar-te.

Kathleen chegou, com chapéu de palha de abas largas e uma camisa branca de homem, de mangas compridas, por cima de umas calças de algodão brancas.

- Está muito elegante - disse Joyce.

- Obrigada. - Kathleen deu uma palmadinha na mão que Joyce tinha em cima do varandim.

- Posso perguntar-lhe como vai o tratamento? - disse Joyce quando começaram a andar.

- Pode perguntar. - Kathleen encolheu os ombros. - Não há muito para dizer. Não é terrível, é, oh, não sei. - Fez uma pausa.

- Estranho. Indolor. E é muito rápido. Chego lá, fulminam-me usou o termo propositadamente - e depois volto para casa.

«As radiações propriamente ditas não têm efeitos secundários.

Nada. às vezes pergunto-me se a máquina estará mesmo ligada, Como é evidente, eles dizem que não damos verdadeiramente por nada até estar quase no fim e eu comecei agora. Depois posso ficar com a pele vermelha, como se tivesse uma queimadura solar e posso até pelar. E quem sabe o que mais,

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 117

- Brrr!.

- o meu maior problema é que não durmo bem. Mas eles dizem que isso não tem nada a ver com o tratamento. É a preocupação. E

pronto, é só. - Depois Kathleen mudou abruptamente de assunto. - Então a Nina vai estar fora com uma amiga durante a semana, certo? Fale-me da vida entre os vivos.

Joyce tentou não estremecer.

- Desculpe - disse Kathleen. - Não devia ter dito isto.

- Não. Diga o que quiser.

- Não, de verdade, desculpe.

Caminharam algum tempo sem falar. Kathleen mantinha a cabeça virada na direcção da água. Por fim, Joyce disse:

- A equipa da Nina perdeu um jogo muito importante ontem à noite. Ela ficou inconsolável. Eu fiquei inconsolável. O Frank ficou inconsolável. Mas o meu pequeno e terrível segredo é que fiquei aliviada por a época de futebol ter

terminado, o que me faz sentir uma merda. Aqui estou eu, com a minha filha desfeita e eu deliciada por não ter de assistir a mais nenhum jogo até ao Outono. Quem me dera sentir de maneira diferente, mas isto é uma coisa que não me consegue entusiasmar minimamente.

- É uma idade difícil.

- Suponho que sim. Mas não paro de dizer a mim própria que ela está a ir bem na escola e que tem amigas e esse género de coisas.

- Queria dizer que é uma idade difícil para os pais - disse Kathleen.

- Lembro-me de quando o Hal tinha catorze ou quinze anos e houve um Verão em que ele só queria ver televisão. Eu dizia, porque é que não vais dar uma volta de bicicleta ou lêes um livro, como costumavas fazer, e ele dizia, Mãe, nunca mais vai ser como antes.

«Foi como se me tivesse despejado um balde de água em cima. De repente reparei nos pêlos que ele tinha nas pernas e já não era a penugem de bebé. Pêlo de homem. Levei meses a ultrapassar aquilo.

118 1 ANITA DIAMANT

- Mas eu sinto que estou a dar cabo de toda a nossa relação - disse Joyce. - Irrito-me com ela sem razão e não paro de lhe ralhar. Lava os pratos, tira os sapatos do chão, faz os trabalhos de casa, lava os dentes, põe desodorizante, desliga o telefone, vai tomar duche, arruma o quarto. Cabra, cabra, cabra, cabra, cabra. Ela começa a chorar e eu sei que me devia calar mas não paro.

«E o Frank parece ser incapaz de admitir que ela está a crescer. Ralha com ela por causa dos trabalhos de casa e por ser respondona e eu fico furiosa por ele estar a implicar com ela e discutimos por causa disso.»

- Não se preocupe, Joyce - disse Kathleen com simpatia. É só uma fase. Vão ultrapassá-la. E depois ela irá para a faculdade.

- E depois o que é que eu faço? - perguntou Joyce com a voz subitamente estrangulada.

Kathleen olhou para o mar e escolheu cuidadosamente as palavras.

- Há o trabalho. E a leitura. Novos interesses. Hobbies.
Começa-se a falar com o marido de outras coisas que não os filhos. É bom.
Nunca é o mesmo, mas é bom. E
preenche-nos bastante. Com o tempo, acaba por nos preencher totalmente. E há
muita gente que começa a ter aulas de música.
E depois, um dia, talvez tenha netos.

- A Nina tem doze anos! Não quero ver netos senão daqui a muito tempo, muito
obrigada.

- Eu há anos que estou pronta para ter netos, mas os meus filhos não parecem
estar pelos ajustes.
Entretanto, dediquei-me aos lilases. Parece afectado, mas são o amor da minha
vida. - Kathleen sorriu. - Não diga ao Buddy que eu disse isto, está bem?

Joyce ergueu a mão num «juramento de escuteiro».

- Não sabia nada de plantas até ao ano em que o Jack foi para a faculdade - disse
Kathleen. - Fui numa daquelas visitas guiadas a jardins e conheci uma mulher,
um bocado doida, na verdade, que tinha trezentas variedades de lilases num
maravilhoso jardim de pedras. Agora já tenho, oh, provavelmente, umas trinta
variedades. Ver quais deles estão a florir é uma das grandes alegrias do Verão
para mim.

A PRAIA DE Good HARBOR 1 119

Já estavam em frente do hotel vermelho que marcava o fim da praia quando a
maré estava cheia.

- Suponho que podia ter aulas de Desenho - disse Joyce.
- Se isso é uma coisa que a interesse.

- Não verdadeiramente. É uma espécie de fantasia générica. Não tenho qualquer

talento para o desenho. Além disso não resolve o meu problema com o trabalho. Não tenho a certeza de conseguir fingir o mais ínfimo dos interesses nas condições de segurança dos transportes escolares que é o meu próximo grande trabalho.

- Mas, Joyce, vai ter de voltar à Magnolia e contar o que aconteceu a seguir.

- Oh meu Deus, leu o livro! E continua a não se importar de ser vista em público comigo?

- Ora. É bom. Como é que deixaram que se safasse?

- Com o quê?

- Com as questões políticas, suponho que se pode dizer assim.

As políticas raciais. Uma mulher negra e um proprietário de terras branco não é, habitualmente, a fórmula dos romances cor-de-rosa, pois não? Não é costume o homem ser mais velho e mais experiente? Não é usual a rapariga ter de domesticar o homem?

O Jordan era tão controlado e ela era cá uma, bem, manhosa, é um termo muito politicamente incorrecto, mas, meu Deus.

- Kathleen levou a mão ao coração fingindo-se chocada. - Há ali tantas questões: a literacia, raça, segredos. O sexo é apenas uma parte. Embora as partes sexuais sejam bastante sexuais. Toda aquela pele branca e negra. Faz com que uma pessoa se ponha a pensar - disse Kathleen erguendo uma sobrancelha.

- A imaginação é um músculo maravilhoso - disse Joyce.

- A princípio, eu pensava que estava simplesmente a escrever uma coisa comercial que me permitiria comprar uma casa aqui.

Um meio para atingir um fim. Mas envolver-me muito com ela, com a Magnolia, e com a história. E com aquele período histórico. Fico satisfeita por ter reparado nas questões políticas.

120 1 ANITA DIAMANT

- Deve ter investigado muito. Onde é que encontrou os pormenores, como a forma como engomavam os espartilhos e onde iam buscar o gelo?

Uma voz aguda impediu Joyce de responder.

- Mrs. Levine. - A rapariga no cimo da torre de vigia dos nadadores -salvadores estava de pé, com o megafone na boca.

Mrs. Levine, aqui em cima. Sou eu, a Krista!

Kathleen acenou e encaminhou-se na direcção da rapariga. Joyce seguiu-a.

- Krista! Como estás? - perguntou Kathleen, segurando o chapéu enquanto erguia o olhar para a grande rapariga loira acima de ambas.

- Estou bem. E a senhora?

- Num dia bonito como este, não poderia estar senão bem, disse Kathleen alegremente. - Esta é a minha amiga, Joyce Tabachnik.

- Olá, Mrs. Tabachnik.

- Quais são os teus planos para o Outono? - perguntou Kathleen.

- Salem State.

- Oh, que bom para ti. Estou muito orgulhosa de ti.

- Bem, eu também - disse Krista timidamente.

- Diz-me como as coisas vão correndo, está bem? Até te ajudo com o trabalho de casa.

Krista riu-se.

- Sempre foi simpática comigo.

- Isso é Porque tu mereces, querida. Boa sorte. Vem visitar-nos, está bem?

Krista agarrou no megafone e respondeu: -Adeus, Mrs. Levine.

- Que linda rapariga - disse Joyce.

- Tem sorte em estar viva.

- Esteve doente?

- O padrasto costumava espancá-la. Quando era pequenina era completamente resignada. Estava totalmente convencida de

A PRAIA DE Good HARBOR 1 121

que era estúpida. E depois, na escola secundária, envolveu-se com um rapaz violento. Tive muito medo por ela.

- Manteve-se em contacto consigo?

- Costumava voltar de poucos em poucos meses para visitar a Helen Holden, a professora da terceira classe. Eu dei-lhe explicações algumas vezes, mas a Helen é que manteve verdadeiramente o contacto.

- Tenho inveja da forma como conhece as pessoas daqui.

- Em grande parte é uma coisa boa - disse Kathleen. - Embora desejasse poder entrar numa loja sem ter logo alguém a perguntar-me como vai o tratamento.

Em vez de regressarem directamente à ponte, Kathleen e Joyce foram em direcção ao mar, atravessando as águas baixas, já mornas do calor do sol.

- Vai estar um dia perfeito - disse Kathleen. - Quem me dera não ter de dormir durante a maior parte do tempo. Não adormeci até às três da manhã ontem à noite e depois acordei ainda não eram sete horas. - Joyce deu-lhe o braço enquanto regressavam à ponte.

- Então é o que é que se passa com a Santa Mãe em sua casa?
Joyce nem sequer olhara para Maria quando chegara, mas prometeu, mais uma vez, que telefonaria ao padre Sherry para se «ver livre de Sua Santidade».

Kathleen riu-se da frase.

- Tem tempo para um passeio amanhã?

- Esta semana o que não me falta é tempo. Vou ficar cá até a Nina regressar de Hyannis.

Quando Kathleen chegou a casa, ouviu a mensagem ofegante no atendedor.

- Oh, meu Deus, Kathleen, alguém pintou a Maria. Está completamente branca e brilhante. Muito brilhante! Cristo, quero dizer, oh, merda. E há mais flores. Kathleen, acho que tenho um verdadeiro Santuário de Lourdes no meu jardim.

122 Anita Diamant

KATHLEEN SENTOU-SE na cama com a fina camisa de algodão encharcada em suor, a almofada húmida e o coração aos pulos. O relógio digital brilhava no escuro: 3: 10. Buddy soltou um gemido baixinho e virou-se quando ela saiu do quarto, Agarrada à borda do lava-loiça, ficou a olhar para o quintal às escuras tentando acalmar-se. Já passara muito tempo desde o seu último pesadelo com Pat e este fora diferente. No velho sonho, a irmã jazia dentro de uma urna de metal a chorar baixinho. Mas naquela noite era Kathleen quem estava dentro do caixão, aos murros à tampa de ripas de madeira por cima de si. Danny estava com ela. Estava morto, mas já não era um bebé, era um rapaz com pernas compridas e braços longos apertados em torno do seu pescoço. Ouvia a voz calmante de Pat que repetia a frase, «Está tudo tratado.» Kathleen acordara prestes a gritar.

Pat tivera a certeza da vida após a morte. Costumava falar de Danny no céu como se ele estivesse num quarto no andar de cima. Mesmo quando estava a morrer, tinha mantido a fé. O rabi Flacks ficara com Buddy e Kathleen e chorara

com eles. Mas nunca mais voltara a mencionar o seu filho.

Molhou a cara com água fria e foi até ao alpendre. A madeira estava fresca e parecia viva sob os seus pés nus. Se o Buddy soubesse, ralhar-lhe-ia por causa das farpas. Transformara-se numa verdadeira mãe galinha desde que os rapazes tinham saído de casa.

A PRAIA DE Good HARBOR 1 123

às vezes gostava dos cuidados ternos que ele lhe dedicava, mas outras vezes aquilo enervava-a.

Um rio de estrelas coaguladas enchia o céu desprovido de lua.
Meu Deus - murmurou Kathleen, baixando as costas da cadeira.
Passados instantes apercebeu-se de que assumira a mesma posição em que se deitava todos os dias por baixo da máquina, só que tinha o braço esquerdo dobrado por cima da cabeça e não havia apoios para a cabeça nem para o braço a impedir-lhe os movimentos. Esticou o braço e torceu o torso, só porque podia fazê-lo.

As técnicas eram simpáticas. O facto de Rachel estar grávida parecia não preocupar ninguém a não ser a própria Kathleen.
- Eu nem sequer estou dentro da sala quando a máquina está ligada, Mrs. Levine
- explicara ela com doçura, mas Kathleen preocupava-se com o bebé.

Engraçada a forma como me envolvi tão depressa na vida delas.
Elas provavelmente têm de consultar a minha ficha para se lembrarem do meu nome, mas eu vou lembrar-me sempre delas.
As mãos da Terry são frescas. As da Rachel são quentes, provavelmente por ela estar grávida ou se calhar tem sempre esse tipo de metabolismo. O namorado da Terry é enfermeiro. O marido da Rachel trabalha na Wildlife and Fisheries. A Terry adora chocolate. A Rachel bebe Coca-Cola de dieta o que não deve fazer bem nenhum ao bebé.

Kathleen deixou que a mão procurasse a cicatriz, sentindo a protuberância através da camisa de dormir. A Terry dissera-lhe que era bom ter os seios

pequenos. Nas mulheres com seios maiores estes descaíam o que tornava mais difícil afinar a máquina com exactidão.

Melhor e pior, com sorte e sem sorte. Novas definições. Depois do primeiro dia, a máquina das radiações em si própria deixara de a incomodar. Uma criança doente dissera certa vez que se assemelhava a um dragão e, desde então, as técnicas tinham começado a chamar-lhe Ptiff.

Brincavam com a ideia de pintarem um focinho na cabeça amovível, de porem braços no corpo da

124 1 ANITA DIAMANT

máquina e uma cauda na base. Kathleen assobiava a melodia de Puff the Magie Dragon enquanto se deitava na marquesa e esperava. Terry e Rachel cantavam com ela e continuavam a cantar quando iam para a sala de controlo.

Conversavam com ela pelo intercomunicador, preenchendo todos os momentos em que estava sozinha na sala de tratamento, só se calando quando Puff virava a cabeça para a fulminar de outro ângulo.

Rachel perguntava:

- Preparada, Mrs Levine? - antes de deixar voar a dose seguinte. - A Mrs. Levine está preparada - respondia ela sóbria ou alegremente, dependendo do número de horas de sono da noite anterior ou da quantidade de acidentes que vira no caminho. Kathleen já não percebia as suas mudanças de humor.

O vento virou e o aroma das rosas da praia atingiu-a. Era um aroma doce, embora a fizesse sempre sentir-se melancólica.

Fechou os olhos para se concentrar no cheiro que ia e vinha com a brisa. Luz de estrelas e rosas. Que sortuda que sou.

Acordou com Buddy sentado a seu lado de cenho franzido. Tinha uma manta de algodão a tapar-lhe os pés e entalada por baixo do queixo.

- Que horas são? - perguntou, confundida pela luz ténue.

- Cinco e meia. Devias ter-me acordado.

- Oh, Buddy. Para quê? Para que serve ficares exausto o dia todo?

- Eu só quero fazer qualquer coisa por ti, Kath.

- Bem, então arranja-me um café - disse ela bocejando.

As nuvens estavam baixas e cheirava a chuva. Hoje não ia haver caminhada, pensou. O Buddy trouxe duas canecas.

- E se eu te levar hoje ao tratamento? O Miguel pode abrir a loja. Podíamos ir tomar o pequeno-almoço a seguir?

Kathleen olhou para ele. Estava a pedir-lhe qualquer coisa.

- Que foi, Buddy? Que se passa?

Ele encolheu os ombros.

- Não sei. Quero ajudar-te. Qualquer coisa. Mas não há nada para fazer. Estás tão calada.

Tenho saudades tuas.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 125

- Tenho andado preocupada.

- Claro - disse Buddy, apressando-se a desculpar-se. - Não sei o que quero dizer.

Claro, porque não me levas hoje? E depois podemos ir comer ao Spar. Já há muito tempo que não como panquecas de mirtilho.

Buddy pegou-lhe na mão e beijou-a. Ela agarrou-lhe na mão, fez força e levantou-se.

- Não quero morrer, Buddy. - Pôs a cabeça no peito dele. Sei que este cancro provavelmente não me matará. Mas passo o tempo a pensar na morte. Sonho

com isso. Que achas? Achas que vou ver a Pat do outro lado ou fico para sempre ali deitada debaixo da terra?

Buddy tirou-lhe a caneca da mão e pousou-a suavemente. Era um gesto muito cinematográfico e Kathleen quase se riu. Buddy envolveu-a nos braços e puxou-a para si.

- Acho que quem está morto está morto - disse baixinho junto ao seu ouvido. - Mas não é muito mau. Penso nisso como seguir. Seguir todos os outros.

- Os outros? - Ela inclinou-se para trás e olhou-o nos olhos.

- Sim. A minha mãe e o meu pai. A tua irmã, a tua mãe. Mas não apenas esses. Todos. Todos nós.

Pessoas. - Baixou a voz e ela não teve a certeza de ele o ter dito: - Danny.

«Não sei - continuou ele. - Talvez seja apenas uma forma de me sentir menos solitário relativamente a tudo isso, mas encaro a morte como um caminho que todos seguimos, separadamente a princípio mas, eventualmente, juntos.»

Kathleen olhou para o marido.

- Isso é tão lindo. Onde é que o foste buscar? Ele sorriu.

- Não és a única pessoa profunda por estas bandas. Kathleen abanou a cabeça.

- Buddy, és uma porra de um poço.

- Kathleen Mary Elizabeth! Que linguagem.

- Nós, doentes com cancro, podemos dizer tudo o que quisermos - disse ela desafiante.

- Quem disse?
- A Joyce.

- Oh, bem, se a sensata e maravilhosa Dr.' Joyce o diz...
Kathleen espirrou.

- São horas de ir para dentro - disse Buddy.

- Não - protestou ela agarrando-se a ele. Mas o momento passara.

- São horas - insistiu ele agarrando nas canecas e levando para dentro de casa e para o resto do dia.

CHOVEU MUITO DURANTE o resto da semana. Joyce passou as manhãs a arrancar papel das paredes. À tarde sentava-se ao computador e, cumpridora, tentava avançar com o seu romance, a história de três irmãs que se tinham casado umas depois das outras com o mesmo homem. Tentar parecia ser o termo exacto, pois não fazia mais nada do que emendar os parágrafos iniciais.

Encontrou-se com Kathleen para beber um cappuccino no café da Rua Principal numa tarde cinzenta e contou-lhe como caminhar através de Chariston, de manhã, a meio do dia e à noite, a ajudara a conjurar no mundo do Coração de Magnolia: as belas vedações de ferro forjado feitas pelos escravos, as calçadas construídas por escravos, os rostos impassíveis de mogno das mulheres negras sentadas em cobertores no mercado turístico que vendiam cestos tecidos em padrões ancestrais.

- Acho que nunca tive tanto prazer em escrever como quando estava a trabalhar no Magnolia -
disse. - Na verdade mal conseguia esperar para me sentar ao computador e descobrir o que ela faria a seguir.

- Parece feliz quando fala disso - disse Kathleen.

- Sim, mas não estou a ter tanta sorte com o meu projecto actual.

- Porque não traz a Magnolia e o Jordan para cá? O Jordan não tem uma tia abolicionista em Boston? Podia instalar-se em

128 ANITA DIAMANT

Gloucester. Pense bem nas investigações que poderia fazer acerca da roupa interior yankee!

Aquilo fez com que Joyce se risse, mas continuou a não se convencer.

- Quero fazer algo cento e oitenta graus diferente. E a verdade é que quero o meu próprio nome na capa. Quero ser convidada para falar nas livrarias locais e na biblioteca de Belmont. A Magnolia chamar-me-ia uma cadela cobarde. E teria razão.

- Compreendo, mas a Magnolia para mim está muito viva. Quero saber o que lhe acontece a seguir.

- Obrigada - disse Joyce, que também queria.

À parte as raparigas das caixas do supennercado, Kathleen foi praticamente a única pessoa que Joyce viu durante toda a semana.

O Frank telefonava-lhe todas as manhãs prometendo que tentaria ir ter com ela nessa noite mas, à tarde, já havia uma crise que ele não queria deixar entregue aos «miúdos», que era como ele se referia a Tran e Harlan, os empresários de 21 anos, formados no MIV e que tinham fundado a empresa. O seu novo motor de busca seria lançado no fim do Verão e Frank, que já percorrera muitas vezes aquelas estradas mágicas, era o conselheiro-chave em muitas frentes. Frank achava que o produto tinha muito potencial e estava a apostar seriamente na possibilidade de este os levar a todos.

finalmente, à Cidade das Esmeraldas. Além disso, gostava muito dos miúdos.

O Frank teria gostado de ter filhos, pensou Joyce.

- Amanhã à noite vou para aí de certeza - disse Frank.
- Disseste o mesmo ontem à noite.

- Prometo.

- Claro - disse ela aborrecida. - Boa-noite.

Massachusetts Institute of Technology. (N. da T)
A PRAIA DE Good HARBOR 129

-- Boa-noite, Joyce. Amo-te.

Ela foi e veio a Belmont uma manhã, depois da hora de ponta, para ir ver o correio e ir buscar uma camisola e mais um par de calças de ganga. Mário deixara-lhe mais duas mensagens a pedir notícias de Magnolia. Joyce telefonou-lhe tarde, nessa noite, quando estava certa de que ele não estaria no escritório e disse ao atendedor de chamadas: «A Magnolia está de férias. Regressará quando estiver totalmente descansada.»

Deixou um recado na almofada de Frank: «Vem ver-me um dia destes.»

Mas não tinha a certeza de o querer em Gloucester. Por muito solitárias que fossem as noites, gostava de saber que o lava-loiça não geraria pratos sujos sempre que virasse as costas.

Gostava da paz que era ir para a cama sozinha.

Quase nunca tinham relações sexuais. Ou o Frank estava cansado ou estava ela. Ou ela estava zangada com ele ou ele estava preocupado. Ou ela ia para a cama horas depois dele, ou ele tinha dores nas costas. Nas raras ocasiões em que se deitavam juntos, havia sempre um momento de tensão. Iria um deles fazer um avanço? Iria um deles afastar-se?

Talvez fosse aquilo o que acontecia às pessoas depois de tantos anos a partilharem uma cama, pensou Joyce. Talvez fossem normais. Ou talvez me

esteja a iludir.

Serviu um copo de vinho e foi até à sala de estar para admirar a sua obra; a sua habilidade estava a melhorar tanto, que decidiu voltar a arranjar a primeira fissura que fechara. O telefone tocou.

- Mrs. Tabaclinick? - perguntou uma voz demasiado melíflua para pertencer a um operador de vendas. - Fala o padre Sherry da Igreja de Santa Rita. Joyce pousou o copo e endireitou-se para falar com o padre. Ele desculpou-se por não ter telefonado mais cedo; tinha estado fora devido a uma emergência familiar e depois perguntou:
- Em que posso ser-lhe útil?

130 1 ANITA DIAMANT

Hesitantemente, usando a palavra respeitosamente pelo menos três vezes, Joyce explicou que ela e a família eram novos na vizinhança e queriam retirar a estátua de Maria do jardim.

- Foram vocês que compraram a casa dos Loquasto? Esta vila é espantosa, pensou Joyce.

- Sim, fomos - disse alegremente.

- Conheço a estátua. - Riu-se. - Vão-se ver aflitos para a tirarem daí. O Joe prendeu-a com cimento suficiente para ancorar o Monumento a Washington.

- Uau - disse Joyce vendo a chuva a escorrer pelo véu de betão de Maria e gotejar elegantemente para o chão.

- E se eu fosse aí dar uma vista de olhos amanhã?
- ofereceu-se ele. - às seis horas está bem para si?

Assim que desligou, Joyce telefonou a Frank e disselhe que teria de vir no dia

seguinte.

- Nem penses que vou falar com o padre sozinha.

Ao fim da tarde do dia seguinte, Frank chegou, faltavam poucos minutos para as seis, trazendo um bom bife, um saco com salada e uma garrafa de vinho tinto. Tinha cortado o cabelo e trazia vestida a blusa azul que ela lhe oferecera.

Joyce sentiu uma onda de atracção pelo marido e desejou que não tivessem um encontro marcado com o padre para dali a pouco. Desejou sentir-se assim em relação a Frank com mais frequência... e mais perto da hora de deitar.

Beijou-o na boca e ele abraçou-a durante algum tempo.

- Parece que tiveste saudades minhas - disse.

- Parece que sim.

Sentaram-se no degrau da frente e trocaram novidades: Harlan ia ter uma reunião com uns investidores da Califórnia que, na semana anterior pareciam estar muito entusiasmados mas que agora pareciam um pouco desconfiados. Joyce queixou-se de que a sua escrita estava a progredir tão lentamente que já começara a ler os anúncios com ofertas de emprego. Frank recordou-lhe, bondosamente, que ela se sentia sempre desencorajada em Junho e que,

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 131

no fim do Verão, invariavelmente, estava já no meio de uma tempestade de escrita.

- Sim, sim - admitiu Joyce quando uma Pacer amarela e enferrujada estacionou em frente da casa.

Ver o padre Sherry a sair da carrinha, era quase como assistir ao número dos palhaços no circo quando saíam em catadupa de dentro de um carro de brincar. Era um homem alto, com um fato de mergulho preto e um par de suspensórios vermelhos a enquadrar uma barriga respeitável.

Frank e Joyce foram até ao passeio para o receber. Ele apertou-lhes a mão e disse:

- Perdoem-me a indumentária, mas tinha um par de horas livres e não consegui resistir. A estação é demasiado curta, sabem?

Quase sem parar para respirar, o padre levou-os até junto da estátua.

- Aqui está então a Nossa Senhora pintada de fresco. E disse que tinha encontrado flores ao pé dela, hem? Provavelmente deve ter sido a Mrs. Lupo que vive ao fundo da rua. Já conheceram a Theresa?

O padre Sherry não deu oportunidade a Joyce de responder.

- Deve estar mesmo a ficar mais velha, se ainda não veio inspeccionar-vos. Costumava ser infalível na oferta de uma comida qualquer de boas-vindas enquanto fazia o exame.

«Os Loquasto puseram aqui a Nossa Senhora oh, aí há uns dez anos, numa espécie de acção de graças. - Cruzou os braços no peito e abanou a cabeça.

- Um dos filhos deles, o Ricky, acho eu, foi apanhado pela ressaca em Good Harbor e quase foi arrastado para o mar. O nadador-salvador conseguiu, graças a Deus, apanhá-lo a tempo e eles quiseram expressar a sua gratidão.

Acocorou-se para apalpar o pedestal e Frank acocorou-se ao lado dele.

- O Joe trabalha na construção civil. Trouxe alguns empregados para fazerem as fundações.

«Isso passou-se poucos meses depois de eu ter vindo para Santa Rita. Convidaram-me para vir cá abençoar a estátua. Chi,

132 1 ANITA DIAMANT

meu amigo, fui submetido a um exame rigoroso pelas senhoras da vizinhança. Tive de comer tudo o que me ofereciam, só para ser bem-educado. E nunca mais

parei, como podem ver.

- O padre riu-se pondo-se de pé e batendo na barriga.

«A Theresa Lupo estava cá nesse dia e contou-me uma longa história acerca da mãe que estava doente com cancro na mama. A mão do padre Sherry estava pousada no ombro da estátua.

- A Theresa estava muito triste e muito perturbada. No dia a seguir aos Loquasto terem instalado a estátua, jurou que vira uma lágrima na face da Virgem. O Joe disse que estava a chover, mas isso era coisa que não se podia dizer à Theresa. Tinha a certeza de que a estátua chorava com ela.

«E começou a trazer flores. A Mary Loquasto era muito compreensiva em relação a isso; convidava-a a entrar para beber café. A mãe durou mais seis meses, o suficiente para assistir à primeira comunhão do filho mais novo de Theresa, o que ela tomou como um presente da Virgem de Forest Street. Aposto que nunca mais deixou de trazer flores.

«E esta é a história da vossa estátua.»

Joyce sentiu-se subitamente como se fosse uma antropóloga, ou uma americana horrível ou talvez uma simples turista.

Frank assobiou baixinho e abanou a cabeça.

- Que havemos de fazer?

O padre Sherry acariciou o queixo.

- A minha opinião é que devem esperar até ao fim do mês, até depois da festa de S. Pedro. Os preparativos estão em curso e são uma verdadeira loucura e depois as festas duram a semana toda.

Eu vou telefonar ao Joe Loquasto e, de qualquer maneira, tenho de visitar a Theresa. Ela vai gostar que lhe peçam opinião.

O padre olhou para o relógio e Joyce e Frank acompanharam-no ao carro.

- No princípio de Julho digo qualquer coisa. Aprecio a vossa sensibilidade. E quando tivermos o assunto tratado, vão ter uma bela história para contar.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 133

Recusando mais agradecimentos, o padre voltou a meter-se dentro do carro.

Frank foi para dentro para preparar o jantar mas Joyce voltou para junto da estátua. O meio sorriso pareceu-lhe subitamente reservado e sensato.

- Maria, querida - murmurou -, podes fazer alguma coisa pela minha amiga Kathleen?

- ESTOU? ESTA É uma mensagem para Kathleen Levine? Foi a rabi Hertz quem me deu o seu número? O meu nome é Brigid Gallagher-Steinberg e a rabi Hertz pediu-me para a contactar por causa da biblioteca no templo.

Kathleen ficou a olhar pela janela enquanto ouvia o rosário de perguntas. De volta do tratamento, com o dia na sua frente, reparou que os tomateiros precisavam de levar estacas.

Estava um dia bonito. Mas não lhe apetecia ir andar na praia sozinha. A Joyce já regressara à cidade para preparar tudo para a Nina ir para a colónia de férias. Kathleen sentou-se à mesa da cozinha e olhou para o calendário.

Era quase Julho, o que queria dizer que era quase Agosto.

O Danny teria 26 anos. Já poderia estar casado, pensou Kathleen. Cruzou os braços e encostou a cabeça. Dos seus três filhos, ele fora o mais sociável. Ficava fascinado com os bebés pequeninos; tentou pôr fraldas no ursinho de peluche como se fosse uma criança. Ela seria já avó. Encostou a face à fórmica fria mas não chorou.

- Não! - pensou, sentando-se direita. Não fazia ideia de como seria o Danny. Ele fora uma criança de 3 anos que chuchava no dedo e queria ouvir o Goodnight Moon cinco vezes por noite. Pensava que o irmão mais velho andava sobre a água.

Nunca chegara a conhecer Jack, nunca fora ele próprio um irmão mais velho.

A PRAIA DE Good HARBOR 1 135

Mal deixara de usar fraldas quando o carro o atirara de cabeça contra uma árvore.

No dia anterior ao acidente, Kathleen levava Danny ao Muchnik's Shoes na baixa e comprara-lhe umas sapatilhas novas.

Vermelhas. Ele quisera sapatilhas vermelhas. Há vinte e cinco anos. Os sapatos vermelhos sobre o lençol branco da maca.

Poderiam parecer poças de sangue, mas não pareciam. Pareciam rosas.

Kathleen estremeceu e começou à procura das chaves do carro.

Não havia nenhuma regra que a impedisse de ir ao cemitério nos dias que não eram de aniversário, pensou. Iria sozinha.

Imediatamente. Porque não?

O telefone tocou.

- Mrs. Levine? É a Brigid Gallagher-Steinberg novamente? Não me consigo lembrar se deixei o meu número de telefone ou não!

Por isso pensei telefonar novamente e deixá-lo no atendedor.

Mas afinal atendeu.

- Sim, aqui estou - disse Kathleen abruptamente.

- Desculpe se não telefono em boa altura - disse Brigid, a cadência da sua voz cortada pelo tom de Kathleen.

- Não, tudo bem. Eu ia a sair. Mas não tenho pressa.

Brigid fora nomeada para chefiar a subcomissão da biblioteca para os livros infantis.

- A rabi Hertz escolheu-me por eu ter perguntado porque é que não havia livros no templo para o meu rapazinho? Tem de se ter muito, mas muito cuidado com o que se lhe diz. O meu marido dirige uma comissão para construir uma casa de banho para deficientes porque lhe falou num caso relacionado com a Lei dos Deficientes! Ele trabalha para o ministro da Justiça?

- Sim - disse Kathleen pondo as chaves na mala.

- A rabi-Hertz disse-me que a senhora é bibliotecária infantil profissional, Por isso pensei que talvez pudesse levar-lhe os livros que já temos mais um monte de catálogos. Oli, e há uma colecção muito boa de livros infantis num templo em Lexinglton! Eles têm uma bibliotecária a tempo inteiro. Falei com ela e ela foi muito simpática e disse que podíamos lá ir para uma visita.

136 1 ANITA DIAMANT

- Não tenho a certeza de o poder fazer.
- Eu podia conduzir.

Aborrecida por Brigid não ter percebido, Kathleen disse:

- Receio que a radioterapia me esteja a deixar muito fatigada.
- Radioterapia? - Brigid suspendeu a respiração. - Desculpe. A rabi Hertz não mencionou nada, nenhum tratamento. Lamento muito. Não percebo porque é que ela não disse nada. Desculpe, peço imensa desculpa.

Kathleen corou, envergonhada pela forma como enganara a pobre mulher.

- Oh, provavelmente foi com boa intenção, para não me tratar como uma inválida. Na verdade não quero que me tratem como uma doente. - Só que estou doente, pensou Kathleen. - Estou a fazer radioterapia para um cancro na mama. Os médicos dizem que vou ficar boa.

- Não está a fazer quimioterapia?
- Não.

- Oh, isso é bom. A minha amiga Nancy, Fez radio e quimioterapia depois da operação. A quimioterapia foi horrível. - Fez-se uma longa pausa.

- Não estou assim tão mal. - Kathleen obrigou-se a acrescentar: - Tenho sorte.

Brigid disse que compreenderia se Kathleen preferisse não se envolver.

- Já tem coisas suficientes com que se ralar.

- Na verdade não tenho. Além disso, tem razão no que diz respeito à rabi. Não estou certa de não ter concordado em colaborar. Porque não me traz os catálogos?

Mas acho que prefiro aguardar antes de fazer essa visita. Ando a sentir-me

bastante cansada.

- Kathleen não tinha a certeza de querer passar horas num carro com Brigid das Perguntas Perpétuas.

Quando desligou o telefone, Kathleen foi até ao alpendre e tratou dos vasos com flores. Descalçou os sapatos e foi descalça, pelo empedrado quente, salvar os tomateiros descaídos e foi aí que Brigid a encontrou.

A PRAIA DE Good HARBOR 1 137

- Bati à porta e toquei à campainha, - disse ela enquanto acomodava melhor o rapazinho que trazia sobre a anca. - Este é o Nathan. - Afastou as madeixas ruivas da testa sardenta. - Não queres dizer olá à Mrs. Levine?

- Nathan? - perguntou Kathleen. - Ora aí está um nome que já há muito tempo não ouvia. - Nathan escondeu a cara no ombro da mãe. - Olá, Nathan. Gostas de sapinhos muito pequeninos?

- Não! - disse Nathan com a voz abafada.

- Oli, que pena. Porque está um aqui mesmo debaixo desta folha. Tens a certeza de que não o queres ver?

Brigid acocorou-se e Nathan espreitou.

- Oh - disse ele ao ver a criatura do tamanho da unha de um polegar que se afastava aos saltos.

Kathleen convidou Brigid e Nathan para beber leite e comer bolinhos mas eles iam a caminho de um encontro de amiguinhos. Brigid - uma ruiva elegante com calções de ganga e uma camisola Rockport - levou um saco cheio de catálogos para o alpendre. Pôs Nathan no chão enquanto ia ao carro buscar uma caixa.

- Tens dois anos? - perguntou Kathleen. Nathan fez que sim, desconfiado.

- Não te preocupes - murmurou ela. - Não te vou apertar as bochechas nem dar-te beijos. Mas espero que voltes cá para procurar aquele sapinho pequenino comigo. Ele vive no meu jardim, numa casinha muito pequena, com um ratinho muito pequeno e um bebé ganso que solta uns grasnidos.

Nathan enfiou o dedo na boca mas os seus olhos sorriam. Brigid regressou com a caixa de cartão que continha toda a colecção juvenil da biblioteca do templo.

- Não há aqui muita coisa. A rabi disse para reciclar alguma coisa... ou tudo. É consigo.

Brigid pegou no filho, beijou-o nas duas faces e perguntou: - Hum, Mrs. Levine? Tenho de perguntar. Com um nome como Kathleen? É católica?

- Converti-me ao judaísmo antes de me casar. E a Brigid?

138 1 ANITA DIAMANT

- Isso mataria a minha mãe. Mas os miúdos vão ser judeus? Quero dizer, estamos a educá-los no judaísmo. Na verdade, eu estou a educá-los no judaísmo. O meu marido não quer saber disso. Percebe?

- Sim, percebo.

Kathleen acompanhou Brigid até ao carro.

- Vens visitar-me, Nathan? - perguntou Kathleen. Ele olhou-a e depois assentiu.

- Telefona-me então quando tiver tido tempo para dar uma vista de olhos nisto tudo? - perguntou Brigid.

- Sim.

- Diz adeus, Nathan. - Mas Nathan fez que não com a cabeça.
- Adeus - disse Kathleen.

A casa parecia vazia. Ligou o rádio mas isso só fez com que as salas parecessem mais desoladas. O telefone tocou.

- E que tal uma sanduíche de peixe para o almoço? - perguntou Buddy.

- Está bem - disse Kathleen pensando na forma como Nathan fizera que sim com a cabeça e com o dedo na boca. Danny chuchara os dois dedos do meio.

Buddy apareceu vinte minutos mais tarde com as sanduíches, batatas fritas e dois batidos de chocolate. Kathleen perdera mais de três quilos e meio desde a operação. Buddy reparara; ela via-o nos seus olhos de cada vez que vestia a camisa de dormir.

Marey também reparara e perguntara-lhe como ia o apetite. Mas Kathleen gostava de estar mais magra. Fazia-a sentir-se mais nova. Para além disso, a comida não a atraía nos dias que corriam.

Buddy convenceu-a a acabar o batido dele depois de ter bebido o seu.

- Parece-me que estava com fome - disse ela pondo o resto da salada de Buddy no prato.

- Ótimo. E agora que tal uma sesta? Ontem à noite andaste outra vez levantada, não foi? - disse ele.

- Talvez conseguisse dormir. - Kathleen encolheu os ombros.
- Deitas-te comigo um bocadinho?

- Claro.

Ele baixou os estores e abriu a cama. Kathleen despiu as calças de jardinar e esticou-se. Buddy saiu da casa de banho em cuecas. Deitou-se de lado, sem tirar os olhos dela.

- Para onde estás a olhar?

- Para a minha linda mulher. Kathleen sorriu.

- Não ponhas mais os óculos, meu querido.

- Tu és linda - murmurou ele. - Ainda mais linda do que quando nos conhecemos. - Ela beijou-o e passou os dedos pelo seu rosto bondoso e curtido. Ainda era um homem bem-parecido, mas envelhecera. Tinha o rosto enrugado e o queixo começava a fazer papada e tinha pêlos brancos e grossos no nariz e nas orelhas. Ela conseguia passar dias a fio sem pensar no quanto ela própria mudara, mas o rosto de Buddy recordava-a da passagem do tempo.

Como era evidente, nunca lho dissera. Havia muitas coisas que nunca dizia a Buddy. Kathleen acreditava que era esse o segredo da sua felicidade conjugal.

Conhecera em tempos um homem a quem dissera tudo o que lhe vinha à cabeça, mas isso fora há muitos anos. Tanto quanto sabia, o Stan era capaz de já ter morrido.

Era bom poder falar com Joyce.

Sorriu ao marido, cujos olhos continuavam a ser límpidos e ternos.

- Eu também te amo.

Ele inclinou-se para a beijar. Um verdadeiro beijo, boca na boca. Puxou-a para ele. Kathleen sentia-se lisonjeada nas ocasiões em que Buddy se excitava. Ele abraçou-a, apoiando-lhe as costas com as mãos enormes num gesto que

ainda a fazia sentir-se uma rapariga. Entregou-se ao abraço dele sentindo a sua erecção.

- Um segundo - disse ela e virou-se para tirar o lubrificante da gaveta.

Kathleen acordou uma hora mais tarde e viu uma flor em cima da almofada ao seu lado. Ficou a olhar para as pétalas brancas e vermelhas da flor e passou um dedo pelas arestas rosadas e dentadas. Ainda alguém terá flores destas? pensou,
140 ANITA DIAMANT

Estava inquieta. Não atingira o orgasmo com Buddy. Enfiou a mão debaixo do lençol e acariciou-se.

Tentou lembrar-se do que é que fora tão tentador e tão arrebatador. Arriscara tudo por aquelas tardes, excitantes todas elas, não só pelo sexo mas também pelas conversas. Stan era um grande conversador e ela nunca fizera ninguém rir tanto. Agora já nem sequer se conseguia lembrar do seu aspecto.

Fechou os olhos e o rosto do Dr. Singh materializou-se.

Kathleen soltou uma risadinha. Pensou se todas as suas doentes teriam fantasias com ele.

Pensou no seus lábios cheios como os de Cupido. Lembrou-se das mãos dele na sua pele. A pele cor de avelã. Mãos com dedos longos e afilados, de unhas compridas e ovais. Oh, aquelas mãos.

Julho

JOYCE passou outra semana inteira ao volante do carro, completando a lista de tarefas na preparação da partida de Nina para a colónia de férias. E depois havia ainda a premente agenda social da filha: tinha de ir dormir a casa de Sylvie; a noite que tinha combinado passar em casa de Rachel seria a última até Setembro; ir ao cinema com a Jesse era a única coisa que queria mesmo fazer.

- E se eu ficar sentada do outro lado do cinema? - perguntou Joyce enquanto levava as raparigas ao multiplex. - Nem sequer vão dar por mim.

- Daria sim, saberia que estavas lá - ripostou Nina.

Joyce abriu a boca para argumentar, pensou melhor e não disse nada.

Nina acabou por concordar em passar algumas horas com Joyce para comprar roupas para levar para a colónia de férias.

Compraram sapatilhas e calções na loja de desporto sem qualquer incidente. A compra de roupa interior correu sem problemas mas, na Old Navy, Joyce disse:

- Querida, não vou gastar quarenta e nove dólares num par de calças que vão ficar estragadas na colónia de férias.

- Eu não vou estragá-las - disse Nina com os olhos imediatamente vidrados de lágrimas de fúria. -

Estas são as únicas que me ficam bem. - Bateu com a porta do gabinete de provas.

Uma mulher que esperava junto a outra porta encontrou o olhar de Joyce e encolheu os ombros,

144 1 ANITA DIAMANT

- Elas são assim - murmurou. - Depois ficam melhores.

- Jura? - murmurou Joyce.

A desconhecida bem vestida fez que sim com a cabeça enquanto a filha - alta, gorducha e a fazer beicinho - saiu do gabinete de provas com uma pilha de calças de ganga.

- Nada - disse sombriamente entregando o monte de calças à mãe.

- Tenho ar de ser tua criada? - perguntou a mulher numa voz tensa que Joyce reconheceu. A rapariga lançou à mãe o olhar do Raio Mortal Adolescente, agarrou nas calças e atirou-as a outra adolescente amuada, com auscultadores nos ouvidos, cujo trabalho miserável era dobrar as roupas rejeitadas.

- Nina - disse Joyce em voz baixa através da porta fechada -, vamos lá comprar

as calças e ir para casa.

Nina abriu a porta e sorriu.

- Obrigada, mamã.

Joyce e Frank levaram os dois carros para se irem despedir de Nina. Lado a lado ficaram a olhar enquanto o autocarro se afastava.

- Sete semanas - disse Frank. - Não sei se hei-de chorar ou aplaudir. Joyce concordou.

Frank pegou-lhe na mão. Mordiscou o lábio.

- Ela vai voltar mais madura.

Joyce, tentando não chorar, não respondeu.

- És uma ótima mãe.

- Tu também não és nada mau - disse ela. - Queres ir beber um café?

- Desculpa, Joyce, mas já estou atrasado para uma reunião que não posso perder.

- Beijou-a na face. - Vejo-te depois?

- Vens para Gloucester?

- Parece que sim. Telefono-te hoje à tarde.

Joyce ficou a ver Frank afastar-se. Sentada no carro, prometeu a si própria que escreveria todos os dias enquanto Nina estivesse

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 145

fora. Passearia com Kathleen na praia todos os dias. Começaria a tratar do quarto de Nina naquela tarde. E não esperaria que Frank tomasse a iniciativa.

Perguntar-lhe-ia o que se passava. Fá-lo-ia nessa noite.

Ou talvez não fosse necessário. Talvez ele aparecesse em casa com flores e

fizessem amor todas as noites durante uma semana.
Talvez tudo ficasse bem.

FrANK NÃO APARECEU naquela noite. Telefonou às quatro horas para dizer que tinha sido informado de uma videoconferência ao fim da tarde com novos compradores potenciais. Telefonou às oito e meia da manhã seguinte para fazer o ponto da situação.

- Devo conseguir ir aí esta noite. - Mas, às quatro horas, quando Joyce estava no supermercado, deixou uma mensagem envergonhada acerca de um problema no programa que era capaz de levar toda a noite para corrigir. Na manhã seguinte disse que provavelmente não conseguiria ir nessa noite porque, no dia seguinte, tinham uma reunião às sete da manhã e era possível que tivesse de ficar a trabalhar o fim-de-semana todo.

Joyce deixou que aquela notícia ficasse a pairar na linha entre ambos.

- Joyce? Lamento muito, mas aqui a hora é de aperto.

- Eu sei - ripostou ela. - E então domingo? Não consegues tirar ao menos a tarde de domingo?

- Vou tentar. Desculpa. Está-se bem aí?

- Lindamente - disse ela numa voz gelada.

- Estás a conseguir trabalhar?

- sim.

- Tens visto a Kathleen?

- Sim. - Joyce não o ia deixar safar-se fazendo com que a sua própria vida parecesse agradável.

- Telefone amanhã.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 147

Optimo. - Joyce bateu com o auscultador. Filho-da-mãe, iluem é que precisa dele? Estava a gostar do trabalho físico das pinturas. Dormia dez horas por noite. E o tempo que passava com Kathleen na praia era maravilhoso.

Pareciam ter uma lista interminável de assuntos para conversar. Manchetes, fatos-de-banho, livros e, história após história, delas próprias. Assim que via Kathleen em Good Harbor, Joyce tomava consciência da tensão dos seus maxilares e da forma como a tensão abrandava à medida que iam caminhando.

- Acho que estou aliviada por a Nina não estar cá - disse Joyce quando começaram a caminhar na praia. - Na verdade sinto-me de tal forma aliviada, que nem me sinto culpada.

- Provavelmente é bom tirarem umas férias uma da outra. Quando duas mulheres detiveram Kathleen para lhe perguntar como ia o tratamento, Joyce ficou a olhar para a linha do horizonte.

Quando chegaram ao fim da praia, ficou maravilhada com a mudança operada no seu humor.

-Nem consigo acreditar como me sinto melhor. Porque será?

- Acho que é do vazio - disse Kathleen arregaçando as calças.

- Ou por causa daquela linha que divide o mar do céu. Ou por causa da imensidão de tudo isto. Não sei, mas põe as coisas em perspectiva.

À medida que a semana ia avançando, Joyce e Kathleen foram permitindo pausas mais longas nas suas conversas, confiantes de que os silêncios conduziriam a novos territórios. Como golfadas entre vagas, pensou Joyce.

Passados uns minutos de silêncio, Joyce disse:

- Falou-me muito da sua irmã, mas acho que não sei nada do resto da sua família... do seu pai, da sua mãe...

- A minha pobre mãe - disse Kathleen abanando a cabeça. Pat, a minha mãe e eu vivíamos com a minha avó, a mãe do meu pai, depois de ele nos ter abandonado. A minha avó decidiu que a culpa de ele ser um bêbado era da minha mãe, o que era uma tremenda injustiça, mas não havia maneira de contrariar a avó.

148 1 ANITA DIAMANT

«A minha mãe trabalhava numa companhia de seguros e sustentava-nos a todas. A avó ficava em casa comigo e com a Pat e era boa para nós... tão boa quanto lhe era possível ser. Mas fazia a eM silêncio, tanto quanto sei, e suspeito que se culpava a si própria pela deserção do meu pai. Eu tinha quinze anos quando soubemos que morrerá.

«A minha mãe e a minha avó morreram com o intervalo de um ano. Com trombozes as duas. Nenhuma delas viveu o suficiente para conhecer os meus filhos.

- Lamento - disse Joyce.

- Sim. E então a sua mãe, ainda é viva?

- A minha mãe é viva e recomenda-se, num campo de golfe perto de Prescott.

- Onde é que isso fica?

- No Arizona. Ela e o meu pai divorciaram-se no meu primeiro ano de faculdade e ela voltou a casar um par de anos depois.

Bob, o segundo marido, tinha quatro filhos e ela criou os dois mais novos. A vida dela gira em torno dos filhos dele e do golfe. E, como eu detesto golfe, as nossas conversas são curtas.

- Lamento - disse Kathleen.

- Sim, eu também. Mas já é assim há vinte e dois anos, por isso já não estou à

espera que mude. Eh pá, como sempre estive decidida a ser diferente dela. A ter uma casa cheia de crianças e não uma filha única como eu própria fui. E nunca permitir que este tipo de distância se instalasse entre mim e a Nina. Como é evidente, estou a aprender como temos pouco controlo sobre aquilo que acontece entre nós e os nossos filhos.

Kathleen assentiu e deu o braço a Joyce, - Aguenta-se. A Nina ainda tem muito que crescer e a Joyce não está condenada a repetir os erros da sua mãe.

- O medo universal das mulheres em toda a parte - disse Joyce.
- Suponho que a Nina já faz parte desse clube.

A PRAIA DE GoOD HARBOR 1 149

Kathleen apertou mais o braço de Joyce. Quando se aproximaram de Salt Island, Kathleen perguntou:

- Quando é que quer partir para a nossa pequena aventura?
- Quando quiser, líder destemida.

- Vou informar-me das marés e depois digo-lhe.

KATHLEEN TELEFONOU NO domingo de manhã e perguntou a Joyce se estava preparada para escalar Salt Island.

- Posso ir buscá-la às cinco e assim vemos o pôr do Sol por cima da água.

- É simpático da sua parte ter organizado isso - disse Joyce.

Quando chegaram a Good Harbor, uma brisa fria afastava os retardatários da praia, o que significava que Kathleen e Joyce tinham o areal praticamente só para elas. Nas tardes ensolaradas, a praia ficava tão cheia como uma rua da cidade. Toda a gente ia dar o mesmo passeio, tanto os turistas como os locais; a maioria limitava-se a caminhar até ao fim da praia e a voltar; uns quantos demoravam-se a espreitar as poças deixadas pela maré, mas eram poucos os que faziam a escalada.

O areal deserto era plano, duro e fresco sob os seus pés.

- Parece uma estrada mágica - disse Kathleen. - Aparece e desaparece. Brigadoon.

- É o Mont-SaintMichele... sem o castelo - disse Joyce.
- E é muito parecido com caminhar sobre as águas.

- Ou abrir o mar.

- Com uma sugestão de perigo, não acha? A hipótese remota de ficarmos presas, como o Robison Crusoc.

Brigadoon, referência ao filme em que uma aldeia com o mesmo nome aparece e desaparece temporariamente- (N. da T)
A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 151

- Bem, com um restaurante à vista - disse Kathleen apontando para o café de madeira da praia batido pelos elementos. As gargalhadas ecoaram sobre a água.

Na ilha, só avistaram três rapazes magricelas que procuravam vida selvagem nas poças deixadas pelas marés empunhando camaroeiros. Os seus gritos excitados eram agudos e insistentes.

- Ei, Carter.
- Ei, olha!
- Ei, aqui.

Joyce olhou para cima. Da praia, a subida para o cume de Salt Island parecia relativamente fácil mas ali, na base da subida de mais de quinze metros, o caminho parecia não passar de um precipício entre dois enormes pedregulhos escarpados. Uma corda amarela com nós caía ao longo de um deles. Teria de se içar, braçada após braçada? Imaginou-se pendurada da corda, gritando por ajuda. Joyce conseguira ser tão bem-sucedida a evitar alturas, que quase esquecera o

quanto as odiava.

- Não temos que fazer isto se não quiser - disse esperando que a sua hesitação não fosse muito óbvia.

- Não se preocupe comigo. Estar assim ao ar livre dá-me energia e, habitualmente, consigo dormir melhor. Estou com esperança de conseguir dormir oito horas de seguida esta noite.

- Está bem. - Joyce tirou da mochila umas sapatilhas e uma camisola, - Alinho.

Tentou não pensar em quedas e manteve os olhos fixos em Kathleen que ia alguns metros à sua frente. Em cinco minutos chegaram, ofegantes, ao topo.

Joyce protegeu os olhos e moveu-se lentamente, como se fosse um foco de luz, absorvendo o panorama de Good Harbor. O rio nem se via e a ponte pedestre parecia uma miniatura japonesa.

O sal dos baixios brilhava com um tom verde-escuro à luz da tarde, enquanto motoristas indiferentes corriam contra o céu escuro, dirigindo-se a casa para jantar.

Virou-se. As varandas do hotel vermelho estavam desertas mas, a seu lado, estavam sentados uns poucos felizardos silêncio-

152 1 ANITA DIAMANT

sos, nos alpendres das suas casas debruçadas sobre a zona privada da praia. Joyce imaginou a vista de que desfrutavam, sobre a Salt Island e os seus faróis gêmeos.

Virou-se novamente para observar o grande arco do oceano escuro, cento e oitenta graus de céu lambido pela água, cheio e vazio, azul sobre azul, fresco e distante. Joyce sentia-se tonta - uma tontura momentânea e semelhante à induzida pelo champanhe. Olhou para terra e para a zona das rochas que se estendiam por baixo da Atlantic Avenue, onde as Bass Rocks estavam cobertas

pelo costumeiro manto de gaivotas e corvos-marinheiros, pássaros pré-históricos, secando as asas rugosas ao vento.

Joyce esforçou-se por memorizar as cores, as formas específicas das rochas, dos telhados, dos quebra-mares e dos bicos banhados naquela luz.

Virou-se para a mansão construída sobre o penhasco, um castelo yankee quadrado que inspirava fantasias de riqueza em todos quantos entravam em Good Harbor. Engraçado como, visto dali, não parecia tão grandioso, engolido pelas colinas cobertas de árvores que tinha por cima e atrás. Da próxima vez traria binóculos.

Kathleen, entretanto, estava perfeitamente imóvel, virada directamente para o mar. Absorvia o calor do sol do fim da tarde. Saboreava a sua própria respiração, inspiração, expiração, acalmando-se depois da subida.

Joyce viu uma mulher solitária a caminhar na praia com uma saia comprida bege a esvoaçar em torno dos tornozelos. Olhou para Kathleen, agora de rosto virado para cima a estudar o céu.

- O que chamaria àquela cor? - perguntou Kathleen. - Cerúleo?

- É quase púrpura, não é? Tão succulento, não é? Quase Joyce procurou a palavra adequada - chocolate. Kathleen riu-se.

- Chocolate-azul? Não me parece muito apetitoso, - Oh, não? O azul é a cor do paraíso, onde se pode comer o chocolate todo e ter o sexo que se desejar. Na verdade nunca

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 153

percebi como é que a cor preferida de alguém pode ser outra que não o azul.

- Então não lhe digo que a minha cor preferida é a cor da areia de Good Harbor.

- Eu perdoo-lhe.

- Só há outro sítio de que gosto tanto como deste - disse Kathleen. - Halibut Point.

- Nunca lá estive.

- Em todos estes anos? - Kathleen repreendeu-a. - Tem de lá ir. É maravilhoso. Muito diferente disto. Só rochas e penhascos... não há areia. É magnificante. Costumava levar lá os meus filhos.

Um dia, em todos os Verões, sem os avisar, arrancava-os da cama antes do amanhecer.

Adormeciam no carro e eu subornava-os com biscoitos e termos de chocolate quente para que acordassem. Caminhávamos até à rocha maior e mais distante que conseguíssemos encontrar e, no momento em que víamos o Sol a nascer, cacarejávamos todos como os galos. - Kathleen pôs as mãos em concha e cacarejou.

Os rapazes que estavam nas rochas mais abaixo olharam para cima.

Kathleen cacarejou outra vez. Joyce acenou aos rapazes.

- O Buddy ia convosco?

- Não. Ele levava os rapazes à pesca sem mim, por isso Halibut Point era a minha pequena aventura com eles. Dizia a Buddy que íamos tomar o pequeno-almoço ao nascer do Sol, o que era verdade.

Íamos ao restaurante em Lanesville. O Hal comia sempre panquecas com manteiga fresca e o Jack uma tosta mista.

«Tem de lá ir para o nascer do Sol, Joyce. É... bem - Kathleen estendeu as mãos para a paisagem e abraçou-a - tão belo como isto.»

- Já me convenceu. Mas não me parece que consiga arrastar a Nina.

- O Hal deixou de vir no ano em que fez catorze anos. Mas o Jack continuou a ir

até acabar a escola secundária. No último
154 1 ANITA DIAMANT

ano que lá fomos foi ele a conduzir e, quando lá chegámos, abriu-me a porta do carro. - Kathleen sorriu com a recordação. - Muito galante.

Um barco a motor muito elegante deslizou pelo horizonte, saltando ligeiramente sobre as águas. O gemido agudo do motor soava um pouco mais alto que o bater do casco cortando as vagas.

Joyce deitou-se em cima de uma rocha plana que libertava o calor do sol e o odor acre dos pássaros.

- Está na hora de voltarmos? - perguntou com os olhos fechados.

- Não há pressa por causa da maré, se é isso que quer dizer.

- Kathleen olhou para o centro da ilha por cima do ombro.

Costumava haver uma espécie de lago nas rochas. Ainda lá deve estar. Eu e os rapazes costumávamos ir lá.

- Vamos ver.

- Tem a certeza?

- Sigo-a para onde quer que seja - disse Joyce.

- Faz-me bem ao ego. Joyce sorriu.

- Há cerca de um ano encontrei uma mulher muito interessante numa reunião. Engraçámos uma com a outra e viemos a conversar pelo caminho. Mas quando lhe perguntei se queria ir tomar um café, ela disse que não, que já tinha mais amigas do que o tempo lhe permitia. Imagine uma coisa assim.

- Já há muito tempo que não fazia uma nova amiga. Mas creio que a culpa é sobretudo minha - disse Kathleen. - Sou muito reservada. Não... como é que se diz?... não me abro.

Especialmente se algo não está bem. Foi-me inculcado que não se expõem as nossas coisas em locais que toda a gente possa ver. Torna a vida solitária. A minha avó costumava dizer que os Irlandeses são um povo solitário. Dizia-o com uma espécie de orgulho.

«às vezes penso que uma das razões porque a Pat se sentiu atraída pela religião foi a intimidade que testemunhou entre as Irmãs que nos ensinavam. As Irmãs de São José eram muito

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 155

ou as mulheres... não nos batiam... muito bondosas connosco e generosas umas com as outras. -

Kathleen fez uma pausa. - Joyce viu a luz do Sol incidir sobre o cabelo branco de Kathleen e os seus olhos Subitamente estavam cheios de lágrimas.

- Kathleen?

Estou bem. Só sinto falta dela. Da minha irmã.

É claro. Mas pode falar comigo, sabe. Sobre tudo.

Sim. - Kathleen pousou a mão no ombro de Joyce por instantes.

- Eu sei. - As ondas bateram na gruta funda por baixo delas e soltaram um odor a salmoura fresca. Kathleen pôs-se de pé.

- Está pronta para explorar?

- Indique o caminho.

Atravessaram uma rocha razoavelmente plana e foram subindo, contornando grandes rochedos de granito cobertos por gelos muito antigos. Não foi preciso muito tempo para que Kathleen encontrasse o lago que se revelou um charco de água salobra rodeado de um emaranhado de ervas. Pequenas vespas zumbiam por cima da superfície espelhada.

- Lamento - disse Kathleen franzindo o nariz. - Suponho que a minha verdadeira recordação é do prazer que o Hal e o Jack tinham em descobrir o lago.

Joyce acocorou-se.

- Percebe-se porquê. Está cheio de vida, aquecida pelo sol e alimentada pela merda dos pássaros.

Kathleen riu-se.

- Livra, é uma companhia muito fácil. Basta dizer um palavrão e rebenta logo a rir.

- Você é uma má influência. Hoje em dia, praguejo como um carroceiro. Bem, pelo menos pelos meus padrões. O Buddy diverte-se imenso com isso, para dizer a verdade.

- Oli, ótimo. Então agora sou conhecida na casa dos Levine como a mulher que corrompeu a Kathleen.

156 1 ANITA DIAMANT

- O Buddy chama-lhe Dr.' Joyce.

- Ali.

- Bem, Doutora, acho que é melhor irmos.

- Está bem, Kathleen, mas preciso de fazer chichi.

- Força.

Joyce hesitou.

- Eu acompanho-a. - Num movimento flexível, Kathleen acocorou-se e puxou as calças e a roupa interior para baixo.

- Uau! Para alguém tão senhoril, é muito boa a fazer isso.

- Obrigada - disse Kathleen com uma dignidade fingida. Joyce riu-se e conseguiu uma imitação razoavelmente boa.

- Não costumava fazer concursos de chichi quando era miúda?

- perguntou Kathleen olhando para a urina que escorria pelas rochas e secava sem deixar rasto. -

Eu e a Pat fazíamos-lo no quintal, no Verão. A minha avó apanhou-nos uma vez. Correu atrás de nós pela casa toda com uma escova de cabelo na mão, mas nós éramos demasiado rápidas para ela.

- Acho que nunca entrei num concurso de chichi em toda a minha vida. Isto é um verdadeiro marco!

- Mazel Tov! - disse Kathleen começando a rir. - Hoje tornou-se numa mulher.

Aquilo fez com que Joyce começasse a rir e em breve estavam as duas caídas, tentando respirar e chorando a rir.

- Oh, oh, oh - disse Joyce puxando as calças para cima. Nem sequer é assim tão engraçado.

Consegue imaginar a nossa figura?

- Receio que sim. - Kathleen limpou os olhos e pôs-se de pé.

- Acho que é melhor descermos pelo outro lado. É capaz de ser um pouco mais rápido.

Dirigiu-se a uma cascata de rochas que parecia cada vez mais ameaçadora a Joyce à medida que iam descendo. Kathleen apontava-lhe pontos de apoio e cantarolava baixinho; Joyce tentava controlar o seu pânico crescente. Não me vou acobardar, pensou.

Expressão de congratulação ou felicitação. (N. da T)

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 157

Merda, não posso acobardar-me. O que é que a Kathleen poderia fazer? Levar-me ao colo?

Passados quinze minutos já estavam no areal e voltaram para a praia com a água a lamber-lhes os tornozelos. Kathleen agarrou na mão de Joyce e ergueu-a num gesto de consagração.

-Agora pode dizer ao mundo que conquistou Salt Island.

- Vamos mandar fazer umas camisolas - disse Joyce.

- Está bem - disse Kathleen. - Mas primeiro vamos beber qualquer coisa.

158 Anita Diamante

BUDDY ESTAVA À ESPERA, à porta, quando Kathleen regressou a casa.

- Desculpa - disse ela. - Fui com a Joyce tomar uma margarita ao Rocky Neck quando viemos da praia.

Ele seguiu-a até à cozinha onde ela começou a descrever o passeio em Salt Island.

- Foi tão lindo, Bud. Descobrimos aquele lagozinho que os rapazes adoravam. Acho que a Joyce estava um bocado nervosa na descida, mas eu estava absolutamente calma. Bastante bom para uma velhota, bem?

Ele ficou a olhá-la por um breve instante.

- Bom? - disse esforçando-se por manter a voz calma. - E se tivesses caído? E se ela tivesse caído? Os nadadores -salvadores já lá não estavam. Há mais de uma hora que já está escuro. Quase telefonei para o emprego do Jack. Estive prestes a chamar a polícia. Nem sequer pensaste naquilo por que eu estava

a passar?

Ele estava quase aos gritos e Kathleen sentiu-se gelar de vergonha. Buddy deixou-se cair numa cadeira e pôs a cabeça entre as mãos.

- Desculpa - disse ela baixinho. - Devia ter-te deixado um recado. Não pensei. Eu só... esqueci-me de mim própria.

Ele não se mexeu. O relógio fazia tíc tac por cima das cabeças de ambos.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 159

Kathleen aqueceu uma lata de sopa e comeram em silêncio. logo depois ela foi deitar-se com um número da Library Digest. Buddy ficou na sala de estar com a televisão ligada.

Por muito que lamentasse ter preocupado Buddy, Kathleen tentou não se sentir culpada por causa do dia que passara com Joyce. Estava demasiado cansada para ler e apagou a luz. Passando as mãos pelos músculos das coxas e das pernas, pensou em tomar uma aspirina; provavelmente estaria dorida de manhã.

Acordou, horas antes do amanhecer, sentindo-se desconfortável. Em frente ao espelho da casa de banho puxou a camisa de noite para cima e ficou a olhar para a mama. A pele estava vermelha e irritada, o mamilo estava inflamado e sentia uma dor surda no peito. Kathleen olhou para o rosto macilento e assustado. Que é que fizera?

Mais tarde, nessa manhã, o Dr. Singh assegurou-lhe que aqueles sintomas nada tinham a ver com o exercício físico.

- Por favor, Mrs. Levine - disse ele bondosamente. - Esqueça isso. Problemas cutâneos são efeitos secundários normais. Acontece a muitos pacientes e os sintomas desaparecem quando o tratamento chega ao fim.

Olhou para a mama de todos os ângulos e pôs um dedo ao de leve na cicatriz.

- Acho que não está tão mau que nos impeça de continuar. Marcy deu estalinhos com a língua.

- Não está a usar nenhuma loções nem sabonetes novos, pois não? - Kathleen olhou-a irada. - É claro que não - apressou-se Marcy a dizer estendendo-lhe amostras de dois cremes espessos e pouco atraentes.

As técnicas foram compreensivas.

- É bastante horrível - concordou Terry. Pela primeira vez, olhou para a mama de Kathleen como se esta fosse uma entidade autónoma.

- às vezes aparece assim de repente - disse Rachel. - Mas também pode desaparecer depressa, Experimente meter umas quantas toalhas molhadas no frigorífico. Alivia.

160 ANITA DIAMANT

As palavras reconfortantes da clínica inteira não a ajudaram. Kathleen encarou aquilo como uma ofensa pessoal. Aqueles sintomas eram lembretes desagradáveis para que não esquecesse - nem por umas poucas horas - que tinha um cancro. Como se ela pudesse esquecer.

Deitada na marquesa com o braço acima da cabeça, a mama exposta, Kathleen ficou a remoer naquilo. Cancro, cancro, cancro, cancro. Nunca se transformava num ruído sem sentido da mesma forma que acontecia com as outras palavras, se as repetíssemos muitas vezes. Havia qualquer coisa na forma como as letras se juntavam que era estranhamente maligna.

Aí estava outra palavra terrível, pensou, maligno. A máquina deslocou-se para o local apropriado e a voz de Terry soou nos altifalantes.

- Está pronta, Mrs. Levine?
- Maligno - murmurou ela.

- Sente-se bem? - perguntou Terry.
- Sim - respondeu. Não, pensou.

Quando Joyce lhe telefonou mais tarde, nessa manhã, Kathleen contou-lhe o que acontecera.

- Merda, isso não é justo - disse Joyce e apareceu duas horas mais tarde com uma embalagem de limonada e um saco cheio de soutiens desportivos de algodão ainda com as etiquetas.

- Nem posso acreditar que se tenha dado a este trabalho disse Kathleen.

- Ei, isto é exactamente o mínimo que posso fazer.

Era a primeira vez que Joyce ia a casa de Kathleen. Admirou as estantes encastradas nas paredes da sala e deteve-se a estudar a cronologia dos retratos da família: de Hal e Jack enquanto bebés sorridentes, a Hal e Jack como adultos sorridentes.

Quando chegaram ao alpendre, Joyce maravilhou-se com o jardim onde as flores de Kathleen estavam em flor.

- Como é que se chama aquela? - Joyce apontou para um canteiro de flores vermelhas.

A PRAIA DE GoOd HARBOR 1 161

- Acho que se chama Tentativa de Estudante.

- Está a brincar.

- Posso ir verificar.

- Não se incomode. Vá sentar-se debaixo do toldo que eu trago-lhe uma bebida.

Bebericaram a limonada quase sem falar. Joyce achou Kathleen com um ar cansado. Os braços dela teriam aquele ar esquelético no dia anterior?

- O Buddy estava aborrecido comigo - disse Kathleen após uma longa pausa.

- Por chegar atrasada?

- Sim. Sim. E sei que é uma estupidez, mas sinto que estou a ser castigada por causa de ontem.

- Por não ter telefonado?

- Por me ter divertido.

- Não faça isso a si própria.

Kathleen não disse nada e, pela primeira vez, o silêncio entre ambas foi desconfortável.

- Posso ir buscar-lhe mais alguma coisa? - perguntou Joyce.

- Não, acho que vou tentar dormir.

- Está bem. Venho cá amanhã e levo os soutiens que não lhe servirem. - À porta deu um abraço a Kathleen e agradeceu-lhe por ter dito aquilo que estava a pensar. - Telefone se precisar de alguma coisa.

O dia seguinte foi pior. Kathleen acordou a sentir-se como se tivesse levado com uma tonelada de tijolos ou tivesse sido atropelada pelo coioote dos desenhos animados do Papa-Léguas.

Sentia-se como se estivesse envolta em algodão em rama.

Sentia-se como o seu velho cão, Kirchel, que quase já não se tinha de pé e que Buddy levava ao veterinário para que o abatesse. Ocorria-lhe uma imagem após outra, deitada na cama, tentando reunir energias suficientes para se levantar. Usou todas as suas forças só para se vestir. Relutantemente, pediu a Buddy que a levasse à clínica onde pediu para falar nova-

162 ANITA DIAMANT

mente com o médico. Sentia-se culpada por o estar a incomodar dois dias seguidos, mas ele entrou com uma expressão de simpatia no rosto.

- Vou pedir umas análises ao sangue, mas suspeito que não encontraremos aí qualquer explicação para o seu cansaço - disse o Dr. Singli depois de a ter auscultado para verificar pulmões e coração.
 - Não estou a querer insinuar que a sua fadiga não seja genuína. Esse é um efeito secundário mais do que comprovado.
- Mas também isso passará, Mrs. Levine.

A caminho de casa, Kathleen fechou os olhos e pensou no sotaque do médico. «Paassará.» Como seria ser beijada por um homem com uma dicção tão bonita? Pensou e dormitou até Buddy se inclinar sobre ela e murmurar que já tinham chegado.

Sentiu-se um pouco melhor, arrumou a cozinha, leu o jornal e fez os exercícios ao braço. Mas depois sentiu-se novamente esgotada e deitou-se no sofá.

Kathleen abriu os olhos três horas mais tarde, sentindo-se dorída, tonta e transpirada. Devia ter sonhado, pois tinha o coração aos saltos. Buddy deixara-lhe um recado na mesa da cozinha pedindo desculpa por se ter zangado com ela no dia anterior e dizendo que chegaria cedo a casa. Kathleen sentiu-se abandonada.

- Detesto isto - disse em voz alta, enojada pelo cheiro a azedo do seu corpo e pelo gosto desconhecido que tinha na boca e que era provocado pela pena de si mesma. - Recuso-me a viver assim.

Foi até ao computador, ligou-se ao sistema da biblioteca e procurou Saída Final. O subtítulo, «Questões Práticas da Partida Voluntária», pareceu-lhe sinistramente cómico e riu-se ao ver a mensagem que apareceu no ecrã: «Exemplar desaparecido.» Essa é boa, pensou. Suponho que alguém usou a receita e esqueceu-se de devolver o livro. A Joyce acharia um piadão àquilo.

Mas não mencionou o livro a Joyce quando ela lhe telefonou a convidá-la para uma caminhada.

Kathleen desculpou-se:

- Sinto-me tão cansada que só me apetece ler e dormir o dia inteiro. Espero que não se importe.

A PRAIA DE Good HARBOR 163

Sentada na cadeira, no alpendre, Kathleen examinou o conteúdo do caixote de livros infantis do templo. Ficou horrorizada com a fraca qualidade da escrita e das ilustrações dos anos 60, mas também envergonhada com o pouco que sabia sobre os conceitos básicos do judaísmo de que os livros falavam. Escreveu uma nota à rabi dizendo que não havia nada na «coleção» que valesse a pena conservar e acrescentando que não se sentia com forças para se encontrar com Brigid.

Com aquele assunto despachado, ligou a televisão e ficou a ver séries antigas. Nessa noite Buddy fez-lhe companhia enquanto via programas noticiosos que pareciam ter como objectivo aterrorizar as audiências: os médicos cometiam erros terríveis sem qualquer remorso; os supermercados vendiam carne estragada e vitaminas envenenadas; os polícias eram cruéis.

Kathleen dormiu mal. Quando Joyce lhe telefonou no dia seguinte, Kathleen desculpou-se novamente. À noite, viu um programa sobre fabricantes de automóveis que descuravam as regras na construção de equipamentos de segurança; sobre assassinos adolescentes; sobre como a Internet era um campo minado de pornografia e ideologias do ódio. O telefone tocou.

Buddy tapou o bocal com a mão e disselhe que era uma senhora de uma rede de

auto-apoio para pacientes do cancro da mama.
Queria Kathleen atender? Ela abanou a cabeça.

- Tens a certeza, Kath? - perguntou Buddy.

Ela levantou-se, sem dizer palavra, passou à frente da televisão e saiu pela porta das traseiras.

Buddy seguiu-a e apanhou-a.

- Hoje apanhei um belo peixe - disse ele quando iam a chegar ao fim do quarteirão e ficaram a olhar para a água iluminada pelo luar. Falava depressa de mais, contando-lhe que um dos seus fornecedores ia deixar o negócio, que Miguel, o seu subgerente, adorava o peixe e a mãe lho fritara com milho picante. Kathleen sabia que Buddy estava a esforçar-se, mas não conseguiu arranjar energias para lhe fazer as perguntas que facilitariam a conversa. Deu-lhe o braço e regressaram.

164 1 ANITA DIAMANT

Na manhã seguinte, quando as luzes se apagaram na sala de tratamento, Rachel disse:

- Estamos a meio, Mrs. Levine. - O laser dividia a sala em duas. Kathleen fechou os olhos, mas o foco de luz vermelha continuava na sua frente.

Vou a meio e Julho está quase passado, pensou. O Verão está a passar depressa ou devagar?

- Está pronta, Mrs. Levine? - perguntou Rachel.

- A Mrs. Levine está tão pronta quanto lhe é possível de momento - disse Kathleen.

- Bem, isso é honestidade - disse Terry. Rachel riu-se baixinho por trás dela e ouviu-a no intercomunicador. A máquina cantarolou a sua musiquinha de quinze segundos e depois eram horas de ir para casa.

Nessa tarde Kathleen recebeu um telefonema de Jack. Hal telefonou à hora de jantar e disse que iria a casa uns dias, em breve.

- Talvez no início de Agosto, se me conseguir organizar.

Kathleen pensou nos seus dois filhos em casa. Agir como se tudo estivesse bem requeria muito esforço.

- Quando é que lhes telefonaste? - perguntou a Buddy.

- O que é que queres dizer com isso? - disse ele, virando-se.

- Deixa lá. - Ligou a televisão.

JOYCE TENTOU NÃO levar muito a peito as rejeições diárias de Kathleen. Telefonou a uma enfermeira de oncologia, que já entrevistara, e que lhe assegurou que o cansaço era normal nos doentes com cancro. Por isso Joyce começou a mandar postais patetas e tentava ser engraçada e divertida ao telefone, transformando as novidades sem importância em pequenas anedotas: a mais recente oferenda a Nossa Senhora de Forest Street fora um molho de cravos cor de laranja com um aspecto desgraçado; o rapaz malcheiroso que aparava a relva de Joyce escondera uma série de revistas Playboy na garagem. Joyce concluía as conversas com o relatório do progresso das pinturas.

- Tem de vir cá ver o meu quarto etéreo - disse na esperança de a intrigar, mas Kathleen não reagiu ao convite.

- Eu não me importo de ir aí - ofereceu Joyce.

- Falamos amanhã de manhã - disse Kathleen.

Depois de ter pintado o quarto de Nina, Joyce pintou a entrada e depois o escritório. Trabalhava lenta e meticulosamente.

Remendava e lixava até a mais pequena das fissuras e polia o estuque recém-aplicado antes de o pintar. Na casa de banho, pintou com uma esponja uma

camada de branco por cima do azul, sugerindo um céu nublado. Ficou de tal forma perita com os pincéis mais pequenos, que nem se dava ao trabalho de proteger os vidros com fita adesiva e quase nem sujava as janelas.

166 1 ANITA DIAMANT

Já tratava o empregado da loja de ferragens, que tinha a estrela-do-mar tatuada no pulso, pelo primeiro nome. Ralph tinha uma namorada, a Linda, que lhe trazia todas as tardes um biscoito de manteiga de amendoim, mas Joyce punha sempre base e bâton quando ia à loja para comprar gesso ou um pincel novo.

Frank telefonava-lhe todas as manhãs e todas as noites com uma nova adenda à litania das desculpas relacionadas com o trabalho. Passada uma semana deixou de lhe perguntar se ele vinha, e ele nunca lhe pediu que fosse ter com ele. Ela sentia-se furiosa, mas também instalada numa rotina confortável. Levantava-se antes das oito da manhã e andava pela casa, passando as mãos sobre o trabalho do dia anterior, estudando a forma como dera as pinceladas e planeando a tarefa seguinte.

Joyce nem sequer se dava ao trabalho de ligar o computador. Escrevia postais a Kathleen e cartas a Nina que lhe respondia com uma série de notas ofegantes.

Estava a ter umas férias tremendas. Os miúdos eram tremendos. Precisava de meias. Poderia a Joyce, se fizesse o favor, enviar-lhe creme enlatado para bolos? Tinha sido escolhida para capitã da equipa de futebol. Podiam mandar-lhe mais dinheiro para comprar doces na cantina?

Os dias de Joyce tornavam-se cada vez mais estereotipados. Frank telefonava. Ela telefonava a Kathleen. Escrevia a Nina. Pintava e, às quatro da tarde, já recitava, palavra por palavra, as principais histórias do dia fazendo coro com o locutor da National Public Radio. Comprava jantares já cozinhados no supermercado e comia-os enquanto lia o jornal e bebia dois copos de vinho. Fazia por não pensar em Frank da mesma forma que evitava tocar com a língua no chumbo rachado do último molar direito.

Adormecia depois do noticiário das onze e sonhava que pintava paredes enormes num palácio ao pé do mar.

- Pareço uma freira ou coisa do género - pensou, olhando-se ao espelho da casa de banho.

- Eu e a minha AVM.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 167

Certa tarde, conseguiu arrastar-se até Good Harbor, mas só andou até meia praia. Aquilo era demasiado solitário sem a Kathleen.

Depois de cinco dias sozinha, foi de carro a Belmont, sentindo-se um pouco como uma ladra quando abriu a porta da sua própria casa. Deixou os quartos na semiobscuridade, com as cortinas corridas, enquanto via o correio. Só umas poucas cartas requeriam a sua atenção. Frank pagava as contas e atirava fora a publicidade. Enfiou a roupa interior que restava num saco de plástico. Deitou-se na cama de Nina e cheirou o vago odor que ainda permanecia a champô de morango.

Joyce andou de divisão em divisão. Frank mantinha a casa limpa na sua ausência. Não havia pratos no lava-loiça e a cama estava feita; apenas o cesto da roupa suja dava testemunho da sua vida de solteiro. Fechou a porta atrás de si sem sequer ouvir as mensagens no atendedor. A colónia de Nina tinha os dois números de telefone e o Frank comunicava-lhe tudo aquilo que requeria realmente os seus cuidados.

Na sua segunda viagem a Belmont, poucos dias depois, Joyce sentiu-se menos como uma ladra e mais como um fantasma. Da porta do frigorífico tinham sido removidos os avisos relativos à última época de futebol. O interior estava vazio com excepção de uma colecção de caixas do pronto-acomer chinês. Começou a escrever um recado para Frank: «Olá.

Estive cá», mas depois parou. O que é que tinha para lhe dizer?

- Onde estás? Não te parece estranho que não nos tenhamos visto durante duas semanas?

Devemos marcar um encontro para ir ao cinema... ou para ir ao advogado?

Amarrotou o papel e enfiou-o no bolso. Não ligou o rádio na viagem para Gloucester e pensou se estariam mesmo a caminho do divórcio. Gostaria de poder discutir aquilo com Kathleen, mas ela estava demasiado exausta devido ao tratamento. Joyce precisava de dar uma caminhada; aquele não lhe parecia assunto para ser discutido ao telefone, principalmente porque ainda não tinham falado dos maridos.

168 1 ANITA DIAMANT

Talvez devesse lá ir, pensou Joyce enquanto passava a ponte, ou talvez isso seja forçar as coisas.

Kathleen estava, afinal de contas, a travar uma batalha com o cancro; como poderia Joyce ir queixar-se do seu casamento? Foi para casa.

Nessa noite, um grande estrondo acordou-a, num sobressalto tal, que já estava sentada na cama ainda antes de ter aberto os olhos. A tremer, viu que o mostrador luminoso do relógio digital indicava 4:24. Malditos guaxínins.

Deitou-se. A escuridão já não era propriamente profunda, mas passar-se-ão ainda horas antes de poder começar a pintar.

Um pássaro cantou lá fora, muito antes de o Sol ter nascido.

Talvez cantasse durante o sono, pensou, pondo as mãos sobre os olhos. Talvez os pássaros sonhassem que cantavam e cantassem a dormir.

Levantou-se, lembrando-se do que Kathleen lhe dissera de Halibut Point ao nascer do Sol. Vestiu uma camisola, umas calças, calçou sapatilhas, aqueceu os restos do café do dia anterior e dirigiu-se ao carro.

O silêncio era tão espesso que quase podia cheirá-lo. Joyce parou antes de abrir a porta e susteve a respiração. O véu da Nossa Senhora brilhava à luz da rua. A mãe perfeita, pensou e caminhou na direcção da estátua. Não é como eu. Fico toda chateada porque a Nina não quer ir ao cinema comigo. Pôs um dedo nos lábios de Maria. Mas o que sabe a senhora disso, Menina Maria? Os rapazes são mais fáceis. Toda a gente o diz.

Joyce chegou à estrada principal sem ter visto um único carro. Bocejando e bebendo o café, conduzia abaixo do limite de velocidade até uma camioneta lhe apitar e depois ultrapassá-la. A música jorrava pelas janelas abertas e ela sentiu o baixo do rádio da camioneta vibrar-lhe no peito.

- Cabrão! - gritou Joyce a plenos pulmões com o coração aos pulos. Endireitou-se e prestou mais atenção à estrada até chegar ao centro de Rockport que parecia completamente adormecido, à exceção de um súbito odor a batatas fritas.

A PRAIA DE GoOd HARBOR 169

Volto para tomar o pequeno-almoço, pensou Joyce. Sento-me ao balcão e converso com a empregada e depois conto tudo à Kathleen.

Subindo a colina depois de Rowe Point, Joyce carregou no acelerador, passando velozmente por antigas igrejas transformadas em casas particulares, passou por promontórios modestos e paredes de granito, condomínios fechados, um hotel em mau estado, por casas que cobiçara durante anos.

Saberei eu para onde vou? Pensou e depois viu a pequena tabuleta a indicar o Parque Estadual.

Encolheu-se quando os travões guincharam e os pneus uivaram e depois ficaram silenciosos. Mas, ei, ali estava ela, parando ao lado do parque de estacionamento fechado a cadeado. Ou talvez devesse ir para casa.

Joyce era, sabia-o, uma pessoa fundamentalmente úmida.

Armava-se em corajosa mas, mesmo em adolescente, tivera medo de correr riscos. Na faculdade nunca experimentara ácido nem sequer apanhara uma grande bebedeira. A ideia de ir à boleia Europa fora com as colegas fora demasiado assustadora, os perigos demasiado vívidos.

Convenceu-se a passar por cima da corrente à entrada do parque. O que diriam os cabeçalhos?

Mulher de Meia-Idade Apanhada a Entrar em Propriedade Privada.

Caminhou lentamente, olhando para o chão para evitar raízes e buracos. Uma lanterna teria sido uma boa ideia, mas lá se arranjaria. O ar por baixo das árvores era verde e lamacento. Pequenos sons restolhantes nos arbustos assustaram-na. Ratos, suponho.

E se o céu estiver encoberto e for um dia horrível para o nascer do Sol?

E se houver um violador na praia?

E se eu descontráísse e continuasse a andar?

A floresta terminava abruptamente e o céu abria-se sobre terras baixas cobertas de mato e areal. A brisa agreste e salgada atingiu-a no rosto e despertou-a e agora já conseguia ouvir o oceano.

170 1 ANITA DIAMANT

A gravilha espalhava-se sob os seus pés enquanto seguia por um caminho estreito através de flores da praia e de espinhos. Um monte enorme de escória de granito erguia-se à sua esquerda, dez andares de detritos provenientes de pedreiras há muito abandonadas.

Conseguiste, congratulou-se Joyce e começou a atravessar a paisagem lunar preta e branca de pedras e pedregulhos.

Procurava cuidadosamente onde pôr os pés, temendo as fendas que se abriam na escuridão e as poças de água. Pelo menos era mais fácil do que escalar Salt Island.

E era tão magnífica como Kathleen dissera. De cada vez que Joyce percorria uns quantos metros ou movia a cabeça, a forma do mundo alterava-se completamente. A arquitectura aleatória de penhascos e fragas, polidos pelas águas e pelo tempo, enquadrava um mar totalmente chão que, àquela luz, quase não se distinguia do céu.

Deve ser incrível no meio de uma tempestade, pensou Joyce. Mas o horizonte

estava calmo e vazio.

Nem uma gaivota, nem um corvo-marinho, nem sequer uma rede para lagostas à vista.

Era vazio mas não silencioso. Escutou o incessante ruído húmido da maré, a rebentar e a respirar debaixo de si, espalhando-se contra os incontáveis recortes da praia. A água do mar batia nas pedras, era sorvida por entre as pedras, sobre as pedras, acabando por, eventualmente, desfazer as pedras em areia. Para todo o sempre.

A luz era agora mais forte, mas continuava descolorida. O dia estava a amanhecer por entre as nuvens. Que tipo de pintura se conseguiria obter com todo aquele cinzento?, pensou, examinando a costa tão longe quanto a vista alcançava. Era tudo luz cinzenta, água cinzenta, rocha em tons de cinzento. E eu de calças de fato-de-treino cinzentas e camisola cinzenta e cheia de medo cinzento.

Joyce sentia-se como se estivesse no fim do mundo. Estendeu os braços, arqueou as costas e esticou-se, com as mãos muito acima da cabeça. Suspirou, virou-se e viu-o.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 171

A uns trinta metros, sobre um penhasco pendurado sobre a água e que formava um ângulo de setenta graus. Estava descalço, tinha umas calças de ganga com as pernas cortadas e uma camisa de trabalho de mangas compridas. Estava completamente imóvel com um cigarro na boca.

Joyce ficou tão sobressaltada que levou algum tempo a sentir medo. Deveria afastar-se? Tê-la-ia visto? Que estaria ele a fazer ali? Que estava ela a fazer ali?

Ele viu-a reparar nele e atirou o cigarro ao mar. Levantou o braço e acenou, fazendo um arco largo e exagerado com o braço, de um lado para o outro, como se estivesse a chamar a atenção de um navio.

- Oláaa, - gritou ele.

Provavelmente não é um assassino, pensou ela, e retribuiu o aceno.

Ele encaminhou-se na sua direcção. Ela olhou em volta, na esperança de avistar mais alguém, mas não havia ninguém. Em poucos instantes ele estava ao seu lado.

- Não é nenhuma doida, pois não? - disselhe ele com um lindo sorriso que revelou dentes pequenos e tortos.

- Eu não. A minha amiga Kathleen recomendou-me esta paisagem ao nascer do Sol e eu não conseguia dormir.

- Tenho uma irmã chamada Kathleen. - Era irlandês.

- Os guaxinins acordaram-me. Não consegui voltar a adormecer.

- E o seu marido?

- Durante a semana está na cidade.

- Coitado.

Joyce encolheu os ombros.

Vem aqui muitas vezes? - estremeceu com o lugar-comum. É a primeira vez - disse ele sorrindo novamente. - Tem uma vista espectacular. Faz-me lembrar a minha terra.

- Irlanda?

- Sim.

172 1 ANiTA DIAMANT

Tinha o cabelo preto preso num pequeno rabo-de-cavalo no pescoço; a pele

clara, macia nos nós dos dedos e nos pulsos. Andava na casa dos 30, pensou Joyce, mas não conseguia perceber se era quatro ou dez anos mais novo do que ela.

- Tem mais alguma pergunta? - disse ele.

- Não tem frio? - perguntou ela, mais uma vez horrorizada pelo tom maternal da sua voz. Que se passava consigo?

- Deve ter uma criança em casa.

- Bem, tenho uma filha com doze anos. Está na colónia de férias. - Pronto, agora ele sabia que estava sozinho-

- Tem saudades dela.

- Sim.

- Eu também tenho saudades da minha menina. Mas não da mãe dela.

É divorciado?

Nunca me casei com ela.

E agora Joyce sabia que ele estava sozinho.

Apareceu uma gaivota. Juntos, viram-na pairar no horizonte. A paisagem branca e preta transformara-se em sépia. As nuvens baixas no horizonte revelaram ser, afinal, um banco de nevoeiro, que se aproximava deles. Amortalhando a água e exalando brumas sobre os seus rostos.

- Uma manhã misteriosa, não é? - disse ele e tremeu de frio.

- E eu estou um bocado gelado. Não devia ter deixado os sapatos na carrinha. Apetecia-me um café.

- Lamento. Não trouxe. - Joyce tapou a boca com a mão. Deve pensar que eu sou idiota.

Ele riu-se.

- Não quer vir beber um café comigo? Há um restaurante ótimo mais abaixo na estrada.

- Claro. - Joyce começou a pensar como estaria o seu cabelo quando iniciaram o caminho de regresso.

Ela abrandou para ultrapassar uma fenda com cerca de um metro de largura entre duas rochas e ele estendeu-lhe a mão para a ajudar. Manteve a mão dela apertada durante um milésimo de

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 173

segundo depois de ela ter saltado. Joyce deixou que fosse ele a tirar a mão primeiro.

Quando entrou no carro para o seguir até ao restaurante em Lanesville, pensou em virar à esquerda em vez de virar à direita. Poderia contar a Kathleen como encontrara um belo irlandês de madrugada, em Halibut Point, como namoriscara um pouco e desaparecera na manhã. Essa seria uma boa história com um final adequado. O homem podia ser um tarado que atraía mulheres para a morte.

Mas Joyce não acreditava que ele fosse perigoso. Tinha um sorriso doce e a forma como a olhava era... Era como água no deserto. A mão dele era macia. Queria saber o seu nome. E era apenas uma chávena de café num local público. Daria uma história ainda melhor.

O restaurante era um cubículo de aspecto alegre pelo qual já passara mil vezes pensando sempre em parar. Era capaz de ser o mesmo sítio onde Kathleen costumava levar os rapazes.

Ele sorriu-lhe quando abriu a porta. Chamava-se Patrick. Pediram ovos e torradas e beberam café atrás de café enquanto ele fumava e falava. Estava nos Estados Unidos há seis meses e trabalhava para o primo de um amigo que dirigia um serviço de correio expresso. Trabalhava de noite e enviava dinheiro para a filha de 2 anos, Clare. Também mandava dinheiro para a mãe. Mas não para Elizabeth, a namorada. Cuspiu o nome dela como se fosse uma praga.

Patrick crescera nos arredores de Dublin, deixara a escola mas obtivera o diploma do secundário na escola nocturna. Queria ir para a universidade para estudar Geografia.

- Geografia? - perguntou Joyce.

- Sim. E poesia. - Debitou a lista dos poetas irlandeses contemporâneos seus favoritos, com nomes que soavam como um soneto de belas sílabas sem sentido: Padriac, Ciaran, Donagh, Nuala. Ela observava-o enquanto as palavras jorravam dos seus lábios desírmanados - o inferior mais cheio que o superior.

174 1 ANiTA DIAMANT

Ofereceu-lhe um Malboro e ela aceitou. Não fumava desde que saíra da faculdade, mas era um pretexto para lhe tocar na mão enquanto ele lhe acendia o cigarro. O seu braço ficou quente do contacto. Os olhos dele eram de um azul quase de anil.

Patrick atirou uma nota amarrotada de \$20 para cima do balcão quando saíram. No exterior, Joyce encostou-se à cabina da carrinha dele, deixando que a humidade fria do metal lhe chegasse às costas. Patrick debruçou-se sobre ela, apoiado sobre uma mão que colocou ao lado do seu rosto. Um metro e setenta, pensou ela. O seu hálito cheirava a tabaco.

Porque saiu da escola? - perguntou Joyce.

Isso é uma longa história. - Baixinho, quase a murmurar, contou-lhe como fora, num sábado de manhã, arranjar a janela da sala da professora de Matemática. Ela estava à espera dele, era o primeiro ano que dava aulas. Era nova, tinha cabelo preto e olhos castanhos. - Uma rapariga alta.

Da minha altura. Bonita. - Pensavam que estavam sozinhos no edifício, mas tinham sido apanhados no vestiário e ele nunca voltara.

Joyce ficou a olhar para a boca dele. Ele inclinou-se e beijou-a suavemente.

- Posso voltar a vê-la? Joyce assentiu.

- Amanhã aqui, para almoçar?

Ela assentiu novamente e ele ficou com o seu número de telefone.

Acompanhou-a ao carro e beijou-lhe a mão. Joyce apercebeu-se de que, afinal, não contaria a Kathleen a sua manhã em Halibut Point.

A praia de Good Harbor 175

KATHLEEN PÔS o cinto de segurança e ficou, distraída, com os dedos sobre a chave que não rodou na ignição. Buddy deu a volta ao carro até ao lugar do condutor.

- Estás bem?

- Estou ótima. - Ligou o carro e saiu do estacionamento.

Kathleen conduziu o carro lentamente até ao fim do quarteirão e esperou por uma aberta no trânsito. Porque haverá tantos carros hoje?

Porque é que vão todos tão depressa? Porque é que ninguém me deixa entrar? Agarrou o volante com força.

Finalmente houve uma abertura no trânsito e ela entrou na estrada. Um camionista apitou e o coração dela começou a bater mais depressa. Aproveitando a oportunidade, Kathleen entrou na rotunda, encostou-se à direita e seguiu na

direcção da ponte.

Apercebeu-se de que estava ofegante.

Ao passar por cima do rio, viu uma longa fila de carros que a ultrapassavam.

Olhou para o conta-quilómetros. Não vou mesmo a trinta, ou vou? Quando outro carro a ultrapassou, ela olhou e viu que o motorista a insultava.

Fixou os olhos na traseira do carro que ia na sua frente e tentou acompanhá-lo.

Oh meu Deus, pensou. Oh meu Deus. Quando saiu da ponte, Kathleen encostou, passou para o lugar do passageiro, abriu a porta e vomitou para a areia da berma.

O que teria comido na noite anterior? Ou a náusea seria provocada pelas radiações?

176 ANITA DIAMANT

Contou até cem e sentiu que a pulsação se acalmava um pouco.

Não era uma intoxicação alimentar nem efeito das radiações pensou. Era tudo provocado pela sua cabeça. E se não se recompusesse, acabaria a ser arrastada para um psiquiatra.

Encontrou uma pastilha para o mau hálito, escovou o cabelo e voltou a ligar o carro, obrigando-se a pisar o acelerador até o conta-quilómetros marcar um pouco mais de setenta quilómetros por hora, que era o máximo que conseguia aguentar.

- Eu consigo - disse, lançando um olhar cheio de pânico ao retrovisor. - Tenho de conseguir.

Kathleen chegou ao consultório com dez minutos de atraso mas ninguém fez comentários ou pareceu reparar na sua agitação.

Devo ser melhor actriz do que pensava. Ou talvez eles não estejam sequer interessados.

Na verdade, toda a clínica estava um pouco fora dos eixos.

O Dr. Singh estava numa conferência em Boston. A sua substituta uma mulher forte com sotaque russo, entrou para verificar os parâmetros da máquina e quase

nem olhou para Kathleen. Rachel estava de baixa e Terry de férias. As substitutas chamaram 1h., «querida» e levaram tempo de mais a pô-la em posição.

De costas, com o braço levantado, o seio nu, tentou não pensar que tinha de conduzir de regresso a casa. Fechou os olhos para não ver o fino feixe vermelho do laser mas este era visível por detrás das pálpebras baixas, vibrando e desvanecendo-se como um arame carmim.

Depois da sessão de tratamentos, Kathleen bebeu um chá morno na cafetaria demasiado iluminada do hospital e depois andou às voltas na loja de presentes durante muito tempo. Pelo menos àquela hora não haveria muito trânsito, pensou. Poderia conduzir como uma velhinha e eles ultrapassá-la-iam. Eu vou conseguir, disse a si própria. Já fiz isto um milhão de vezes.

Tinha-o feito com crianças aos gritos no banco de trás.
Tinha-o feito com arbustos incendiados de ambos os lados da estrada.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 177

Tinha feito aquele pedaço de estrada após o descerramento da lápide funerária de Danny, com Buddy soluçando ao seu lado. Eu consigo, pensou. Mas quando se aproximou da ponte, começou a tremer.

- O que se passa? - uivou e voltou a sair da estrada. -
Pronto, pronto - disse no tom que usava com as crianças do jardim-infantil. -
Não tens que passar a ponte.
Podes dar a volta.

Mas isso faria com que a viagem tivesse muitos mais quilómetros. O que seria pior! Olhou para os nós dos dedos e apercebeu-se de que as mãos lhe doíam devido à força com que segurava o volante. Só queria chegar a casa.

- Vamos para casa - disse a si própria com firmeza olhando-se no espelho retrovisor. Saiu da via rápida e apanhou a estrada mais longa obrigando-se a respirar lentamente: inspirar, um-dois-três; expirar, um-dois-três.

Nessa noite perguntou a Buddy se se importaria de a levar na manhã seguinte.

- Era bom ter companhia.

- Só se me deixares levar-te a tomar o pequeno-almoço depois.

Com Buddy ao volante na manhã seguinte, Kathleen não se sentiu tão aterrorizada, mas a passagem da ponte acelerou-lhe o coração e ficou com as mãos a transpirar. Manteve os olhos fixos no parapeito da ponte e contou. Buddy não deu por nada.

Ninguém parecia dar por nada. Uma das filhas de Marcy estava com varicela e ela não estava a trabalhar. Quando Joyce telefonou, Kathleen disselhe que se sentia um bocado tonta, mas até Joyce pareceu não ficar preocupada. Pensou que Joyce seria capaz de adivinhar que algo se passava.

Kathleen sentou-se debaixo do toldo no alpendre e tentou ler, mas não conseguia concentrar-se.

Acabou por ir para a sala, onde estava mais fresco, e dormitou em frente da televisão. Não atendia o telefone a não ser que ouvisse a voz de Buddy no atendedor de chamadas. Escutou a mensagem da rabi Hertz e outra da rapariga, a Brigid.

178 1 ANITA DIAMANT

Manteve-se afastada do carro. Buddy fez os recados e foi comprar as mercearias. Chegou a casa depois do trabalho e encontrou-a adormecida no sofá. Sentou-se na cadeira ao lado dela e apoiou a cabeça numa mão, preocupado. O Hal e o Jack tinham-lhe telefonado para a loja para saber o que se passava com a mãe: tinham-lhes parecido estranha quando tinham falado com ela ao telefone. Buddy dissera-lhes que Kathleen estava apenas cansada. Era isso o que ela lhe dizia invariavelmente.

Ela acordou, viu a expressão do rosto de Buddy e disse-o novamente.

- Vou ficar bem. É da radioterapia. Eles dizem que vou ficar boa. - Depois

inventou mais uma história acerca da caminhada que dera com Joyce em Good Harbor.

A Praia de Good Harbor 179

JOYCE SENTIA-SE EXCITADA e ofegante. Acordou antes das seis da manhã e foi até ao fim de Rocky Neck na quietude nublada. De regresso a casa, ligou o computador, escreveu um poema sobre o nascer do Sol e apagou-o. Quando Frank telefonou, estava sentada no chão da cozinha a olhar para o pedaço que pintara de roxo.

- Estou a tentar a cor de beringela - disselhe, tossicando para clarear a garganta.

- Estás bem?

- Acho que é dos vapores da tinta. Mas acho que estou quase em condições de pensar seriamente no livro, agora que as pinturas estão quase prontas.

- ótimo.

Joyce não disse nada.

- Bem, então não te empato.

- Não estás a empatar-me - disse Joyce, imediatamente aborrecida por ele terminar a conversa de forma tão abrupta.

-As coisas no trabalho vão bem?

- Sim. Uma loucura. - Conseguia vê-lo a encolher os ombros.

- Bem, tenho de ir. Ainda tenho de telefonar à Kathleen.

- És uma boa amiga - disse Frank. - Falamos mais tarde. Assim que desligou o telefone, Joyce foi tomar um duche. Estou a lavar as mentiras, pensou. Não que

tenha mentido a aigüém.
Ainda.

180 1 ANITA DIAMANT

No carro, sintonizou uma estação de heavy metal e levantou o som. Era só barulho, mas abafava os seus receios e parecia apurar-lhe os sentidos.

Patrick beijou-a distraidamente quando se sentou ao balcão para almoçar. Não estava falador como no dia anterior. E não se tinha barbeado.

- Tive uma noite muito longa - explicou. - Fiz dois turnos. Só agora é que me despachei. - Fumava um cigarro atrás de outro e limitou-se a sorrir quando Joyce tentou fazer conversa, o que não era fácil. Não podia falar da família, por isso contou-lhe a história da estátua que tinha no jardim, desde o episódio do acidente quase fatal de Ricky até às devoções mais recentes de Theresa.

Depois de a empregada lhes ter servido as sanduíches, comeram em silêncio e Joyce começou a pensar que aquele seria o seu último encontro. Mas Patrick perguntou-lhe se tinha tempo para um passeio em Plum Cove antes de ele ir para casa dormir.

Passaram em silêncio por mães que conversavam e brincavam com os filhos na pequena praia rochosa.

Patrick encostou-se a Joyce quando regressavam aos carros acariciando-lhe a mão.

- Tenho-me sentido tão só aqui - disse. - És muito fixe por me aturares, Joycey.

Ela apertou-lhe a mão e ofereceu-lhe os lábios para que os beijasse. Ele beijou-a. Entrou no carro dela e segurou-lhe o rosto entre as mãos, beijando-a. Durante dez minutos beijou-a e depois pousou os lábios junto ao ouvido dela e disse:

- Amanhã, Joycey, vens visitar-me ao meu pobre quartinho?

- Sim, - Outra vez ao meio-dia?

- Sim.

Ele escreveu o endereço.

Joyce aumentou o volume do rádio ainda mais e manteve-o assim, baixando-o apenas quando fez o telefonema diário a Kathleen que lhe voltou a dizer que não. Quando Frank telefonou, deixou-o falar para o atendedor.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 181

- O dia parece estar ótimo para a praia - disse ele. - Espero que estejas a aproveitar.

Foi um dia longo que ela preencheu com os tectos, o trabalho de que gostava menos.

De manhã, tomou banho em vez de duche. Tratou das unhas e acabou por sair de casa cedo, chegando a Rockport uma hora antes do combinado, o que se revelou útil, uma vez que não conseguia encontrar o apartamento de Patrick. Encontrou a agência imobiliária de que ele lhe falara, mas não havia porta nenhuma no endereço que lhe dera. Finalmente, foi até à parte de trás, ao parque de estacionamento, que ficava nas traseiras das lojas, e ele estava à espera, empoleirado num poste de madeira, a fumar.

Joyce seguiu-o por umas escadas acima que conduziam a uma cozinha escura com espaços vazios nos locais onde deveriam estar o frigorífico e o fogão. Passaram por uma fila de portas de cores desmaiadas, todas elas fechadas com um cadeado.

- Quem é que vive aqui? - perguntou.

- Trabalhadores - disse Patrick que ia na sua frente. - Sobretudo irlandeses. Com dois empregos, muitos deles. Mandam dinheiro para casa.

O quarto de Patrick ficava ao fundo do corredor. As duas janelas, com cortinados feitos de colchas velhas e floridas, davam para a rua. Cinco cartazes enormes de

luta livre estavam afixados às paredes.

- Não são meus - disse apontando as expressões horríveis e os músculos inchados. - O miúdo que viveu aqui antes de mim pô-los na parede e escondem as rachas, - Acendeu outro cigarro.

Calças de ganga e camisas de trabalho estavam cuidadosamente dobradas e arrumadas em caixas azuis que também continham meia-dúzia de livros, uma caixa de Marlboros, um cinzeiro e um candeeiro de bicha. O colchão enorme ocupava a maior parte do pavimento, com um cobertor de material sintético, verde e gasto, firmemente esticado, a cobri-lo. Parecia-se, estranhamente, com a cela de um monge. Ou com a cela de um monge estranho.

182 ANITA DIAMANT

Ele agarrou-lhe na mão e beijou a parte de dentro do pulso.
Ela mal conseguia respirar.

Quando ele fechou a porta Joyce entrou em pânico. Teria perdido o juízo?
Ninguém sabia onde ela estava.

- Estás bem? - perguntou ele, recuando e estendendo-lhe a mão como se ela fosse um cão desconfiado. Deixou que ela tomasse a iniciativa.

Ela hesitou e depois beijou-o na boca. Beijaram-se, de pé. Ele não estava com pressa. Abraçaram-se e ele passou-lhe os braços pelas costas. Segurou-lhe a cabeça e enterrou os dedos no seu cabelo.
Os seus carinhos - deliberados, quase castos - faziam Joyce sentir-se tonta.

Tinha de se sentar, de se deitar. Mas ele manteve-a de pé, beijando-a, acariciando-lhe a nuca, as costas, as orelhas, o rabo, tudo menos os seios e o púbis.

Ela gemeu. Patrick afastou-se um pouco e sorriu-lhe como se tivesse obtido uma espécie de vitória.

- Podes ir, se quiseres.

Joyce afastou-se, sentindo-se como se ele a tivesse esbofeteado, - Que queres dizer?

- Bem, o sítio onde vivo não é bem um palácio, ou é?

- E que diferença é que isso faz?

- Não sei. - Encolheu os ombros. - Os americanos são, podem ser...

Joyce imaginou uma quantidade de mulheres a virem ali e a franzirem o nariz perante a sordidez.

Embora aquilo não fosse verdadeiramente sórdido. Era velho mas estava bastante limpo. Ela pôs-lhe as mãos nas ancas e encostou-se a ele.

Ele riu-se.

- Então está bem.

Puxou-a para o colchão onde se beijaram e acariciaram como um par de miúdos do liceu até Joyce pensar que iria desmaiar.

Patrick levantou-se e desculpou-se dizendo que tinha de ir à casa de banho.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 183

Vai buscar um preservativo, pensou Joyce, que se descalçou. A porta fechou-se com um clic quando ele voltou. Patrick deitou-se e começou a beijá-la.

Desapertou-lhe as calças e meteu a mão por baixo da blusa, beijando-a. Despiu-a lentamente. Com a língua e com os dedos acariciou-a demoradamente dos pés à cabeça.

Segurou-lhe a cabeça entre as mãos e murmurou em céltico - incoerências sibilantes e ronronadas, aquecendo o interior da sua orelha expectante.

Acariciou-lhe as coxas com o interior aveludado dos seus braços quase lhe

provocando um orgasmo e depois fez uma pausa, longa e dolorosa, antes de percorrer o resto do caminho com a mão.

Enfiou os dedos dos pés dela na boca e ela riu-se com a intensidade do prazer. Subiu-lhe pelas coxas e entrou dentro dela. Dedos e língua virando-a do avesso. Ele era experiente e generoso.

Levou o seu tempo e parecia saber quando deveria aplicar um pouco mais de pressão. Muirmurou quando ela atingiu o clímax:

- Oli, Joycey.

Joyce sorriu a si própria no regresso a casa. A sua pele resplandecia. Os seus lábios resplandeciam.

Tinha um aspecto jovem. Teria sido o orgasmo mais intenso e mais gratificante que alguma vez tivera ou era apenas da novidade?

Pintou três armários nessa tarde. Acabou por mentir descaradamente a Frank quando este lhe perguntou como correra o dia.

- Andei a comprar antiguidades - disse. Dormiu doze horas e acordou às oito e meia com o telefonema de Frank.

Depois Patrick telefonou, tal como dissera que faria, às dez.

- Dá-me um par de horas para dormir. Estou arrasado. Estava na rua à espera dela e beijou-lhe a mão quando lhe tirou o saco com muffins e café. Ela ficou sentada na cadeira de dobrar que havia no quarto a vê-lo comer.

Ele comeu com grandes dentadas e bebeu o café até ao fim.

Joyce observou-o a limpar a boca com o guardanapo.

- És a cura para a solidão - disse Patrick pondo a chávena dentro do saco.

184 1 ANITA DIAMANT

Encostou-se à parede, estendendo as pernas em cima da cama e tirou um livro da prateleira, um livro grosso e muito manuseado, uma antologia de poetas irlandeses contemporâneos.

- Vem sentar-te ao pé de mim, Joycey. - Bateu na cama a seu lado. - Deixa-me ler-te uma coisa.

- Leu três poemas repletos de saudades de um amante e de uma terra muito verde, que se revelaram ser uma e a mesma coisa.

Quando terminou, beijou-a na face e levantou-se de um pulo.
- volto já.

Tirou-lhe as roupas, desta vez de pé. Esfregando o nariz nos seios dela, acariciando-lhe as coxas, ajoelhando-se na frente dela, amparando-a com as mãos quando ela vacilou. Houve um momento em que Joyce temeu que ele parasse ou que fizesse algo de cruel. Mas isso não aconteceu.

Em três dias seguidos Joyce saiu daquele quarto leve como um papagaio de papel mas cada vez mais perplexa. Quando regressava a Gloucester, preocupou-se com a forma como ele nunca se despia nem a deixava tocar-lhe abaixo da cintura.

Impedia-a mesmo de o acariciar por baixo da camisa que nunca tirava, agarrando-lhe nos pulsos, suave mas enfaticamente, até ela deixar de tentar.

Joyce desejava dar-lhe aquilo que ele lhe dava, mas ele recusava. Mudava de posição quando tentava encostar-se a ele.

Quando tentava tocar-lhe no sexo, fazia que não com a cabeça.

- Porquê? - perguntou-lhe, ofegante, querendo-o dentro de si.

- O teu prazer é o meu prazer - dissera ele, tirando a cara do meio das suas mãos, fazendo um caminho de beijos por entre os seus seios, até aos dedos dos pés e subindo até ao clítoris, onde se demorou até ela o deter.

E só parava quando ela o fazia parar, quando estava encharcada, fraca, dorida de prazer.

Quando ela dizia, «Chega.» Ou quando eram duas e meia da tarde.

O turno das lagostas, chamava-lhe ele, das três da tarde até às onze da noite, embora fizesse frequentemente horas extraordinárias até de madrugada. A sua

rota habitual levava-o por toda a Costa

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 185

Norte, se bem que já tivesse chegado a locais tão distantes como o Maine ou a cidade de Nova Iorque.

Disselhe que por vezes, demasiado tenso para dormir, procurava um local onde ficava a ver o Sol nascer sobre o oceano. Como na manhã em que se tinham encontrado em Halibut Point.

-Agora já não volto lá sem ti - disse Patrick quando estavam deitados nos lençóis muito usados. - Será o nosso pedaço de céu. Ao romper da manhã, o encontro casual de dois corações solitários.
Joyce arrepiou-se.

- Gostas de me ouvir falar, não gostas? - murmurou ele com os lábios na orelha dela.

Enquanto regressava a casa, congeminou formas de lhe arrancar a camisa. Praticou maneiras de lhe perguntar porque é que não se despia com ela. Era impotente? Tinha sida? Era padre? Havia uma câmara no quarto? Era um psicopata a preparar-se para a assassinar brutalmente?

Havia de pensar nalguma coisa antes do encontro seguinte. Ele ia numa viagem de três dias, até Connecticut, dissera.
Telefonar-lhe-ia às dez horas na manhã do regresso. Joyce não sabia como iria aguentar tanta espera, Provavelmente acabaria de pintar o quarto e começaria a cozinhar.

Quando avistou o supermercado, Joyce decidiu que não podia esperar nem mais um minuto por uma bebida fresca e parou junto da máquina de bebidas em frente do supermercado.

Procurando trocos na carteira ouviu chamar o seu nome.
- Joyce!

Era Buddy Levine.

- Fico tão contente por a ver - disse. - Há muito tempo que lhe queria agradecer. Ultimamente a Kathleen tem andado tão triste em casa que, se não passassem tanto tempo juntas, eu ficaria muito preocupado com ela.

186 Anita Diamant

NO DIA SEGUINTE, Joyce apareceu ao meio-dia à porta de Kathleen.

- Vou levá-la a almoçar. Não aceito desculpas, Kathleen não tentou desculpar-se.

- Está com bom aspecto - disse. - A escrita está a ir melhor?

- Não. Mas encontrei uma lojinha ótima em Rockport. Joyce rodou sobre si própria para exhibir o vestido novo. - Calce uns sapatos e vamos embora.

Foram ao Traveler's, um restaurante recentemente renovado na Rua Principal onde as sanduíches de peixe eram feitas com pão caseiro. Sentadas por baixo de uma árvore junto da janela, Joyce estudou o rosto de Kathleen enquanto via a lista. As faces estavam demasiado encovadas e ela parecia tensa e distraída. Joyce apercebera-se de que Kathleen se agarrava com força à porta do carro a caminho da cidade.

- E que tal um copo de vinho? - perguntou Joyce.

- Eu estou bem, sabe - disse Kathleen muito depressa. - Mas estou desejosa que o tratamento acabe. Está a dar cabo de mim.

- Isso é mesmo só fadiga?

- Acho que sim. O Buddy anda a insistir para que fale com alguém. Mas tenho-a a si, não é?

- Sim, tem. - Joyce estudou a lista. Que havia de dizer?

«Desculpe, mas tenho andado demasiado ocupada com o meu namorado com quem não chego a ter relações sexuais para reparar nos

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 187

toques que provavelmente me tem dado diariamente ao telefone»?

Ou talvez, «Ainda bem que encontrei o Buddy, que me contou como lhe tem andado a mentir.»

Ouviu-se uma pancadinha no vidro. Kathleen disse adeus a um polícia jovem e fardado com todo o esplendor: botas pretas reluzentes, boné e arma no coldre.

- Jimmy Parley - disse a Joyce. - Um antigo aluno. - Fez-lhe sinal para que entrasse.

- Olha para ti - disse apertando-lhe a mão enorme.

- Olá, Mrs. Levine. Sabia que a minha filha vai para o jardim-infantil no próximo ano?

- Impossível. Alyssa, não é?

- Sim!

- Até custa a crer. Desculpa, Jimmy, esta é a minha amiga Joyce Tabachnik. Comprou a casa dos Loquasto na Forest Street. Perto da casa do teu primo Bob.

O polícia apertou a mão de Joyce e depois perguntou a Kathleen:

- Como se tem... hum... sentido ultimamente?

- Vou ficar boa - disse Kathleen com firmeza.

- óptimo. Já me tinham dito. óptimo. Bem, tenho de ir, mas dê cumprimentos ao Mr. Levine e diga ao Hal que tem de me telefonar da próxima vez que cá vier.

- Diz também olá à Cynthia.

- Lembro-me dele no jardim-de-infância - disse Kathleen. Era um rapazinho tão tímido. Uma vez adormeceu quando estavam a ouvir uma história. Acabou o curso um ano depois do Hal. E agora olhe para ele. E é pai.

A comida chegou e Kathleen descontraíu-se um pouco. Disse a Joyce que a vizinha lhe tinha oferecido mais três cigarros de erva.

- Para me abrir o apetite - disse Kathleen. -Acho que a Louisa pensa que eu devia engordar.

- Nisso tenho de concordar com ela - disse Joyce. - Mas quem é essa Louisa? Uma traficante de droga?

Kathleen riu-se.

188 1 ANITA DIAMANT

- Devia ver a Louisa. É o epítome da senhora fina da Nova Inglaterra. Deve ter quase oitenta anos.

Mas quando o marido teve um cancro no estômago, há uns anos atrás, a erva ajudou-o a aguentar a quimioterapia. - A vida de Louisa Moore Bendix dava uma grande história que ia da sua avó, a proibicionista, aos bisnetos que viviam no Kuwait.

Joyce escutava-a agradecida, apercebendo-se do pouco que tinha para contar.

Nina estava a adorar a colónia de férias, mas as suas cartas não tinham nada para comentar. E o que é que se pode dizer das pinturas de paredes? Frank continuava desaparecido em acção e aquele não era o melhor momento para falar do seu casamento.

E, principalmente, Joyce não queria falar da única coisa que lhe ocupava o espírito. Tenho andado tão obcecada com Patrick que nem sequer reparei que Kathleen estava com problemas.

Kathleen começou a dobrar o guardanapo.

- Oli, não - disse Joyce -, vamos comer a sobremesa.

- Diga-me lá outra vez como o azul sabe a chocolate -
provocou-a Kathleen enquanto Joyce a convencia a acabar de comer o gelado,
vendo cada colherada como uma vitória pessoal.
O relógio de Kathleen estava-lhe largo no pulso.

Quando entraram no carro, Joyce disse:
- Vamos dar um passeio. Ordens do médico.

Kathleen enfiou as mãos debaixo das pernas para evitar agarrar-se novamente à
porta e disse com um grande suspiro:
Não sei.

Joyce fingiu que não ouvia e virou na direcção da sua casa.
Podemos parar para ir buscar uns chapéus. E quero mostrar-lhe a casa por
dentro.

Talvez seja melhor esperar no carro.

- Por favor, entre só um minuto? Ainda ninguém viu a casa. Que quer dizer?
Certamente que Frank já a viu.

Joyce abanou a cabeça.

- Ele não veio cá de todo?
- Não.

- Mas já se passaram semanas, não foi?

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 189

- Umas quantas, acho. Está muito ocupado com o trabalho.
Kathleen pensou se deveria fazer mais perguntas sobre Frank.
«Mete-te na tua vida», tinha sido a máxima da sua infância.
Mas agora parecia-lhe que isso seria um defeito numa amiga.

A expressão de Joyce não deixava transparecer nada quando meteu o carro no quintal e saiu.

- Ta-ra - entoou quando entraram na casa.

A sala, vazia à excepção de uma cadeira e de uma carpete branco-suja, estava pintada de cor de mel - quase dourada - à luz do Sol.

- Lindo - disse Kathleen.

- Venha ver. - Joyce fez-lhe sinal para que a seguisse pelo corredor. O escritório, num rosa-translúcido, estava completamente vazio com excepção de um calendário sobre uma secretária sem mais nada em cima.

- Que bonito - disse Kathleen na casa de banho.

- Não olhe para aqui - disse Joyce fechando a porta para não a deixar ver as latas de tinta e o escadote no quarto principal.

O quarto de Nina era o que parecia mais habitado, com cartazes nas paredes e uma cama baixa feita com lençóis roxos que davam um ar fresco em contraste com as paredes pintadas de azul-claro. Ela tem saudades da filha, pensou Kathleen.

O chão da cozinha estava forrado com jornais. Joyce acabara de pintar os armários e as paredes de um castanho-aberto. Havia alguns pedaços aqui e ali, na parte de baixo da parede, pintados a roxo-escuro.

- Ainda não decidi bem se consigo viver com esta cor - disse ela estendendo a

Kathleen uma camisa de mangas compridas e um boné de basebol da Nina.

- É linda. As cores estão perfeitas. Onde é que foi buscar a ideia de pintar uma das paredes da sala num tom mais escuro?

- Contratei uma decoradora para me dizer o que devia fazer - disse Joyce algo envergonhada.

- Mas porque é que o Frank ainda não viu isto? - perguntou Kathleen suavemente- - Ele não tem vindo cá aos fins-de-semana?

190 1 ANITA DIAMANT

- Tem andado muito ocupado. - Joyce fez um gesto com a mão como se estivesse a afastar um insecto. - Já nem sequer me importo com isso.

- Não se importa?

- Vamos à praia.

Kathleen manteve-se em silêncio no carro enquanto subiam a colina, preocupada e confusa com a forma como Joyce respondera - ou não respondera - às suas perguntas sobre Frank.

- Deixo-a aí e vou estacionar - disse Joyce.

Kathleen atravessou a ponte e sentou-se à espera. Estava um dia para os adoradores do sol, quente e quase sem nuvens, com uma brisa fresca que vinha do mar.

Kathleen estremeceu de prazer quando o calor lhe atravessou as roupas. Enterrou as mãos na areia, mexendo os dedos na camada macia aquecida pelo sol, enterrando-os na areia fresca e dura que estava por baixo.

- Sinto-me como um vampiro libertado da praga do seu destino - disse Kathleen limpando as mãos quando Joyce se sentou.

- Tenho evitado o sol. Pergunto-me se isso terá piorado as coisas. As coisas?

Os tratamentos, acho. E Agosto. Já estamos quase em Agosto.

Agosto é... - Kathleen calou-se.

Para quê dizer-lhe?, pensou. Joyce tentou encontrar o olhar de Kathleen por baixo da aba do chapéu.

- Agosto é, para mim, um mês difícil.

Kathleen ergueu os olhos e viu, de relance, que Joyce a olhava, aguardando e acenando com a cabeça. Oli, porque não.

-Agosto é para mim um mês difícil. Porque o meu filho morreu em Agosto.

A boca de Joyce abriu-se e fechou-se. Passado um instante perguntou:

Teve três filhos?

Danny. O do meio - disse Kathleen baixinho. - Morreu a 14 de Agosto.

- Danny.

A PRAIA DE GoOD HARBOR 1 191

- Tinha três anos. O Hal tinha quatro. Quase cinco. - Kathleen endireitou os ombros e olhou de frente para Joyce que estendeu a mão e a pousou sobre a mão de Kathleen.

- Estavam a brincar no jardim da frente com as bicicletas.

O Danny estava a andar no velho triciclo do Hal. O Hal tinha uma bicicleta nova com rodinhas de apoio. O telefone tocou. -

Kathleen fez uma pausa. - Fui lá dentro atender. - Passara-se tanto tempo desde a última vez que contara aquela história que as palavras lhe pareciam pequenas e distantes na sua boca.

- O condutor era um homem de idade. Demasiado velho para conduzir.

Perdeu o controlo do carro. Na verdade nem sequer vinha muito depressa. Acho que vinha aí a quarenta a hora, se tanto.

«Mas subiu o relvado e entrou no jardim e... Nem sequer percebeu o que tinha feito. Quando saiu do carro ele... Bem, não devia conduzir um carro. Não consegui culpá-lo. Culpei a filha dele. Ele provavelmente sofria de Alzheimer, se bem que nessa altura não lhe chamássemos assim.

«Isto passou-se a 8 de Agosto - disse Kathleen com a voz embargada. - Ao princípio pensámos que ele tinha uma hipótese.

A Pat veio nessa noite. Eu já lhe tinha dito que ela era enfermeira?

Dormia connosco no hospital. Falou com todos os médicos, todos os especialistas. As enfermeiras foram maravilhosas. Ele recebeu os melhores cuidados graças à Pat.

«Mas os estragos eram demasiado grandes. No cérebro. «No dia 14 deixámo-lo partir.»

Kathleen calou-se e os seus ombros curvaram-se. Tirou suavemente a mão debaixo da mão de Joyce e abraçou os joelhos.

- Oh meu Deus - murmurou Joyce.

- Nessa altura eu estava grávida do Jack. Ainda não o sabia. Soube-o em Setembro, não em Agosto.

Kathleen olhou para o horizonte.

- Todos os anos, a partir do meio de Julho, uma parte de mim fica à espera. Nunca tenho consciência plena disso e, passados todos estes anos, isto ainda me assalta. Primeiro, espero que seja Agosto, depois espero pelo dia 8 e depois pelo dia 14. A dado mo-

192 ANITA DIAMANT

mento olho para um calendário e então lembro-me. Oli, estou a espera que o Danny morra.

Joyce não desviara os olhos do rosto de Kathleen que se descontraíra um pouco depois da tensão de lhe contar. Pôs-se de pé, estendeu a mão a Joyce e disse:

- Vamos andar.

Era um dia barulhento em Good Harbor. A rebentação batia na praia onde multidões de crianças guinchavam, provocavam-se e riam-se. Três rapariguinhas, dentro de água até às coxas, davam as mãos e saltavam, aos gritos, de cada vez que uma onda lhes batia nas barrigas convexas. Uma jovem mãe mergulhava os pés do filho bebé, que soltava risadinhas, nas ondas. Um grupo de três mulheres conversava, com os braços cruzados sobre os estômagos enquanto os filhos mergulhavam na rebentação.

Joyce estremeceu perante aquele quadro de mães-e-filhos que lhe parecia agora uma série de insultos brutais à perda de Kathleen.

- Há tão poucos homens por aqui durante a semana - disse Joyce.

- Mesmo aos fins-de-semana há sempre mais mulheres - disse Kathleen agradada por também Joyce ter reparado nisso. -
Porque é que acha que será?

- Por haver mais mães em casa com os filhos? Por haver mais mães que tomam conta dos filhos do que pais?

- Sim - disse Kathleen. - Mas vêm-se muitas mulheres sem filhos, também, a caminhar e a conversar. Nós não somos as únicas aqui sem filhos para entreter. Porque é que acha que será?

- Por as mulheres serem mais espertas do que os homens?

- Não tenho a certeza disso. - Kathleen abanou a cabeça.

Embora nós pareçamos aproveitar as oportunidades para conversar. E este é um local perfeito para isso.

A maré inundara a praia logo a seguir ao hotel vermelho.
Viraram-se e começaram a regressar.

- Kathleen, desculpe se não quiser falar mais nisso, mas tenho que lhe perguntar uma coisa. A história de Danny, e Agosto e tudo mais. Não lhe parece que os seus sintomas, a fadiga, têm algo a ver com isso? Foi há quantos anos?

A PRAIA DE Good HARBOR 1 193

Kathleen sentiu a garganta apertar-se. Fora há vinte e cinco anos, mas ela não o diria. Nem mesmo a Joyce. Isso transformaria tudo numa simples equação: pobre Kathleen; é claro que está a sofrer.

Afinal de contas, são vinte e cinco anos. Ela não queria ouvir nenhuma frase do tipo «Pobre Kathleen».

- Foi há muitos anos.

Joyce apercebeu-se da hesitação na resposta de Kathleen e fizeram a maior parte do caminho de regresso em silêncio. Por baixo da mansão, estavam crianças acoradas com camaroeiros junto ao rio. Uma menina pequena, com um fato-de-banho amarelo, estava sentada na areia molhada com um balde vermelho entre as pernas. Kathleen dirigiu-se à criança.

- O que é que tens aí?

- Peixinhos - disse ela com ar sério.

Kathleen espreitou para o balde e acenou com a cabeça. Deve ter cerca de 3 anos, pensou Joyce.

Kathleen debruçou-se e disse:

- Também podes apanhar caranguejinhos pequeninos aqui.

- E eles também mordem? - perguntou a menina.

- Oh, não.

Perder a Nina aos 3 anos ter-me-ia matado, pensou Joyce. Teria entrado pelo mar dentro.

Kathleen disse adeus à menina, voltou para junto de Joyce e respondeu à sua pergunta silenciosa.

- O Hal manteve-me viva. Fazer-lhe as refeições e levá-lo ao parque infantil. Quando soube que estava grávida não queria outro bebé. Só queria o Danny de volta. Mas depois o Jack nasceu e era o rapazinho mais feliz e alegre que se possa imaginar. E eu apaixonei-me por ele.

Joyce assentiu.

- Não há nada que eu possa dizer, pois não?

- Não. Não há nada a dizer. Mas é bom que saiba.

- Obrigada por me ter contado.

Kathleen adormeceu quase imediatamente assim que entraram no carro. Joyce entrou lentamente no quintal de Kathleen e manteve o motor a trabalhar.

194 1 ANITA DIAMANT

Via a amiga a dormir e lembrou-se das perguntas de Kathleen acerca de Frank. Não soubera como responder-lhe. Não tinha nada a dizer acerca de Frank. Não pensava no marido desde o telefonema da manhã até ao telefonema da noite. Passavam-se mesmo horas sem que pensasse sequer o que andaria Nina a fazer. Só pensava em Patrick. Nos dedos de Patrick, nos lábios de Patrick. Sonhava com ele, sonhos passados num barco no mar. O mocho e o gatinho.

Que poderia dizer de Frank? Poderia ter partilhado um par de meias verdades. Quando estão a lançar um projecto é sempre assim, ininterrupto. Ele provavelmente até estava a gostar, passando a noite a pé, bebendo cerveja e comendo piza. Mas das outras vezes, tivera Nina em casa, o que o fazia voltar e Joyce também lá estivera. Ela já não estava em casa.

Kathleen gemeu baixinho, adormecida.

O Frank e eu já passámos por crises antes, recordou-se novamente Joyce mordiscando as peles das unhas. Claro que antes eu não tinha nenhum caso. Eu tenho um caso, ainda que, tecnicamente, não tenha sido consumado. Durante algum tempo, Joyce tentou convencer-se de que parar imediatamente antes da penetração fazia a diferença. Mas isso era treta. Seria mais fácil se Frank tivesse um caso. Isso safá-la-ia.

Kathleen sobressaltou-se e endireitou-se.

- Porque é que não me acordou?

- Só dormiu alguns minutos. E precisava de dormir. Portanto o acordo é o seguinte, menina Kathleen. A partir de agora, vamos passear na praia de Good Harbor todas as tardes, mas acho que seria melhor um pouco mais tarde, quando o sol já não está tão quente. Amanhã de manhã telefono para combinar. E isto, já agora, não é nenhum convite. É uma receita da Dra joyCe.

Kathleen debruçou-se e deu-lhe um grande abraço. O odor a alfazema perdurou na face de Joyce enquanto se afastava.

Graças a Deus por Kathleen. Já não preciso de ser apenas uma fraude adúltera, pensou Joyce. Posso ser uma amiga... uma amiga

A PRAIA DE GoOD HARBOR 1 195

suficientemente boa para saber o que aconteceu a Dany. Meu Deus, pobre Kathleen.

Pergunto-me se ela continuaria a ser minha amiga se soubesse de Patrick.

Ora bem. A Nina regressa a casa dentro de poucas semanas e o Frank acabará por aparecer e tudo mudará, mas não por enquanto.

Não para já.

KATHLEEN levantou a cabeça da almofada: 5:50 da tarde.

O Buddy não tardaria a chegar do trabalho. Fechou novamente os olhos e espreguiçou-se.

Ela e Joyce tinham feito duas vezes o comprimento da praia, o que resultara numa bela e longa sesta. Talvez os passeios ajudassem a acalmar o pânico que transbordara do carro para o resto da sua vida.

Já deixara totalmente de conduzir. Buddy levava-a e trazia-a da clínica de manhã e Joyce ia buscá-la para irem dar o passeio às três e meia, mantinha muitos contactos para iludir as suspeitas sobre a sua saúde mental. Mas Kathleen desenvolvera muitos outros hábitos estranhos e secretos que eram menos óbvios.

Nunca olhava para o espelho mas, ao menos, o cabelo crescera tanto que podia prendê-lo num rabo-de-cavalo sem se ver ao espelho. Usava uma toalha para se lavar no duche por forma a não ter de tocar na própria pele. Mantinha-se longe da cozinha o mais que podia e nunca comia a não ser que Buddy estivesse presente. Evitava a porta da frente. Kathleen sabia que o seu comportamento era estranho, mas dizia a si própria que voltaria ao normal assim que a radioterapia chegasse ao fim. Contava com isso.

A porta de um carro bateu. Kathleen deitou-se de lado e sentiu o sabor do sal marinho nos lábios. Pensou no que Buddy teria trazido para o jantar.

- Mamã?

Kathleen levantou-se imediatamente.

200 1 ANITA DIAMANT

- Hal?

Ele já a estava a abraçar antes de ter tido tempo de se pôr de pé.

- Surpreendida?

- Completamente.

- Estás demasiado magra, mãe.

- És muito simpático, não és?

- O médico não está preocupado?

- Não - disse ela. - Estou ótima. Hal franziu o sobrolho.

- Deixa-me ver-te - disse ela, - Estou a ficar careca.

- Impossível!

- Vê por ti própria. - Curvou a cabeça.

- Oh, querido. Isso faz-me sentir velhíssima. Tenho um filho a ficar careca.

Kathleen nunca deixava de se sentir surpreendida pela forma como os seus genes e os de Buddy tinham dado origem a duas réplicas tão distintas: Jack era um McCormack - um irlandês de complexão compacta -, enquanto Hal era um Levine, feito a partir do mesmo material grande e ruivo de Irv e Buddy.

- É uma pena não teres herdado o cabelo dos Levine, embora, mesmo careca, sejas um homem muito bonito.

- Não que tu, a esse respeito, sejas minimamente suspeita disse Hal.

Entraram na cozinha no momento em que Buddy chegava com dois sacos de mercearias.

- Surpresa! - disse ele sorrindo.

- Tu sabias? Seu malandro.

- Trouxe bifes de atum para grelhar. - Pousou uma embalagem com seis cervejas

em cima da bancada.

Instalaram-se no alpendre enquanto Buddy ateava o lume e Hal tentou fazer com que Kathleen falasse dos tratamentos.

- Não sei o que dizer - disse ela com um aceno de mão querendo arrumar o assunto. - Entro e saio rapidamente. As raparigas,

as técnicas, são umas miúdas simpáticas. O melhor é que está quase no fim.

- E não tem efeitos secundários?

- Na verdade não.

Buddy franziu-lhe o sobrolho.

- O quê? Oh, a fadiga? Sim, sinto-me muito cansada, mas isso vai passar.

Kathleen percebeu que Hal não estava a acreditar na versão que lhe estava a dar do Verão e foi à cozinha, para ir buscar os individuais para os pratos e os guardanapos.

Quando voltou ao alpendre Hal estava a falar do seu trabalho a Buddy.

- Está tudo bem - disse Hal. - Estou a ganhar muito dinheiro, mas...

- Muito dinheiro é ótimo - disse Buddy.

- Mas o quê? - perguntou Kathleen.

- É só um emprego. - Hal encolheu os ombros. - Não me interessa pelo que faço o dia inteiro e, quando chego a casa, não tenho nada para contar.

- Quer dizer que estás a pensar mudar? - perguntou Buddy.

- A mudança anda no ar na minha casa. - Hal começou a dar as novidades sobre

os seus companheiros de apartamento: Tom, o viciado por ciclismo, comprara uma bicicleta caríssima e entrara numa grande corrida; Ruthie, a estudante de enfermagem, decidira especializar-se em oncologia infantil; Leona sentia-se esgotada por ensinar miúdos dos bairros difíceis e andava à procura de emprego nos subúrbios.

- E o Josh? - perguntou Kathleen. Josh fora o companheiro de quarto do filho no Michigan e fora para a Califórnia com ele.

- Estava a guardar essa novidade para o fim. O Josh vai casar-se.

- Casar? - perguntou Buddy.

- Sim.

- Com quem? - perguntou Kathleen.

202 1 ANITA DIAMANT

- Com a Sarah Bley.
- Nós conhecemo-la?

- Conheceram-na da última vez que lá estiveram. É a loira grande de Los Angeles.

- Aquela que tinha ido visitar a Ruthie? - perguntou Buddy.
- Sim. Foi aí que eles se conheceram.

Buddy olhou para Kathleen, ergueu as sobrancelhas e ela percebeu que Buddy também pensara que Josh e Hal eram amantes. Depois do jantar, Hal tirou uma garrafa esguia do frigorífico.

- A minha descoberta mais recente. Vinho de sobremesa. Serviu o licor dourado e Kathleen molhou os lábios.

- É doce! - disse ela. - Adoro.

- Eu sabia que ias gostar. E trouxe-te uns livros que acho que te vão interessar.

- Tenho a certeza que sim - disse ela, sorrindo. O Hal pode ser parecido com o Buddy, pensou, mas saiu a mim no temperamento e nos interesses.

Quando Buddy começou a lavar a loiça, Hal sugeriu que fossem dar um passeio e ele e Kathleen começaram a descer o quarteirão.

Kathleen falou-lhe de Joyce e de como gostaria que os dois se conhecessem.

- Ela tem sido ótima com tudo isto.

Era a primeira vez que dava voluntariamente alguma informação sobre a doença ou o tratamento a Hal.

- O teu pai tem sido maravilhoso também - apressou-se a acrescentar.

- Eu sei. Mas há coisas de que é mais fácil falar com os amigos.

- Acho que sim - disse, desejando que isso não correspondesse tanto à verdade, desejando poder fazer perguntas a Hal sobre a sua vida sem parecer intrometida. Em vez disso disse: - Fico satisfeita por aqui estares.

- Eu também.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 203

Pararam num local de onde se via a água entre o Craddock's e as casas Long. Kathleen apercebeu-se de que era o mesmo local onde estivera de manhã muito cedo antes da sua primeira consulta com o Dr. Truman. Parecia que fora há anos, mas tinham-se passado apenas quinze semanas.

Hal observou o rosto da mãe enquanto ela contava as semanas.

- Mãe, acho que estás deprimida.

Kathleen deu-lhe uma pancadinha no braço.

Quero dizer, clinicamente. Acho que devias consultar alguém.

Oh, Hal, não estou assim tão mal.

Não, de verdade. É importante. Está tudo ligado com o que se está a passar ao nível físico. Eu consultei.

- Consultaste quem?

- Um terapeuta. Tem-me feito muito bem. Kathleen ficou a olhar para ele.

- Mamã? Sabias da terapia, não sabias?

- Porque havia de saber?

- Bem, pensei que o pai te tivesse contado.

- Ele não me disse nada. - Já não sabia nada do seu filho. Ou do seu marido.

- Ajudou-me a lidar com muitas questões, não apenas com o trabalho mas, sabes, a família e - fez uma pausa, escolhendo as palavras - como perder alguém dá cabo de nós, especialmente em criança.

Kathleen não disse nada.

- Mãe?

Ela estava atordoada, não tanto pela revelação de Hal, mas pelo súbito acesso de vergonha que lhe provocara. Que teria ele dito ao terapeuta? Porque estaria a voz reprovadora da sua avó a soar-lhe tão alto na cabeça? E como poderia começar agora a falar-lhe de Danny? Nunca tinham conversado verdadeiramente sobre o que se passara. O Hal ainda estava a sofrer. E ela continuava incapaz de o confortar.

- Mãe!

204 ANITA DIAMANT

- Hal, tenho de regressar. Estou cansada. E não me dês mais conselhos médicos. Por favor.

Ele baixou a cabeça - exactamente da mesma maneira que Buddy fazia quando estava zangado - e virou-se, caminhando num passo que era demasiado rápido para ela. Abrandou pouco depois e ela deu-lhe o braço, apertando-o com gratidão.

- Foi um bom passeio? - perguntou Buddy quando entraram na cozinha. Hal dirigiu-se imediatamente à casa de banho.

- ótimo - disse Kathleen.

Quando Hal regressou, ele e Buddy discutiram sobre quem levaria Kathleen à clínica na manhã seguinte, mas ela resolveu o assunto rapidamente; era o seu tempo com Buddy. A última coisa que queria era que Hal começasse a discutir com Marcy o seu peso ou estado de espírito. Hal insistiu em levar a mãe a almoçar depois.

- Com todo o prazer - concordou Kathleen.

No carro, na manhã seguinte, Buddy pareceu estar a escolher cuidadosamente as palavras.

- Bem, e que me dizes do Josh, hem? O Hal vai ser o padrinho. Disse que nós,íamos ser convidados.

Kathleen lutou bravamente contra o terror crescente que sentia quando o carro começou a subir a ponte. Suspirou, tentando disfarçar a respiração ofegante. Graças a Deus, Buddy mantinha sempre os olhos fixos na estrada.

Quando chegaram a terra firme, Buddy perguntou novamente.

- Então o que é que achas das novidades do Josh?

- Pensei que ele era capaz de ser homossexual - disse Kathleen baixinho. - E tu também, não foi?

Agora era a vez de Buddy ficar em silêncio. Suspirou e mudou de faixa antes de responder-

- Sim.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 205

- Nunca falámos disso - disse Kathleen soando um pouco mais zangada do que era sua intenção.

E agora não temos que falar, pensou.

- Por mim não havia problema - disse Buddy.
- O quê?

- Levei muito tempo a habituar-me à ideia, mas ter-lhe-ia dito que estava tudo bem. Que ele é meu filho. Que o amo. Raios, também gosto do Josh. - Buddy soltou uma gargalhada rouca.
- Ainda gosto mais do Josh agora!

Kathleen tentou sorrir.

- Achaste que eu me ia comportar como um homem das cavernas em relação a isso, não foi? -
disse ele olhando em frente.
- Não sabia como reagirias.

- Devias saber. Por amor de Deus, Kathleen! Depois destes anos todos, devias saber.

- Desculpa, Buddy. - Fechou os olhos para não ver o caleidoscópio de carros e árvores a passar e tentando aguentar-se apesar do pânico.

Ele olhou-a de relance.

- Está tudo bem, Kath. Tem calma. Faltam só mais quatro dias e acaba-se, certo?

Ela assentiu e ficou a olhar para a porta do carro. Quatro dias mais. Contou-os enquanto percorriam o resto do caminho: hoje, amanhã, segunda-feira e terça-feira.

De regresso a casa, mudou a ladainha: amanhã e segunda-feira e terça-feira. E depois seria 8 de Agosto.

TAL COMO KATHLEEN, Joyce adormecera depois do passeio ao calor. Caíra na cama de Nina e acordara ao pôr do Sol, desorientada, com fome e doida por ver Patrick. Ele partira noutra viagem de três dias, desta vez para o Norte do Maine. E depois seria o fim-de-semana e não teria oportunidade de o ver durante cinco dias.

Ele nunca telefonara ao sábado nem ao domingo. Na manhã em que se tinham conhecido, Joyce dera a entender que Frank vinha passar os fins-de-semana a Gloucester e nunca tivera oportunidade de corrigir a história. Afinal de contas, havia a possibilidade de Frank aparecer mesmo num fim-de-semana qualquer.

E como seria?, pensou ela, enquanto andava de um lado para o outro na casa, escancarando todas as janelas. Bastaria um olhar para o seu rosto familiar para a fazer ver o terrível erro do seu comportamento libertino? Sabia que Patrick não passava de um caso ou, pelo menos, sabia-o na cabeça. No corpo já era uma história diferente. Joyce não se sentia segura quanto ao seu coração; sentia lascívia, desejo, cio até. Mas amor? Talvez um pouco. Oh, definitivamente um pouco. Mas provavelmente não o suficiente para fazer algo de drástico - Patrick certamente que não lhe dera qualquer indicação de querer mais dela do que as tardes que passavam juntos. - A minha salva-vidas - chamara-lhe. - A cura para a solidão.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 207

- Suponho que posso dizer o mesmo dele - murmurou Joyce, depois abriu o frigorífico e gemeu. - Não consigo suportar uma taça de cereais - anunciou à cozinha vazia.

O ar, pesado e inerte, absorveu o som da sua voz como uma esponja. Agarrou nas chaves do carro e examinou as opções enquanto punha o automóvel a trabalhar; podia ir ao supermercado e comprar uma refeição saudável ou comprar uma piza ao fundo da rua.

Passou pela pizaria e pelo Star Market e deu por si na estrada para Rockport. A cena do meu crime, pensou. Compraria um gelado e sentar-se-ia na Bear Skin Neck. Numa noite como aquela, a rua turística, na pequena península ao pé do porto, seria um local óptimo para a observação de pessoas. Além disso precisava de comprar uns quantos postais para enviar à Nina.

Mas quando entrou na cidade, Joyce decidiu que lhe apetecia mais uma sanduíche de atum. Quando passou pela loja à procura de um lugar para estacionar, viu que as luzes do primeiro andar estavam acesas no quarto de Patrick. Uma sombra moveu-se por trás da cortina. Ficou com a boca seca. Levou cinco minutos para encontrar estacionamento a doze quarteirões de distância. Contou-Os, com as mãos nos bolsos, a cabeça baixa, caminhando o mais rapidamente que podia.

Joyce sentou-se num banco do outro lado da rua e ficou a ver Patrick andar de um lado para o outro. A sua postura, o seu perfil, a forma como segurava no cigarro. Estava ao telefone.

Mas não havia nenhum telefone na casa dele. Não tinha dinheiro para um telemóvel. Telefonava-lhe da cabina do andar de baixo.

Andava a mentir-lhe.

E ela andava a mentir a toda a gente que fazia parte da sua vida.

Talvez o trabalho se tivesse gorado. Talvez estivesse a telefonar ao colega do emprego. Talvez estivesse a falar com a mãe, na Irlanda. Talvez estivesse a namorar com outra mulher..

208 1 ANITA DIAMANT

Mas de onde teria vindo o telefone? E porque não lhe teria telefonado a ela?

Não lhe pergutes, Joyce, admoestou-se. Nunca lhe pergutes. Ele acendeu outro cigarro, de costas para a janela.

Ela ficou a olhar até lhe doerem os olhos. Vai-te embora, disse a si própria. Vai-te embora já. Por fim aceitou o seu próprio conselho e foi para casa.

A luz da esquina fundira-se e ela esquecera-se de deixar as luzes do alpendre acesas. A Nossa Senhora estava mergulhada nas sombras, mas Joyce viu qualquer coisa a mexer-se por trás dela. Aquilo é demasiado grande para ser um guaxinim, pensou.

- Mrs. Lupo? - disse Joyce baixinho. Não houve resposta.

- Mrs. Lupo, está tudo bem.

Uma mulher pequenina de cabelo branco, saiu a correr do quintal e subiu a rua.

- Theresa? - chamou Joyce e depois calou-se. Que poderia ela dizer a Theresa Lupo? A adúltera e a acólita.

Parece uma novela gótica, pensou, ou um filme pornográfico.

O telefone tocou quando ia a entrar em casa. Devia ser Frank, ficou a ouvir enquanto a máquina atendia a chamada. Houve uma longa pausa e depois desligaram o telefone.

O Frank nunca faria uma coisa daquelas.

Talvez fosse o Patrick. Talvez quisesse que ela fosse ter com ele.

-Merda - gritou. O som na casa vazia chocou-a.

O telefone tocou novamente e ela mergulhou para o atender.

- Joyce! - disse Kathleen. - Espero que não seja demasiado tarde para telefonar. Importa-se que o nosso passeio tenha um caminhante extra amanhã? Gostava que conhecesse o meu filho Hal.

KATHLEEN FEZ UM GRANDE ESFORÇO para parecer calma. Enfiou as mãos por baixo das coxas, respirou lentamente e manteve os olhos fixos no rosto de Hal enquanto ele a levava para almoçar. Graças a Deus que a viagem é curta, pensou ao sair do carro, e graças a Deus por ele não ter dado por nada.

- Olha para este sítio - disse Hal quando entraram no Traveler's. - Plantas dependuradas? Aposto que servem chá de framboesa gelado. Tens a certeza de que ainda estamos em Gloucester?

- Não sejas tão presunçoso.

- Só não quero que isto fique piroso.

- Não te preocupes. Havia um restaurantezinho francês, que era muito bom, ao fundo da rua, mas fechou passados poucos meses. Mas os bares estão todos de óptima saúde.

Quando se sentaram ouviu uma voz atrás deles: - Mrs. Levine?

Kathleen virou-se e viu a rabi a levantar-se de outra mesa.

- Olá, rabi Hertz. Deixe-me apresentar-lhe o meu filho Hal.
Ele fez-me uma surpresa ao aparecer ontem à noite vindo de São Francisco.

Hal levantou-se e apertou-lhe a mão.

- Há quanto tempo é que é rabi?

- Desde o Outono.

- E gosta de viver aqui?

- É uma excelente comunidade. As pessoas têm sido muito acolhedoras.

- Verdade? - perguntou Hal. - Costumava ser um sítio muito duro para os recém-chegados.

- Bom, até ao momento tem corrido tudo bem - disse ela a sorrir.

Hal retribuiu-lhe o sorriso.

- Faz uma sessão de estudo da Tora aos sábados de manhã?
Ultimamente tenho frequentado essas sessões. Não tanto os serviços, mas as sessões de estudo antes dos serviços religiosos.

- Ai sim? - perguntou Kathleen.

- Foi obra do Josli. Do Josh e da Sarah - disse Hal à mãe e depois explicou à rabi: - É o meu companheiro de apartamento e a noiva dele. A Sarah não é judia, mas andaram os dois num curso de Introdução ao Judaísmo. Fui com eles uma vez porque não se calavam acerca de uma das rabis que dava as aulas. Agora às vezes vou à shul' dela.

Michelle Hertz, descobriram, conhecia a rabi da Califórnia que andara dois anos à sua frente na escola.

A Debra chegou a cortar o cabelo? - perguntou. Não.

Uau. Costumávamos chamar-lhe a Prima Coisa, e isso foi há anos.

- Nas costas dela, espero - disse Hal.

Riram-se enquanto Kathleen os observava. Houve uma pausa na conversa.

- São Francisco é quase tão bonito como Gloucester - acabou Michelle por dizer.

- Sim - concordou Hal. - Já lá vivo há quase seis anos. A princípio pensei em

ficar, mas o facto de nunca me ter desfeito das minhas roupas de Inverno foi provavelmente um sinal. É muito aborrecido estar tão longe da família e desde que a minha mãe, hum, bem, tenho andado a pensar em regressar ao Leste.

- Ai estás? - disse Kathleen.

Sinagoga. (N. da T)

A PRAIA DE GoOD HARBOR 1 211

- Ia dizer-te isso ao almoço.

- É melhor deixar-vos pôr a conversa em dia - disse Michelle.
- E temos um grupo de discussão da Tora aos sábados de manhã.
às nove. Adoraria que viesse. Que viessem ambos.

Kathleen ficou a ver os olhos de Hal seguirem Michelle até ter atravessado a porta.
Quando se virou novamente para ela esperou que dissesse qualquer coisa e por fim perguntou:

- Vens mesmo para casa?

- Tenho andado a pensar nisso há algum tempo, na verdade. A Bay Area é demasiado cara.

O Josh e a Sarah vão provavelmente mudar-se para Los Angeles.

Além disso, pensei que gostarias de me ter por perto -
provocou.

- Nada me faria mais feliz. Hal apertou-lhe a mão.

- Será que aqui se come uma boa sanduíche de peixe? Durante o almoço entreteve-a com os pormenores dos planos do casamento do Josh e de Sarah. Depois perguntou-lhe como conhecera a Joyce. Kathleen contou-lhe como fora e Hal sorriu.

- No templo, eh? Não estamos todos a tornar-nos frimmes yidden?

- Tradução, por favor?

- Quer dizer «judeus religiosos», em ídiche.

- Vais ao templo todas as semanas?

- Quase. Gosto do estudo da Tora. Gosto de saber que, pelo menos uma vez por semana, vou ter uma conversa sobre algo de importante.

- Por exemplo, sobre Deus?

- às vezes sobre Deus. Nem sempre. às vezes sobre ética, às vezes sobre política, às vezes sobre dinâmica familiar.

Depende de quem aparece nesse sábado - e da parashah, a leitura da semana, sabes.

- Eu sei o que é a parashah - disse Kathleen. - Eu estive no teu bar mitsva, se bem te recordas.

- Sim, estavas lá. - Hal beijou-lhe a mão. - E eu gostei que estivesses.

212 1 ANITA DIAMANT

Depois de terem pedido a comida ele disse:

- Quando acabarmos de comer vou levar-te a Good Harbor, mas será que te importas que eu diga olá à Joyce e depois ela te leve a casa? Preciso de fazer uma coisa.

- E parece que não me vais dizer o que é, certo?

- Saberás tudo muito em breve - disse ele sugerindo grandes novidades. - Mas não hoje.

Quando chegaram à praia, Hal e Kathleen encostaram-se à capota do carro e ficaram a apreciar a paisagem até Joyce aparecer.

- Aqui está ele - disse Kathleen triunfante.

Kathleen ficou a observá-los enquanto Hal e Joyce trocavam cumprimentos e se avaliavam mutuamente. Depois Hal beijou a mãe na face, fez uma vénia formal a Joyce e foi-se embora.

- Uau - disse Joyce. - Ele é um pão.

- É, não é? - Kathleen deu o braço a Joyce. A areia queimava-lhe as plantas dos pés nus e apressaram-se a correr para junto da água.

- Tenho tanta coisa para lhe contar - disse Kathleen e descreveu a chegada de Hal, o que lhe parecera um namorico com a rabi em frente dos seus próprios olhos e o anúncio que ele fizera de que se ia mudar para o Leste. Despejou tudo... como uma série de bênçãos, pensou e deteve-se a meio de uma frase.

Subitamente teve consciência do calor que subia da areia, da densidade do ar, das batidas do coração no seu peito. O pânico do carro seguira-a, até mesmo ali.

- Acho que tenho que me ir embora.

- Claro - disse Joyce alarmada pela mudança na voz e na postura de Kathleen. - Está demasiado calor aqui.

A Praia de Good Harbor 213

- VAI TER SAUDADES NOSSAS? - perguntou Rachel quando Kathleen se levantou da marquesa.

- Vai ter de me contar quando o bebé nascer - disse Kathleen.

- Já está na lista de contactos - disse Rachel batendo ao de leve na barriga que já fazia pressão sobre os botões da bata azul.

Buddy deu a mão a Kathleen quando atravessaram a ponte a caminho de casa.

- última sexta-feira.

- O quê?

- Esta é a nossa última sexta-feira. Na próxima semana podes ficar a dormir.

- Acho que tens razão - disse ela pensando que na semana seguinte não teria de atravessar o raio da ponte duas vezes por dia. Em casa, Hal transmitiu-lhe mensagens telefónicas da Brigid, que lhe iria enviar qualquer coisa pelo correio, e de Michelle, que lhe falara do projecto da biblioteca do templo.

- Estou a pensar ir ao serviço religioso esta noite, mãe.
Queres vir?

Kathleen disse que se sentia demasiado cansada.

- Na próxima semana. Nessa altura já terão acabado as radiações. Ele pareceu desapontado mas não insistiu.

Joyce telefonou um pouco mais tarde e disse que estava demasiado calor para passear à tarde mas que lhe iria fazer uma visita. Chegou às duas horas com um saco de papel do qual tirou uma dúzia de limas, uma garrafa de tequilla e mistura para margaritas.

214 1 ANITA DIAMANT

- Conduza-me ao seu misturador - disse.

Sentaram-se na sala, com as cortinas corridas para não deixar entrar o calor e Hal presenteou-as com histórias de São Francisco. Ligeiramente embriagada, Kathleen pôs os pés em cima do sofá e ficou a ouvir a amiga e o filho a conversar animadamente sobre filmes que nunca vira e musica popular que nunca ouvira. Sorria perante a visão de Joyce a ser adulada pelo seu filho encantador e por ver Hal impressionado com a sua amiga mordaz.

Mas quando Hal fez perguntas a Joyce sobre o seu trabalho, Kathleen ouviu a voz da amiga subir uma oitava e viu o seu sorriso ficar tenso e artificial. Eu não faço perguntas suficientes sobre o que se passa com Joyce, pensou Kathleen. Joyce estava a tratá-la muito bem, mas ela não estava a retribuir.

Kathleen dormitou. Ao acordar na sala mergulhada na penumbra, apercebeu-se de que estava apenas ligeiramente embaraçada; se tivesse adormecido daquela maneira à frente de qualquer outra pessoa que não Joyce, ter-se-ia sentido completamente mortificada.

Passava das seis. Joyce há muito que se fora embora e Hal pôs a mesa da sala de jantar com o candelabro e o copo de vinho do Sabat.

De pé junto à mesa, Kathleen apercebeu-se de que estava muito comovida pelo novo interesse de Hal pelo seu judaísmo. Embora não soubesse dizer porquê. A religião nunca fora uma questão central da sua vida, não de uma forma evidente. E no entanto sentia-se comovida ao ver Hal com uma challah na mão e com um yarmulke azul de tricô. Ele comprara a challah no supermercado bem como um frango assado e salada.

- O meu irmão ficaria arrepiado - disse Hal apontando para o festim, pronto a comer.

- Os teus avós ficariam deliciados - disse Kathleen. Enquanto acendia as velas, lembrou-se de que fizera o mesmo meses atrás, quando descobrira que o cancro não a iria matar. Ficou a olhar para as chamas.

- Mãe?

- Estou bem - disse ela pensando se ele reprovaria a sua pronúncia do hebraico, agora que se tornara tão religioso. Mas ele

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 215

sorriu enquanto ela recitava a oração e depois deu-lhe um abraço apertado. -

Sabat shalom -

disse dando um abraço a Buddy. Disse-o novamente quando, mais tarde, saiu de casa.

- Para ti também - disse Kathleen.

Kathleen estava no alpendre, embrulhada numa manta de algodão, quando Hal voltou. Era uma da manhã. Ele ficou de pé junto ao lava-loiça e devorou uma sanduíche. Não a viu, mas Kathleen via-lhe perfeitamente a cara. Viu-o lavar as mãos e sorrir.

Daria tudo para saber o que ele estava a pensar.

Hal apagou a luz e Kathleen recostou-se na cadeira de repouso para olhar para o céu e formular desejos. Passado pouco tempo foi para a cama apertando o braço contra o peito. A cicatriz e a pele à sua volta estavam dormentes.

Na manhã seguinte encontrou Hal e Buddy na cozinha a beber café e a ler o jornal. Hal já estava vestido e tinha novamente posto o yarmulke azul.

- Pensei em ir ao estudo da Tora - disse quando Kathleen lhe deu um beijo no alto da cabeça.

Buddy ergueu as sobrancelhas.

- Espero que não te estejas a transformar num fanático religioso. Hal franziu ligeiramente o sobrolho e encolheu os ombros. Depois de ele sair, Kathleen contou a Buddy o encontro de Hal com a. rabi no restaurante e o seu regresso tardio a casa na noite anterior. Buddy insistiu com ela para saber mais pormenores mas ela não sabia mais nada.

- Espero bem que não falem só de teologia - disse Buddy.

- Esse pode ser um bom ponto de partida.

- Desde que não se fiquem por aí. Kathleen pôs um dedo nos lábios.

- Chiu.

- Oh, eu não digo nada - resmungou Buddy. - Mas podes estar certa de que vou fazer figas.

Kathleen também fez figas.

216 Anita Diamant

JOYCE ESTAVA CONVENCIDA de que Patrick a vira a espiá-lo naquela noite pela janela. Não tinha, evidentemente, qualquer prova e sabia que estava a ser irracional. Mas à medida que se aproximava o fim-de-semana, sentia-se cada vez mais certa de que ele não lhe telefonaria na semana seguinte e de que não o voltaria a ver.

Frank telefonava-lhe três ou quatro vezes por dia durante os fins-de-semana, principalmente para se desculpar. E os fins-de-semana eram difíceis porque era nessa altura que Joyce sentia mais saudades de Nina.

Não queria afastar-se muito do telefone para o caso de Patrick telefonar (não que ele o fosse fazer), mas também não conseguindo ficar dentro de casa. As divisões já estavam todas pintadas e todas as superfícies a repreendiam. A entrada fora acabada ainda sob o efeito do seu primeiro encontro com Patrick. As janelas da cozinha tinham sido terminadas depois do primeiro dia que passara a gemer e a ofegar na cama de Patrick. Terminara a casa de banho - dela e de Frank - enquanto imaginara formas de tirar a camisa a Patrick.

Joyce telefonou algumas vezes a Kathleen, mas desligou antes de o atendedor de chamadas arrancar. Não conseguia ler nem sequer ver televisão.

Olhou pela janela, para o jardim, e estremeceu ao ver a confusão. O miúdo que tinham contratado para aparar a relva desapa-

recera duas semanas antes e nunca tocara sequer nas extremidades dos relvados nem nos canteiros. O espaço à volta dos arbustos por podar tinham-se transformado numa selva que dava pelo joelho.

Joyce bateu à porta dos vizinhos do lado e pediu emprestada a máquina de cortar relva a Ben e Eric, bem como um ancinho.

Tirou as ferramentas de Frank da garagem e aparou os arbustos.

Depois pôs-se de joelhos e começou a arrancar ervas daninhas.

A jardinagem sempre fora um domínio exclusivo de Frank, ao ponto de se ter tornado numa anedota familiar. «A mamã foi atacada por um dente-de-leão quando era pequena», dissera Frank a Nina. «Desde então tem medo de plantas.» Frank, que crescera num prédio de apartamentos, adquirira uma prateleira cheia de livros de jardinagem desde que se tinham mudado para Belmont, e sabia uma série de coisas sobre os parâmetros das temperaturas, o ph do solo e as estações de florescimento. Quando tinham fechado o negócio da casa de Gloucester, ele tinha-se dado ao luxo de comprar um conjunto novo de tesouras de podar todas bonitas e que vinham num estojo de camurça. O Frank provavelmente tem mais saudades deste jardim do que de mim, pensou Joyce.

Ficou surpreendida por ver o quanto gostava de trabalhar no jardim. Depois dos vapores da tinta, a terra e as raízes tinham um cheiro doce. Encontrou pés de hortelã-pimenta e de cebolinho num dos canteiros cheios de ervas. Teria a Mary Loquasto plantado ervas ou seria aquilo muito mais antigo? A horta da mulher de um pescador? Da bisneta de Magnolia, talvez?

Era a primeira vez em semanas que pensava em Magnolia e deixou a sua mente vaguear na direcção que Kathleen sugerira, daquela vez em Good Harbor. E se Magnolia tivesse vindo parar ali, a Gloucester? Teria de matar Jordan por forma a dar à sua heroína uma nova tensão romântica. Pobre Jordan. Sorriu enquanto considerava as hipóteses de acabar com ele através do escorbuto, numa tempestade ou num ataque de piratas.

No domingo, encheu mais dois sacos com ervas daninhas, folhas secas e pedaços de papel. Ben e Eric pararam para admirar

218 1 ANITA DIAMANT

os seus progressos e ofereceram-lhe uns lírios cor de laranja do seu jardim.

- Cresceram de mais e temos que os dividir - disse Eric.
- Seria um favor que nos fazia.

Joyce aceitou, sabendo como Kathleen ficaria encantada ao vê-la juntar-se ao clube dos lírios.

Pensava muito em Kathleen enquanto trabalhava no jardim: na sua saúde, nos seus temores, nos seus filhos, nas suas confidências. Deus abençoe Kathleen, pensou Joyce. É estranho como a amizade parece simples, especialmente quando comparada com a família. Só o facto de aparecermos já nos qualifica para uma medalha. Preciso mesmo de encontrar qualquer coisa para celebrar o fim dos tratamentos. Talvez consiga encontrar um cartaz do Duck and Cover num sítio qualquer.

Por uma qualquer razão, enquanto trabalhava ao ar livre, Joyce não pensava em Patrick.

Quando a tarde de domingo chegou, só lhe restava um único grande projecto de limpezas. Joyce endireitou os ombros e dirigiu-se à base da estátua de Maria. Sentia-se incomodada por ter deixado aquilo para o fim. «És uma tonta supersticiosa», repreendeu-se enquanto agarrava numa colher de pedreiro e num saco vazio e enfrentava a tarefa. Estaria à espera que a Nossa Senhora ganhasse vida e lhe pintasse um grande A vermelho no peito? Acreditaria que Maria se preocupava sequer com os seus pequenos pecados judaicos?

O padre Sherry deixara umas quantas mensagens a pedir desculpa. A mãe estava doente e piorara uma e outra vez. Um elemento da paróquia telefonara no dia anterior a dizer que o padre ainda estava em Detroit.

Ora, pelo menos ninguém tem deixado grinaldas ultimamente, pensou Joyce enquanto se punha de joelhos e puxava pelas ervas que tinham crescido até aos joelhos da estátua. Passados instantes já estava de cócoras. «Oh meu Deus», murmurou.

As ervas formavam uma cortina que escondia um monte de objectos e de moedas. Joyce pegou-lhes um por um: seis medalhas religiosas (quatro Marias e duas de S. Cristóvão), um dedal de prata manchada, uma colecção de fitas tricolores da festa de S. Pedro. Encontrou uma chávena e um pires em miniatura, de porcelana, e uma pilha de moedas.

A terra por baixo das moedas fora revolvida. Metendo a pá na terra, Joyce desenterrou um anel de noivado com um diamante e um par de brincos de pérola. Oh não, pensou. Aquela pobre mulher está mesmo maluca.

Embrulhou as «oferendas» num pano de cozinha e telefonou a Kathleen que concordou em ir dar um passeio com ela.

- Sinto-me assim como se tivesse assaltado um túmulo, ou coisa do género - disse Joyce assim que começaram a caminhar sob um céu dramaticamente coberto de nuvens. - Mas não podia deixar aquilo tudo ali, pois não?

- Fez o que estava certo - disse Kathleen. - Parece que a Theresa já ultrapassou a mera reverência pela Virgem. Ela deve ter uns oitenta anos. Vive ao virar da esquina da sua casa com a filha, a Lena. Talvez devesse falar com a Lena.

- É o que vou fazer.

Caminharam em silêncio alguns minutos. Um vento constante empurrava as nuvens altas, ora tapando o Sol ora deixando-o aparecer. Caíam sombras enormes sobre o areal e Kathleen e Joyce atravessavam paredes de luz e calor que iam desaparecendo.

- Joyce, o que se passa consigo?

- Que quer dizer?

- Pareceu-me ficar tensa quando o Hal lhe perguntou pela escrita.

- Oh, isso. - Joyce afastou a questão com um gesto. Kathleen aguardou uma

resposta.

- Não escrevi absolutamente nada o Verão todo. às vezes acho que nunca mais voltarei a escrever.

- Está apenas no meio de uma calmaria.

220 1 ANITA DIAMANT

- Essa é uma bela palavra - disse Joyce melancolicamente.

- Vai apanhar uma brisa. Não vai continuar na calmaria. Ou então pode encarar este período como um pousio.

- Essa é uma imagem menos atraente.

- Na verdade, não. Só agora começou a cavar o seu jardim, mas daqui a um ano verá flores desabrocharem em locais que não foram cultivados. Essa é a melhor parte.

- Na verdade tive uma ideia para a Magnolia, quando andava por ali a cavar. Imaginei uma das suas descendentes a viver aqui e a plantar uma horta.

- Então a Magnolia vai ser mãe, é?

- Suponho que sim, eventualmente.

- Poderá então explorar as suas questões sobre as relações entre mães e filhas.

- Oh, ótimo - disse Joyce abanando a cabeça. - Uma parte de mim mal pode esperar pelo regresso de Nina a casa e outra parte de mim receia o embate. às vezes tenho a fantasia de que ela regressará como a Nina de dez anos a querer jogar ao Monopólio comigo. às vezes imagino que ela regressará completamente amadurecida e que será a minha melhor amiga. Mas depois a realidade ataca e lembro-me que só agora estamos a iniciar todo o processo da adolescência.

- Sabe - disse Kathleen -, às vezes penso se as pessoas que nos vêm caminhar

na praia pensarão que somos mãe e filha. Não que eu pense em si como minha filha, nada disso, embora tenha idade para o ser.

- Eu de certeza que não penso em si como minha mãe. Mães e filhas, hem? Nunca é fácil.

- Mães e filhos também é complicado. O Hal agora parece que anda zangado comigo.

- Porquê?

- Não tenho a certeza. Costumava pensar que éramos muito próximos, mas agora penso que se calhar a razão que o levou para a Califórnia foi para se afastar de mim. Suspeitava que ele era

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 221

gay - disse virando-se para Joyce. -Alguma vez lho disse?
Durante anos pensei que fosse por essa razão que vivia em São Francisco com o Josh. Mas estava enganada. E agora sinto que não o conheço e que é culpa minha.

«Conhecia-o tão bem quando era pequeno e mesmo na escola secundária... pensei que conhecia. -
Kathleen calou-se. - Como é que percebi tudo tão mal? Não terei prestado atenção?»

- Não tenho conselhos sensatos nem conforto para lhe oferecer - disse Joyce. - Sinto-me um falhanço completo no departamento da comunicação intergeracional no interior da família.

- Espero ter uma nova oportunidade com o Hal, agora que ele vai ficar mais perto de casa. E suponho que a maternidade é um trabalho sem fim. Meu Deus, isto soou a frase feita, não foi?

- Posso até afixá-la na minha cozinha. - Joyce riu-se e pôs o braço pelos ombros de Kathleen.

- Falhanço, sucesso. É momento a momento. - Kathleen olhou para o céu. - Este é um momento belo. Sinto-me como se caminhássemos por entre as nuvens nestas sombras.

Joyce virou-se para admirar o perfil de Kathleen.

- É a minha vez de lhe fazer uma pergunta - disse baixinho.
- O que vai fazer a 8 de Agosto?

- Oh! - Kathleen respirou fundo com a direcção que a conversa tomara. - Nada, na verdade. Vamos ao cemitério e acendemos uma vela no dia da morte, a 14.

- Acha que a ira de Hal tem alguma coisa a ver com Danny?
Kathleen parou e virou-se para Joyce.

- Desculpe - disse Joyce. - Foi só uma ideia.

- Mas tem razão - disse Kathleen um pouco ofegante. - É isso.
E, como é evidente, ele tem todo o direito de estar zangado.

- O quê? Por amor de Deus, Kathleen. De que se está a culpar?
- Eu não estava lá.

- O que quer dizer?

222 1 ANITA DIAMANT

- Eu estava dentro de casa quando aquilo aconteceu, quando o carro... O telefone tocou e eu entrei em casa para o atender.
Foi quando tudo aconteceu.

«As pessoas costumavam dizer-me, Que coisa horrível, ver um filho atropelado por um carro. E eu nunca as corrigia. Mas o Hal sabia que eu não tinha visto nada. Só o Hal é que viu.»

- E pensa que ele está zangado consigo por causa disso?

- Oh, não sei - disse Kathleen subitamente insegura relativamente àquela teoria. - Não sei mesmo.

- Não lhe pode perguntar?

- Posso. Quer dizer, é possível perguntar. Só não sei se terei coragem. Nós nunca falamos do Danny.

- Nunca? Em todos estes anos?

- Era demasiado doloroso. Demasiado doloroso falar no assunto.

- Para quem?

- Para o Buddy. Ele não conseguia sequer suportar ouvir o nome de Danny, por isso eu não...

- E com o Hal?

Kathleen abanou a cabeça.

Joyce agarrou no braço de Kathleen e caminharam em silêncio até à ponte. Virando-se para um último olhar sobre a praia, Kathleen disse:

- Olhe para aquilo - apontou para o céu -, não sei se alguma vez terei visto cores tão perfeitas.

Joyce virou-se para Kathleen.

- Está saudável, Kathleen, não está? - disse num tom meio interrogativo meio desafiador. - Já não tem cancro, pois não?

- Suponho que não. Quer dizer, não há qualquer prova médica de que tenha ficado qualquer coisa e as radiações são supostas assegurar-nos disso. Mas continua comigo. Quando adormeço à noite e quando acordo de manhã. Tento dizer a mim própria como sou sortuda, que foi apenas uma ameaça, que não se espalhou. Mas está sempre presente.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 223

- Oh, Kathleen - disse Joyce com a voz cheia de frustração e de boas intenções. - Quero ser capaz de fazer com que tudo melhore para si.

- Eu gosto muito de si, sabe?

- Eu também gosto muito de si - disse Kathleen. - E isso é uma ajuda.

ERA A ÚLTIMA VIAGEM de regresso da clínica de radioterapia. O tratamento de Kathleen tinha acabado. Deveria estar a sorrir e a partilhar um suspiro de alívio com Buddy. Mas em vez disso, Kathleen chorava silenciosamente com o rosto metido nas mãos, incapaz de explicar a razão.

Rachel e Terry tinham brincado com Kathleen enquanto ela se punha em posição. Através do intercomunicador, ouvira-as contar até três e, repentinamente, começar a cantar:

- A menina Levine está preparada? - com a música do 1 Could Have Danced All Night. Kathleen riu-se tanto que Rachel entrou na sala para se certificar de que não tinha saído da posição.

Depois, escoltaram Kathleen até à sala do pessoal para comer bolo e receber um postal assinado por todos. As raparigas beijaram-na. Marcy abraçou-a e não lhe

falou em grupos de apoio o que, para Kathleen, foi um presente de despedida. O Dr. Singh apareceu e acabou com a festa com uma espécie de bênção:

- Sempre que pensar neste período, que possa recordar a bondade destes rostos.

Quando se aproximavam de casa, Buddy disse:

- Quem me dera poder dizer alguma coisa, Kath. Quem me dera poder fazer alguma coisa.

Ela assoou-se.

- Não há nada que possas fazer. Eu estou bem, é um dia muito emocional.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 225

- O que é isto? - exclamou Buddy quando estacionaram junto de casa atrás de uma carrinha Ryder.

- Que se passa? - perguntou Kathleen.

- Não faço ideia.

Jack abriu a porta da frente quando eles estavam a sair do carro.

- Que carrinha é esta? - perguntou-lhe Buddy.

- Olá para vocês também - disse Jack abrindo os braços para abraçar Kathleen. - Parabéns pelo fim do tratamento, mãe.

- Obrigada, querido. Mas que carrinha é esta?

- Devia ter telefonado, acho eu, mas não quis que se preocupassem. Onde está o Hal?

O Hal, explicou Buddy, fora a Boston no carro da mãe para uma qualquer actividade secreta.

- Sabes o que é que ele está a preparar? - perguntou Kathleen.
- Não faço ideia. - Jack já virara a cozinha do avesso e tinha uma frigideira preparada e a massa para as panquecas pronta.

- E a carrinha? - voltou a perguntar Buddy.

A carrinha, explicou Jack, estava cheia com as coisas dele porque a Lois ficara com o papel principal numa produção itinerante do The Music Man e o arrendamento do apartamento chegara ao fim.

- Oh, Jack, lamento - disse Kathleen.

- Não é assim tão grave. - Encolheu os ombros.

- Separares-te da Lois não é assim tão grave?

- Separar-me? Nós éramos companheiros de apartamento. Amigos.

- Eram? - perguntou Buddy.

- Eram? - perguntou Kathleen.

- Vocês não pensaram que nós éramos, oh. - Jack abanou a cabeça. - Não, não. Somos bons amigos. Ela continua a querer conhecer-vos.

«Mas, credo, pais, não estão curiosos por saber a razão de eu estar aqui com todas as minhas coisas dentro de uma carrinha?

226 1 ANITA DIAMANT

- Nada de charadas, Jack - disse Buddy. - Hoje não.

- Pronto, pronto. Lembram-se do Ed Frisch? Que estava na minha equipa de luta livre na escola?

Um tipo grande de cabelo loiro encaracolado? Bem, ele agora é empresário em Boston e vai abrir um restaurante novo, de peixe e marisco, naquele hotel novo que abriu em frente ao mar, E -

Jack fez uma pausa para causar suspense - estão a olhar para o seu novo chef executivo.

- Uau - disse Buddy que abraçou Jack e começou a interrogá-lo para saber os pormenores. -

Quando vão abrir? És tu quem vai conceber o menu?

Mas Kathleen limitou-se a sorrir e a acenar com a cabeça.

Continuava à beira das lágrimas e sentia-se envergonhada por não conseguir sentir nenhum entusiasmo com as notícias que o filho lhes estava a dar. Fugiu para o quarto e, quando Buddy foi ter com ela uns minutos mais tarde, fingiu que estava a dormir.

A vida estava a sufocá-la. Jack estava em casa. Hal estava em casa. Ela acabara o tratamento.

Tantas preces atendidas. E cá estava, de novo, o 8 de Agosto.

Amanhã.

Todos os anos Buddy perguntava-lhe se queria que ficasse em casa. Todos os anos ela respondia-lhe que fosse trabalhar, assegurando-lhe que ficaria bem e de que estariam juntos no dia 14. Ele ficava sempre em casa no dia 14.

Escutava enquanto Buddy e Jack entravam e saíam de casa, fazendo barulho e carregando caixas para a cave e para a garagem. Na casa de banho, Kathleen trancou a porta, desapertou a blusa e forçou-se a olhar-se no espelho.

A cicatriz já não estava tão vermelha e a pele já não estava tão seca, mas o seio parecia já não lhe pertencer. Ficou a olhar para ele. Tinha amamentado ali os seus bebés. Buddy adormecera encostado a ele. Agora mais parecia uma zona de guerra. - Dia do Armistício - murmurou, abotoou a blusa e preparou um sorriso.

Entrou na cozinha mas viu Jack no alpendre ordenando a Buddy que lavasse uma mesa de piquenique já muito usada.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 227

- De onde é que isto veio? - perguntou Kathleen passando os dedos por uma toalha de linho com riscas cor de pêssago.

- Recordação da grande cidade - disse Jack a sorrir. - Vou fazer-vos um jantar fabuloso esta noite.

- E isso é novidade? - disse Kathleen a sorrir.

À medida que o calor do dia se ia desvanecendo e dando lugar à frescura das noites à beira-mar, Jack preparou a lanterna de cobre que trouxera com ele, acendeu-a e puxou uma cadeira para Kathleen.

- Achas que devemos incluir isto no menu? - perguntou apontando para a beringela grelhada que preparara para a entrada, o peixe-espada marinado, o puré de batata com alho e os espargos assados.

- E porque não? - disse Kathleen. - Está tudo delicioso, Jack. Vais fazer um enorme sucesso, disso não tenho dúvida.

- Consegue-se arranjar pão deste em Boston? - perguntou Buddy partindo mais um pedaço do pão estaladiço que Jack trouxera de Manhattan.

A pergunta lançou-os numa discussão sobre fornecedores. Buddy perguntou se Jack seria sócio do restaurante.

- Se precisares de um advogado o David Koch nunca me deixou ficar mal.

Kathleen ficou a ouvi-los falar de negócios, aprovando a forma como se ouviam com atenção, seriedade e generosidade.

- Terra chama a Mãe - disse Jack com meiguice e pôs a mão sobre a dela.

- Sobremesa? - repetiu,
- E é preciso perguntar?

Enquanto Jack servia um pudim de pêsego morno, o telefone tocou.

- É o Hal - anunciou Buddy e passou o telefone a Jack. - Quer falar contigo.

Jack voltou dez minutos mais tarde e disse que Hal provavelmente não regressaria antes de sexta-feira.

228 1 ANITA DIAMAnt

- E como é que a mãe se vai arranjar sem carro? - resmungou Buddy. - Mas que raio é que ele está lá a fazer?

Jack abanou a cabeça e encolheu os ombros, mas não conseguiu evitar um sorriso.

- Ah, então tu sabes?

- Talvez saiba e talvez não. Amanhã apanho o comboio para a cidade e vou ter com ele. E, se não se importarem, uso o carro da mãe para ir visitar alguns fornecedores de verduras e um ou dois padeiros. Provavelmente volto com o Hal, o mais tardar na sexta-feira.

- Tudo bem, no que respeita ao carro - disse Kathleen. Vamos então estar todos juntos para o jantar de sexta-feira?

- Sabes que o teu irmão está a ficar Hassid? - perguntou Buddy.

- Isso é exagero - objectou Kathleen.

- Eu arranjo uma galinha casher' - disse Jack. - A verdade é que sabem mesmo

melhor.

Kathleen sorriu.

- O Hal vai aprovar. Mas se os magnatas me permitirem, acho que me vou deitar.

Jack acompanhou-a até ao corredor e deu-lhe um grande abraço.

- Vais ficar boa, mãe.

- É óptimo ter-te em casa, querido.

Deitou-se em cima da cama e olhou para o tecto. Que estava ela a fazer, àquela hora, vinte e cinco anos antes?

Membro de um dos movimentos devotos e pietistas que marcam a história do judaísmo. (N. da T)

Ritualmente puro, refere-se a alimentos. A cashrout constitui o conjunto de leis alimentares judaicas. (N. da T)

COM o FIM-DE-SEMANA passado, Joyce ficou à espera que o telefone tocasse. Frank telefonou. Um operador de vendas telefonou. Frank telefonou novamente. Escreveu a Nina. O dia passou.

Depois de escurecer, Joyce foi até Rockport de automóvel e passou pelo apartamento de Patrick. As janelas estavam às escuras. Deu duas voltas ao quarteirão mas não estava ninguém em casa.

No dia seguinte, Kathleen telefonou para lhe dizer que Jack tinha chegado: tinha a casa na maior das confusões e não podia ir passear com ela. Joyce pensou em ir fazer tempo para o centro comercial, mas acabou por pintar a escada da cave. À noite foi até Rockport e passou novamente pelas janelas às escuras.

Joyce acordou cedo na manhã seguinte e ficou na cama a pensar em Kathleen.
Era dia 8.
Talvez devesse lá ir.

às 7:30 o telefone tocou e Joyce mergulhou na sua direcção.

- Não te acordei, pois não? - perguntou Frank.

- Não - disse Joyce tentando controlar a respiração.

- Escuta. Vou para aí esta noite. Devo chegar por volta das seis da tarde.

- Ah sim? - disse Joyce tentando falar como se aquilo não tivesse grande importância.

- Temos de conversar - disse ele inexpressivamente.

Joyce sentiu o estômago apertar-se. Como é que ele descobrira?

Levantou-se e começou a varrer a cozinha mesmo antes de fazer café. Lavou o chão da casa toda. Telefonou a Kathleen que

230 ANITA DIAMANT

lhe pareceu um pouco ofegante mas que lhe garantiu que Buddy já estava a caminho de casa. Joyce foi ao supermercado e comprou demasiada comida e flores para a mesa. Foi para o quintal e cortou a relva um pouco alta junto ao caminho. Qualquer coisa para se manter ocupada.

Joyce estava no duche quando Frank chegou, mais cedo do que o previsto. Foi encontrá-lo a passar a mão pelas paredes da cozinha.

- Muito profissional - disse ele, maravilhado, apontando para a zona sedosa onde costumava estar uma racha enorme.

«E até limpaste o jardim. Aqueles lírios que plantaste vão ficar muito bonitos no

próximo Verão.»

Parecia exausto e estava pálido. Os cabelos grisalhos que lhe salpicavam as têmporas tinham-se multiplicado. Joyce beijou-o ao de leve na face e disse:

- Estou a fazer massa. - Ele sorriu mas desviou os olhos e foi ao frigorífico para tirar uma cerveja. O relógio da cozinha fazia tic tac. Joyce achou que iria gritar se ele não dissesse qualquer coisa.

- Frank, o que se passa? Sobre o que é que temos de falar?
Tenho estado a dar em maluca desde que telefonaste.

- Oh. Desculpa se fiz a coisa parecer grave. Vamos sentar-nos.
- Sentou-se numa cadeira.

Joyce fez uma lista de possíveis anúncios bombásticos. Ele sabe. Vai deixar-me. Está a morrer com cancro. Ele tem um caso.

- Em primeiro lugar quero pedir-te desculpa - disse Frank começando a arrancar a etiqueta da garrafa com o polegar.

Falava quase num murmúrio. - Tenho andado muito distante.
Praticamente abandonei-te este Verão.

- Não - começou Joyce mas ele fez-lhe sinal para que se calasse.

- Deixa-me falar. As coisas no trabalho vão mal. Muito mal.

Descobriu-se que o Harlan tem um grave problema com a bebida e o Tran quer regressar a San Jose para ficar mais perto da família.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 231

Todos os investidores potenciais desistiram e acho que a empresa vai falir dentro de uma semana.

Talvez duas. - Pousou a cerveja. «Ignorei os sinais de perigo e, durante algum tempo, pensei que talvez nos conseguíssemos aguentar até arranjarmos o financiamento. Lamento, Joyce, mas tenho estado a trabalhar sem receber há algumas semanas na esperança de que isso valesse de alguma coisa. Acho que

podemos ficar numa situação financeira verdadeiramente difícil.»

- Tudo bem - disse Joyce baixinho. - Pela forma como aqui entraste, pensei que me ias dizer que tinhas uma semana de vida. Ou que me ias deixar por causa de uma programadora toda gira.

- Não - disse ele abanando a cabeça e mantendo os olhos fixos na garrafa de cerveja. - A outra questão é que não quero continuar a fazer isto.

Joyce sentiu-se corar. Ele sabe, pensou. Quer o divórcio.

- A fazer o quê? - perguntou, tentando falar calmamente.

- A trabalhar em alta tecnologia. - Começou a falar com mais convicção como se tivesse ensaiado o discurso. - Apercebi-me de que o que mais gostei nos últimos empregos que tive, foi ensinar as pessoas a fazer as coisas, a escrever código, a programar. E o que mais gosto de fazer na outra parte da minha vida é de treinar futebol.. . de ter miúdos por perto.

«Espero que não fiques aborrecida, mas tenho andado a ver os anúncios de empregos e candidatei-me a um lugar de professor numa faculdade perto de Worcester. Daria aulas de Programação e seria assistente do director do novo departamento de tecnologia que eles estão a iniciar.

«Fui a uma entrevista na semana passada e hoje telefonaram-me porque me querem entrevistar segunda vez. O ordenado não é grande coisa, Joyce, mas eu...
- acabou por se calar e olhou-a finalmente nos olhos. - Não consigo continuar a viver assim.

Joyce sentia-se tão aliviada que teve medo de começar a rir.
Pôs a mão em cima da dele.

232 ANITA DIAMANT

- Se eles te oferecerem o emprego tu aceitas. Isso resolverá o problema do seguro de saúde, certo? Eu este ano vou ganhar mais dinheiro. Podemos mesmo

vender esta casa, se tiver de ser.

- Espero que não cheguemos a esse ponto. - Frank parecia tão pateticamente agradecido que Joyce teve de desviar os olhos.

Levantou-se, despejou uma embalagem de esparguete na água a ferver e foi mexendo a massa de costas viradas para Frank. Ele quer que eu o perdoe?

Estou a arriscar toda a minha vida - a vida de Nina, a vida de Frank - por uma cambalhota no feno com um homem que mal conheço? Que sei eu do Patrick, afinal? Que adoro o cheiro dele?

Que adoro a forma como ele me beija sem parar até eu me sentir na lua?

Será tudo apenas uma questão de sexo? Meu Deus, sou mesmo uma besta. Além disso, acabou-se. Ele não me telefona há uma semana.

Jantaram quase sem falar.

- Eu lavo a loiça - disse Joyce e ficou a ver, pela janela, Frank às voltas no jardim.

Talvez vá uns dias para Belmont, pensou Joyce. Devia telefonar ao Mário. Devia começar a trabalhar outra vez, E afinal estou aqui à espera de quê? O Patrick não telefona. E da próxima vez que ele o fizer vou dizer-lhe que está tudo acabado. É isso que vou fazer. Se ele me voltar a ligar.

KATHLEEN VESTIU as calças velhas que usava para jardinar e despediu-se. Buddy ofereceu-se para voltar a casa depois de deixar o Jack na estação. Ela disselhe que não.

- A Joyce vem cá - disse e acenou-lhes adeus.

Kathleen desligou o telefone depois da chamada de Joyce e sentou-se à mesa da cozinha, deixando a caneca de café arrefecer entre mãos.

Por fim, levantou-se e foi até à sala de estar. Pegou no álbum que tinha todas as fotografias de Danny e virou as folhas, tal como fazia todos os anos, página após página, recordando a forma como ele começara a andar, a forma como o dedo mindinho do pé direito era virado para dentro, o seu riso, a paixão que tinha por puré de ervilhas.

Kathleen lembrava-se do cheiro do seu cabelo molhado. A forma como mexia as mãozinhas, como uma bailarina do Bah, sempre que estava excitado ou cansado.

Começou a chorar e fechou o livro, indo chorar para a cave, para a sala das lavagens, onde se deitou no chão de cimento deixando-se afundar em toda a profundidade do seu desgosto.

Chorou, alto e intensamente, até já não ter mais lágrimas, as costas doerem-lhe e estar gelada até aos ossos. Depois subiu e tomou o duche mais frio que conseguiu suportar. Embrulhada numa toalha, ficou sentada na beira da banheira com os membros pesados e a cabeça a pulsar.

234 1 ANITA DIAMANT

Um estremecimento involuntário fê-la pôr-se de pé.

Voltou para a sala de estar e foi até à secretária onde, no livro de cheques, verificou que Buddy executara o seu ritual anual: \$ 100 para o Fundo de Pensões das Irmãs de São José, pela Pat; \$ 100 para o Fundo Nacional Judaico, pela Mãe e pelo Irv; \$500 para o Fundo Memorial de Daniel Levine para que nunca ninguém tivesse que gastar dinheiro com o túmulo do seu próprio filhinho. Chorou mais umas lágrimas.

Buddy regressou a casa às quatro horas com um ramo de margaridas.

Caminharam à volta do quarteirão de mãos dadas.

Depois do jantar feito com os restos do copioso jantar de Jack, sentaram-se na sala de estar e falaram dos filhos.

Estaria Jack a tentar evitar-lhes ralações com aquela história da sua separação de Lois? Conseguiria Jack ganhar dinheiro suficiente para arrendar um apartamento decente em Boston, agora que as rendas estavam tão altas?

Tentaram adivinhar o que é que Hal estaria a preparar. Andaria à procura de emprego? Estariam enganados acerca do interesse que ele parecia ter pela rabi? Já antes se tinham enganado completamente. Talvez tivesse uma namorada na cidade.

- Espero que ele encontre qualquer coisa para poder ficar por perto - disse Kathleen. - Não me parece que ele vá viver por aqui.
- E porque não? - disse Buddy. - É um sítio ótimo para viver.

Ficaram em silêncio e Kathleen sentiu a memória de Danny descer novamente sobre ela. Fechou os olhos e lembrou-se do dia em que Buddy o levava para o seu primeiro corte de cabelo. Ela achava que o barbeiro tinha cortado o cabelo demasiado curto e tinham discutido.

Buddy pegou-lhe na mão na crescente obscuridade e pigarreou.
- Estás a ficar constipado?

- Não - disse ele, assoando-se. - Estou bem. E tu?
- Também estou bem.

NA MANHÃ DE SEXTA-FEIRA Hal e Jack regressaram com o carro cheio de mercearias.

Enquanto Jack carregava sacos para casa, Hal presenteou Kathleen com um pequeno embrulho castanho:
- Isto é de nós os dois.

Ela desembulhou uma primeira edição autografada da *In the Night Kitchen*, de Sendak.

- Hally, isto é maravilhoso. Mas a que é que se deve?

-A que se deve? Vejamos. Que tal ao fim do teu tratamento? Que tal, oh, não sei,

ao início do meu curso de Paramédico na Northeastern? Que tal ao facto de eu ter ido verificar os horários da Faculdade de Medicina? Será o suficiente para celebrar?

- Oh, meu Deus - murmurou ela abraçando o livro contra o peito. - Fico tão contente. Nem posso acreditar que vão ficar os dois novamente perto de casa.

- O Jack tinha mesmo que roubar o efeito da minha decisão ao tomar a sua no mesmo mês que eu.

- Oh, Hal.

Ele pôs-lhe o braço por cima.

- Estava a brincar. E lamento ter estado ausente tanto tempo esta semana.

- Não faz mal, querido. Eu não estou à espera que passes todos os dias comigo.

Mas Hal explodiu.

236 ANITA DIAMANT

- De que estás a falar? É claro que eu devia ter estado em casa. - Kathleen ficou a olhar para ele.

Hal, ainda zangado mas embaraçado, saiu da sala quando Jack entrou com o último saco.

- Eu e o Hal fomos a Brookline - disse Jack -, que não se parece nada com Brooklyn, onde comprei uma bela galinha casher E três chalabs para podermos fazer uma sessão de prova.

Guardem o vosso apetite.

Nessa noite, Hal entoou a longa bênção sobre o vinho enquanto Jack esperava junto à porta da cozinha para servir a refeição.

Durante o jantar, Hal explicou os pormenores do seu «plano genial».

Iria conseguir o certificado de paramédico e trabalharia nessa área. Entretanto, iria ter aulas de revisão de Química e Física para se preparar para entrar em Medicina.

- Acho que me vou candidatar à Universidade de Massachusetts, em Worcester, à Universidade de Berkeley, à Tufts e talvez a Harvard, só por descargo de consciência.

Jack ergueu o copo.

- Ao meu irmão médico. Mas porque é que não experimentaste as lulas marinadas que preparei para o jantar?

- Já não como marisco nem lulas.

- Estás a brincar - disse Jack. - Porquê?

- Também não como porco.

Buddy assobiou.

- Estás mesmo a ficar religioso.

- Só não como mariscos nem porco. Não é nada de mais. OK?

- Tudo bem - disse Kathleen. - Cada um sabe de si, certo?

- E que é que isso quer dizer? - perguntou Jack.

- Quer dizer que nós vos amamos não importa o que comam ou não comam - disse Kathleen erguendo o copo na direcção de Jack. -

E bebo ao sucesso do Bay State Seafood Café e ao seu brilhante e belo novo chef.

- Apoiado - disse Hal.

- Suponho que poderás comer peixe, quando lá fores - disse Jack amuado.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 237

Adoro peixe. E todas as sobremesas - concedeu Hal. Essas quem as faz é o chef das sobremesas, não sou eu. Jack continuava amuado.

- Por amor de Deus - disse Kathleen levantando-se da mesa.

- Desculpem - disse Jack começando a levantar a mesa.

- Desculpa, mãe - disse Hal acrescentando: - Tu e o pai vêm ao serviço religioso? O Jack vem.

- Tenho de ir ver do que é que fala essa rabi - disse Jack mexendo as sobrancelhas numa imitação de Groucho.

- Esta noite, não - disse Kathleen. - Na próxima semana. Nessa semana vamos todos. Sabes - fez uma pausa -, pelo aniversário.

- Eu só vou se ela for - disse Buddy.

O sorriso de Hal desapareceu. Kathleen lembrava-se de como ele, quando era pequeno, punha os dedos mindinhos nos cantos da boca e os puxava para baixo numa grande careta quando lhe dizia que não a um pedido de ir para a cama mais tarde ou de uma segunda taça de gelado.

- Lamento, Hally. Estou estoirada. Não fiques zangado. Por favor?

Ele encolheu os ombros.

- Diz olá à Michelle por mim - gritou ela quando os filhos iam a sair.

KATHLEEN ESTAVA a lavar roupa quando a campainha da porta tocou. Correu para o andar de cima e, ligeiramente ofegante, abriu a porta e viu Jimmy Parley.

Não vinha fardado, trazia umas calças de ganga e uma camisa desportiva. Passando o peso de um pé para o outro, pediu desculpa por estar a incomodar. Estava muito corado.

- Que se passa, Jimmy? O Buddy está bem?

- Sim. Está ótimo. Não é nada com a sua família. É a sua amiga, a Mrs. Tabaclinick.

- Oh, meu Deus. A Joyce teve um acidente?

- Não - disse Jimmy. - Escute, não há nenhuma maneira fácil de dizer isto. Posso entrar um segundo?

Kathleen abriu a porta de mosquitoireiro e Jimmy entrou no átrio. Ficou junto dela e falou muito depressa, como se alguém os pudesse interromper.

- Vai haver uma prisão relacionada com droga em Rockport, na próxima hora. Há um homem que temos mantido sob vigilância e... - Jimmy respirou fundo. - Mrs. Tabaclinick tem andado a, hum, a vê-lo. Eu sei que ela não tem nada a ver com as, hum, actividades dele. Mas pode ser apanhada no meio da confusão.

«Eu nem sequer deveria estar aqui. Acabei de saber e, bem, o que quero dizer é que é capaz de querer inibi-la de ir para lá. É capaz de ser demasiado tarde para a apanhar em casa. É capaz de ter de ir a Rockport antes que ela entre naquele apartamento.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 239

«Se ela for, quando lá vai, chega ao meio-dia. Por isso, se estiver por lá uns quantos minutos antes dessa hora, apanha-a.» Deu-lhe um pedaço de papel dobrado. Kathleen abriu-o e leu o endereço.

- Fica por detrás de uma loja na Broad. A porta fica nas traseiras e dá para o parque de estacionamento. Se ela não estiver lá até ao meio-dia e um quarto

venha-se embora. está bem?

Kathleen assentiu.

- Como já disse, só descobri isto hoje e tive de tomar uma decisão. Por isso espero ter feito bem em ter vindo ter consigo, Mrs. Levine.

- Fizeste bem, Jimmy. - Kathleen agradeceu-lhe, fechou a porta e começou à procura das chaves do carro. Já se passara algum tempo desde a última vez que as usara ou as vira. Não estavam na mala. Nem na mesa da entrada. Nem na gaveta da tralha na cozinha.

- Oh, Deus.

Foi até ao roupeiro e procurou nos bolsos do casaco e da gabardina.

- Oh, não.

Correu para o quarto e procurou dentro da outra mala e nos bolsos das camisolas.

- Por favor, por favor, por favor - murmurou.

Metendo a mão na gaveta da mesa-de-cabeceira de Buddy, pareceu-lhe ouvir um tinido. Despejou a gaveta em cima da cama. Muitas moedas mas nem sinais de chaves.

Depois, lembrando-se das chaves de reserva, correu para a garagem.

Que faria se Hal tivesse levado o carro naquele dia?, pensou, pondo o carro em marcha. O que teria feito se Jack estivesse em casa e tivesse querido saber onde ela ia sem se pentear nem se calçar?

Arrancou rapidamente e acelerou pela rua abaixo, inclinada para a frente, apitando para que o carro que ia à sua frente se despachasse e entrasse na estrada.

240 1 ANITA DIAMANT

Tem calma, disse a si própria. Esta não é a altura ideal para ser multada. Nem sequer trouxera a carta de condução. Nem dinheiro, nem sequer o relógio. O relógio do carro não funcionava havia anos.

Tinha tempo, não tinha? O Jimmy batera-lhe à porta... a que horas, às onze e um quarto? Ou teria sido mais tarde? Quanto tempo teria perdido à procura das chaves?

Tinha as mãos pegajosas no volante e sentia o coração aos saltos, mas não da mesma forma que costumava bater quando atravessava a ponte. Tinha simplesmente que chegar lá antes da Joyce...

Que andaria a Joyce a fazer ao meio-dia com aquele traficante de droga?

- Como se eu não soubesse - murmurou, sentindo-se grata por arranjar um lugar de estacionamento a pouca distância da loja.

Tirou um par de chinelos do Buddy da mala do carro e espreitou pela montra da agência imobiliária procurando um relógio. Eram 11:48. Foi até às traseiras apertando a chave que tinha no bolso.

O parque de estacionamento estava vazio à excepção de uma carrinha ferrugenta sem pneus. Um contentor aberto estava coberto de vespas que zumbiam. O sol do meio-dia fazia soltarem-se ondas de calor do alcatrão estalado.

Kathleen viu o seu reflexo na janela da carrinha. Tinha vestidas as calças de jardinar com vestígios de lama seca nos joelhos. Não tomara banho nessa manhã nem sequer puxara o cabelo de cima do rosto. Os chinelos eram demasiado grandes para ela. Parecia uma sem-abrigo.

Despache-se, Joyce, pensou. Temos de sair daqui. Despache-se.

Passados uns minutos, que lhe pareceram muito longos, Joyce apareceu à

esquina do edifício, os olhos concentrados nos dois copos de café que trazia na mão. Vinha a sorrir. Depois viu Kathleen.

- Venha - disselhe Kathleen baixinho tirando-lhe os copos da mão. - Temos de ir.

A cara de Joyce era uma mistura de confusão, medo e mortificação.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 241

- O quê?

- Agora não. - Kathleen agarrou-a por um cotovelo e levou-a para fora do parque de estacionamento de regresso ao seu carro. Abriu a porta do passageiro a Joyce que entrou obedientemente.

- Vou levá-la a casa - disse Kathleen enquanto arrancava com o carro.

- Não - gemeu Joyce com os olhos fixos no colo.

- E que tal vir para minha casa?

- Não.

- Muito bem. Vamos para a praia.

Joyce olhava pela janela. Kathleen lançava-lhe olhares de soslaio e tentou arranjar uma maneira de poupar os seus sentimentos.

Não falaram durante o resto do caminho. Em Good Harbor, Joyce seguiu Kathleen até um local junto ao ribeiro, tão distante das outras pessoas quanto lhes era possível. Umas quantas crianças brincavam ali perto com baldes e camaroeiros. O céu estava nublado mas luminoso.

Joyce ficou sentada com a cabeça curvada enquanto Kathleen lhe contou a visita de Jimmy.

- Dro gas - disse Joyce. - Bem, isso explica muitas coisas.
Que idiota que eu sou. Uma besta completa.

- Não diga isso.

- E porque não? Tenho andado a ter um caso estranho e esquisito com um traficante de drogas e, agora que penso nisso, viciado também. Tenho andado a escapulir-me em plena luz do dia, arriscando a minha vida e pondo em risco a minha família. A Nina! Por amor de Deus, nem sequer consigo olhar para si. Deve achar que eu sou escumalha da pior. E, provavelmente, sou mesmo.

- Não, Joyce. Eu não estou a julgá-la. Acredite.

- E porque não? Não faz ideia de quão baixo tudo isto foi.
Gostaria de dizer que naquele quarto eu era uma pessoa diferente,

242 ANITA DIAMANT 1

mas isso seria uma mentira. Era mesmo eu. Joyce Miller Tabachnik, idiota. Dona de casa suburbana e entediada. A frase feita do ninho vazio. Oh, meu Deus, como isto é horrível.

Kathleen pegou na mão de Joyce.

- Não me toque - disse ela.

- Oh, pare com isso. - A ira na voz de Kathleen sobressaltou Joyce. - Que foi? Pensa que é a única mulher do mundo a ter cometido um erro?

- Suponho que os tribunais onde são tratados os divórcios estão cheios de mulheres como eu.

- Vai-se divorciar do Frank?

- Talvez devesse.

- Eu não o fiz - disse Kathleen inexpressivamente.
- Não fez o quê?

- Não me divorciei depois do meu, depois de... - Kathleen respirou fundo e continuou - ter tido um caso.

- Você? - Joyce olhou Kathleen a direito pela primeira vez.
- O nome dele era Stan e era o artista residente das escolas de Cape Ann. Foi dois anos depois de o Danny ter nascido. - Kathleen fazia pausas entre as frases, ouvindo-se dizer coisas que nunca dissera em voz alta. - Ele era de Hingham. Tinha mulher e filhos. Três filhos. Alugava um quarto em Salem enquanto trabalhava na Costa Norte. Passei sete tardes com ele. contei-as. Sete tardes. Cinco em Fevereiro, duas em Março.

«Ele nas aulas era ótimo. Fazia com que as crianças fizessem os desenhos mais lindos e comoventes que se pode imaginar. A sua própria arte não era assim tão boa, receio bem. Mas, Deus, falava como um anjo.»

- E nunca contou ao Buddy?
- Nunca contei a ninguém.

- Não quer dizer que sou a primeira pessoa a quem alguma vez contou?

- Nunca tive uma razão, até agora, para contar a ninguém. Não vejo porque haveria de arruinar o seu casamento e magoar a

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 243

sua filha só porque sente necessidade de se confessar. Disse-me a mim. Não tem que dizer a mais ninguém.

- Não sei se isso resultará comigo.

- Bem, não tem de tomar uma decisão hoje, pois não? - disse Kathleen com firmeza. - Nem amanhã, na verdade. Espere um pouco. Deixe as coisas

acalmarem.

Estava apaixonada por ele?

Pelo Stan? Não tenho a certeza. - Kathleen olhou para as mãos enterradas na areia. - Era excitante estar com ele. Fazia-me sentir inteligente. E naquele momento da minha vida, sentia-me perdida. O Buddy estava a atravessar um período difícil na loja, mas não falava disso. Eu estava exausta, a cuidar do Hal e do Danny que ainda não dormia a noite toda.

«E depois a minha sogra decidiu que eu precisava de sair de casa umas quantas tardes por semana e ficava com os rapazes.

Tenho a certeza de que a Mãe encarava aquilo como um presente, mas eu estava completamente à deriva. Não sabia o que havia de fazer. Ofereci-me como voluntária à biblioteca da escola só para ter para onde ir e foi aí que conheci o Stan.

«Ele deu-me a volta à cabeça. É uma coisa muito antiquada para se dizer, mas foi assim mesmo.

Fiquei lisonjeada. Estava... encantada.

«Ele era completamente diferente do Buddy - disse Kathleen erguendo os olhos e encontrando o olhar atento e compreensivo de Joyce. - O Buddy nunca foi grande leitor e além disso -

Kathleen pigarreou -, bem, o Buddy era o único homem com quem eu estivera.

«Mas acho que sempre soube que não iria deixar o Buddy. Até mesmo no início. Não confiava em Stan da mesma forma que confiava no Buddy. O Stan estava a enganar a mulher, não é verdade?»

Joyce abanou a cabeça com tristeza.

- Acabei com aquilo. Não suportava andar em esquemas.

- E nunca contou ao Buddy?

- Estive prestes a contar-lhe um milhar de vezes. Nas semanas seguintes, nos meses seguintes, mas não fazia sentido. Para que magoá-lo dessa forma? Cometi um erro terrível, mas depois parei com aquilo. Acabara.

- Nunca contou à sua irmã?

- Céus, não. - Kathleen abanou a cabeça. - O ela ter uma boa opinião a meu respeito era muito importante para mim. E, além disso, como poderia compreender? Era freira.

- Como é que se sente? Por ter contado a alguém?

- Não tão mal como pensei que me sentiria. Para além disso resultou, não foi? Não vai contar ao Frank imediatamente, pois não?

- Não tenho de tomar nenhuma decisão hoje. Não foi isso o que disse?

- Nem amanhã.

- Mas posso contar-lhe a si, certo? - disse Joyce. - Encontrei-o em Halibut Point, de madrugada.

- Meu Deus. Tal como eu lhe disse.

- Agora que penso nisso, ele estava lá provavelmente para fazer sinal a um barco com droga ou coisa do género.

«Nunca chegámos a, hum, a fazê-lo, sabe, a consumir o acto.

Ele não queria ou talvez não pudesse.

Talvez fosse por causa das drogas. Quer dizer, ele nunca tirou as calças. Aquilo punha-me doida, mas agora sinto-me grata.

Acho que tive sorte.»

Joyce puxou os joelhos para cima e abraçou-os, fazendo-se o mais pequena possível.

- Ia acabar tudo hoje. Sei que parece uma mentira. Deveria tê-lo feito pelo telefone, mas, quando ele telefonou, quis despedir-me pessoalmente. Ou talvez me estivesse a enganar. Provavelmente teria saltado para a cama com ele outra vez. Não sei.

«Tenho sido uma mulher horrível. O Frank veio cá finalmente. Passaram-se semanas e semanas sem cá vir, sabe? Veio para me dizer que se sente completamente infeliz no emprego. Há anos que odeia o trabalho e eu quase não dei por isso. Porque é que ele

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 245

não me disse? E depois pediu-me desculpa por perder o emprego.

- Joyce gemeu. - Entretanto, eu andava a enganá-lo. Pobre Frank, Kathleen suspirou.

- Parece-me que ele este Verão a deixou em apuros. E agora também precisa muito do seu apoio.

- Eu sei - disse Joyce. Ficaram sentadas em silêncio. - Mas, Kathleen!

- Sim, querida!

- Preciso de ir à casa de banho. E há aqui demasiada gente para fazermos um concurso de chichis.

Kathleen levantou-se e estendeu uma mão a Joyce.

- Vamos a sua casa.

O TELEFONE ESTAVA A TOCAR quando entraram. Joyce apontou o atendedor de chamadas e levou um dedo aos lábios. E se fosse Patrick? E se a polícia não tivesse feito a rusga à casa dele?

E se o tivessem preso e ele quisesse que ela pagasse a fiança?

- Joyce? - Frank parecia frenético. - Onde raio te meteste?

Ela agarrou no auscultador e Kathleen desviou-se para lhe dar privacidade, mas voltou-se quando ouviu Joyce dizer:

- Ofl, meu Deus. Ela está bem?... Não. Acabei de entrar. Eu não... Quando? Quando é que foi?

«Sim. Vou o mais depressa que puder... Sim - disse Joyce.

Hanover. No Centro Médico. Ela vai mesmo ficar bem?... Sim... Sim, desculpa. Eu encontro-te. Vou sair já.»

- Que foi que aconteceu? - perguntou Kathleen tentando falar calmamente.

- A Nina caiu de uma árvore - O quê?

- Estava a trepar a uma árvore perto do seu chalé esta manhã.

Partiu a clavícula. O Frank está a telefonar há horas. Ela perdeu os sentidos por alguns momentos, o que quer dizer que teve um traumatismo craniano e levaram-na para o Dartmouth-Hitchcock para observações. O Frank diz que tenho um mapa no carro.

Oh, merda - gritou Joyce. - O meu carro está em Rockport. Não seja pateta, eu levo-a. Vá à casa de banho, empreste-me umas sandálias e vamos.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 247

Enquanto Kathleen conduzia o carro para a primeira rotunda disse:

- Agora conte-me exactamente o que o Frank lhe disse. Joyce contou-lhe os poucos pormenores que sabia.

- A fractura é do lado esquerdo e ela recuperou rapidamente os sentidos, o que é bom sinal. Mas não faço ideia do que ela estaria a fazer em cima de uma árvore. Terá sido uma aposta?

Estaria a tentar, não sei, magoar-se de propósito?

- Isso é uma conclusão demasiado arriscada - interrompeu-a Kathleen. - Os miúdos fazem muitas coisas estúpidas sem terem nenhuma razão em especial.

- Suponho que sim. Mas não a Nina. Ou, pelo menos, não costumava fazer.

- Bem, receio que fazer coisas estúpidas faça parte da adolescência.

Passaram a segunda rotunda e entraram na ponte. Kathleen agarrou o volante com força antecipando-se ao pânico. Mas não sentiu nada.

O que fora exactamente que a assustara tanto ao passar por ali? A subida até ao ponto mais alto da ponte não ultrapassava os vinte graus de inclinação, no máximo. Onde estaria o terror?

- Kathleen? - a voz de Joyce estava a tremer. - Não se importa de continuar a falar? Provavelmente é irracional, mas estou com medo do que vou encontrar no hospital e vou enlouquecer se não tiver qualquer coisa em que pensar. Ou talvez esteja com medo de encarar o Frank depois do que aconteceu. Pode continuar a falar comigo? Não se importa?

Começando a falar da primeira coisa que lhe veio à ideia, Kathleen descreveu com todos os pormenores a refeição que o Jack cozinhara na outra noite, incluindo um prato de massa feito com couves, imagine-se. O odor fizera-a recordar-se da casa da sua avó que parecia estar sempre saturada com o cheiro a couves, o que a levou a lembrar-se de como Pat detestava couves. Quando Pat anunciara que ia tomar o véu, dissera:

«Perguntei-lhes se podia ter uma excepção, por escrito, ao meu voto de obediência, se alguma vez me puserem couves no prato.»

- Senti que a estava a perder quando entrou para o convento disse Kathleen. - Senti aquilo como se ela nos estivesse a repudiar, a repudiar a nossa relação. Como se preferisse as Irmãs a mim própria. Ainda bem que nunca lhe disse isso, porque não era verdade. Continuámos muito próximas embora vivêssemos em cidades diferentes.

«Trabalhámos bastante para isso, sabe, escrevendo cartas e fazendo telefonemas. Ela vinha cá todos os Verões passar duas semanas de férias. A Pat era muito devotada ao Buddy e, aos rapazes.

Mas receio ter comparado sempre as minhas outras amizades à relação que tinha com ela, o que é injusto. Mas é assim mesmo.

A nossa família torna-nos naquilo que somos. E depois ela morreu.»

- Há quanto tempo é que foi? - perguntou Joyce.

- Há catorze anos. Sentime tão impotente durante a doença dela, especialmente no fim. Todas as Irmãs enfermeiras andavam à sua volta, trazendo-lhe remédios, mudando-lhe a cama, dando-lhe banho. Eu ficava ali sentada a dar-lhe a mão e a chorar. Ela mandou-me embora na noite em que morreu. Disse-me para ir descansar. E depois deixou-se ir, para que eu não tivesse que assistir. Estava a cuidar de mim, mesmo no fim.

Kathleen respirou fundo.

- No funeral dela sentime muito estranha, muito deslocada. As Irmãs e o padre não paravam de dizer que ela fora para um sítio melhor. Todos eles eram sorrisos... grandes sorrisos sinceros. Mas eu estava a soluçar. Mal me conseguia ter de pé, quanto mais retribuir-lhes os sorrisos. Senti que havia algo de terrivelmente errado comigo, mas o Buddy disse-me que eu estava apenas a ser judia e que para nós não havia prendas à espera no céu. Kathleen abanou a cabeça.

- Depois de ela morrer achei que também eu iria ter cancro da mama. A cada mamografia pensava, desta vez será a minha vez.

Quando fiz a primeira biópsia pensei que, de certeza, a minha vez chegara. Mas não chegou. E desta vez, bem, safei-me facilmente.

- Não é bem assim.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 249

- Eu sei - Kathleen corrigiu-se. - É uma porra. Mas a verdade é que não vou morrer disto, pelo menos não é provável que morra. Vou ficar cá por mais uns tempos. Sinto-me grata. Sou sortuda. Sei disso.

Joyce assentiu e recostou a cabeça no banco. Tinha os olhos fixos em Kathleen enquanto esta falava sem parar, contando-lhe histórias de Pat. A sua coragem quando era rapariga. Como ela gostara imediatamente de Buddy. Como estivera ao lado de Kathleen, debaixo do dossel nupcial no seu casamento, que fora uma cerimônia discreta em casa dos sogros.

Depois de terem atravessado a fronteira do New Hampshire, Kathleen parou para meterem gasolina e beberem café. De volta à estrada, começou a falar dos filhos. Da timidez de Hal, do terror que em criança ele tivera de insectos, das notas altas que tivera a ciências na escola secundária. Do carácter extrovertido de Jack, de como era destemido dentro de água, dos prêmios que ganhara na natação, na luta livre e nas pistas de atletismo. Da forma como os rapazes costumavam brigar por causa dos brinquedos e do aspecto que tinham, lado a lado, ao saírem do carro na noite em que tinham ido ao templo.

E foi então que Kathleen deu por si a contar histórias de Danny. Adorava camiões. Tinha os dedos dos pés curvados. Lutava contra o sono mesmo quando estava exausto. Quando lhe nascera o primeiro dente, mordera com tal força o dedo de Hal que lhe fizera sangue.

Tinham ido centenas de pessoas ao funeral de Danny. Pessoas que Kathleen nunca vira: clientes da loja, conhecidos da Mãe e do Irv. Louisa Bendix ficara em casa para tomar conta do Hal.

- O caixão era tão pequeno. Obsceno. Era tão pequeno que só foi preciso um homem da agência funerária para o carregar.
Joyce puxou os joelhos para o peito e ouvia com atenção.

Passaram Manchester e a estrada ficou vazia, parecendo que estavam sozinhas no mundo.

250 ANITA DIAMANT 1

Kathleen sentia-se um pouco como se estivesse no confessionário. Quando era criança detestava os confessionários de madeira da igreja. Sempre a tinham

assustado e desde que vira o primeiro filme do Drácula, faziam-na pensar em caixões. O carro também era um espaço íntimo, um bom local para contar segredos e que não continha nenhuma ameaça. Talvez fosse devido às alterações da luz ou à atenção completa de Joyce.

- Faz vinte e cinco anos este mês - disse Kathleen com os olhos fixos na estrada à sua frente. -

Lembra-se de me ter perguntado há quanto tempo morreria o Danny? Eu não quis dizer-lhe porque, bem, não quis que me desse o desconto. - Baixou a voz num murmúrio jocosamente reverente. -

Pobre Kathleen. Passaram-se vinte e cinco anos desde que o filhinho morreu. Pobre mulher.

Joyce fez menção de falar, mas Kathleen impediu-a.

- Não conseguia suportar isso porque, eu... - Calou-se e Joyce aguardou. -

Lembra-se de eu lhe ter dito que o telefone tocou e que eu entrei dentro de casa? Bem, era o Stan ao telefone.

Joyce endireitou-se no banco.

- Corri para dentro de casa para ouvir quem era. Só por um segundo, sabe? Pensei que poderia ser a Pat que devia vir visitar-nos nesse mês. Mas era ele.

«Eu não o vira nem falara com ele nos últimos cinco meses. Ele telefonou e disse que a mulher o estava a pôr fora de casa.

Disse que me amava e queria casar comigo. Queria vir lá a casa. Estava a soluçar.

«Eu disse ao Hal, Toma conta do teu irmão. Disse, Não demoro um segundo. Mas não foi só um segundo. E depois ouvi o grito do Hal. Não do Danny. Do Hal.

«Foi... Aquilo foi ... » O carro encheu-se com o som do motor, dos pneus na estrada, do ar a assobiar nas janelas.

- Foi um som horrível. Não consigo descrever. Como uma sirene. Mais alto do que alguma vez se imagina ser possível uma criança gritar. Gritava e gritava.

A PRAIA DE Good HARBOR 251

«E sabe o que eu fiz? O que a "pobre Kathleen" fez? Desliguei o telefone. Não o deixei cair quando ouvi o Hal. Não o deixei pendurado. Levei o tempo necessário para desligar o raio do telefone.

«Acho que não disse nada ao Stan. Não me lembro bem. Mas lembro-me de pôr o telefone no descanso antes de ir ver por que razão o meu filho estava a gritar. Nunca me perdoei por aquele momento. Nunca me perdoarei.

- Porquê?

Joyce estivera tão calada que Kathleen quase saltou ao ouvir a sua voz.

- Porque não pode perdoar-se esse meio segundo? Foi um reflexo. Não foi nada. Não poderia ter parado o carro. Mesmo que o telefone nunca tivesse tocado.

«Kathleen - disse Joyce firmemente -, a culpa não foi sua. Ter desligado o telefone não faz de si uma má pessoa. Ou uma má mãe. Não matou o Danny. O velho que ia ao volante matou o Danny, acidentalmente. Foi um acidente. Não foi culpa sua.»

- Eu devia ter estado lá - murmurou Kathleen.

- Estava lá.

A sensação física daquela manhã assolou Kathleen. Com as mãos no volante de um carro que atravessava New Hampshire, Kathleen sentiu-se regressar à cena no exterior da sua casa. O Hal a gritar. Um cortador de relva a zumbir à distância. O sangue na camisa branca do motorista da ambulância. O calor.

- Estava um calor infernal. Os meus vizinhos chamaram a polícia. Veio a ambulância. Duas ambulâncias. Entrei numa delas com o Danny. O Hal continuava a gritar. Entrei com o Danny na ambulância e tentei não gritar eu também.

«O Buddy já estava no hospital quando lá chegámos. A Pat veio nessa noite. Os dias no hospital foram... Não os recordo como dias, foi um tempo nublado e longo de espera e de choro. Mas o Danny não podia... Não melhorou. E depois tivemos de o deixar ir.

252 1 ANITA DIAMANT

Joyce limpou os olhos e pôs a mão ao de leve no ombro de Kathleen.

- Doámos os seus olhos e os seus órgãos.
- A culpa não foi sua.

- Não foi? Disse ao meu filho de cinco anos para tomar conta do meu filho de três anos enquanto falava ao telefone com o meu amante - Kathleen cuspiu as palavras.

- A culpa não foi sua. E não é por sua culpa que vai sobreviver ao cancro da mama e a Pat morreu de cancro da mama.

- Não? - Kathleen falou asperamente mas depois cedeu. Suponho que não.

Ficaram em silêncio enquanto as montanhas iam ficando mais verdes à luz da tarde. Kathleen perguntou:

- Sabe o que significa a absolvição?

- Acho que sim. - Joyce assoou-se. - O Hal sente-se culpado?
- Porque haveria o Hal de se sentir culpado? Tinha cinco anos.
Não havia nada que ele pudesse ter feito.

- Também não havia nada que você pudesse ter feito. Isso não a impediu de transformar tudo numa culpa sua.

Kathleen abanou a cabeça.

- Tentámos proteger o Hal da morte do Danny. Hoje em dia os psicólogos infantis dizem que isso é o que não se deve fazer. Mas naquela altura não quis assustá-lo novamente fazendo-o reviver tudo. Além disso, sentia-me demasiado culpada.

«Meu Deus - disse Kathleen com os olhos cheios de lágrimas -, acho que o Hal se deve sentir culpado.»

Lembrou-se do que ele dissera há uns dias sobre o não estar em casa com ela.

- Já me estava a perguntar quando é que finalmente iria deixar passar alguma água - disse Joyce estendendo-lhe um lenço. Continuaram a andar mais alguns minutos.

Kathleen apontou um sinal que indicava o Centro Médico de Dartmouth-Hitchcock.

- Meu Deus - disse Joyce quase a gemer, pensando no pior.

Danos permanentes no sistema nervoso?

Tentativa de suicídio? Lesões cerebrais?

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 253

- Vai correr tudo bem - disse Kathleen enquanto paravam junto à entrada das urgências. - Vá à frente. Eu estaciono o carro e vou já ter consigo.

JOYCE PASSOU CINCO MINUTOS desesperados tentando localizar Nina. A mulher que estava na recepção não encontrava o nome dela no computador e depois mandou Joyce para o quarto errado. Quando finalmente abriu a porta certa, encontrou Frank e Nina sentados na cama a verem calmamente televisão. O braço de Nina estava ao peito e tinha o cabelo penteado e apanhado. Por instantes, pareceu-lhe muito composta e crescida, mas assim que ela viu Joyce rebentou num pranto.

- Mamã.

- Oh, querida - disse Joyce sentando-se na cama. - Está tudo bem. Estou aqui. Desculpa ter levado tanto tempo. Está tudo bem.

- Desculpa, mãe - disse Nina a fungar.

- Desde que tu fiques boa, tudo bem. - Joyce olhou por cima da cabeça de Nina e ergueu interrogativamente as sobrancelhas e Frank assentiu lentamente, mas sem sorrir, indicando que lhe contaria tudo mais tarde.

- Não tens gesso? - perguntou.

- Para a clavícula não usam - disse Frank.

Nina agarrava-se a Joyce com o braço bom, aninhando-se no peito dela como se fosse um bebé.

Quando uma enfermeira veio verificar os seus sinais vitais, Joyce fez sinal a Frank para que a seguisse até ao átrio.

Frank abraçou-a com força, - Ainda bem que aqui estás. Ela queria mesmo a mãe.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 255

- Lamento, Frank - murmurou Joyce. - Vim o mais depressa que pude. - Afastou-se, enfiou as mãos debaixo dos braços e perguntou: - Então o que é que os médicos disseram exactamente?

- Ela não estava tonta quando recuperou os sentidos e eles não acham que o traumatismo craniano vá ter consequências. Como não consegui encontrar um quarto aqui perto, vão deixá-la ficar cá esta noite. Nós podemos ficar com ela. Temos de a acordar de hora a hora.

- Mamã? - Nina chamou numa voz cheia de urgência. Joyce e Frank apressaram-

se a voltar ao quarto. Nina estava a apontar para o ecrã da televisão. Os Simpsons estavam prestes a começar, a repetição de um dos muitos programas especiais do Dia das Bruxas da série.

- O Dia das Bruxas em Agosto? - perguntou Joyce.

- E porque não? - perguntou Nina com um assomo de impaciência.

Joyce e Frank sentaram-se um de cada lado da cama e ficaram os três a ver extraterrestres a devorar o Bart. Frank deu a mão a Joyce por baixo da almofada e ela agarrou-a com força.

No andar de baixo, Kathleen encontrou uma casa de banho.

Usando a escova de Joyce e algumas toalhas de papel, limpou-se o melhor que pôde antes de procurar o quarto de Nina.

Quando esperava o elevador, agarraram-lhe o cotovelo.

- Ora aí estás - disse Buddy.

- Que estás a fazer aqui? - disse Kathleen.

- Que belo acolhimento - disse ele enquanto entravam os dois no elevador.

- Buddy, como vieste aqui parar?

- Voei - brincou ele, mas Kathleen não estava a sorrir. - Tive de ir fazer uma entrega próximo de casa por volta das duas e fui até lá. O carro tinha desaparecido mas, quando entrei, a tua mala estava em cima da mesa e havia gavetas abertas por todo o lado, por isso fiquei preocupado.

Mas quando ia telefonar, vi que havia uma mensagem no atendedor; era o Frank TabacImick à procura da Joyce porque a filha tinha tido um acidente. O número deles

256 1 ANITA DIAMANT

não vem na lista, por isso, antes de telefonar para a polícia, fui até à casa deles.

A porta de trás estava escancarada e o atendedor de chamadas tinha a luz a piscar e ouvi as mensagens e deduzi que devias ter vindo para aqui com a Joyce.

«Meti-me no carro e voei. Verdade, Kathleen, não acreditas a velocidade a que conduzi.»

Kathleen abanou a cabeça.

- Não consigo acreditar que aqui estejas. - Abriu a porta do quarto de Nina e anunciou: - A cavalaria chegou.

Quando Joyce e Frank começaram a preparar-se para passar a noite com Nina, Buddy encontrou o olhar de Kathleen e olhou para o relógio. Ela fez que sim com a cabeça e disse:

- Dá-me só um minuto.

Kathleen levou Joyce para o corredor e pediu-lhe as chaves do carro dela.

- Vou com o Buddy, vou buscar o seu carro e ponho-o ao pé da sua casa. - Estendendo-lhe as chaves do seu carro, Kathleen acrescentou: - Entrega-me o meu quando voltar.

- Não tenho maneira de lhe agradecer - disse Joyce dando-lhe um abraço de despedida.

- Os agradecimentos são retribuídos, minha querida. Buddy entrou na auto-estrada e Kathleen fechou os olhos. Quando acordou viu o sinal que lhes dava as boas-vindas a Massachusetts.

- Acho que deves estar bastante cansada - disse Buddy dando-lhe uma palmadinha no joelho.

- Buddy - disse ela endireitando-se e massajando o pescoço dorido -, tenho de te pedir um favor e não me podes fazer perguntas.

- Queres que pare na próxima estação de serviço?

-A sério, Buddy. Quero que faças uma coisa sem que me perguntes porquê, nunca.

Ele olhou para Kathleen fixando-lhe o rosto.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 257

- Claro.

- Temos de ir até Rockport. Deixas-me lá e encontramos-nos junto à casa dos TabacImicks.

- Certo - disse ele em tom neutro.

- Está bem - Kathleen assentiu. - Obrigada.

A música de um concerto de piano enchia o carro enquanto regressavam a casa, passando pelos portões do cemitério que estavam quase invisíveis.

- Vou pedir ao Hal que venha connosco. E ao Jack também disse Kathleen baixinho.

- óptimo - disse Buddy.

- Faz vinte e cinco anos.

Buddy ficou calado uns instantes.

- Nós nunca falamos dele, pois não, Kath?

- Tu não querias falar dele. Disseste-me que era demasiado doloroso.

- Eu disse isso?

- Um mês depois de ele ter morrido. Foi numa sexta-feira à noite, no templo. Pronunciaste o nome dele como se uma faca te estivesse a espetar no coração.

Buddy franziu o sobrolho.

- Devia estar num dia mau. Ou talvez fosse por toda a gente vir ter comigo a perguntar como é que eu estava. Mas Kath, eu não queria dizer para sempre. Não quis dizer que nunca mais queria falar nele.

Kathleen ficou calada.

- Pensaste que eu queria dizer nunca mais?

- Acho que sim.

- Todo este tempo? - Abanou a cabeça. - Eu pensei que eras tu quem não suportava...

Kathleen desligou a música. Todos aqueles anos de desgosto silencioso e de condolências não pronunciadas.

- Talvez fosse eu quem não suportava falar nele e te tenha culpado a ti por isso. Desculpa, Buddy. Desculpa.

258 1 ANITA DIAMANT

- Não precisas de pedir desculpa. Não precisas. Kathleen pôs os dedos na face de Buddy.

- Vim a falar dele a Joyce quando íamos para o hospital. Falei-lhe nos camiões. Lembras-te de como ele adorava camiões?

- Camiões e gelado de café.

- Gelado de café! Não lhe contei isso. A culpa foi do teu pai.

O Danny Levine era o unico rapazinho na América que preferia gelado de café a gelado de chocolate, ou de baunilha ou de morango. Também devíamos falar do Danny ao Hal - disse Kathleen suavemente.

- Eu falo. Ou falei.

- Que diz ele? - Kathleen estava a chorar.

- Ele costumava sentir-se terrivelmente culpado, acho eu. Como se devesse ter sido capaz de proteger o Dan. Mas - Buddy respirou fundo - diz que já trabalhou isso tudo na terapia. No entanto está preocupado contigo. Pensa que tu continuas... oh, como é que ele disse?... sem ter resolvido a questão. Mas não pode perceber o que significa perder um filho. Um bebé. Nunca se consegue ultrapassar isso.

Limitamo-nos a não sei o quê, a ficar mais velhos e a vida continua.

- Quando é que ele te disse isso?

- No outro dia foi ter comigo à loja. Fomos almoçar. Kathleen olhou para o perfil de Buddy iluminado pelos carros que passavam.

- E o Jack?

- Não falei com o Jack sobre o Danny - disse Buddy. - Ele nunca me perguntou nada. A ti perguntou?

- Não - murmurou Kathleen pensando como o teria ensinado a não perguntar. - Nunca.

Kathleen pôs a mão esquerda sobre a mão direita de Buddy em cima do volante.

Ele prendeu os dedos dela nos seus enquanto atravessavam a ponte, passavam a saída que levava à casa de ambos e entravam na estrada de Rockport.

A PRAIA DE GOOD HARBOR 259

Buddy deixou Kathleen em frente da agência imobiliária.

O único som audível era o dos candeeiros da rua que vibravam no nevoeiro.

- Encontramo-nos lá - disse ele e afastou-se. Kathleen seguiu as instruções que Joyce lhe dera para encontrar o Corolla, enfiou no bolso uma multa de estacionamento e entrou no carro.

Nos dez minutos que levou a chegar a Gloucester, Kathleen sentiu os seus sentidos ficarem mais despertos. Tinha chovido e a estrada brilhava à luz dos faróis. Abriu a janela e inalou o odor a adubo, a maresia, a seiva, a madressilva e novamente a maresia, todos eles ampliados pela escuridão e pela humidade do ar. Kathleen estremeceu de prazer.

O meu marido é o melhor homem que já conheci, pensou. Os meus filhos voltaram para casa. Vou voltar para a escola em Setembro. Tenho uma verdadeira amiga. O cancro desapareceu.

Obrigada por Buddy. Obrigada pelo Hal e pelo Jack. Obrigada pela Pat e pela Mãe e pelo Irv. Pela minha avó, pela minha pobre mãe. Obrigada pela minha saúde. E por Joyce.

Obrigada pelos livros e pelo trabalho e pelas crianças do jardim-infantil e pelo meu jardim. Pela minha vida neste jardim.

Por estas árvores. Por esta noite perfumada. Por este vento na minha cara.

Obrigada pelo Danny.

Durante vinte e cinco anos não o considereei como uma bênção, pois não? Deus, perdoa-me, devo ter desejado que ele nunca tivesse nascido.

Obrigada pelo Danny. Por me teres deixado amá-lo. Pelo amor dele. Por todos os meus filhos.

Obrigada.

- Ámen - disse entrando no caminho da garagem de Joyce, passando a carrinha de Buddy que aguardava junto à berma. Ámen e ámen.

Setembro

O JARDIM DOS TABACiNIKS parecia uma combinação de uma festa interconfessional e um estaleiro de construção civil.

O padre, com um colarinho clerical, uma camisa de manga curta e calças escuras e a rabi, com um fato azul-marinho e um yarmulke, apertaram-se as mãos no momento em que um camião de caixa aberta, que transportava uma escavadora, estacionou.

- Steve! - gritou o padre Sherry. - Para quê a máquina grande?

- Desculpe, padre - disse Steve -, mas tenho de tirar isto daqui hoje e cá à minha maneira.

- Pfff - disse o padre.

O padre Sherry contratara um empreiteiro para soltar a estátua e entregá-la aos Lupo que ficaram muito satisfeitos por lhe dar um lar. Quando o padre marcara uma data - domingo, por volta das três da tarde -, Joyce perguntara-lhe se seria adequado convidar os vizinhos para uma festa de bairro.

- Isso seria óptimo - dissera o padre Sherry e oferecera-se para convidar os Loquasto. Joyce sentia-se um pouco nervosa ao pensar que eles veriam como transformara a sua casa, mas disse ao padre Sherry para fazer o convite.

O relvado estava cheio de cadeiras de plástico desirmanadas, a maior parte delas dos Levine que tinham chegado cedo para ajudar nos preparativos. Buddy e Hal estavam a dispor o mobiliário de jardim com o Ben e o Eric que eram os vizinhos do lado. Jack, na cozinha com Ed, estava a fazer um bolo de morango.

264 1 ANiTA DIAMANT

Kathleen seguiu Joyce até aos degraus da frente e murmurou: - Recebeu os

recortes?

Joyce fez que sim com a cabeça. A secção policial do jornal de Rockport tinha noticiado a prisão de sete homens acusados de tráfico de droga. A história no Gloucester Daily Times sobre a prisão relacionada com tráfico de drogas em Cape Ann.

mencionava o envolvimento de cidadãos irlandeses e russos.

- Olha, vejam quem aqui está! - exclamou o padre Sherry quando os Loquasto estacionaram junto à berma. Abriu a porta do carro a Mary que vinha agarrada a uma mala de cabedal preto e acompanhou-a para o interior do jardim para fazer as apresentações. Joe, pequeno e magro, vinha atrás deles.

Acendeu um cigarro e olhou para a casa como se esta fosse uma atracção da Disney World. Joyce convidou Mary a entrar para ver a casa, mas ela sorriu timidamente e disse:

- Talvez mais tarde.

Ambos os Loquasto pareceram ficar mais animados quando Lou e Marge Bono atravessaram a rua.

O padre fez as apresentações.

- Todos os nossos filhos cresceram juntos - explicou Lou a Frank que estava a oferecer bebidas. -

Deviam ter visto este bairro nessa altura - disse ele aceitando uma Coca-Cola de dieta. As crianças todas a entrarem e a saírem das casas uns dos outros.

Conseguimos que a Câmara pusesse aquele sinal a avisar da presença de crianças a brincar. Ainda lá está, não está, Marge?

Frank chamou Nina para as apresentações. Nina, que estivera a pintar as unhas dos pés no degrau da frente com a amiga Sylvie, levantou-se contrariada.

- Oli, essa idade é difícil - disse Mary Loquasto quando Frank pediu desculpa pela má educação de Nina.

Todas as conversas cessaram com a chegada dos Lupo. Theresa, que tinha no máximo um metro e quarenta, trazia um vestido de crepe preto com gola de

renda branca e um par de Nikes novos.

Foi direita à estátua e fez-lhe uma festinha na face, como se esta fosse a sua sobrinha preferida.

A PRAIA DE Good HARBOR 265

Lena, um pouco mais alta e bastante mais larga do que a mãe, trazia uma túnica cor-de-rosa sobre umas calças pretas justas.

Com as unhas pintadas apoiadas nas ancas, começou a pedir novamente desculpa a Joyce:

- Enterrar assim toda aquela tralha no seu quintal? - Revirou os olhos. - Lamento imenso.

- Porque é que pedes desculpa? A culpa não é tua - explodiu Theresa. - E também não é minha. Não peças desculpas por mim. A culpa foi dos médicos, dos remédios. Não Alzheimer. La miseria.

- Pronto, mãe - disse Lena. - Toda a gente sabe que tens o teu juízo todo, mãe.

Pegando no braço da rabi Hertz, o padre Sherry explicou baixinho que tinham receitado a Theresa dois medicamentos que não deviam ser tomados em simultâneo.

- Não Alzheimer - repetiu Theresa adivinhando que o padre estava a falar dela.

O filho adolescente de Lena, Mike, foi até junto da estátua onde Steve já cavara uma vala em torno da base de cimento.

- Ei, Joe - chamou Steve. - Esta coisa ficava aqui até à próxima idade do gelo. - Joe fez um aceno, agradecendo o elogio.

Os convidados juntaram-se em torno da Nossa Senhora. Com os óculos de

protecção postos, Steve ligou a broca que soltou um guincho agudo e dolorosamente alto. Cinco minutos mais tarde, Mike e Frank ajudaram-no a carregar a Nossa Senhora para cima do camião. Lena e Theresa embrulharam a estátua em cobertores de lã e prenderam-na com elásticos para a curta viagem até a casa.

Quando cobriram o rosto da estátua com uma toalha, Joyce apercebeu-se de que sentia pena de ver a «sua» Maria partir.

Nessa manhã bem cedo, antes de Frank ou Nina terem acordado, fora lá fora para dizer adeus.

- Lamento se há alguma indignidade nisto tudo - murmurara.

- Não vou permitir que ninguém te espreite por baixo da saia.

Mas acho que vais ser mais feliz com os Lupo. - Pusera a palma da mão sob a mão estendida da Virgem, mas o rosto bondoso parecia olhar para longe.

266 1 ANiTA DIAMANT

O padre Sherry ergueu o copo de papel e, numa voz alegre mas decididamente formal, começou:

- Senhoras e senhores!

«Gostaria de aproveitar este momento para agradecer aos nossos anfitriões, os TabacImik, por terem transformado este momento de transição numa celebração, na verdade, numa afirmação da nossa comunidade.

«Sabem, nós os católicos estamos enamorados pela ideia da encarnação.

Falamos da encarnação do amor de Deus na pessoa do nosso Senhor, Jesus Cristo. A metáfora sublime... a criação de um inventor de metáforas todo-poderoso... estende-se, na nossa tradição, para incluir os santos e, em especial, a Mãe Abençoada.

«Ainda assim, a ideia de que o amor de Deus encarna no mundo não se limita aos católicos, segundo penso. Para todos nós aqui - o padre indicou a rabi com a cabeça -, judeus e cristãos, o amor de Deus assume forma no mundo. Na glória do céu e do mar. Na beleza das florestas e dos jardins. E, acima de tudo, nos

rostos das pessoas que nos rodeiam com compreensão e compaixão, com amizade, respeito e amor.

O padre Sherry ergueu o copo acima da cabeça por entre murmúrios de «Ámen», «Saúde» e «L'chayim»-

Ele sorriu, virou-se para Michelle e disse: - Rabi!

- Sinto-me tentada a contar uma daquelas histórias que começa «Um rabi, um pastor e um padre iam num barco a remos», Mas é melhor não o fazer - disse. Os Loquasto pareceram ficar aliviados.

- Nós, os judeus, gostamos de dizer bênçãos - continuou a rabi num tom mais formal. - Existem bênçãos judaicas para quase tudo o que acontece durante um dia. Há uma bênção para o despertar, uma para antes da refeição, uma bênção para quando se avistam planetas nos céus. Existe até mesmo uma bênção para se dizer quando recebemos más notícias.

«Se por acaso nos esquecermos de qual a bênção que devemos usar, ou se a ocasião for feliz como esta, existe uma bênção que

A PRAIA DE GOOD HARBOR 1 267

serve para tudo e para dar graças. Chama-se Schehecheyanu e dá graças a Deus pelas dádivas do momento. Por isso, neste precioso momento de companheirismo e bons sentimentos, sinto-me compelida a dizer:

«Baruch Ata Adonai, eloheynu melech ha-loam: Santo e Abençoado, a Tua presença preenche a criação.

«Shehecheyanu: Fizeste-nos viver para ver esta gloriosa tarde entre os nossos vizinhos.

WWe~anu: Sustentaste-nos com os laços da amizade. «Whigianu lazman hazeh: E permitiste-nos alcançar este momento precioso neste local cheio de sol e de beleza.»

Nesse momento Jack saiu da cozinha com um tabuleiro enorme e a rabi acrescentou rapidamente:

- E este espantoso bolo de morango.

Nina e Sylvie soltaram, em unísono, um guincho agudo ao verem os doces. Toda a gente se riu.

- Ámen - disse o padre Sherry pegando no primeiro prato.

Enquanto as pessoas se serviam e se iam sentando, Kathleen e Joyce foram até à cozinha.

- Como é que isso vai? - perguntou Kathleen em voz baixa.

- Vai indo - disse Joyce com um ligeiro encolher de ombros.

Virou-se para a torneira e começou a lavar o creme das batedeiras. - O Frank começou o novo emprego na última segunda-feira.

Andamos a ser simpáticos um com o outro. A situação económica torna as coisas um bocado tensas, mas pelo menos a questão foi posta em cima da mesa. Cuidar da Nina juntou-nos...

sentimo-nos ambos tão gratos por ela estar bem.

- A Nina está com bom aspecto.

- Passa horas na bicicleta de ginásio a tentar manter as pernas em forma enquanto o osso sara.

- Descobriu o que ela estava a fazer em cima da árvore?

- Foi uma aposta com um dos rapazes - disse Joyce. - Pensei que ela era esperta de mais para uma coisa dessas, mas ela não é apenas uma atleta, é também exibicionista. Sente-se bastante estúpida por ter ido na conversa. Dissemos.

268 1 ANITA DIAMANT

- E a Joyce?

- Estou a escrever sobre regras de segurança nos autocarros. E ficará satisfeita por saber que já escrevi sessenta páginas do Refúgio de Magnolia.

- Joyce! Isso é ótimo!

- O Jordan teve de desaparecer para que a Magnolia pudesse ter um novo interesse romântico.

- Pobre homem. Como é que ele morreu?

- Num naufrágio ao largo de Rafe's Chasin, mas naquela época chamavam-lhe Rafe's Crack.

- O melhor é manter o nome antigo, senão os fanáticos da história local matam-na, - A outra grande notícia é que comecei a fazer terapia - disse Joyce. - Continuo a tentar perceber a razão por que fiz o que fiz. Kathleen franziu o sobrolho.

- Cometeu um erro.

- Sim, mas preciso de compreender porquê. Ela diz que a ausência de Frank foi uma grande parte...

Jack enfiou a cabeça pela porta. Precisamos de mais gelo.

É para já - disse Joyce.

Precisamos de ir dar um passeio em Good Harbor - disse Kathleen.

Mas com Nina prestes a começar a escola e os prazos a apertarem, não conseguiria vir a Gloucester antes de daí a uma semana.

- Dê-me só os cabeçalhos.

- Meu Deus - disse Kathleen. - Há tanto para contar. Fomos todos ao cemitério no dia do aniversário da morte de Danny.

O Jack e o Hal levaram pedrinhas de Good Harbor para pôr na campa e o Hal disse kaddish.

Depois fomos comer gelado de café. Esqueci-me de lhe dizer que o Danny adorava gelado de café.

«O Hal lembra-se das coisas mais engraçadas acerca dele. Como a maneira como costumava beijar as orelhas do cão. - Kathleen calou-se por instantes. - O Jack fez um milhão de perguntas acerca do Danny. Foi um dia bom... triste mas bom.

A PRAIA DE GoOD HARBOR 1 269

«E que mais?

O Jack vai mudar-se para o apartamento do Ed até arranjar casa e estamos convidados para lá ir jantar na próxima semana.

O Hal vai ler a Tora no Yom Kippur'. E eu tenho consulta com um oncologista para falar sobre o tratamento.

- São muitas novidades. E, por falar nisso, está com óptimo aspecto. Esse corte de cabelo...

Nina e Sylvie entraram à procura do gelo. Michele veio atrás delas para vir buscar guardanapos.

Kathleen e Joyce sorriram uma à outra. Teria de chegar, por agora. Poderiam pôr-se a par das novidades pelo telefone e iriam dar um passeio na praia na semana seguinte. Chovesse ou fizesse sol, prometeram.

Encontrar-se-iam na ponte e dariam um abraço. Tirariam os sapatos e caminhariam de uma ponta à outra de Good Harbor, depois fariam mais uma caminhada, para trás e para a frente.

Falariam dos maridos e dos filhos, do trabalho e dos seus corpos. Na semana

seguinte e na semana depois dessa. Pés húmidos e pés secos, descalças e calçadas, ao calor e no nevoeiro e depois agasalhar-se-iam contra o frio.

Com o cão de Kathleen a correr na sua frente. Com Buddy e Frank alguns passos mais atrás.

Com velhos amigos de Joyce, que viriam da cidade visitá-la.

Com baldes de plástico amarelos e vermelhos para os netos, eventualmente.

Juntas, em Good Harbor, descobririam no que tudo iria dar.

O dia do grande perdão (ou da expiação), dia de jejum e oração para os judeus.
(N. da T)